



UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO DA  
*FECUNDIDADE DIFERENCIAL*  
EM MOÇAMBIQUE

- O CASO PARTICULAR DA CIDADE DE MAPUTO -

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO  
EM DEMOGRAFIA HISTÓRICA E SOCIAL APRESENTADA POR

**BÁRBARA MARIA GRANÉS GONÇALVES BÄCKSTRÖM**

ORIENTADOR: PROF<sup>a</sup> DOUTORA MARIA LUÍS ROCHA PINTO

LISBOA, 1996

UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO DA  
*FECUNDIDADE DIFERENCIAL*  
EM MOÇAMBIQUE

- O CASO PARTICULAR DA CIDADE DE MAPUTO -

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO  
EM DEMOGRAFIA HISTÓRICA E SOCIAL APRESENTADA POR

**BÁRBARA MARIA GRANÉS GONÇALVES BÄCKSTRÖM**

ORIENTADOR: PROF<sup>a</sup> DOUTORA MARIA LUÍS ROCHA PINTO

314 (679)

(1/15/97)

1997



LISBOA, 1996



Dedico esta dissertação aos meus pais pela força  
e encorajamento que sempre me deram.

## AGRADECIMENTOS

Aproveito esta ocasião para expressar os meus profundos e sinceros agradecimentos a todas as pessoas que, directa ou indirectamente, contribuíram para a realização desta dissertação sem as quais não seria possível chegar até aqui.

À minha orientadora, Professora Doutora Maria Luis Rocha Pinto, exprimo o meu reconhecimento pelo encorajamento e confiança que me dispensou durante a preparação deste estudo e pela disponibilidade que sempre me reservou, para além do carinho e atenção amigável sempre presentes.

Às muitas pessoas que, em Moçambique, me ajudaram para que pudesse realizar este trabalho. A todas agradeço.

Aos Drs. Leonel Lopes e Manuel da Costa Gaspar, agradeço o apoio que me deram no levantamento dos dados, sem os quais este estudo seria impossível de se concretizar.

Agradeço igualmente, ao Professor Casimiro Balsa e Dr. Manuel Lisboa, pelo apoio que me deram na análise multivariada dos dados.

À Isabel Oliveira e ao Pedro Aguiar, meus colegas, a quem devo um apoio e uma amizade que me estimularam, e a quem agradeço o tempo consagrado nas observações enriquecedoras que deram para o desenvolvimento do meu trabalho .

À Dr<sup>a</sup> Manuela Granés, minha tia, a quem devo a paciente dedicação à leitura e à revisão do texto.

Finalmente, a nível pessoal, devo agradecer de todo o coração ao Ricardo, sobretudo pela paciência e força que foi capaz de me transmitir nas horas difíceis e sem o qual também não seria possível a realização desta dissertação.

## SUMÁRIO

Uma análise da abundante literatura sobre a fecundidade mostra que, até hoje, poucas respostas foram realmente levadas a cabo na tentativa de dar conta do seu carácter multidimensional. Verifica-se a existência de uma “barreira” que separa os estudos demográficos dos estudos sociológicos. Os demógrafos preocupam-se sobretudo com o nível e a tendência dos fenómenos demográficos enquanto os sociólogos se preocupam pouco com o significado destes mesmos fenómenos enquanto elementos integrantes do social.

Partindo do pressuposto que a fecundidade se encontra no cruzamento de diferentes domínios da sociedade, nomeadamente o demográfico, o sociológico, o cultural, o económico e o biológico e que a fecundidade nos pode revelar uma diferenciação social dos comportamentos reprodutivos, este estudo pretende constituir uma análise sociológica de um fenómeno demográfico.

A ambição deste estudo é a de tentar encontrar um certo equilíbrio entre a análise estatística da fecundidade diferencial em Maputo, através da análise dos dados do Inquérito Demográfico Nacional Moçambicano de 1991 e a explicação dessa fecundidade diferencial. Por um lado, pressupõe o domínio dos conceitos e das técnicas de análise, por outro, a localização dos fenómenos demográficos numa perspectiva mais ampla, tendo em conta os determinantes biológicos, sociais e económicos.

Temos como objectivo conhecer a fecundidade ao nível de um grupo de mulheres em idades reprodutivas na cidade de Maputo e estabelecer uma tipologia dos seus comportamentos *fecundos*. Queremos também debruçarmo-nos sobre a comparação do comportamento ao nível dos diferentes grupos etários.

Para uma melhor sistematização divide-se o presente trabalho em 5 capítulos.

O primeiro dedica-se à problematização e orientação teórica, na qual se definem os conceitos e os factores determinantes da fecundidade diferencial. Neste capítulo contextualiza-se teoricamente a análise em relação à realidade africana. Para além desta contextualização e orientação teórica, definem-se o objecto de estudo e as hipóteses de investigação.

O segundo refere-se à contextualização demográfica, abrangendo as tendências e perspectivas da dinâmica demográfica moçambicana e as características da fecundidade em Moçambique.

No terceiro apresenta-se a metodologia. São abordados neste capítulo o instrumento de observação, os conceitos básicos e a qualidade dos dados.

O quarto é consagrado à análise do fenómeno fecundidade. Este capítulo comporta ao mesmo tempo o estudo da fecundidade e o dos seus determinantes. Inclui a caracterização da amostra e do casal bem como a sua respectiva fecundidade diferencial. A parte V deste capítulo, examina os dados através da análise factorial e subdivide-se numa análise multivariada das correspondências múltiplas e na classificação automática dos dados.

Finalmente o quinto resume as principais conclusões discutidas ao longo do texto.

# ÍNDICE

PÁG. NA

INTRODUÇÃO GERAL	1
CAPITULO I - PROBLEMATIZAÇÃO E ORIENTAÇÃO TEÓRICA	7
I - DEFINIÇÃO DOS CONCEITOS	7
1.1 - CONCEITO DE FECUNDIDADE	7
1.2 - A FECUNDIDADE NATURAL	10
1.3 - A FECUNDIDADE DIFERENCIAL	14
II - OS FACTORES DETERMINANTES DA FECUNDIDADE DIFERENCIAL	15
2.1- DIMENSÕES SOCIOLÓGICAS DA FECUNDIDADE	15
2.2- VARIÁVEIS INTERMEDIÁRIAS E VARIÁVEIS EXPLICATIVAS	20
2.3- OS FACTORES BIOLÓGICOS NA FECUNDIDADE	24
2.4- O EFEITO DA MORTALIDADE NA FECUNDIDADE	24
2.5- O EFEITO DOS FACTORES SOCIOECONÓMICOS NA FECUNDIDADE	25
2.5.1 - As teorias "económicas" da fecundidade	29
III - A REALIDADE AFRICANA, EM CONTEXTO URBANO, E A FECUNDIDADE	32
3.1 - A FAMÍLIA AFRICANA	32
3.2 - OS EFEITOS DO ESTATUTO DA MULHER AFRICANA NA FECUNDIDADE	40
3.3 - O VALOR DA CRIANÇA NA SOCIEDADE AFRICANA	41
IV - DEFINIÇÃO DO OBJECTO DE ESTUDO	42
V - CORPO DE HIPÓTESES	48

	PAGINA
CAPITULO II - CONTEXTUALIZAÇÃO DEMOGRÁFICA	50
I - TENDÊNCIAS E PERSPECTIVAS DA DINÂMICA DEMOGRÁFICA MOÇAMBICANA	55
1.1 - SITUAÇÃO PASSADA	56
1.2 - SITUAÇÃO ACTUAL	58
II - CARACTERÍSTICAS DA FECUNDIDADE EM MOÇAMBIQUE	61
2.1 - NÚMERO DE NASCIMENTOS 1980 - 1991	63
2.2 - TAXAS DE FECUNDIDADE GERAL	64
2.3 - ESTRUTURA DAS TAXAS DE FECUNDIDADE	65
2.4 - TAXAS DE FECUNDIDADE POR IDADES	67
 CAPITULO III - METODOLOGIA	 71
I - APRESENTAÇÃO DA METODOLOGIA SELECCIONADA	71
II - INSTRUMENTO DE OBSERVAÇÃO	79
2.1 - CONSTRUÇÃO DA BASE DE DADOS DA AMOSTRA	79
2.2 - APRESENTAÇÃO DO INQUÉRITO	82
2.3 - CONSTRUÇÃO DE NOVAS VARIÁVEIS	82
2.4 - APRESENTAÇÃO DAS VARIÁVEIS SELECCIONADAS	83
III - CONCEITOS BÁSICOS E QUALIDADE DOS DADOS	85
 CAPITULO IV- ANÁLISE DOS DADOS	 89
I - A POPULAÇÃO DA AMOSTRA E AS SUAS CARACTERÍSTICAS	89
1.1- IDADES	89
1.2. - ESTADO CIVIL	91
1.3. - RELIGIÃO	93
1.4. - NATURALIDADE E ZONA DE RESIDÊNCIA	94
1.5. - EDUCAÇÃO	96
1.6. - CONHECIMENTO DO PORTUGUÊS E DA LÍNGUA MATERNA	98
1.7. - OCUPAÇÃO	99
1.8. - GRAU DE PARENTESCO	101

	PÁGINA
1.9. - CARACTERÍSTICAS E CONDIÇÕES DE HABITAÇÃO	102
1.10. - CONCLUSÃO	105
II. A FECUNDIDADE DIFERENCIAL	107
2.1. - FECUNDIDADE POR IDADES	107
2.2. - FECUNDIDADE POR ESTADO CIVIL	118
2.3. - FECUNDIDADE POR RELIGIÕES	122
2.4. - FECUNDIDADE SEGUNDO A NATURALIDADE	125
2.5. - FECUNDIDADE POR ZONAS DE RESIDÊNCIA	125
2.6. - FECUNDIDADE SEGUNDO O CONHECIMENTO DO PORTUGUÊS E DA LÍNGUA MATERNA	128
2.7. - FECUNDIDADE SEGUNDO A EDUCAÇÃO	129
2.8. - FECUNDIDADE SEGUNDO OCUPAÇÃO	133
2.9. - FECUNDIDADE SEGUNDO O GRAU DE PARENTESCO	137
2.10. - FECUNDIDADE SEGUNDO AS CARACTERÍSTICAS DE HABITAÇÃO	139
2.10.1. - Fecundidade realizada	139
2.10.2. - Taxa de fecundidade	141
2.11. - CONCLUSÃO	143
III. AS CARACTERÍSTICAS DO CASAL	146
3.1. IDADES	146
3.2. ESTADO CIVIL	147
3.3. RELIGIÃO	147
3.4. LOCAL DE NASCIMENTO	148
3.5. EDUCAÇÃO	149
3.6. OCUPAÇÃO	151
3.7. CONCLUSÃO	152
IV. - A FECUNDIDADE DIFERENCIAL DO CASAL	154
4.1. - A FECUNDIDADE REALIZADA DO CASAL	154
4.2. - A TAXA DE FECUNDIDADE GERAL DO CASAL	157
4.3. - A DESCENDÊNCIA MÉDIA DO CASAL	159
4.4. - CONCLUSÃO	161

	PÁGINA
V.- ANÁLISE FACTORIAL	164
5.1. - A ANÁLISE FACTORIAL ENQUANTO ILUSTRAÇÃO DE UM INQUÉRITO	164
5.2.- ANÁLISE MULTIVARIADA DAS CORRESPONDÊNCIAS MÚLTIPLAS E CLASSIFICAÇÃO AUTOMÁTICA	167
5.2.1. Análise da totalidade das variáveis	168
5.2.2. Análise das variáveis de caracterização individual	180
5.2.3. Análise das variáveis de educação e actividade económica	189
5.3. - CONCLUSÃO	194
CAPITULO V- CONCLUSÃO GERAL	196
BIBLIOGRAFIA	208

## ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO I.POPULAÇÃO TOTAL. TAXA BRUTA DE NATALIDADE E PROPORÇÃO DE MULHERES DOS 15 AOS 49 ANOS POR PROVÍNCIAS	63
QUADRO II.TAXAS DE FECUNDIDADE GERAL. POR PROVÍNCIAS, CENSO 80 E IDN 91	64
QUADRO III. PERCENTAGEM MÉDIA ANUAL DE NASCIDOS VIVOS POR 1000 MULHERES EM CADA GRUPO ETÁRIO DE 1945 A 1991 PARA O TOTAL DO PAÍS	66
QUADRO IV. ESTRUTURAS DAS TAXAS DE FECUNDIDADE POR IDADES, POR PROVÍNCIAS, I.D.N-1991	67
QUADRO V- IDADES	90
QUADRO VI - ESTADO CIVIL POR GRUPOS ETÁRIOS (%)	92
QUADRO VII - NUPCIALIDADE	93
QUADRO VIII - RELIGIÃO POR GRUPOS ETÁRIOS	94
QUADRO IX - LOCAL DE NASCIMENTO/GRUPOS ETÁRIOS	95
QUADRO X- LOCAL DE RESIDÊNCIA	95
QUADRO XI- MULHERES POR ZONAS DE RESIDÊNCIA/GRUPOS ETÁRIOS	96
QUADRO XII - GRAU DE INSTRUÇÃO POR GRUPOS ETÁRIOS	97
QUADRO XIII - ALFABETIZAÇÃO POR GRUPOS ETÁRIOS	98
QUADRO XIV - CONHECIMENTO DO PORTUGUÊS POR GRUPOS ETÁRIOS	98
QUADRO XV - LÍNGUA MATERNA POR GRUPOS ETÁRIOS	98
QUADRO XVI - (TRABALHO NA ÚLTIMA SEMANA) POR GRUPOS ETÁRIOS	99
QUADRO XVII - RAZÃO PORQUE NÃO TRABALHO POR GRUPOS ETÁRIOS	100

	PAGINA
QUADRO XVIII - PROFISSÃO PRINCIPAL POR GRUPOS ETÁRIOS	100
QUADRO XIX - CATEGORIA OCUPACIONAL POR GRUPOS ETÁRIOS	101
QUADRO XX- GRAU DE PARENTESCO POR GRUPOS ETÁRIOS	101
QUADRO XXI- CONDIÇÕES E CARACTERÍSTICAS DE HABITAÇÃO/PAREDES	102
QUADRO XXII- CONDIÇÕES E CARACTERÍSTICAS DE HABITAÇÃO/COBERTURA	103
QUADRO XXIII- CONDIÇÕES E CARACTERÍSTICAS DE HABITAÇÃO/PAVIMENTO	103
QUADRO XXIV- CONDIÇÕES E CARACTERÍSTICAS DE HABITAÇÃO/ÁGUA	104
QUADRO XXV- CONDIÇÕES E CARACTERÍSTICAS DE HABITAÇÃO/ELECTRICIDADE	104
QUADRO XXVI- CONDIÇÕES E CARACTERÍSTICAS DE HABITAÇÃO/SANITÁRIO	104
QUADRO XXVII - CONDIÇÕES E CARACTERÍSTICAS DE HABITAÇÃO/LATRINA	105
QUADRO XXVIII - FILHOS NASCIDOS VIVOS POR IDADES DAS MÃES (%)	107
QUADRO XXIX - DISTRIBUIÇÃO DE TODAS AS MULHERES SEGUNDO O Nº DE FILHOS NASCIDOS VIVOS POR IDADES DAS MÃES	109
QUADRO XXX - NASCIMENTOS NOS ÚLTIMOS 12 MESES POR IDADES	111
QUADRO XXXI - FECUNDIDADE POR IDADES	112
QUADRO XXXII - FECUNDIDADE REALIZADA POR IDADES E NOS DIFERENTES ANOS: 1950, 1970, 1980, 1987 E 1991	113
QUADRO XXXIII - TAXA DE FECUNDIDADE POR IDADES E NOS DIFERENTES ANOS: 1970, 1980 E 1991	114
QUADRO XXXIV - FECUNDIDADE POR IDADES	117
QUADRO XXXV - FECUNDIDADE REALIZADA POR ESTADO CIVIL	118
QUADRO XXXVI - TAXA DE FECUNDIDADE (NASCIMENTOS NOS ÚLTIMOS 12 MESES) POR ESTADO CIVIL	119
QUADRO XXXVII - FECUNDIDADE REALIZADA SEGUNDO RELIGIÃO	122
QUADRO XXXVIII- FECUNDIDADE (NASCIMENTOS NOS ÚLTIMOS 12 MESES) SEGUNDO RELIGIÃO	124
QUADRO XXXIX- FECUNDIDADE REALIZADA POR ZONAS DE RESIDÊNCIA	125
QUADRO XL- FECUNDIDADE (NASCIMENTOS DOS ÚLTIMOS 12 MESES) POR ZONAS DE RESIDÊNCIA	126
QUADRO XLI - FECUNDIDADE REALIZADA SEGUNDO A ALFABETIZAÇÃO	129
QUADRO XLII - NASCIMENTOS DOS ÚLTIMOS 12 MESES SEGUNDO ALFABETIZAÇÃO	130
QUADRO XLIII - FECUNDIDADE REALIZADA SEGUNDO O GRAU DE INSTRUÇÃO	131
QUADRO XLIV - NASCIMENTOS DOS ÚLTIMOS 12 MESES SEGUNDO GRAU DE INSTRUÇÃO	131
QUADRO XLV - FECUNDIDADE REALIZADA SEGUNDO AS CAUSAS DE NÃO TRABALHAR	133

QUADRO XLVI- NASCIMENTOS DOS ÚLTIMOS 12 MESES SEGUNDO AS CAUSAS DE NÃO TRABALHAR	134
QUADRO XLVII - FECUNDIDADE REALIZADA SEGUNDO A PROFISSÃO	135
QUADRO XLVIII- FECUNDIDADE REALIZADA SEGUNDO A CATEGORIA OCUPACIONAL	136
QUADRO XLIX-FECUNDIDADE REALIZADA SEGUNDO O PARENTESCO	137
QUADRO L - TAXA DE FECUNDIDADE SEGUNDO O PARENTESCO	138
QUADRO LI-FECUNDIDADE REALIZADA SEGUNDO A HABITAÇÃO	139
QUADRO LII- FECUNDIDADE REALIZADA SEGUNDO A HABITAÇÃO-ÁGUA	139
QUADRO LIII- FECUNDIDADE REALIZADA SEGUNDO A HABITAÇÃO-ELECTRICIDADE	139
QUADRO LIV- FECUNDIDADE REALIZADA SEGUNDO A HABITAÇÃO-LATRINA	140
QUADRO LV- TAXA DE FECUNDIDADE SEGUNDO O TIPO DE HABITAÇÃO	141
QUADRO LVI- TAXA DE FECUNDIDADE SEGUNDO A HABITAÇÃO-ÁGUA	141
QUADRO LVII- TAXA DE FECUNDIDADE SEGUNDO A HABITAÇÃO-ELECTRICIDADE	141
QUADRO LVIII- TAXA DE FECUNDIDADE SEGUNDO A HABITAÇÃO-LATRINA	141
QUADRO LIX- CRUZAMENTOS ESTATÍSTICAMENTE SIGNIFICATIVOS	145
QUADRO LX - IDADES	146
QUADRO LXI-ESTADO CIVIL	147
QUADRO LXII - RELIGIÃO	148
QUADRO LXIII - LOCAL DE NASCIMENTO	148
QUADRO LXIV. - ALFABETIZAÇÃO	149
QUADRO LXV. - FALA PORTUGUÊS	150
QUADRO LXVI-LÍNGUA MATERNA	150
QUADRO LXVII.-GRAU DE INSTRUÇÃO	150
QUADRO LXVIII. - PROFISSÃO PRINCIPAL	151
QUADRO LXIX. - CATEGORIA OCUPACIONAL	152
QUADRO LXX.-FECUNDIDADE REALIZADA - VALORES MÍNIMOS E MÁXIMOS	154
QUADRO LXXI.- TAXA DE FECUNDIDADE - VALORES MÍNIMOS E MÁXIMOS	157
QUADRO LXXII.- DESCENDÊNCIA MÉDIA - VALORES MÍNIMOS E MÁXIMOS	159
QUADRO LXXIII.- DICIONÁRIO DAS VARIÁVEIS SELECCIONADAS	168
QUADRO LXXIV.- CONTRIBUIÇÕES RELATIVAS AO EIXO 1	170
QUADRO LXXV.- CONTRIBUIÇÕES RELATIVAS AO EIXO 2	171
QUADRO LXXVI.- CONTRIBUIÇÕES RELATIVAS AO EIXO 3	172
QUADRO LXXVII.- CONTRIBUIÇÕES RELATIVAS AO EIXO 4	173
QUADRO LXXVIII.- CONTRIBUIÇÕES RELATIVAS AO EIXO 1	181
QUADRO LXXIX.- CONTRIBUIÇÕES RELATIVAS AO EIXO 2	181
QUADRO LXXX.- CONTRIBUIÇÕES RELATIVAS AO EIXO 3	182

	PÁGINA
QUADRO LXXXI.- CONTRIBUIÇÕES RELATIVAS AO EIXO 4	132
QUADRO LXXXII.- CONTRIBUIÇÕES RELATIVAS AO EIXO 1	190
QUADRO LXXXIII.- CONTRIBUIÇÕES RELATIVAS AO EIXO 2	190

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

GRÁFICO I - IDADES	90
GRÁFICO II - ESTADO CIVIL	92
GRÁFICO III- RELIGIÃO	94
GRÁFICO IV- FILHOS NASCIDOS VIVOS PARA O TOTAL DA AMOSTRA	108
GRÁFICO V- FECUNDIDADE REALIZADA	115
GRÁFICO VI- TAXA DE FECUNDIDADE	116
GRÁFICO VII - EIXOS 1 E 2 PARA A TOTALIDADE DAS VARIÁVEIS	174
GRÁFICO VIII- EIXOS 1 E 3 PARA A TOTALIDADE DAS VARIÁVEIS	175
GRÁFICO IX- EIXOS 1 E 4 PARA A TOTALIDADE DAS VARIÁVEIS	176
GRÁFICO X- EIXOS 1 E 2 PARA AS VARIÁVEIS DE CARACTERIZAÇÃO	184
GRÁFICO XI- EIXOS 1 E 3 PARA AS VARIÁVEIS DE CARACTERIZAÇÃO	185
GRÁFICO XII- EIXOS 1 E 4 PARA AS VARIÁVEIS DE CARACTERIZAÇÃO	186
GRÁFICO XIII- EIXOS 1 E 2 PARA AS VARIÁVEIS DE CARACTERIZAÇÃO E ILUSTRATIVAS	187
GRÁFICO XIV- EIXOS 1 E 2 PARA AS VARIÁVEIS DE EDUCAÇÃO E OCUPAÇÃO	191

## ANEXOS

Anexo I - FORMULÁRIO DO QUESTIONÁRIO
Anexo II - CONSTRUÇÃO DA VARIÁVEL ZONA DE RESIDÊNCIA
Anexo III - MAPA DAS ZONAS
Anexo IV - QUADROS DO CAPÍTULO IV. 2.4., 2.6., 2.8., 2.10.1., 2.10.2.
Anexo V - QUADROS DO CAPÍTULO IV. III.
Anexo VI. 1 - FECUNDIDADE REALIZADA DO CASAL
Anexo VI. 1 - TAXAS DE FECUNDIDADE DO CASAL
Anexo VII.1 - ANÁLISE FACTORIAL DO CAPÍTULO IV.V.5.2.1.
Anexo VII.2 - ANÁLISE FACTORIAL DO CAPÍTULO IV.V.5.2.2.
Anexo VII.3 - ANÁLISE FACTORIAL DO CAPÍTULO IV.V.5.2.3.

## INTRODUÇÃO GERAL

Na segunda metade do século XX verificou-se em quase todo o planeta uma considerável diminuição da natalidade. De todas as mutações existentes nos últimos vinte e cinco anos, só esta poderá estabilizar a população do globo, assim como os seus recursos. É a condição necessária de uma ascensão de toda a humanidade a um nível de vida adequado.

A natalidade está a diminuir em todos os países em vias de desenvolvimento, à excepção da África Subsaariana.

Por que razão aumenta a população nesta região do mundo ?<sup>1</sup>

A diminuição actual da natalidade na maior parte do globo resulta de esforços consideráveis ao nível do planeamento familiar e de gestão da demografia mundial, através de programas de limitação dos nascimentos que têm sido favorecidos pela descoberta de métodos contraceptivos eficazes.

Graças a eles, o crescimento demográfico diminuiu nos países em vias de desenvolvimento, desde 1965.

A África Subsaariana é a única região do planeta onde o crescimento demográfico não tem baixado. A natalidade não diminuiu em nenhum país desta região e, em alguns casos, o crescimento demográfico aumenta. O continente africano, onde em 1950 vivia 9 % da população mundial, alberga hoje 12 % desta mesma população. No final do próximo século, mais de um quarto da humanidade viverá em África e assim será durante muito tempo.

Porque é que a África Subsaariana difere do resto do mundo ?

Alguns demógrafos explicam que os rendimentos, a educação, a saúde e a urbanização são mais fracos nesta região do que no resto do mundo e que os poucos progressos sociais realizados são muito recentes. No entanto, esta observação, só por si, não justifica uma natalidade tão elevada.

Há apenas quinze anos, a situação socioeconómica de numerosos países desta região era semelhante à da maior parte dos países da Ásia do Sul e do Sudeste. Alguns países africanos eram muito mais ricos do que os países asiáticos em vias de desenvolvimento: o rendimento "per capita" era

---

<sup>1</sup>Caldwell, John, "La natalité élevée de l'Afrique Subsaharienne". in Pour la science, nº 153. Julho 1990.

superior, a urbanização e o sector agrícola, eram comparáveis. Em contrapartida, os programas educativos estavam um pouco atrasados e a mortalidade mantinha-se superior. A natalidade era apenas, um pouco mais elevada.

Nos nossos dias, a situação é muito diferente: os rendimentos aumentaram muito mais depressa na Ásia do que em África, apesar da urbanização e o desenvolvimento agrícola não terem progredido mais depressa do que nos países africanos. A natalidade diminuiu mais de um terço nos países asiáticos, entre os anos sessenta e o início dos anos oitenta, enquanto para a África não variou, durante o mesmo período.

Na Ásia, os programas governamentais de limitação dos nascimentos, contribuíram para reduzir a natalidade, mas não foram nem mais numerosos nem melhor organizados do que os postos em prática, em África.

Se a planificação dos nascimentos falhou em África, não se deve à falta de oferta, mas sim, à falta de procura. Em 1973, por exemplo, na cidade de Ibadan, no Nigéria, em 80 mulheres casadas com mais de quarenta anos, apenas uma tinha deliberadamente limitado o número dos seus filhos.

Estas famílias numerosas não desagradam de forma alguma aos africanos: as mulheres desejam ter duas vezes mais filhos do que as mulheres dos países mais pobres da Ásia ou da América Latina, e os homens, geralmente polígamos, são favoráveis a famílias ainda mais numerosas.

A principal causa da forte natalidade africana parece ser o conjunto das estruturas social e familiar que se desenvolveram há milénios atrás, por adaptação ao território regional. Estas estruturas diferem notavelmente das europeias e asiáticas, onde as condições de vida são diferentes.

Os sistemas socio-religiosos, responsáveis pela demografia elevada em África, são muito diferentes dos sistemas europeus, asiáticos, ou americanos. Não são mais tradicionais ou mais primitivos, nem mais arcaicos; são simplesmente muito diferentes.

O culto dos antepassados e a importância da filiação estão na base da sociedade africana. Os africanos têm uma visão do mundo indissociável das suas estruturas sociais. A sociedade é dominada pela fé na importância suprema dos espíritos ancestrais e de uma absoluta necessidade de uma descendência que assegure a perenidade da família. Reconhecem a virtude das mulheres que geraram numerosos filhos e que continuam a tê-los; ao contrário, as mulheres que não tiveram filhos são consideradas pecadoras.

O professor Unde Ypaye<sup>2</sup> escreve: "A família africana é uma identidade orientada em prioridade para a criança". É por isso que nessas sociedades a ideologia exalta como valores prioritários a capacidade de procriação (a fertilidade), as funções sociais que correspondem a esta última (casamento, maternidade, paternidade) e os agentes que as manifestam (pai e mãe), desqualificando as suas antíteses (esterilidade e celibato).

Só existe família, se existirem filhos, de preferência em grande número. O número assegura e determina a força do grupo no sentido económico, social e político. Ainda que a ideia de família permaneça, a família tem vindo a alterar-se lentamente e perdendo algumas das suas funções mais tradicionais, sofrendo mutações. Nas cidades, onde o êxodo rural atrai sobretudo os jovens, novas classes vão surgindo. A família tradicional vai-se modificando com consequências também para a própria "criança".

As mulheres em África têm um papel social fundamental. São elas que têm os filhos, e também são elas que realizam a maior parte dos trabalhos agrícolas. Em muitas regiões do continente as separações são frequentes e a existência de homens polígamos é dez vezes mais numerosa do que nas sociedades asiáticas que também toleram esta prática.

Deste modo, a entidade social de base é constituída pela mulher e os filhos, e não pelo casal e filhos. São elas que subsistem às necessidades do seu grupo familiar.

A importância do clã familiar e a fraqueza dos laços conjugais perturbam os demógrafos ocidentais, que trabalham em sociedades onde se admite que as dificuldades económicas das famílias reduzem a fecundidade. Pelo

---

<sup>2</sup>Ypaye Unde, "Stability and change in the Nigerian families", in *Developpement de l'enfant dans son milieu selon les coûts sociaux, économiques et culturels*, Tehekpoe, Dosseh A., Paris, 1987.

contrário, em África, os que desejam ter muitos filhos não suportam geralmente o seu custo. Na maioria das sociedades africanas, as mães solteiras não estão em condições económicas invencíveis, pois a família considera que os seus filhos reforçam o grupo. Independentemente da sobrevivência da linhagem, a maioria dos africanos estão convencidos que as famílias numerosas são uma caução do sucesso económico. Mesmo se tal não fosse o caso, outras forças manteriam a fecundidade elevada.

Se as mulheres africanas casadas têm geralmente o controle sobre a sua sexualidade, não o têm sobre a sua reprodução; o marido e os seus pais decidem as questões de reprodução. Isto acontece mesmo quando o marido não traz nenhum suporte financeiro, nem esteja presente, ou que viva com outras mulheres.

Os homens não têm razões para limitar o número dos seus filhos: asseguram-lhe o respeito e o conforto da sua velhice e prolongam a sua vida através de rituais fúnebres.

Como é que a África Subsaariana vai resolver os seus problemas demográficos?

Seria abusivo pretender que o sistema social e religioso fosse totalmente transformado com o único fim de limitar o tamanho da população, mas a natalidade actual, se se mantiver como está actualmente, terá consequências desastrosas. De facto, já se constata algumas mudanças.

Quando foi a Conferência Internacional sobre a demografia, em Bucarest, em 1974, a maioria das delegações africanas considerava com desconfiança os programas de regulação demográfica: só o Kénia e o Gana tinham instaurado tais programas. Dez anos depois, no México, a maioria dos governos africanos subvencionavam o planeamento familiar. No conjunto dos países, os programas de planeamento familiar multiplicam-se, apesar de serem muitas vezes pouco dinâmicos e localizados.

Se a natalidade diminuir, será provavelmente porque as mulheres estenderam a sua independência económica ao domínio da procriação. Esta evolução não garante uma descida importante da natalidade porque na ausência do sistema social rural, as mulheres mais velhas tornar-se-ão mais dependentes dos seus filhos, a não ser que os laços conjugais se reforcem.

As consequências das transformações religiosas são igualmente incertas. A maior parte dos africanos é católica ou muçulmana, mas acredita no poder dos seus antepassados. O estudo destas crenças é particularmente difícil no caso das novas elites urbanas que são os precursores da mudança. Estes não contam, de uma forma geral, com a intervenção dos seus antepassados na vida quotidiana, mas a sua atitude pode mudar em certas circunstâncias. A contracepção, o aborto e a esterilização feminina, parecem ser agora, mais facilmente aceites do que antigamente. No entanto, certas características da sociedade africana mascaram as relações entre a contracepção e a natalidade. As mulheres africanas amamentam os seus filhos durante bastante tempo, abstendo-se de relações sexuais, por vezes, durante dois anos ou mais, após o parto. Todavia estes espaçamentos não impedem que as mulheres tenham seis a oito filhos. O espaçamento tradicional dos nascimentos permanece e a sociedade acusa os pais da morte dos seus filhos quando os nascimentos são muito próximos. Contudo, a abstinência foi reduzida consideravelmente, em certas regiões do leste africano, durante o século XX, em favor do coito interrompido.

A prática de abstinência, depois da gravidez, tem dois efeitos sobre o controle dos nascimentos: em primeiro lugar, numerosos africanos não sentem a necessidade de qualquer outro tipo de método contraceptivo. Em segundo lugar, os métodos contraceptivos servem muitas vezes para espaçar os nascimentos, mais do que para os limitar, reduzindo assim a duração da abstinência.

A conjugação recente de vários factores fará muito certamente diminuir a natalidade. Mesmo as mais fracas estatísticas demográficas africanas deveriam revelar esta tendência antes do fim do século. O sucesso parece resultar sobretudo, de uma diminuição da mortalidade geral: a esperança de vida ultrapassa actualmente os 60 anos, e a mortalidade infantil já baixou para os 70 por 1000 nascimentos. Se a queda da mortalidade é a chave da limitação dos nascimentos, os governos deveriam simultaneamente desenvolver os seus serviços sanitários e os centros de planeamento familiar. Os programas de limitação dos nascimentos poderiam facilmente ser "encaixados" nos programas sanitários.

Depois desta longa exposição acerca da fecundidade elevada em África, sentimos certamente um desejo de nos debruçar sobre o assunto. Foi assim que de início nos sentimos motivados para a realização deste estudo.

Para além deste fascinante mundo a explorar, que serviu de “ponto de partida”, sentimos também uma enorme apetência em conhecer o “porquê” de tão elevado número de filhos bem como o que leva as mulheres africanas a uma descendência elevada. Outro ponto de interesse surgiu quando realizámos um estudo na parte curricular do mestrado acerca da fecundidade e mortalidade diferencial.

Para o presente estudo idealisámos um questionário onde fosse possível conhecer estes determinantes ao nível da fecundidade, saber as razões que levam as mulheres a terem muitos filhos, conhecer qual o valor da criança para estas mulheres, comparar o número de filhos desejado com o número de filhos efectivo e ainda quais os métodos utilizados por elas para, directa ou indirectamente, limitarem os nascimentos.

Após múltiplas leituras e contactos *in loco*, revelou-se inoportuno e quase inviável a implementação de um questionário por nós elaborado, devido às condições no “terreno” e dada a situação de instabilidade que se vivia na altura no nosso “ponto de observação”, que foi, em Moçambique.

Moçambique, mais precisamente a capital, Maputo, foi o local escolhido devido à nossa trajectória de vida pessoal nesse local e devido à facilidade de comunicação na mesma língua. Para além destas razões, interessávanos muito, ver como se processa o fenómeno em estudo, em meio urbano.

Como já dissemos, e na impossibilidade de se aplicar o questionário inicialmente projectado, subémos da existência de material ainda não trabalhado de forma adequada. Foi então que, a partir da análise do primeiro inquérito demográfico realizado em Moçambique, não nos foi possível ir ao encontro das ambições que tínhamos tido ao longo da fase exploratória do estudo, mas conseguimos de alguma forma, através das variáveis disponíveis do questionário, conhecer as diferenças de fecundidade entre as mulheres que constituíam a nossa amostra e avaliar tanto o grau de importância como a intensidade da influência que as características socioeconómicas podem ter na variação do “número de filhos”.

# CAPITULO I - PROBLEMATIZAÇÃO E ORIENTAÇÃO TEÓRICA

## I - DEFINIÇÃO DOS CONCEITOS

### 1.1 - CONCEITO DE FECUNDIDADE

A fecundidade<sup>3</sup> define-se como o *fenómeno*<sup>4</sup> que está relacionado com os nascimentos vivos sendo considerados do ponto de vista da mulher, do casal, ou muito excepcionalmente do homem.

Normalmente emprega-se a palavra fecundidade somente para designar a fecundidade feminina.

Estudam-se sob o nome de fecundidade, os fenómenos quantitativos directamente ligados à "procriação"<sup>5</sup> no seio das populações.

Falar da fecundidade de uma população é fazer geralmente referência à medida mais global do fenómeno, dada pela descendência final<sup>6</sup> das gerações<sup>7</sup> femininas ou pela taxa bruta de reprodução<sup>8</sup>. Existem, no entanto, várias ramificações deste mesmo conceito: fecundidade dos casamentos, fecundidade diferencial, fecundidade dirigida, fecundidade feminina e masculina, fecundidade geral, fecundidade legítima e ilegítima e fecundidade natural.

- Fala-se de *fecundidade total*, no caso bastante raro em que se considera a totalidade dos nascimentos (nados vivos e nados mortos). A fecundidade não deve ser confundida com a fertilidade<sup>9</sup>.

---

<sup>3</sup>Pressat, Roland, "Dictionnaire de démographie", ed. P.U.F., Paris, 1979. Traduzido da seguinte definição: "Phénomène en rapport avec les naissances vivantes considérées du point de vue de la femme, du couple ou, très exceptionnellement, de l'homme.

<sup>4</sup> Um fenómeno demográfico refere-se a um acontecimento de uma dada categoria. Assim, por exemplo, para o acontecimento "nascimentos" correspondem a natalidade e a fecundidade.

<sup>5</sup> Acto de procriar. É pôr uma criança no mundo. Fala-se normalmente apenas nos filhos nascidos vivos.

<sup>6</sup> Descendência atingida por uma mulher, no final do período de procriação.

<sup>7</sup> Coorte particular que é constituída pelo conjunto de pessoas nascidas durante um determinado período.

<sup>8</sup> Descendência final, reduzida só às filhas, dentro de uma geração feminina. É a relação entre o número de nascimentos femininos, resultando de uma geração feminina, e entre o efectivo dos nascimentos desta geração. Geralmente fala-se das taxas brutas de reprodução relacionadas com um ano civil. Trata-se das taxas de reprodução do momento.

<sup>9</sup> Na terminologia técnica moderna, os demógrafos empregam as palavras fertilidade e esterilidade para designar respectivamente a capacidade e a incapacidade de procriação e as palavras fecundidade e

- A *fecundidade dos casamentos* é a fecundidade dos casais, normalmente considerada consoante a duração do casamento. É uma forma particular de fecundidade legítima<sup>10</sup>.
- A *fecundidade dirigida* é a manifestação da fecundidade quando a mulher ou o casal recorrem à prevenção dos nascimentos.
- A *fecundidade geral* é a fecundidade das mulheres sem distinção de estado matrimonial.
- A *fecundidade ilegítima* é a fecundidade das mulheres que não são casadas.
- A *fecundidade natural* é a manifestação de fecundidade no casamento, na ausência de contraceção ou de aborto provocado.

Tanto o conceito de fecundidade natural como o de fecundidade diferencial serão definidos mais à frente, de forma mais detalhada.

O número de nascimentos vivos, ou nascimento de filhos nascidos vivos, ao longo de um período, é o primeiro indicador de natalidade, mas este é insuficiente para a análise do fenómeno.

O nascimento é definido como resultado de um parto, entendendo-se cada parto múltiplo como vários nascimentos. Distinguem-se os nascimentos de filhos nascidos vivos, dos nascimentos de filhos nascidos mortos.

Fala-se de *natalidade efectiva* ou *fecundidade efectiva* quando só se consideram os *nascimentos vivos*, e fala-se de *natalidade total* quando se vê o *conjunto dos nascimentos* incluindo os nados-mortos.

Chama-se, em geral, *taxa de natalidade*, uma taxa calculada relacionando o número de nascimentos observado numa população sobre o efectivo total da população.

Aproximando os nascimentos do total da população, obtém-se a *taxa bruta de natalidade*, ou *taxa de natalidade*, definida como a relação entre os nascimentos vivos  $N$  e a população média  $P$ <sup>11</sup>, num determinado período.

---

infecundidade para se referir a uma procriação efectiva ou a uma ausência de procriação. Quando esta última se deve à vontade dos casais de não procriar fala-se de infecundidade voluntária.

<sup>10</sup> Fecundidade das mulheres casadas.

<sup>11</sup> A taxa de natalidade  $n$ , expressa por mil escreve-se:  $n = N/P \times 1000$ .

Outra medida mais precisa é utilizada para medir os nascimentos, tendo em conta os subgrupos da população total: os indivíduos em idade de procriar. É a taxa de fecundidade geral<sup>12</sup>. Em sociedades de forte fecundidade, esta taxa pode atingir 180/1000. Em países de fraca fecundidade, pode descer até 40/1000. Para eliminar o efeito de estrutura que constitui a repartição por idades das mulheres em idade de procriar, definem-se as taxas de fecundidade por idades, relacionando os nascimentos das mulheres de uma dada idade, ao efectivo das mulheres dessa idade. Somando todas, chega-se à soma das taxas de fecundidade geral chamada igualmente de índice sintético de fecundidade, que indica o número médio de filhos nascidos por mulher.

A denominação genérica de taxa de fecundidade aplica-se a todas as taxas calculadas relacionando o efectivo de um grupo de indivíduos do mesmo sexo em idade de procriação com o número de nascimentos observado neste grupo. As taxas de fecundidade são geralmente expressas em nascimentos por mil.

As diferentes taxas de fecundidade podem ser calculadas tendo em conta a idade - *taxa de fecundidade por idade* - ou o período de procriação<sup>13</sup> - *taxa global de fecundidade*.

No estudo da fecundidade de uma coorte<sup>14</sup>, considera-se frequentemente a descendência actual, isto é, o número de filhos até ao momento da análise. Fala-se de descendência final quando todos os elementos constituintes da coorte já passaram a idade de procriação e no caso oposto, de descendência inacabada.

A palavra "natalidade" é utilizada para designar a frequência dos "nascimentos" no seio das populações propriamente ditas, excluindo as subpopulações. Entende-se mais particularmente por "fecundidade" a frequência dos nascimentos no seio de grupos em idade de procriar.

---

<sup>12</sup>Relacionando os nascimentos  $N$ , ao longo de um dado período, com a população feminina em idade de procriar  $F$ , define-se a taxa de fecundidade geral  $f$ , que se escreve por mil:  $f = N/F \times 1000$ .

<sup>13</sup>Período geralmente considerado para as mulheres entre os 15 e os 49 anos.

<sup>14</sup>Conjunto de pessoas ou de casais tendo vivido um mesmo acontecimento demográfico durante um dado período, geralmente um ano civil. Fala-se de gerações quando se trata de coortes de nascimentos. As coortes constituem o suporte da análise longitudinal.

A natalidade depende de uma série de factores : o número de indivíduos em idade de procriar na população total, a sua repartição por idade, o calendário dos nascimentos, e o comportamento de fecundidade propriamente dito.

Existe, portanto, um efeito de estrutura, um efeito de calendário e um efeito de comportamento. A análise demográfica da fecundidade visa medir e isolar estes três factores.

Resta o problema dos determinantes da fecundidade, que para além dos factores demográficos propriamente ditos, fazem intervir os elementos biológicos, socio-culturais e económicos.

Das variáveis demográficas (fecundidade, mortalidade, e migração), a fecundidade é aquela que traz mudanças profundas e por vezes rápidas na estrutura e composição da população.

## **1.2 - A FECUNDIDADE NATURAL**

Na ausência de esforços conscientes para limitar os nascimentos, a natalidade e a fecundidade não se estabelecem a um nível bem definido.

Louis Henry (1953)<sup>15</sup>, introduz o conceito de fecundidade natural definindo-a como "a fecundidade que teria uma população humana, se ela não fizesse nenhum esforço para limitar os nascimentos".

Em regime de fecundidade natural, quer dizer, nas populações que não exercem nenhum controlo directo sobre a sua fecundidade, Louis Henry, calculou taxas de natalidade podendo atingir 60/1000, tratando-se aqui de casos extremos.

Mas, geralmente, em sociedades tradicionais, observam-se taxas de cerca de 40/1000. Em países desenvolvidos onde a fecundidade é dirigida, as taxas são da ordem de 14 a 15/1000.

---

<sup>15</sup> in Leridon, Henri e Menken, Jane, "Fecondité Naturelle", IUSSP.

A análise biológica da fecundidade para a qual remete o conceito de fecundidade natural impõe distinguir:

- a fertilidade (capacidade de ter filhos vivos),
- a fecundabilidade (probabilidade de concepção por cada ciclo menstrual), e
- a fecundidade (procriação efectiva durante o período em causa).

O conceito de fecundidade natural, não deixa de ser ambíguo. O estudo da fecundidade natural baseia-se na observação de populações nas quais a fecundidade no casamento escapa a uma regulação individual e consciente dos nascimentos.

Louis Henry reuniu os resultados tratando diversas populações que não praticavam visivelmente uma limitação voluntária dos nascimentos. Encontrou descendências finais de mulheres casadas que variavam entre 6.2 a 10.9 filhos por mulher e taxas de natalidade variando entre 40 e 60 por mil.

As diferenças de fecundidade num contexto de ausência de controlo dos nascimentos, podem depender de casamentos mais ou menos tardios, ou mais ou menos frequentes, de variações na duração de aleitamento materno (factor de esterilidade temporária), ou do estado de saúde da população. Eventualmente, podem depender da frequência e da gravidade de doenças venéreas. A consequência mais clara desta diferenciação, em regime de fecundidade natural, é o dinamismo demográfico muito variável das populações correspondentes.

A maioria das análises realizadas até hoje fizeram-se a partir de dados empíricos históricos. Deixam supor que o lado "natural" ou biológico domina todas as outras vertentes, em particular a socio-cultural e que existiria por consequência uma fecundidade puramente biológica. Se a mortalidade é um fenómeno biologicamente obrigatório, a fecundidade não o é exclusivamente, visto ser sustentada por um sistema de valores. Este conceito de fenómeno

"natural" alarga o do "biológico". No que diz respeito à fecundidade convém dissociar o biológico do natural <sup>16</sup>.

Com a aparição recente de novos métodos de regulação dos nascimentos, reduz-se progressivamente o papel dos factores tradicionais e biológicos na fecundidade de numerosas populações.

Será que o conceito de fecundidade natural faz sentido, sobretudo aplicado às populações contemporâneas ?

Dupâquier<sup>17</sup> põe em causa este conceito de que fala Louis Henry. Refere a existência de uma falsa pista sobre a qual se debateram os demógrafos, que é a de "fecundidade natural". Dupâquier afirma que, segundo a *Teoria da Transição Demográfica*<sup>18</sup>, as populações do passado foram submetidas a leis de fecundidade e de mortalidade quase biológicas. Num primeiro tempo, a mortalidade teria baixado graças ao progresso da medicina e à revolução industrial; a fecundidade teria sido por sua vez controlada, ao ponto que se atingiu hoje, nas sociedades desenvolvidas, num novo equilíbrio do movimento natural, fundado desta vez em baixos níveis de mortalidade e de natalidade. Seria de esperar que este processo se repetisse nos países do terceiro mundo. No entanto, não se pode afirmar que nas sociedades tradicionais africanas, que se tenha praticado conscientemente e em grande escala, a limitação dos nascimentos.

Mesmo assim, a expressão de "fecundidade natural" traduz um desconhecimento profundo dos comportamentos e das mentalidades dos homens do passado (e do terceiro mundo de hoje).

---

<sup>16</sup>No novo dicionário demográfico multilingue, é mencionada a ideia de que o máximo de fecundidade biológica possível designa de forma imprecisa a fecundidade natural, porque esta sofre a influência de variáveis sócio-culturais. Esta nova versão difere da primeira (Nações Unidas, 1958) que definia a fecundidade natural como a "fecundidade de conjuntos de casais que não praticam a contracepção", e a contracepção como "a prática de métodos destinados a impedir as relações sexuais, quer dizer o coito, de atingir a concepção". Consequentemente, na última versão, foram incluídas sob a fecundidade natural, as populações praticando a abstinência, a esterilização e o aborto, mas excluídas as populações praticando a contracepção através das práticas tradicionais: coito interrompido, aleitamento materno prolongado se for praticado no sentido contraceptivo, e outras práticas tradicionais independentemente da sua eficácia.

<sup>17</sup>Dupâquier, Jacques. "Pour la démographie historique". Collection Histoires, P.U.F Paris, 1984.

<sup>18</sup>Diz-se que uma população em que a natalidade e a mortalidade, ou um destes dois fenómenos, abandonaram os seus níveis tradicionais, para se encaminharem para os baixos níveis associados à fecundidade dirigida (prevenção dos nascimentos) e ao uso dos meios modernos de luta contra a mortalidade. Podemos distinguir duas fases: uma fase Malthusiana (modificação da nupcialidade) e uma fase Néo-Malthusiana resultando da diminuição da fecundidade dentro do casamento. Os países em desenvolvimento actuais, entraram praticamente todos em período de Transição demográfica, com pelo menos uma descida da mortalidade.

Em todas as sociedades humanas, a fecundidade é regulada pela instituição social do casamento que não pode ser considerado como um fenómeno "natural". Os demógrafos estão hoje bem conscientes e parecem dispostos a reduzir o alcance do termo " fecundidade natural" .

Mesmo após este recuo estratégico, a posição dos demógrafos aparece aos historiadores e etnólogos, absolutamente insustentável. Não somente é impossível, tecnicamente, provar que uma população não pratica de todo a restrição dos nascimentos, como também se observam, entre populações antigas, tais diferenças de fecundidade de uma região para outra, de uma vila para outra, de um ano para outro, o que deveria desencorajar os defensores da tese biológica.

Louis Henry acreditou durante muito tempo que as diferenças de fecundidade entre mulheres do mesmo grupo de idades, em função da duração do casamento, implicava o recurso à prevenção de nascimentos; mas renunciou a esta ideia depois de constatar que tais diferenças se observavam em quase todas as populações.

Outro autor que questiona a fecundidade, Henry Leridon<sup>19</sup>, reconhece o papel dos factores biológicos como determinante, mas inova, ao reforçar o papel dos factores socio-culturais e comportamentais que podem ou não facilitar o alcance da fertilidade máxima.

Este autor introduz três factores que, segundo ele, também podem afectar a fecundidade de forma positiva ou negativa: os factores socioeconómicos (religião, educação), os culturais e os comportamentais (leis, motivações, normas, sanções).

Apesar dos problemas enfrentados, quando se mede a fecundidade natural, definições válidas provaram a sua utilidade para futuros estudos.

Henry Leridon distingue também as variáveis do casamento<sup>20</sup>, as variáveis de coito<sup>21</sup> e as variáveis socio-estruturais<sup>22</sup>.

---

<sup>19</sup> Ver também : Leridon, Henri e Menken, Jane, "Fecondité Naturelle", IUSSP e , Leridon, Henri, "Fécondité et structures démographiques: une hypothèse sur l'évolution de la fécondité depuis 1940", in Population, présenté par Hervé le Bras, Pluriel, Paris, 1985.

<sup>20</sup> O casamento é uma instituição que regula a coabitação e a fecundidade dos casais.

Na maior parte das sociedades, é um importante mecanismo social para regular o nível de fertilidade natural. Em particular, o tempo e a frequência do casamento são importantes para atrasar ou acelerar o início da reprodução. Em muitos lugares as normas culturais existem, o que regula as relações pré-nupciais e a idade ao casamento. A vida conjugal (viuvez, divórcio) e a vida fecunda

Destes factores, as variáveis de casamento e as variáveis de coito aparecem como as mais importantes, ambas permitindo explicações mais objectivas das variações da fecundidade natural.

O complexo campo de determinantes sociais, económicos e culturais da variação da fecundidade natural requer estudos cuidadosos, especialmente com vista a mudar as condições sociais e económicas de vida, urbanização e mudança social. Não há dúvida de que processos de modernização serão consequentes para uma futura interacção entre todas as variáveis (casamento, coito e socio-estruturais) com os níveis de fecundidade natural em áreas em desenvolvimento confrontados com rápidos níveis de urbanização, e um desenvolvimento social e económico. Mudanças na idade de casar, estabilidade das uniões, frequência de coito, aleitamento e abstinência sexual, bem como uma possível transição de um sistema de família extensa para um sistema de família nuclear, contribuirão para um novo caminho para a fecundidade natural.

### 1.3 - A FECUNDIDADE DIFERENCIAL

O conceito de fecundidade diferencial define-se como sendo o fenómeno que estuda as diferenças na fecundidade de diversos subgrupos da população observadas numa determinada época ou em dadas coortes<sup>23</sup>. As diferenças são geralmente apreciadas a partir de índices sintéticos de fecundidade do momento ou, melhor, a partir de descendências finais, e as sub-populações consideradas, que pertencem na maioria dos casos a uma mesma identidade nacional, são determinadas sobre critérios de *habitat* (urbano/rural), pertença religiosa, social, nível de instrução, rendimentos, etc.,

---

vão deter um efeito total sobre a fecundidade, que pode variar consoante o meio (rural/urbano), o país (desenvolvido/não desenvolvido), o tipo de união contrada, a religião, e a classe social.

<sup>21</sup>(relações sexuais) que vão regular directa ou indirectamente a fecundidade natural. O intervalo entre os nascimentos vai depender de: regulação da união pré-marital, frequência das relações sexuais, tabus, abstinência sexual/período de amamentação, ovulação, espaçamento dos nascimentos, amenorrea pós-parto, idade da mãe no nascimento do último filho, costumes, normas sociais e crenças religiosas.

<sup>22</sup>Perpetuação da linhagem familiar/regime de parentesco, Mortalidade infantil, dependência económica dos pais face aos filhos, normas, valores e costumes sociais, culturais e religiosos, controlo social, material, económico, cultural e religioso, família /coesão familiar e grupo social, educação, e urbanização.

<sup>23</sup> Pressat, Roland, "Dictionnaire de démographie", ed. P.U.F., Paris, 1979.

intervindo de forma isolada ou em associação. A fecundidade diferencial, que pode ter como princípio as diferenças nas possibilidades fisiológicas, ou nas condições sanitárias, é na maioria das vezes o resultado de uma vontade mais ou menos afirmada da parte de certos casais, ou ainda, da sociedade no seu conjunto, de limitar a descendência<sup>24</sup>; vários graus aparecem nos resultados desta limitação que pode ser obtida por meios indirectos (casamentos tardios, frequência elevada do celibato definitivo, aleitamento materno) ou, na maioria das vezes, pela contracepção e o aborto provocado. Se certas associações relativamente permanentes entre níveis de fecundidade e características dos meios em questão podem ser destacadas, numerosas “nuances” aparecem no exame de situações particulares<sup>25</sup>. A fecundidade diferencial pode estar na origem de diferenças sensíveis no dinamismo demográfico dos grupos afectados pelo fenómeno.

Podemos concluir que, se por um lado, os diferenciais socioeconómicos, indicam considerações que submetem decisões acerca da fecundidade, por outro, a análise dos determinantes socioeconómicos da fecundidade, ocupa uma posição central no estudo da mudança na fecundidade .

## **II - OS FACTORES DETERMINANTES DA FECUNDIDADE DIFERENCIAL**

### **2.1- DIMENSÕES SOCIOLÓGICAS DA FECUNDIDADE**

H. Gérard, M. Loriaux e F. Bartiaux<sup>26</sup> distinguem várias dimensões para a análise sociológica da fecundidade, que passamos a descrever. Num primeiro tempo, os autores consideram, as dimensões biológica e fisiológica da fecundidade, distinguindo a necessidade e a fatalidade (a fecundidade não é fatal como a morte, porque está sujeita à interferência do indivíduo e a um certo controlo social).

---

<sup>24</sup>Filhos nascidos vivos de uma mulher pertencente a uma geração. O conceito associado a uma mulher ou a um casamento, identifica-se com o número de nascimentos vivos. Distingue-se a descendência média (dos grupos de idades dos 15 aos 49 anos) e a descendência final (no final da vida reprodutiva).

<sup>25</sup>Como por exemplo no caso, dos grupos que primeiro tiveram recurso à limitação dos nascimentos, geralmente sendo os que estão mais acima na escala social, e que acabaram, nas décadas mais recentes por aumentar a sua fecundidade.

<sup>26</sup> Bartiaux, Loriaux e Gérard, "Sociologie de la population", demo 3120, Institut de demographie, Paris, s. d.

Os autores reconhecem, em parte, o contributo biológico na fecundidade (necessidade de reprodução das sociedades), mas afirmam que na fecundidade humana intervêm, de forma muito complexa, tanto factores biológicos, como sociais e culturais, e que o dever da demografia é o de distinguir o contributo de cada um deles.

Para além da necessidade biológica e fisiológica de reprodução das sociedades, os autores distinguem ainda duas outras dimensões: o risco de procriar ao nível do indivíduo, e o risco de procriar ao nível da sociedade.

Ao nível do risco individual, distinguem duas categorias de elementos que se relacionam directamente com este "risco": por um lado, os elementos que estão especificamente implicados na realização do mesmo, *as variáveis individuais específicas*, e por outro, *as características do indivíduo que determinam a sua posição social, ou características individuais de identificação social*, que podem relacionar-se com o risco, sem por isso, estarem especificamente ligadas a este.

As variáveis individuais específicas podem ser repartidas em três subgrupos: variáveis fisiológicas (doenças, grau de fertilidade da mulher e do casal, mortalidade intra-uterina), variáveis comportamentais (práticas curativas ou preventivas, alimentação, higiene, relações sexuais, contracepção ou aborto) e variáveis mentais (conhecimento, opinião, projectos, atitudes, representações, valor da criança e da maternidade, e projectos e atitudes face à contracepção).

Se a identificação destas variáveis é fácil, a sua relação e a relação com variáveis de categorias diferentes, ultrapassa muitas vezes a ordem simples que seríamos tentados em estabelecer.

As características individuais de identificação social permitem determinar a posição social do indivíduo e identificar, por sua vez, os grupos sociais aos quais ele pertence. Trata-se, na maior parte dos casos, do sexo, idade, profissão, nível de instrução, residência, religião, etnia e o rendimento. Muitas destas características, relacionam-se com a procriação; a identificação

de tais relações constitui, muitas das vezes, a parte essencial, senão exclusiva, da análise dos determinantes sociológicos dos riscos estudados.

Quanto ao risco de procriar, determinado socialmente, qualquer que seja o risco em questão, observam-se variações consideráveis no tempo, no espaço e nos grupos que compõem a sociedade.

A análise destas diferenciações põs em evidência a sua associação com inúmeros elementos culturais e sociais. A pertença a um conjunto social está associada a um modo de vida, a uma certa visão da vida e do mundo, a formas de pensar, etc. Todos estes elementos compõem um "modelo cultural", a propósito da fecundidade que se impõe ao indivíduo através da socialização e o controlo social, de tal forma que é no quadro deste modelo, que o indivíduo, exerce a sua escolha.

Para além da base estritamente biológica, os indivíduos vão gerar opiniões e atitudes individuais e colectivas no interior da sociedade, o que vai estabelecer de certa forma, modelos culturais que incluem normas, imagens, hábitos, ideias, necessidades e práticas quotidianas.

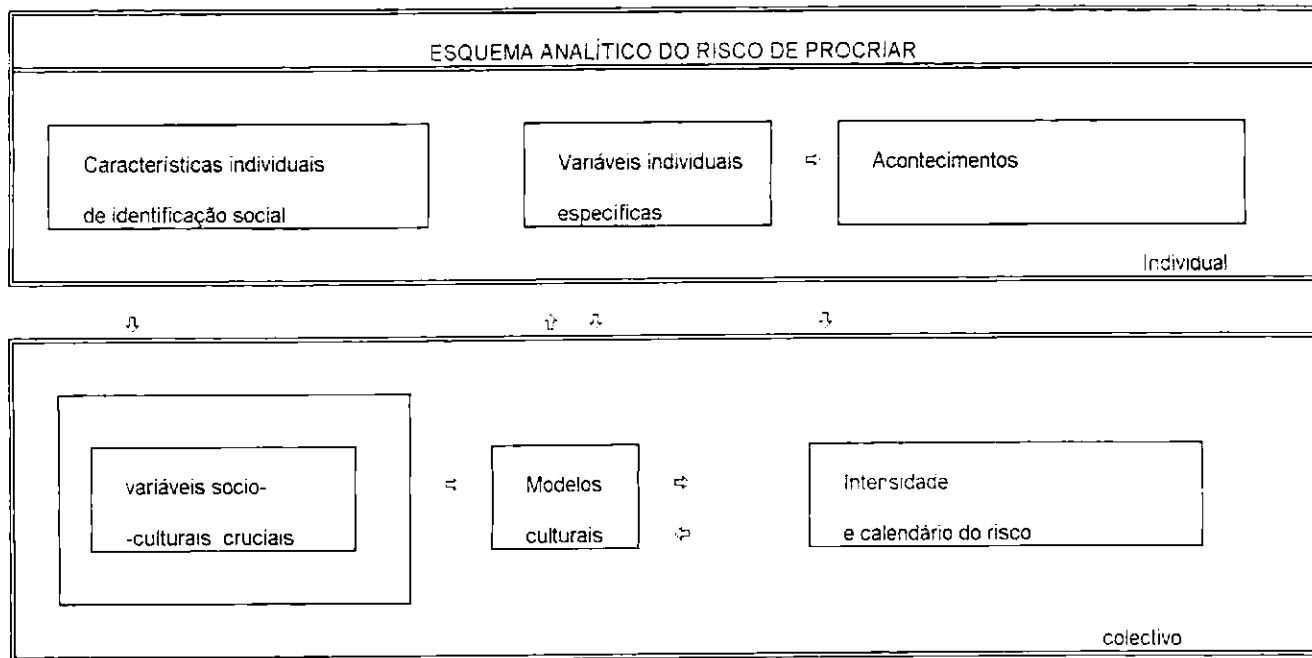
Os modelos culturais cristalizam e interpretam a influência que os diferentes elementos do sistema socio-cultural podem ter de modo fortuito sobre a procriação, provocando orientações mentais e de comportamentos, criando uma consciência colectiva. Se considerarmos que existem vários modelos culturais, em função do grau de heterogeneidade cultural da sociedade, podemos admitir que existem, igualmente, um conjunto de hábitos e de práticas diferenciadas, em função desta heterogeneidade cultural, o que poderá gerar níveis de fecundidade bastante diferentes. Pressupomos a existência de um modelo cultural dominante com o qual os modelos particulares deveriam ser mais ou menos compatíveis. Podem também existir um ou vários modelos em ruptura radical com o modelo dominante: são os modelos desviantes. A identificação dos modelos culturais traz algumas dificuldades, bem como o estudo das relações entre modelos e a descrição da rede de interrelações no seio da qual são retomados os modelos culturais. Existem também outro tipo de variáveis que permitem revelar o nível colectivo da realidade.

As variáveis de nível colectivo, são variáveis socio-culturais cruciais, como por exemplo, a organização da família, o papel reconhecido à mulher na família e na sociedade, a proporção de mulheres trabalhadoras ou de aderentes a tal sector, a proporção de aderentes a uma religião, a repartição da população segundo o nível de instrução, etc. Estas podem constituir os elementos cruciais para os modelos culturais da fecundidade.

À primeira vista, a identificação das variáveis cruciais em função dos modelos culturais, pode parecer mais avançada do que estudo dos próprios modelos. Diversos trabalhos, observam e analisam as relações entre o risco estudado e as variáveis "cruciais" desta ordem (etnia, religião, instrução, modernização, tipo de família, estatuto da mulher, etc.). Os modelos culturais dependem do sistema cultural no seu conjunto e das práticas e das realizações dos indivíduos. É útil distinguir, ao nível colectivo, duas outras categorias de variáveis obtidas pela agregação das variáveis individuais: por um lado, as medidas de intensidade e de calendário do risco, por outro a agregação das variáveis individuais específicas (fisiológicas, comportamentais e mentais). De algum modo, atinge-se assim o impacto colectivo dos actos individuais, que por sua vez exerce um impacto sobre os modelos culturais.

Antes de apresentarmos um esquema recapitulativo, observemos que a realidade dos modelos culturais e o papel central que lhes é atribuído, é uma das hipóteses centrais para os autores, mas não a única possível. Supõem ainda que, a influência das variáveis do sistema socio-cultural sobre as variáveis individuais específicas, se faça de forma relativamente autónoma sem a integração e a interpretação prévias desta influência na elaboração de modelos culturais. Mas esta hipótese torna difícil perceber as relações opostas observadas entre um risco e uma variável determinada (por exemplo, a relação ora positiva, ora negativa, entre a fecundidade e a urbanização).

Neste caso, é preciso admitirmos a interferência de outras variáveis que não identificamos sempre com muita precisão. Na realidade, parece que dentro do sistema socio-cultural, todos os elementos se encontram relacionados de uma forma mais ou menos distanciada, e desde logo, o comportamento de um destes elementos vai depender dos outros, e tudo depende um pouco de tudo.



A pesquisa de uma definição dos riscos de procriar, na sua dimensão sociológica, levou a distinguir dois níveis da realidade: o individual e o colectivo que, no esquema, são representados por dois planos sobrepostos. No seio de cada um dos níveis, uma segunda dicotomia pode ser feita entre as variáveis específicas: variáveis individuais e variáveis colectivas, que constituem o que se pode chamar de fenómeno da fecundidade, e as variáveis mais gerais, quer se trate de variáveis cruciais ou das características individuais de identificação social. O esquema analítico apresentado por estes autores, não pretende ser definitivo nem mesmo o mais válido. Mas permite situar o problema, esclarecer as ideias e promover algumas orientações de reflexão que devem ser desenvolvidas na interacção da pesquisa empírica e da sistematização teórica. Este trabalho de Gérard, Loriaux e Bartiaux, é um ponto de partida e de base, para o nosso estudo.

## 2.2 - VARIÁVEIS INTERMEDIÁRIAS E VARIÁVEIS EXPLICATIVAS

Vários são os esquemas conceptuais propostos para tentar constituir as redes de interdependência das variáveis e destacar o seu peso relativo na fecundidade.

A compreensão global dos factores que influenciam a fecundidade mostra-se difícil, devido ao número e à complexidade das relações postas em causa. Estudar as causas dos diferenciais da fecundidade significa medir directamente o impacto dos factores socioeconómicos na fecundidade e analisar os mecanismos através dos quais as variáveis socioeconómicas influenciam a mesma.

Em resposta a esta necessidade, debruçamo-nos no estudo dos determinantes da fecundidade que são geralmente destacados como os mais importantes: são os factores biológicos e comportamentais, que se alteram e afectam a fecundidade, através das variáveis sociais, económicas e ambientais.

Podemos distinguir dois tipos de determinantes: os determinantes imediatos (ou variáveis intermediárias) e as variáveis explicativas (ou independentes). A característica principal de um determinante imediato da fecundidade é a sua influência directa na fecundidade (como por exemplo o uso do contraceptivo). Se um determinante imediato se altera, a fecundidade também se altera imediatamente, o que não é necessariamente o caso dos determinantes socioeconómicos. O diagrama seguinte sumariza a relação entre os determinantes da fecundidade:



Esta relação foi primeiro reconhecida no estudo, agora clássico, de K.Davis e J.Blake<sup>27</sup>, a propósito da fecundidade, contribuição muito importante e que continua a ser uma pedra angular para numerosos trabalhos de investigação.

Na terminologia de Davis e Blake podem-se distinguir três grandes tipos de variáveis: a *variável dependente*, constituída pelo nível de fecundidade, resultando dos factores postos em causa, as *variáveis intermediárias*, constituídas pelas variáveis biológicas e os factores de comportamento, que intervêm directamente sobre a fecundidade e as *variáveis independentes*, que intervêm sobre a fecundidade, através das variáveis intermediárias.

Estes três tipos de variáveis podem constituir inúmeras versões, conjugando a existência, a natureza, e os níveis da fecundidade das populações contemporâneas.

Para estudar a influência do socio-cultural sobre a fecundidade, os autores pensam ser necessário decompor o processo de reprodução nos seus três elementos principais: as relações sexuais, a concepção e a gestação e parturição<sup>28</sup>.

Estes três elementos dependem de factores específicos, que são "as variáveis intermediárias".

Os autores distinguem onze variáveis, consideradas enquanto *determinantes imediatos*, (a que chamaram variáveis intermediárias).

Seis são variáveis das relações sexuais. Por um lado, as que comandam a formação ou dissolução das uniões no período reprodutivo, idade de início das relações sexuais, celibato definitivo, duração do intervalo após ou entre uniões; por outro, as que comandam a exposição às relações sexuais durante as uniões, abstinência voluntária, abstinência involuntária e frequência coital.

---

<sup>27</sup> Para saber mais sobre estes autores queira consultar a seguinte bibliografia. Pressat, Roland, "Démographie Sociale", ed. PUF, s.d.; Tapinos, Georges, "Éléments de démographie", ed. Armand Colin, Paris 1985; Bartiaux, Loriaux e Gérard, "Sociologie de la population", demo 3120, Institut de démographie, Paris, s.d. e; Leridon, Henri e Menken, Jane, "Fecundité Naturelle", IUSSP.

<sup>28</sup> O conceito significa "parto normal".

Três variáveis são de concepção. Fecundidade ou infecundidade, afectadas por causas involuntárias, uso ou não de métodos anticonceptivos através de métodos mecânicos, químicos, ou outros meios, e a fecundidade ou infecundidade, afectadas por causas voluntárias, tais como a esterilização, tratamento médico, etc.

Finalmente, as outras duas variáveis são de gestação (mortalidade fetal por causas involuntárias e mortalidade fetal por causas voluntárias).

Da proposição dos autores decorre uma primeira consequência, segundo a qual, todo o elemento socio-cultural que influencie a fecundidade, pode ser relacionado, pelo menos, com uma variável intermediária.

Uma segunda consequência decorre da proposição fundamental: a partir da influência divergente destas variáveis intermediárias sobre a fecundidade, é possível construir uma *tipologia dos esquemas de influência*, que será preciosa no estudo comparativo da fecundidade. Por exemplo, duas sociedades diferentes, do ponto de vista da sua estrutura social e da sua fecundidade, podem ter valores semelhantes para certas variáveis; ao contrário, duas sociedades com a mesma fecundidade, não têm necessariamente os mesmos valores para as onze variáveis.

Os autores propõem distinguir as variáveis intermediárias, através das quais se exerce necessariamente toda a influência sobre a fecundidade, das variáveis explicativas ou independentes, que remetem para a sociologia, para a economia, ou para a política.

Este esquema tornou-se num "vademecum" cómodo para a análise dos determinantes da fecundidade. Para nós, o principal interesse é o de identificar as variáveis intermediárias que, ao nível individual, veículam o impacto do socio-cultural.

O processo de Bongaarts e Potter (1983)<sup>29</sup> vem fazer o contraponto. Eles mostram que, de todas as variáveis intermediárias identificadas por Davis e Blake, quatro são decisivas:

- a proporção de pessoas casadas,
- o recurso à contracepção,
- a prática do aborto e
- a infecundidade ou esterilidade *post partum*, ligada essencialmente ao aleitamento.

Se admitirmos que o número máximo de filhos, na ausência de regulação da fecundidade (a que Bongaarts chama de taxa de fecundidade natural legítima), varia pouco de uma população para outra, torna-se possível atribuir a cada uma das quatro variáveis intermediárias, a distância entre a taxa de fecundidade observada e a taxa de fecundidade natural que daí resulta.

A partir da classificação de vários países segundo a fecundidade observada, Bongaarts está em condições de determinar a parte relativa de cada uma das variáveis intermediárias, consoante as diferentes fases da transição demográfica.

Assim, quando a fecundidade é elevada, o aleitamento é o factor explicativo principal da distância entre a fecundidade máxima e a observada; quando esta é fraca, é a contracepção que está em causa.

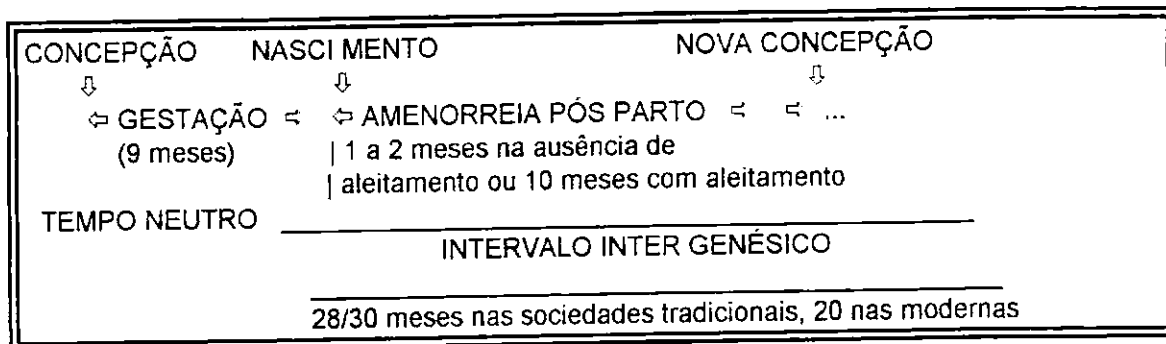
Esta pesquisa tem, não apenas o interesse de demonstrar que 97 % da variância entre a fecundidade "potencial" e a fecundidade observada resulta do efeito inibidor de quatro variáveis intermediárias, mas sobretudo de cifrar a contribuição respectiva de cada variável.

---

<sup>29</sup>Bongaarts, John e Potter, Robert, "Fertility, biology, and behavior. An analysis of the proximate determinants", *Studies in population*, Academic Press, USA, 1983 e Tapinos, Georges, "Éléments de démographie", ed. Armand Colin, Paris 1985

## 2.3 - OS FACTORES BIOLÓGICOS NA FECUNDIDADE

Vista a partir da perspectiva biológica, a fecundidade depende de três séries de factores: do intervalo entre a idade da primeira menstruação e a menopausa<sup>30</sup>, da esterilidade<sup>31</sup> e da fecundabilidade<sup>32</sup> (o tempo neutro<sup>33</sup> entre a gestação<sup>34</sup> e a amenorreia pós-parto<sup>35</sup>). O esquema seguinte dá conta da biometria da fecundidade.



## 2.4 - O EFEITO DA MORTALIDADE NA FECUNDIDADE

Ao número dos factores que agem sobre a fecundidade, vem juntar-se a mortalidade. Segundo Preston (1975)<sup>36</sup>, uma diminuição da mortalidade pode afectar a fecundidade. Permite um crescimento da fecundidade porque o número de mulheres casadas que sobrevivem até ao fim da sua vida fecunda aumenta. O autor evoca por outro lado, que a baixa da mortalidade infantil pode fazer diminuir a fecundidade. Quando a mortalidade infantil diminui, o intervalo entre dois nascimentos sucessivos alonga-se, a sobrevivência do recém-nascido reduz o período fecundo, sobretudo em caso de aleitamento. Daí resulta que a diminuição da mortalidade infantil implica uma diminuição da fecundidade, pelo menos a médio prazo. A medida destes diferentes mecanismos é delicada, pois põem em jogo elementos biológicos e variáveis de comportamento.

<sup>30</sup> Cessação definitiva das regras menstruais.

<sup>31</sup> Incapacidade de procriar.

<sup>32</sup> Probabilidade de conceber durante um ciclo menstrual, na ausência de contracepção e fora do "tempo neutro".

<sup>33</sup> Período que segue uma "concepção" durante o qual a mulher está inapta a conceber.

<sup>34</sup> Gravidez.

<sup>35</sup> Esterilidade temporária após a gestação.

<sup>36</sup> Preston (1975) in Tapinos, Georges, "Éléments de démographie", ed. Armand Colin, Paris 1985, 109-110.

## 2.5 - O EFEITO DOS FACTORES SOCIOECONÓMICOS NA FECUNDIDADE

Para além das variáveis instrumentais através das quais se exercem os comportamentos, a análise dos determinantes da fecundidade remete para uma série de factores socioeconómicos.

O facto novo é a multiplicação dos trabalhos visando medir a incidência respectiva de cada factor.

Pressat<sup>37</sup>, interroga-se acerca dos factores que explicam as diferenças de comportamento em matéria de fecundidade. Segundo este autor, as características em causa encontram-se mais ou menos estreitamente associadas em cada um dos indivíduos; e dificilmente se pode decidir qual ou quais têm uma influência determinante. O ideal é poder estudar a variação da fecundidade em função de uma característica particular, isolando todas as outras variáveis.

Isto leva, por vezes, a fragmentar a população a estudar, numa imensidade de subgrupos. A maior parte destes subgrupos são representados por efectivos muito pequenos para que as medidas sejam significativas.

Segundo Pressat, um dos factores mais constantes na origem da diferenciação da fecundidade é o lugar de residência: a urbanização, criando novas condições de vida menos favoráveis à expansão da família, acompanhou-se sempre de uma fecundidade mais fraca. É certo que na cidade as possibilidades de ascensão e de mobilidade social são maiores, a diferenciação da sociedade mais marcada, a diferenciação das ideias e dos modos culturais mais intensa, todas as condições favoráveis à instalação de atitudes mais racionais.

Outros vectores, como o nível de rendimento, o nível social e o nível cultural, estão na maioria das vezes, em correlação negativa com o nível de fecundidade.

A pertença religiosa também pode estar na origem de diferenças sensíveis da fecundidade, apesar de nenhuma lei universal se destacar.

---

<sup>37</sup>Pressat, Roland, "Démographie Sociale", ed. PUF, s. d.

Maria Filomena Mendes<sup>38</sup> na sua tese intitulada "Análise sociodemográfica do declínio da fecundidade da população portuguesa na década de 80", analisa as relações de causa e de efeito da fecundidade com todo o sistema económico, social e normativo de uma sociedade.

A par da análise estritamente demográfica, Maria Filomena Mendes propõe, na sua tese, estabelecer um sistema de relações causais, motivadoras e explicativas da situação da fecundidade. A relação entre a demografia e as outras ciências sociais, nomeadamente a sociologia e a economia, permite integrar a análise das tendências comportamentais nas diferentes perspectivas de teoria analítica, próprias de cada ciência.

*Segundo Maria Filomena Mendes<sup>39</sup>, a fecundidade é um comportamento social, cultural e biológico. A fecundidade é uma questão tão complexa que se torna difícil encontrar uma explicação única, válida para todas as situações. Assim, compreender os mecanismos que influenciam e explicam a fecundidade tem vindo a constituir uma árdua tarefa; no plano da teoria analítica surgem várias tentativas de explicação: estudos dominados pelas perspectivas demográfica e demo-económica.*

Os estudos empíricos, realizados na perspectiva de análise sociodemográfica da fecundidade, permitem concluir que existem variações no nível de fecundidade observado, em função da pertença ou identificação das mulheres com determinados grupos da população, caracterizados por diferentes níveis em determinadas variáveis que se passam a considerar responsáveis por uma situação de fecundidade particular.

Estas variáveis são nomeadamente, a educação, a origem rural/urbana, a coorte a que a mulher pertence, a religião, a idade na ocasião do primeiro casamento e a sua duração, a ocupação e a participação no mercado de trabalho, o rendimento, os gostos em relação aos filhos comparativamente com outras actividades, a informação e os custos monetários e psicológicos da adopção de práticas de regulação da fecundidade.

---

<sup>38</sup>Mendes, Maria Filomena Ferreira, "Análise Sociodemográfica do declínio da fecundidade da população portuguesa na década de 80", Dissertação de Doutoramento, Volume I, Évora, 1992.

<sup>39</sup> Idem.

Algumas destas variáveis têm, evidentemente, um efeito directo sobre a fecundidade enquanto outras terão igualmente um efeito, só que indirecto, actuando sobre outras variáveis que, por sua vez, influenciarão a fecundidade.

Para Maria Filomena Mendes, não existe uma teoria geral da fecundidade humana que permita oferecer uma explicação satisfatória do comportamento reprodutivo em todas as sociedades, em todas as épocas.

Perante a impossibilidade de uma explicação satisfatória, discutem-se as novas tendências do comportamento reprodutivo das populações humanas. Todavia, a análise da evolução populacional, não se limita à esfera formal da análise demográfica. O que se pretende conhecer é a interdependência entre as variáveis demográficas e as outras, externas aos modelos demográficos.

Devido à multiplicidade de variáveis que influenciam o comportamento social em geral, e o reprodutivo em particular, uma parte cada vez mais significativa da variância das variáveis demográficas é explicada por variáveis não demográficas. Assim, o comportamento reprodutivo tem sido objecto de múltiplos estudos interdisciplinares. As diferentes áreas misturam, acontecimentos (o acto ou a decisão de casar, ter filhos, trabalhar, utilizar contracepção, por exemplo), unidades (indivíduos, casais, famílias extensas, classes sociais), conceitos (atitudes, valores, normas), classificações (as das ciências sociais), permitindo o mesmo nível de perspectiva em diferentes áreas das ciências sociais.

As teorias que se revelam com maior capacidade para interpretar e prêver o comportamento fecundo, são provenientes do campo da micro-análise. Foi-se abandonando, progressivamente, o conceito de sociedade homogénea e coerente, defendendo-se com maior ênfase um modelo explicativo que dê maior relevância ao indivíduo, enquanto personalidade autónoma, que toma decisões em função das suas condições de socialização e das suas circunstâncias.

Distinguem-se as perspectivas que destacam a família como elemento de decisão, e as que se centram na análise do quadro de preferências e nas motivações do indivíduo.

Nesta perspectiva de investigação que se baseia numa análise mais fragmentada dos dados, pretende-se uma explicação do comportamento diferencial da sociedade o que resulta de alterações nas características individuais. No entanto, estas teorias, também designadas por teorias das motivações individuais, pretendem estabelecer uma ligação entre a estrutura e a mudança do sistema de valores da sociedade, do impacto das alterações económicas, sociais e políticas no contexto social do comportamento individual e familiar. Deste modo, não só se analisa o processo de tomada de decisão, mas também a intensidade da influência do sistema de normas e valores da sociedade. Esta influência é medida através de alguns indicadores como as preferências do casal, o impacto dos processos de socialização por parte das famílias de origem, a experiência adquirida e a ligação a grupos de referência.

As perspectivas teóricas de explicação com base no indivíduo fundamentam-se na capacidade de decisão da família (do casal ou do indivíduo) face a um conjunto de bens disponíveis. Parte-se do pressuposto de que a família procede a uma avaliação desses bens, em função do seu quadro de preferências, que, por sua vez, é determinado, em parte por condições estruturais, em parte pelas normas aceites na sociedade, e ainda pela experiência adquirida. Na realidade, a família decide entre as diferentes oportunidades que competem entre si no que respeita a rendimento, tempo e envolvimento emocional. A dimensão familiar planeada, isto é, o número de filhos e a utilização de contraceção, encontram-se entre as opções que se colocam às famílias.

Em conclusão, podemos dizer que, em termos de investigação, se tem vindo a caminhar para uma tendência de substituição de teorias de grau agregativo para outras fundamentadas em conceitos de comportamento individual.

No campo da micro-análise foram surgindo, nas últimas décadas, as perspectivas mais promissoras em termos de capacidade de interpretação e previsão dos valores de fecundidade. No entanto, encontramos autores que argumentam que, devido à complexidade dos determinantes (socioeconómicos, socio-culturais e biológicos) da fecundidade, uma "teoria da fecundidade" se limita a uma explicação plausível *post factum*, o que significa que muito se pode interpretar, mas pouco pode ser previsto. Todavia, face à introdução de racionalidade no processo de decisão da fecundidade, tem aumentado o interesse dos cientistas sociais pelas capacidades de explicação da análise centrada nas decisões individuais no que respeita à dimensão familiar.

### 2.5.1 - As teorias "económicas" da fecundidade

Na sua classificação das variáveis que afectam a fecundidade, R. Freedman<sup>40</sup>, acentuou particularmente a importância das normas para mediatizar uma grande parte do impacto da "estrutura social e económica" sobre as variáveis intermediárias.

Freedman, estudou e procurou apreciar o impacto respectivo dos factores económicos e não económicos na fecundidade. A fecundidade dos casais é calculada pelo número de filhos vivos e as variáveis explicativas são "económicas" (para o marido: o rendimento do ano precedente ao inquérito, o rendimento do ano do inquérito e, para a mulher: o número de anos de actividade desde o casamento, o seu rendimento, o seu estatuto de actividade e, as suas esperanças de actividade futura), e "não económicas", sociais e demográficas, (a atitude da mulher face à limitação do número de nascimentos, a idade da mulher, o seu meio de educação, a sua religião, o sucesso socio-profissional do marido, a educação do marido e, a origem agrícola do casal). A variável específica de análise é o rendimento relativo do marido: trata-se de saber como se situa o rendimento do marido em relação ao rendimento médio do grupo social ao qual ele pertence<sup>41</sup>.

---

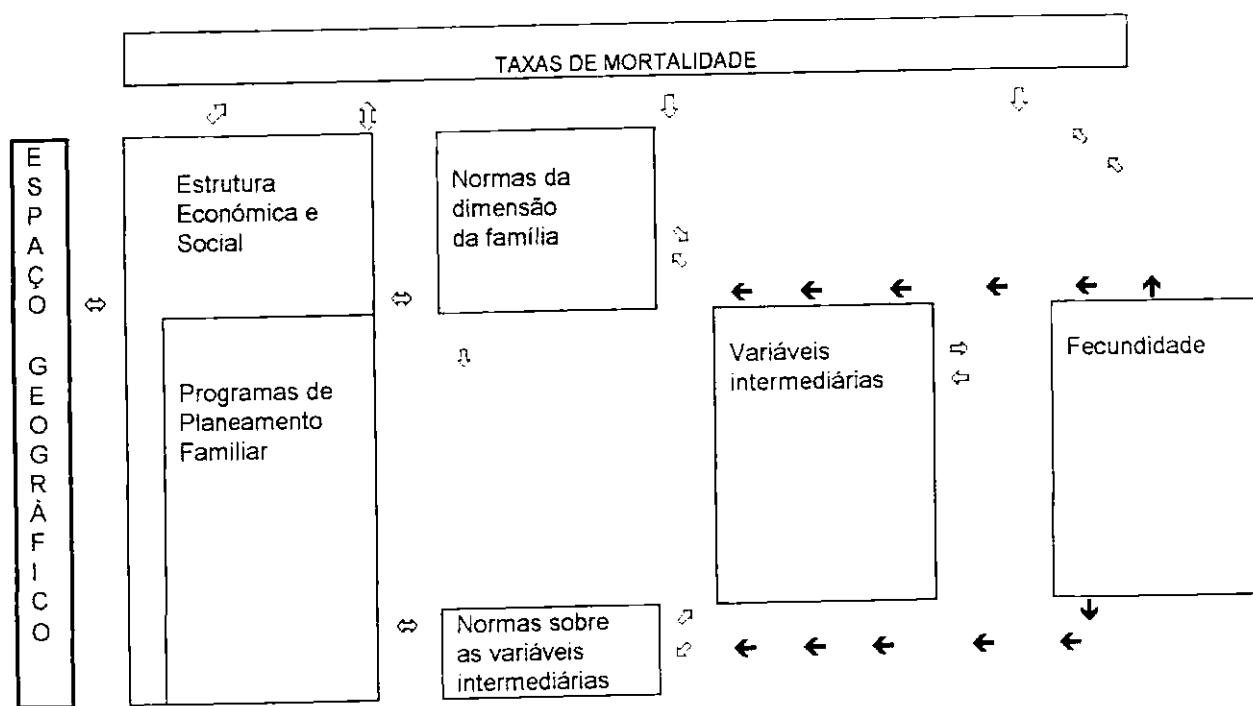
<sup>40</sup>Tapinos, Georges. "Éléments de démographie", ed. Armand Colin, Paris 1985 e Bartiaux, Loriaux e Gérard, "Sociologie de la population", demo 3120, Institut de démographie, Paris. s.d

<sup>41</sup>A ideia é que os custos de educação da criança dependem das normas sociais impostas pelo grupo de pertença e que no interior de um dado grupo os pais não têm escolha face ao volume de despesas consagradas ao filho.

Por consequência, um indivíduo que tenha um rendimento inferior ao rendimento médio do seu grupo é sujeito a encargos aos quais se não pode escapar e arrisca-se a ter uma família menos numerosa do que aquela que o rendimento médio do seu grupo permitiria prever. Dá-se o caso inverso se o seu rendimento for relativamente mais elevado.

Os resultados demonstraram que as variáveis económicas têm um papel limitado na explicação das diferenças de fecundidade, mas que a tomada em conta das variáveis demográficas e sociais só acrescenta uma pequena parte à variável explicada. Por sua vez, ele vem demonstrar que a distinção baseada no número de anos de duração do casamento, é essencial<sup>42</sup>.

Mais uma vez, pensamos ser mais claro visualizar o esquema que se segue e que constitui o modelo para a análise sociológica dos níveis de fecundidade, de Freedman :



<sup>42</sup>Para os casais casados há pelo menos dez anos, a variável económica determinante é o rendimento relativo do marido. Para os casados há mais de cinco e menos de dez anos, a variável determinante é o número de anos de actividade da mulher desde o casamento (a fecundidade sendo cada vez mais baixa quanto mais elevado for o tempo de actividade).

Acompanhando alguns trabalhos econométricos sobre os determinantes da fecundidade, a análise de G.Rodriguez e J.Cleland (1981)<sup>43</sup> apresenta a vantagem de dar os resultados comparáveis para um conjunto de vinte países a partir da exploração do inquérito mundial à fecundidade, onde é analisada, a incidência de seis variáveis socioeconómicas sobre a fecundidade.

A variável dependente é a fecundidade legítima, as variáveis independentes são respectivamente: o lugar de residência (rural/urbano), o nível de instrução (em quatro níveis), o estatuto profissional (distinguindo os trabalhadores independentes, as ajudas familiares por um lado, o resto dos activos por outro), a actividade do marido (quatro níveis), o nível de instrução e o estatuto profissional da esposa (consoante esta esteja activa, trabalhe na agricultura, ou por conta da sua família, ou que esteja empregada fora da sua família de pertença). O questionário foi apenas aplicado às mulheres.

Duas conclusões gerais podem-se destacar da análise estatística destes dados: a existência de diferenças muito importantes de um país para outro, o que parece excluir qualquer modelo explicativo único, e a parte relativamente fraca da variância explicada pelos factores socioeconómicos tomados em consideração.

Com estas reservas, os resultados confirmam o que era esperado mas com muitas "nuances" com interesse. Assim, a fecundidade é geralmente mais forte em meio rural; quanto mais elevado for o nível de instrução do marido ou da mulher mais fraca é a fecundidade. A actividade feminina parece ter em todas as circunstâncias um efeito importante. A fecundidade não parece estar ligada de forma estreita ao estatuto profissional do marido. Quando se compara o peso relativo das características ligadas à mulher em relação às do marido, aparece que, em certas regiões do mundo, em particular nas ilhas das Caraíbas ou na América Latina, as variáveis socioeconómicas caracterizando a mulher, têm um papel preponderante. Uma tal abordagem, interroga a questão dos mecanismos através dos quais a influência das variáveis se faz sentir.

---

<sup>43</sup> Tapinos, Georges, "Éléments de démographie", ed. Armand colin, Paris 1985

### **III - A REALIDADE AFRICANA, EM CONTEXTO URBANO, E A FECUNDIDADE**

Daniel C. Clay<sup>44</sup> afirma que, a contribuição que a criança dá ao bem estar económico e social dos pais, é citado como a principal razão pela qual os pais nos países de terceiro mundo, optam por famílias numerosas. Existe uma teoria que combina duas linhas de pensamento emergindo no conceito de "fluxos de riqueza/prosperidade"<sup>45</sup>.

A ideia é a seguinte: a criança começa a suportar economicamente os pais desde uma idade precoce, aumentando cada vez mais a responsabilidade pela sua família, até se tornar total, no momento da velhice dos pais.

Esta teoria combina a teoria que explica o elevado número de filhos devido a uma segurança por parte dos pais na velhice, e outra que explica o mesmo através da importância do papel de contribuinte financeiro dos filhos na família, desde muito novos.

Para além destas duas funções, a elevada fecundidade também significa "status", prestígio, honra e dignidade social perante os outros. Muitas vezes só assim, a mulher é aceite e valorizada pela família e pelo marido.

#### **3.1 - A FAMÍLIA AFRICANA**

Uma análise do tipo funcionalista vê a família enquanto função. A função de reprodução exprime a importância da família na procriação, mas esta função não é exclusivamente da família, como o demonstram o número de concepções pré-nupciais, ou ainda o número crescente de mães solteiras.

---

<sup>44</sup>Clay Daniel, "Patterns of intergenerational support and childbearing in third world"

<sup>45</sup> Traduzido do termo inglês "Wealth flows".

- A função de socialização indica o lugar central da família na aprendizagem e na integração dos modelos culturais.
- A função de produção caracteriza a família reagrupada em função de uma exploração agrícola, de uma actividade artesanal, ou de um comércio.
- A função de consumo exprime a importância do quadro familiar nas despesas.
- A função de refúgio e protecção: a família é um lugar de solidariedade, de partilha, o que não impede a noção de conflito e de ruptura.
- A função de transmissão de património indica o papel central da família na transmissão de bens e de propriedade.

Litwak<sup>46</sup>, propõe chamar às famílias conjugais de hoje, "*a família alargada modificada*", mas numerosos autores mostram que a família alargada, da forma como ela funciona no meio rural, e nos países em vias de desenvolvimento, leva o indivíduo a respeitar certas normas atitudes e comportamentos, que desapareceram nas relações das famílias urbanas de hoje, com os membros da família mais afastados.

O artigo de Georges Balandier<sup>47</sup> sobre "a família africana na cidade" é explícito neste aspecto: o autor refere as ligações económicas existentes entre o grupo familiar na cidade e o resto da sua família que fica na aldeia, ou no campo. Por exemplo, um filho vivendo na cidade, dispondo de um maior rendimento, toma conta dos seus irmãos mais novos. As ligações económicas não são as únicas, sendo mais frequentes as ligações permanentes entre os cidadãos e a sua terra natal, sobretudo na perspectiva da velhice vir a ser passada no meio de origem. Existe uma reciprocidade de influências entre a cidade e o campo, certas obrigações e certas crenças. No entanto, uma transformação capital desenvolve-se: a noção já referida, de "escolha".

<sup>46</sup> in Michel, Andrée, "La sociologie de la famille", Ed. Mouton, Paris, 1970.

<sup>47</sup> in Michel, Andrée, "La sociologie de la famille", Ed. Mouton, Paris, 1970.

Por isso as famílias conjugais das sociedades industriais são livres de escolher. Daí oporem-se às famílias tradicionais alargadas.

A ligação étnica e as ligações que impõem os sistemas de parentesco não podem assegurar nos centros urbanos a coesão que mantêm nas sociedades tradicionais. No domínio das relações de parentesco, o facto imediatamente aparente é o de uma redução do grupo familiar.

Estudar a família no seu contexto, não é somente situá-la nas suas interacções com os outros "subsistemas", mas também situá-la num meio económico, demográfico e numa determinada classe social. Estudos sobre as relações da família com a economia, mostram como a família varia consoante o tipo de economia: de um modo geral a família restrita encontrava-se nas sociedades de caça e colheita, enquanto a alargada se encontrava sobretudo nas sociedades agrícolas. O tamanho da família varia segundo a produção alimentar, o grau de mobilidade espacial, o tipo de propriedade e de estratificação social.

Incluindo na análise da fecundidade, consoante o tipo de família, as variáveis intermediárias pertinentes, podemos melhorar os estudos diferenciais, valendo tanto para a fecundidade das famílias *poli* e *monogâmicas*, como para as famílias nucleares e alargadas. Muitas vezes, na cidade, o controlo por parte dos mais velhos é menor, o que vai acentuar em muito a fecundidade fora do casamento.

Em África, segundo Lauras-Locoh<sup>48</sup> mais do que em outro lugar, as instituições familiares estão no centro das sociedades. Longe de se limitar à esfera da reprodução biológica e da solidariedade entre gerações, os grupos familiares têm uma influência determinante como unidades de produção económica, contribuem largamente para o controlo social e têm igualmente um papel importante no domínio religioso, e mesmo no domínio político.

Só podemos analisar e interpretar as mudanças económicas, sociais e demográficas, situando-as no contexto das famílias e da sua evolução.

---

<sup>48</sup>Lauras-Locoh, Thérèse, "Evolution de la famille et transition démographique en Afrique", in *Revue Internationale des Sciences Sociales*, nº126, Nov 1990.

Este lugar predominante da família nas sociedades estará ameaçado pelas mutações ocorrentes em África?

Escolarização, modernização, transformações económicas, urbanização, irão quebrar as estruturas tradicionais, em proveito de novos modelos inspirados no ocidente?

Consoante se é antropólogo, economista ou demógrafo, a família remete para realidades diferentes. Na Europa e nos países desenvolvidos, unidade de residência e família biológica reduzida a uma célula pais-filhos, coincidem. Mas em África, é impossível tal definição. É certo que os lares, unidades residenciais de base, são formados à volta de um núcleo familiar mas muitas vezes os filhos vivem noutra casa, ou as mulheres não vivem com os maridos. O lar acolhe além da família biológica, outros membros da família, ou outras pessoas menos próximas tendo ou não laços sanguíneos.

Uma família, além de ser um lugar de vivência comum, é um conjunto de indivíduos unidos pelo sangue ou por aliança. É através destas novas alianças, e das descendências que se renovam as famílias. O casamento depende de escolhas individuais, mas mais ainda, da própria família que exerce um controlo eficaz sobre os jovens, com normas e estratégias familiares. Quanto à descendência do casal, também é "assunto" de todo o grupo familiar, muito mais do que nas sociedades modernas.

A "entrada em união" é uma perspectiva quase certa para os Africanos, mesmo que seja travada pela necessidade de acumular a compensação matrimonial, ou acelerada por vezes por uma gravidez. Um indivíduo só é bem considerado se tiver filhos. Muitas vezes o próprio casamento não se confirma por cerimónias públicas, fica-se numa aliança, de carácter privado, entre as duas famílias.

No quadro da mudança social na família, notam-se modificações das relações interpessoais entre homem e mulher nalguns países de África,

sobretudo nos meios urbanos, devido em parte a um aumento da liberdade feminina nas sociedades em que se verifica uma rápida urbanização.

A "modernização" dos países do 3º mundo não conduz necessariamente a modificações convergentes dos seus sistemas familiares no sentido "da" família nuclear: múltiplos contra-exemplos foram realçados, pois a urbanização e a industrialização podem requerer certas formas de família alargada, para cobrir a crise da habitação ou do emprego, ou permitir o trabalho assalariado feminino.

Acreditou-se de uma forma errada que o desenvolvimento económico do 3º mundo nuclearizava necessariamente as famílias, pensando-se que esta transformação dos lares forma uma condição prévia para o declínio da fecundidade. Mas esta 2ª etapa do raciocínio merece ser estudada cuidadosamente.

Estudar a *fecundidade* no seio da família só leva a explicar as diferenças de comportamentos reprodutivos nos casos em que a família é o lugar reconhecido e efectivo da procriação. Se tal for o caso, a fecundidade pode ser vista como um produto do destino da estrutura familiar: formação, dissolução, recomposição. Para a mulher, o início e o fim da procriação assim como o intervalo dos nascimentos serão os elementos privilegiados de descrição do seu ciclo familiar. Mesmo quando se estudam estas populações que consideram que a fecundidade pertence ao foro familiar, o tipo de família não aparece sempre como o determinante dos comportamentos de fecundidade.

Numerosos autores tentam estabelecer uma relação de causalidade entre uma estrutura familiar não nuclear, seja ela alargada ou polígama e uma fecundidade elevada.

A maioria dos estudos não revela diferenças significativas entre a fecundidade das famílias nucleares e alargadas (ou então revela uma fecundidade ligeiramente superior nas famílias nucleares).

É tão importante estudar o impacto das estruturas familiares sobre as variáveis intermediárias, como a influência destas na fecundidade .

Mais do que a estrutura familiar, as relações de poder e as relações entre gerações podem explicar as mudanças relativas às diversas variáveis intermediárias.

As estruturas familiares, em particular a sua nuclearização, podem ter uma influência sobre a fecundidade, mas para a bem medir, não basta comparar a fecundidade das mulheres segundo o tipo de estruturas familiares. É também indispensável estudar o problema em termos de ciclo de vida familiar, ou seja, considerar a família como uma unidade dinâmica em que a estrutura se pode alterar ao longo do tempo.

Para compreender as diferenças eventuais consoante o tipo de família, é preciso centrar a atenção sobre as variáveis intermediárias (idade a quando do casamento, comportamentos em matéria de contraceção, de abstinência ou de amamentação, frequência de rupturas de união,...) e nos mecanismos ligados à estrutura familiar ou às suas transformações que influenciam estas variáveis intermediárias.

A análise do fenómeno de mudança de atitudes face à fecundidade passa pelo estudo dos factores responsáveis: os factores demográficos e os factores socioeconómicos.

Os factores demográficos condicionando a mudança dos comportamentos familiares são numerosos: idade no casamento, estrutura por idades da população, estatuto matrimonial dos cônjuges, modelo de fecundidade e de nupcialidade, nível de mortalidade.

A idade na ocasião do casamento, é determinante no que diz respeito à descendência final.

Deveríamos esperar uma mudança de atitudes face à fecundidade por parte das famílias urbanas em África, pois a juventude desta população deveria torná-la mais maleável em aceitar famílias de tamanho mais reduzido. A mudança faz-se lentamente e será preciso algum tempo para que esta seja determinante na fecundidade.

Os indivíduos que migraram para a cidade há mais de vinte anos, guardarão provavelmente até ao fim das suas vidas, o modelo de

fecundidade que herdaram dos seus pais. No entanto, os factores demográficos são incapazes por eles só de determinar a transformação dos comportamentos familiares.

A influência dos factores de ordem socioeconómica como o rendimento familiar, o nível de instrução, a origem da família, a facilidade do divórcio, os costumes e as tradições, o tipo de reagrupamentos familiares, a mobilidade conjugal, o uso de métodos contraceptivos, a prática do planeamento familiar e a abstinência pós-parto também afectam os comportamentos familiares e a sua evolução.

Uma das maiores dificuldades está sem dúvida ligada à situação económica dos indivíduos: os baixos rendimentos, a fragilidade dos orçamentos familiares, o aumento fulgurante dos preços, a permanência de situações de instabilidade, levaram à aparição da família de fraca importância numérica que é, em grande parte, devida à restrição voluntária da fecundidade, sobretudo através dos meios anticonceptivos.

A análise da fecundidade diferencial dos casais, consoante as actividades económicas exercidas pela mulher ou o seu cônjuge, indica que o nível de fecundidade varia sensivelmente conforme a natureza destas actividades. Constatou-se uma diferença significativa do nível de fecundidade entre as mulheres agrícolas e as não-agrícolas. Consequentemente, é difícil dissociar o efeito da natureza do lugar de residência do tipo de actividade exercida, sobre a fecundidade. O exercício de uma actividade por parte da mulher está relacionado com o seu nível de educação, o seu meio de residência, assim como com o seu envolvimento socioeconómico.

De qualquer modo os factores seguintes podem ser susceptíveis de explicar, a diversos níveis, o mais fraco nível de fecundidade das mulheres exercendo profissões não-agrícolas (profissões liberais, indústria, comércio, serviços).

A idade na ocasião do primeiro casamento é mais tardia em função da escolaridade ou da formação necessária às actividades exercidas:

- O nível de instrução mais elevado, contribui para uma percepção acrescida das incidências económicas de uma progenitura numerosa.
- O nível mais baixo da mortalidade infantil anula ou trava a procriação compensadora que se observa nas mulheres agrícolas.
- Os encargos ligados a certo tipo de actividades exigem disponibilidade para a mulher.

- O acesso a métodos e produtos contraceptivos é mais fácil para as mulheres da cidade dado ao seu nível de vida mais elevado.

Poder-se-ia formular a hipótese de que o meio urbano e as actividades do sector não agrícola parecem manter a fecundidade a um nível mais moderado, enquanto o sector rural e o sector agrícola estão na origem de um comportamento mais natalista das mulheres.

Homens e mulheres estão cada vez mais informados sobre o planeamento familiar, mas o comportamento e as aspirações das famílias mudam pouco, excepto nas elites urbanas.

Os sistemas familiares favorecem e transmitem práticas que facilitam o exercício de uma forte fecundidade, considerada como uma peça central do bem estar do grupo familiar. Estas práticas diferem de uma sociedade para outra, mas certos aspectos são constantes: o estatuto dos indivíduos na sua linhagem de origem e na linhagem de aliança está fortemente ligado à sua descendência. As decisões em matéria de fecundidade exprimem mais a relação do indivíduo com o seu grupo do que a relação entre os cônjuges que raramente têm estratégias sociais, económicas e de reprodução em comum.

A responsabilidade sobre os filhos não é exclusiva dos pais biológicos; é assegurada, pelo menos em parte, pelos outros adultos da linhagem, paterna ou materna consoante as etnias. O prestígio associado a uma numerosa descendência está ligado aos pais, mas as prestações esperadas (ajuda na velhice e na produção doméstica) e os custos durante o seu crescimento são partilhados por todo o grupo familiar. As vantagens em diminuir a fecundidade são por isso esbatidas. Aquele que tiver muitos filhos verá a solidariedade da família alargar-se.

Na maioria das sociedades africanas o essencial da alimentação quotidiana dos filhos, é assegurado pelas mulheres que residem com estes, e são elas que se encarregam directamente dos "custos" da educação das crianças. As crianças são muito importantes para as mulheres e o único meio de melhorar o seu estatuto social e económico. Para além disso, as suas crianças serão uma ajuda nos trabalhos domésticos e assegurarão a velhice dos pais.

Talvez por isso as mulheres, apesar das responsabilidades pesadas, não tenham ainda posto em causa a ideologia da forte fecundidade. A aventura das famílias restritas só tenta uma pequena fracção da população, em geral pertencendo às classes médias das cidades, e os Estados por seu lado só com prudência dão o seu apoio aos programas de planeamento familiar, tão opostos à experiência secular das famílias.

### 3.2 - OS EFEITOS DO ESTATUTO DA MULHER AFRICANA NA FECUNDIDADE

Para certos autores, o estatuto das mulheres reduz-se ao seu nível de instrução, ou à sua actividade económica. Esta simplificação tem sido debatida pela equipa de Oppong (1980)<sup>49</sup>, que aproximou o conceito de estatuto da mulher à teoria dos papéis, baseando-se no facto de a mulher poder ocupar sete papéis na sociedade para poder determinar o seu estatuto.

Trata-se dos papéis parental, conjugal, económico, doméstico, familiar, comunitário e ainda do papel individual.

Este processo oferece a vantagem de considerar o estatuto da mulher não como unidimensional, mas como multidimensional. É com a mesma ordem de pensamento que podemos definir a variável estatuto da mulher urbana como uma variável agregada a partir de estruturas sociais dominantes presentes em meio urbano em determinado momento.

A variável *estatuto da mulher*, como variável explicativa da evolução demográfica, remete para Schultz (1969)<sup>50</sup>, que reteve o acesso da mulher ao rendimento (salários), como indicador do seu *estatuto*. Diversos outros autores consideraram o nível de instrução (Germain<sup>51</sup>, 1975). São abordagens de carácter muito parcial, porque o *estatuto* detém uma complexidade de interrelações.

---

<sup>49</sup> in Les familles d'aujourd'hui, Colloque de Genève (17/20 Septembre 1984), n°2, Association internationale des démographes de langue française, 1986.

<sup>50</sup> Idem.

<sup>51</sup> Idem

Um inquérito realizado em Lomé<sup>52</sup>, orientado para a variável estatuto da mulher e a sua relação com a fecundidade, mostra que as migrações têm um papel muito importante na definição da variável estatuto, quantitativamente e qualitativamente.

### 3.3 - O VALOR DA CRIANÇA NA SOCIEDADE AFRICANA

Como já referimos, o valor da criança na sociedade africana é determinante para o bem-estar social e económico dos seus pais, razão pela qual os pais têm famílias numerosas. Existem três teorias em torno deste conceito de valor da criança, que se tornaram importantes no campo da pesquisa sobre a fecundidade:

- A primeira é a teoria de que a elevada fecundidade é motivada pelas necessidades dos pais para a segurança social e económica na sua velhice.
- A segunda desenvolveu-se à volta da ideia de que as famílias pobres podem sair dessa mesma pobreza através dos recursos gerados por um número elevado de filhos, na idade activa.
- A terceira é a convergência das duas primeiras para a criação de um novo conceito: o conceito de "fluxos de riqueza". Este conceito assenta na crença de que as crianças começam a suportar a economia familiar muito cedo, e a importância deste suporte cresce no tempo até se tornarem responsáveis pelos pais em idade avançada. A noção do valor socioeconómico da criança é muitas vezes esquecida pelos demógrafos, quando se limitam a analisar dados em larga escala.

---

<sup>52</sup>Tabutin, Dominique e Bartiaux, Françoise. "Structures familiales et fecondité dans les pays en voie de développement, problemes de mesure et elements d'explication", in Les familles d'aujourd'hui, Colloque de Genève (17/20 Septembre 1984), n°2, Association internationale des démographes de langue française, 1986.

#### IV - DEFINIÇÃO DO OBJECTO DE ESTUDO

Nas últimas décadas tem vindo a assistir-se a múltiplos estudos acerca da evolução da fecundidade, visando a determinação das causas de uma fecundidade diferencial no mundo, assim como a previsão das implicações do "comportamento fecundo" da população. A análise dos determinantes demográficos, geográficos, sociais e económicos, têm levado os investigadores a prever e caracterizar a fecundidade, descobrir as relações causais explicativas do comportamento fecundo e atenuar os efeitos das consequências indesejadas desse comportamento. Tudo isto leva a que tenha havido um significativo aumento da importância conferida ao estudo da fecundidade, e sobretudo ao estudo dos seus determinantes socioeconómicos.

O papel do demógrafo é o de caracterizar as diferenças encontradas na fecundidade, ou deve ele também propor uma explicação destas diferenças? Enquanto uns insistem na observação dos resultados e suas diferenças, outros interessam-se sobretudo no estudo de variáveis tanto demográficas como socioeconómicas, explicando as diferenças observadas.

A problemática que anima a nossa investigação reside na identificação das variáveis determinantes da fecundidade. Ao afirmarmos que a fecundidade varia consoante as características socioeconómicas das mulheres e do grupo a que estas pertencem, seria interessante observar no nosso estudo, em que medida e de que forma esta se realiza.

Pensamos que uma análise diferencial, demográfica dentro de uma perspectiva sociológica ampla, é a vertente mais indicada para o presente estudo, permitindo a caracterização e a explicação de forma simultânea e sistemática.

O estudo do comportamento da população, em matéria de fecundidade, é geralmente feito a partir da pesquisa do comportamento distinto das sub-populações em causa. Estas são geralmente identificadas, fraccionando a população segundo diversos critérios: meio de residência, estatuto socio-

profissional, idade, estado civil, pertença étnica, religiosa, linguística, etc. Estes critérios tornam-se nos factores de diferenciação dos comportamentos demográficos, mas são também os factores destas mesmas diferenças.

De facto, o recurso a uma variável para categorizar a distribuição de um fenómeno, supõe que exista uma relação estatística entre esta variável e o fenómeno estudado. A análise, tem por isso, o objectivo de confirmar a existência desta relação e de mostrar a sua importância.

O recurso à análise diferencial pode ter vários objectivos: podem-se estudar e medir as causas, factores e processos ligados a um fenómeno pelo exame das diferenças, mas pode ainda servir para discriminar classes ou grupos de indivíduos, ou reagrupar múltiplas variáveis em componentes principais de um fenómeno. Na realidade, usamos a análise das diferenças na maioria dos estudos de comportamentos dos indivíduos e dos grupos.

O estudo da fecundidade diferencial é da maior importância dado que permite conhecer a variação da fecundidade em função das mais diversas vertentes : demográficas, sociais, económicas, culturais.

A análise diferencial consiste em estudar as características que identificam grupos de indivíduos homogéneos quanto a normas, valores e comportamentos que seriam susceptíveis de explicar a variação do fenómeno demográfico estudado.

Pretende-se com este estudo realizar um trabalho de investigação centrado numa problemática em demografia social, mais particularmente, da fecundidade diferencial, tendo por objecto de estudo a *fecundidade diferencial das mulheres da cidade de Maputo, no seio da sociedade moçambicana*.

O trabalho que se pretende realizar representa uma perspectiva de abordagem dos problemas sociais e demográficos bastante actual dentro do contexto africano, centrado no conceito de fecundidade e na relação entre este último e as características socioeconómicas da população feminina, assim como do grupo familiar a que pertencem.

O tipo de análise demográfica que se pretende realizar define-se através do conceito de *fecundidade diferencial*. Este conceito, cada vez mais

desenvolvido na área de demografia social, é fundamental para a compreensão da inter-relação entre os fenómenos demográficos e os fenómenos sociais, permitindo igualmente a criação de tipologias de comportamentos reprodutivos relativamente a subgrupos da população.

Pretendemos também, com esta investigação, verificar duas hipóteses gerais:

- Em primeiro lugar, verificar se a fecundidade varia segundo determinadas variáveis socio-económicas ou culturais (e de que forma estas contribuem para o seu carácter diferencial).
- Em segundo lugar, responder à hipótese de que características socioeconómicas semelhantes, podem levar a descendências médias semelhantes (e que características são estas).

Para uma definição mais concreta do objecto de estudo, decidimos centrar a nossa investigação exclusivamente sobre as mulheres com 15-49 anos de Maputo. O meio urbano, apresenta-se como o local possuindo características singulares, que nos interessam para a nossa problemática.

Apresenta-se como um meio por excelência porque se trata de uma zona urbana, em contexto africano. Nestas zonas urbanas, encontram-se as maiores disparidades de comportamentos e de grupos sociais, já que em meio rural o comportamento reprodutivo é típico e mais homogêneo. Na cidade podem-se encontrar ainda hoje comportamentos mais tradicionais, assim como comportamentos mais "urbanos" aproximando-se dos modelos ocidentais.

A fecundidade das famílias de Maputo, tal como se observa actualmente é uma realidade muito complexa. Ela é altamente influenciada por factores de ordem comportamental em que a variação difere consoante o grau de urbanização dos seus membros. A permanência de comportamentos pró-natalistas podem testemunhar a resistência à mudança.

Um dos objecto deste estudo, consistirá em analisar as interferências entre vida urbana, comportamentos, características socioeconómicas e fecundidade.

A pesquisa acerca das famílias urbanas, tem trazido imensos problemas complexos aos investigadores. Os sociólogos e os demógrafos, que se têm debruçado sobre o assunto, tiveram primeiro de resolver algumas questões-chave, tais como, saber exactamente o que se entende por família urbana, a partir de que momento uma família está urbanizada, e se o esquema de evolução da mudança de atitudes face à fecundidade em Africa é o mesmo que no mundo ocidental.

Não é fácil responder a estas questões, sobretudo quando se pensa nas famílias urbanas, pois englobam ao mesmo tempo, indivíduos que nasceram na cidade, e indivíduos que nasceram no meio rural.

Habitar a cidade vem influenciar de diversas maneiras os modos de comportamento que determinam a fecundidade. Esta aumenta ou diminui segundo certas relações de força entre as taxas de urbanização, a antiguidade na tradição urbana, os modelos de fecundidade e de nupcialidade rurais.

Entendemos por mudança de atitudes face à fecundidade, todo o acto de um indivíduo vivendo em meio urbano, que tenha uma influência directa ou indirecta na fecundidade. Este acto é condicionado por um certo número de factores próprios à vida urbana. Existem dois tipos de factores responsáveis pelo fenómeno de mudança de atitudes face à fecundidade: os factores demográficos e os factores socioeconómicos.

A diversidade de atitudes face à fecundidade pode-se compreender facilmente quando sabemos que a cidade africana é um meio diferenciado com embriões de classes sociais, grupos religiosos e etnias com costumes variados. A cidade é um meio social heterogéneo onde o indivíduo vive numa situação de conflito permanente entre o desejo de ter uma família numerosa e os limites que lhe impõe a vida moderna.

O encontro de múltiplas etnias com costumes diferentes, os novos tipos de reagrupamentos familiares impostos à vida urbana, o abandono progressivo de certos costumes menos adaptados à cidade, a influência cada vez maior da instrução e das técnicas modernas de limite dos nascimentos e da liberdade em matéria do comportamento sexual criaram nos casais um novo tipo de comportamento mais favorável a uma fecundidade limitada. Sente-se já um início de mudança de atitudes mas passa despercebido no meio de uma grande maioria. Será preciso esperar ainda uma ou duas

gerações para que a variável comportamental tenha um impacto real na baixa de fecundidade urbana. Mesmo que seja reconhecido que os grupos étnicos diferem no seu grau de urbanização e que o seu comportamento e as suas características demográficas podem ser função destas diferenças, a vida urbana impõe um novo tipo de comportamento a todos os indivíduos, qualquer que seja a sua pertença étnica. A família tradicional não pode mais adaptar-se na cidade pois ela só subsiste numa sociedade não urbanizada.

O interesse em analisar a fecundidade diferencial em Maputo parte do próprio conceito de *diferencial*, na medida em que permite estudar a variação de comportamentos reprodutivos, em torno de diferentes características envolventes, afectando as mulheres em idade de procriar. No fundo, é a forma de se perceber como um comportamento demográfico ao ser analisado isolado do seu contexto social, cultural e económico, esconde diversidades assinaláveis, que devem sempre ser explicadas e compreendidas em relação com o máximo de variáveis envolventes, única forma de apreendermos o fenómeno estudado em toda a sua amplitude. Esta abordagem ainda não foi realizada na maioria dos países subdesenvolvidos, e em particular, em Moçambique, que até agora se limitou a uma análise mais tradicional, ao nível dos fenómenos demográficos. A maioria dos estudos abordam a fecundidade separadamente de outras perspectivas de carácter sociológico e económico.

Como veremos mais adiante, face ao material que se encontra disponível, existem certas limitações para uma análise completa da fecundidade diferencial, pois certos aspectos de extrema importância para o carácter diferencial da fecundidade não se encontram na informação existente.

Com o fim de analisar a fecundidade na perspectiva acima referida, baseamo-nos no último levantamento demográfico realizado em Moçambique: um inquérito demográfico nacional realizado de 14 a 21 de Outubro de 1991 (realizado por amostragem). O inquérito de elevado interesse demográfico e sociológico, para além de ser o mais actual, não foi ainda totalmente explorado, sobretudo no que diz respeito a uma análise multivariada dos fenómenos demográficos, estreitamente ligados aos factores económicos, sociais, culturais e mesmo políticos.

Assim, temos por objecto de estudo a fecundidade diferencial das mulheres de Maputo, em torno das características socioeconómicas, através das quais se medem as diferenças. A finalidade é a de descobrir as diferenças de fecundidade ao nível da cidade de Maputo, bem como conhecer os factores que determinam a sua possível variação. Esta forma de apreender a fecundidade permitirá identificar os grupos de forte e fraca fecundidade e perceber quais as suas principais características.

Partimos do princípio que esta diferença existe e que varia em função de diversas componentes. Os factores tendo influência directa ou indirecta sobre a descendência das mulheres ou dos casais de Maputo são de ordem regional, económica, socio-cultural e religiosa. Pressupõe-se que uma das principais causas da variação seja o grau de alfabetização.

Infelizmente, devido aos fracos recursos existentes e ao material disponível, não vamos poder estudar este tema da forma mais desejável, que seria a de poder incluir no estudo as variáveis contracepção, aborto e número de filhos desejado. Esta falha vem de certo modo afectar a análise da fecundidade diferencial em Maputo.

O objectivo desta análise não é provar que os níveis de fecundidade são elevados, mesmo em relação ao meio urbano ao qual nos vamos cingir (cidade de Maputo). Pretendemos compreender como é que a fecundidade varia em torno :

- das características do agregado familiar ao qual as mulheres pertencem.
- das características das mulheres em idade fecunda, dos 15-49 anos: grupos etários, local de nascimento/origem, tempo de residência em Maputo, nível de escolaridade, estado civil, ocupação, religião, tipos de vencimento.
- das características do marido (escolaridade, ocupação, religião, etc.)
- das características do local de habitação (zona de residência: urbana, semi-urbana e rural; tipos e condições de habitação).
- de movimentos migratórios (onde residia há cinco anos, e há um ano atrás).

Este inquérito demográfico permite analisar os aspectos demográficos do grupo familiar bem como as características socioeconómicas e demográficas das mulheres, como tentativa de resposta e explicação dos comportamentos reprodutivos da mulher Africana, em meio urbano.

## V - CORPO DE HIPÓTESES

De forma a sintetizar este capítulo e como forma de estabelecer as principais hipóteses de estudo, veremos quais os principais determinantes da fecundidade que interessam reter para o trabalho.

Segundo já referimos, a capacidade biológica de ter filhos somente explica uma pequena parte das diferenças de fecundidade entre as populações.

As características individuais de identificação social de que falam Gérard, Loriaux e Bartiaux, que permitem determinar a posição do indivíduo e identificar o grupo social ao qual ele pertence (idade, religião, residência, nível de instrução e profissão), relacionam-se com a procriação e constituem a parte essencial da análise dos determinantes sociais da fecundidade.

Existem vários factores (socioeconómicos e culturais) que determinam, em muito maior medida, as diferenças de fecundidade:

- Um dos factores mais constantes na origem da diferenciação da fecundidade é o *lugar de residência*. As mulheres que residem nas zonas urbanas costumam ter menor fecundidade que as das zonas periféricas, semi-urbanas e rurais. As mulheres de meio urbano, geralmente trabalham fora do lar, e além disso costumam casar-se mais tarde, ou continuam a sua educação por mais tempo, do que resulta começarem a ter filhos em idades mais avançadas que as mulheres rurais e que portanto tenham, no total, menos filhos.
- *Nível de rendimento, nível social e nível de instrução/nível cultural* estão na maioria das vezes em correlação negativa com o nível de fecundidade.
- Para além de avançar as idades de ter filhos, *a educação e cultura* das mulheres influencia no sentido de uma maior informação sobre as formas de controlar o número de filhos. Para além disso, a instrução permite uma ocupação fora do lar, aumentando o acesso das mulheres ao mercado de trabalho. Todos estes factores podem levar a uma menor fecundidade entre as mulheres deste grupo.
- *A pertença religiosa* também pode estar na origem de diferenças sensíveis na fecundidade.

- Confirma-se hoje, uma correlação negativa entre baixa de fecundidade e aumento da *actividade feminina*. As causas desta ligação são evidentes. A extensão do assalariado introduz uma dissociação entre lar e local de trabalho tornando difícil conciliar actividade fora do lar e educação dos filhos. A análise da fecundidade diferencial, consoante as actividades económicas da mulher, indica que a fecundidade varia sensivelmente conforme a natureza dessas actividades, sobretudo entre as mulheres agrícolas e não-agrícolas. Consequentemente, é difícil dissociar o efeito do lugar de residência, do tipo de actividade exercida. O exercício de uma actividade está relacionado com o nível de educação e com o meio de residência.
- Quando se compara a influência das variáveis socioeconómicas referentes às mulheres e a influência das mesmas variáveis referentes aos cônjuges, sobre a fecundidade, aparece que as que caracterizam a mulher têm um papel preponderante.
- Existem variações no nível de fecundidade observado em função da pertença ou identificação das mulheres com determinados grupos da população, caracterizados por diferentes níveis em determinadas variáveis que se passam a considerar responsáveis por uma situação de fecundidade particular, tais como: a educação, a origem e a vivência rural/urbana, a coorte a que a mulher pertence, a religião, a idade a quando do primeiro casamento e a sua duração, a ocupação e a participação no mercado de trabalho, o rendimento, os seus gostos em relação aos filhos comparativamente com outras actividades, a informação e os custos monetários e psicológicos da adopção de práticas de regulação da fecundidade.

Algumas destas variáveis têm, evidentemente, um efeito directo sobre a fecundidade enquanto outras terão igualmente um efeito, só que indirecto, actuando sobre outras variáveis que, por sua vez, influenciarão a fecundidade.

Se a sociedade valorizar a posição ou o poder da família e o valor da mulher na sociedade pelo número de filhos, a tendência será para se ter mais filhos.

## CAPITULO II - CONTEXTUALIZAÇÃO DEMOGRÁFICA

Em 1987 a população do planeta atinge um valor impressionante: cinco milhares de milhão. Em 1950, éramos apenas 2.5 milhares de milhão. Isto significa que, em pouco mais de uma geração, a população mundial duplicou. A população dos países mais desenvolvidos passou de 830 para 1.190 milhões, aumentando 40 % e a dos países menos desenvolvidos passou de 1.7 para 3.8 bilhões, aumentando assim, 120 %.

O crescimento do conjunto dos países menos desenvolvidos ultrapassou, durante os anos sessenta, o ritmo de 2.5 % por ano, e ao mesmo tempo o do conjunto dos países mais desenvolvidos decaiu abaixo de 1 %, e o crescimento anual da população mundial manteve-se abaixo dos 2% durante as décadas de sessenta e setenta<sup>53</sup>.

Em muitos países, nomeadamente em África, o primeiro recenseamento ocorreu nos anos setenta, graças aos esforços neste domínio por parte das Nações Unidas. Nestes países o recenseamento depara-se com enormes problemas: sub-administração, dificuldades de comunicação, analfabetismo das populações, ausência quase total de tradição estatística.

Se os recenseamentos, muito recentes em África, estão ainda longe de serem perfeitos, o demógrafo não está por isso completamente desprovido de informação. Existem meios para apreciar os erros, e se necessário para os corrigir.

Duas características que interessam para compreender a dinâmica demográfica são o sexo e a idade das populações. Enquanto a Ásia Meridional, a América Latina e, sobretudo, a África têm uma silhueta piramidal bastante acentuada, larga na base e estreita no topo, as populações da Europa, da América do Norte, da União Soviética e da Oceânia têm um outro perfil. No seu caso, a expressão "pirâmide" é quase inadequada, tanto a base está diminuída comparada com a parte central. Em África, mais de 45% da população tem menos de 15 anos e somente 52 % entre 15 e 65 anos.

Fazer o ponto da situação da demografia em África, sobretudo a Subsaariana, seria difícil até há somente quinze anos atrás. As informações

<sup>53</sup>in Vallin, Jacques, "La population mondiale", Editions La Découverte, 1995, Paris

disponíveis eram raras e de qualidade duvidosa, mas no conjunto a situação melhorou. Com a excepção do Tchad, todos os países têm um ou dois recenseamentos e um bom número prepara o seguinte. Entre 1975-1982, uma dezena dentre eles realizou "inquéritos nacionais de fecundidade" no quadro do *inquérito mundial de fecundidade*. Uma quinzena de países efectuou, desde 1984, um inquérito "demografia-saúde". Ainda foram realizados outros inquéritos de mortalidade, de migrações,... numa região ou numa cidade. Embora a situação tenha melhorado, não é ainda brilhante : não se dispõe de praticamente nenhuma série cronológica, a qualidade dos dados é por vezes duvidosa, a análise das informações e a difusão dos resultados é insuficiente.

Estes problemas não são só próprios de África, mas são aí, particularmente graves. Apesar dos progressos reais, a África, na sua região subsaariana, permanece a região estatisticamente mais mal conhecida do mundo.

Dentro dos países em desenvolvimento, a maioria dos países Latino-americanos já passou ou está a passar pela etapa transaccional de fecundidade.

Os países africanos na sua maioria, ainda mantêm níveis de fecundidade altos, assim como alguns países asiáticos.

A taxa bruta de natalidade revela o impacto dos nascimentos no crescimento de uma população, mas não se refere ao número de filhos das mulheres. Para isto necessitamos do índice sintético de fecundidade.

O índice sintético de fecundidade indica que as mulheres dos países menos desenvolvidos quando completam o seu período reprodutivo (quando atingem a menopausa, ao redor dos 50 anos) têm em média mais dois filhos e as africanas mais quatro filhos do que as dos países mais desenvolvidos. As mulheres de Moçambique têm um número médio de filhos muito semelhante às da África em geral. A incidência do desenvolvimento económico sobre a fecundidade e a natalidade é muito complexa.

Se desenharmos o panorama das forças que animam o movimento natural da população, fecundidade e mortalidade, ficamos admirados com a diversidade. Durante o período 1990-95, a fecundidade do conjunto da

população mundial, dava uma média de 3.2 filhos por mulher. Esta média cobre realidades bem diferentes. Constatámos que nos países desenvolvidos esta média baixa para 1.8 enquanto nos países em desenvolvimento aumenta para 3.6.

Fazendo o contraste com a homogeneidade dos países industrializados, os países em desenvolvimento oferecem situações extremamente variadas.

À escala das grandes regiões, a heterogeneidade já é forte.

Enquanto na Ásia Oriental o número médio de filhos por mulher (1.9) não é mais elevado do que na Europa, em África, este é três vezes maior (5.8), enquanto ocupa uma posição intermediária na Ásia Meridional (3.9) e na América Latina (3.1).

Certos países, como Cuba, Singapura e Hong Kong, têm uma fecundidade comparável com a da Europa Ocidental (o número de filhos por mulher é inferior a 2). Na outra extremidade da escala, certos países árabes ou africanos ultrapassam os 7 filhos por mulher: Yémen, Oman, por um lado, Etiópia, Somália, Uganda, Mali, Nigéria, Benin, Angola, Malawi, por outro. Com 7 ou 8 filhos por mulher, certos países vivem ainda hoje, uma situação de fecundidade natural. Só o celibato ou a esterilidade natural, o aleitamento materno ou os tabus contradizem a expressão de fecundidade máxima.

Os países em desenvolvimento são caracterizados por elevadas taxas de fecundidade, observando em simultâneo um crescimento demográfico extremamente rápido, conduzindo, se nada mudar, a uma duplicação da sua população em 25 anos. O crescimento natural vai ainda aumentar durante uma dezena de anos. Este crescimento é o balanço entre a natalidade e a mortalidade. O equilíbrio tradicional que resultava de uma natalidade e de uma mortalidade elevadas provocando um crescimento fraco rompeu-se: a mortalidade baixou sensivelmente desde os anos 1950, mas, contrariamente ao que se passou nos países desenvolvidos, a natalidade não se alterou. O resultado aritmético é um ritmo de crescimento populacional acelerado.

Existem contudo diferenças profundas entre países, entre regiões dentro dos países ou entre grupos sociais. Por outras palavras, a transição demográfica (declínio da mortalidade seguido do da fecundidade) está mais ou menos avançada consoante as zonas ou os grupos de países considerados.

Centrando-nos apenas no contexto africano, verificamos que as desigualdades, em termos de mortalidade, são significativamente importantes, entre meios de *habitat* (urbano e rural), entre grupos sociais ou consoante o nível de instrução. As diferenças são claramente menos fortes em matéria de fecundidade; de momento, só os cidadãos mais instruídos diminuíram sensivelmente o número de filhos, mas constituem somente uma minoria.

Deste rápido crescimento demográfico, resultam duas grandes consequências imediatas: a extrema juventude das populações africanas e as densidades enormes em certas regiões. Quatro grandes componentes conduzem a dinâmica de todo o sistema demográfico: a mortalidade, as migrações, a nupcialidade e a fecundidade :

- Em África, como em todo o mundo, a mortalidade baixou sensivelmente durante os últimos trinta anos: a esperança de vida média dos africanos (ao sul do Saara) passou de 36 anos em 1950, para 50 anos hoje.
- As migrações ocupam um lugar central na vida africana e desde há muito tempo. Constituem talvez a primeira componente das estratégias de sobrevivência comunitárias ou familiares. As migrações internas, que são essencialmente movimentos do meio rural para o meio urbano e a capital, conduzem a uma aceleração do ritmo de urbanização de África.
- O casamento é sempre, em África, um fenómeno social importante, bastante precoce e universal. E o seu papel é fundamental para a fecundidade: casadas muito novas, as mulheres permanecem casadas até ao fim do período fecundo. O divórcio e a viuvez são frequentes, mas enquanto a mulher estiver em idade fecunda, são seguidos de um novo casamento rapidamente. A força reprodutora é usada no seu quase-máximo. Apesar disso, a África é muito diversa na matéria e podem-se encontrar variadas formas de casamento e de famílias.
- É da evolução da fecundidade que depende o futuro demográfico da região. No mundo, a África distingue-se por uma fecundidade extremamente elevada. Praticamente em toda a região, tem-se ainda mais de seis filhos por mulher. Três factores explicam este nível ainda elevado das fecundidades

africanas ao sul do Saara: a precocidade e universalidade do casamento, uma fraca prática da contracepção moderna e uma diminuição quase geral das durações de aleitamento materno e de abstinência sexual pós-parto. Com a ausência de uma compensação pela contracepção, isto poderá mesmo conduzir a uma subida da fecundidade.

Hoje em dia, no caso particular dos países com elevados níveis de fecundidade e de mortalidade, a evolução do crescimento populacional, e a sua estrutura por sexos e idades, são comandados pela fecundidade.

A fecundidade é a variável responsável por uma parte do processo de evolução das populações. A fecundidade varia no tempo, no espaço, de uma forma ainda não suficientemente esclarecida em função de variáveis ainda não completamente identificadas.

Nos últimos 30 anos, os países em desenvolvimento colheram benefícios significativos do facto de terem dispensado melhores e mais amplos cuidados de saúde primários, dos quais resultou uma descida das taxas de natalidade e mortalidade, um aumento da esperança de vida e uma redução da mortalidade infantil. Todavia, continuam a existir grandes diferenças entre os países e as regiões. Para inúmeros especialistas da demografia, a taxa de crescimento rápido da população dos países em desenvolvimento é muito preocupante.

É certo que as forças "negativas" que tradicionalmente determinaram a dimensão elevada das famílias nas sociedades como as africanas, mantêm-se muito influentes: as mulheres têm muitos filhos devido à taxa elevada de mortalidade infantil (quanto mais filhos têm, maior é o número de filhos sobreviventes), os filhos são uma fonte de riqueza (constituem uma mão-de-obra para trabalhar no campo, enriquecendo assim a sua família), os filhos são vistos como uma segurança para a velhice dos pais; são também um símbolo de "status"; as mulheres são condicionadas pelo marido ou pelo clã familiar para terem muitos filhos e desejam filhos do sexo masculino, porque a sociedade ou o marido o exigem, e por vezes têm de ter muitos filhos até conseguirem ter um rapaz. Não é, portanto, unicamente a mulher que decide a dimensão da sua família, mas igualmente o sistema de valores ou a cultura das sociedades em que elas vivem.

Nos países de alta fecundidade, medir a fecundidade segundo diversos factores económicos e sociais, permite julgar os movimentos em curso, prever a evolução provável em ligação com a evolução económica e social e mesmo favorecer uma diminuição da fecundidade.

Os dados precisos são raros, no que diz respeito aos níveis de fecundidade, e a análise dos factores determinantes fundou-se em estudos fragmentários das diferenças entre a fecundidade das populações rurais e urbanas e de diversos grupos étnicos.

Estes trabalhos repousam, em grande parte em características culturais e sociológicas globais das sociedades do terceiro mundo.

As doutrinas religiosas relativas ao casamento (e à fecundidade) foram estudadas com cuidado, com o objectivo de determinar a sua incidência na fecundidade. Houve a tendência para separar os estudos da fecundidade dos estudos da mortalidade, bem como o crescimento da população.

Durante um longo período da história, existiu uma relação funcional inevitável entre fecundidade e mortalidade, mas a questão de saber se os níveis de mortalidade foram determinados pela fecundidade - o que seria de algum modo uma hipótese Malthusiana - é controversa. É verdade que, no conjunto, as taxas de fecundidade se adaptaram, mais ou menos, às taxas de mortalidade.

## **I - TENDÊNCIAS E PERSPECTIVAS DA DINÂMICA DEMOGRÁFICA MOÇAMBICANA**

Ao longo da administração portuguesa em Moçambique foram realizados quatro recenseamentos gerais da população e habitação, supervisionados pelo I.N.E de Portugal, em estreita cooperação com os serviços de estatística da então província de Moçambique. O primeiro foi efectuado em 1940, a este seguiram-se outros três com periodicidade decenal.

Os seus resultados foram publicados apenas com algumas referências acerca da sua qualidade e nunca foram objecto de uma avaliação sistemática e global.

Hoje há um número muito reduzido de estudos sobre aspectos demográficos no país. Entre os estudos existentes sobre Moçambique

contam-se aqueles realizados em 1968 pela equipa dirigida pelo professor Brass<sup>54</sup>, e o estudo apresentado em 1979 por Costa Carvalho<sup>55</sup>. Nestes dois trabalhos procurou-se determinar os níveis e tendências da mortalidade e fecundidade com base nos dados do censo de 1950 e de 1970. O de 1940 foi excluído pela deficiente qualidade dos dados. Em 1980, foi realizado o primeiro recenseamento pós-independência. A partir desta data as autoridades moçambicanas em cooperação com as Nações Unidas procuraram examinar sumariamente todos os dados existentes, e a Direcção Nacional de Estatística (D.N.E) pode dispor de um banco de dados especializado.

## 1.1 - SITUAÇÃO PASSADA

O crescimento populacional é antes de tudo função das variáveis naturais - natalidade, mortalidade - que em conjugação com a dinâmica das correntes migratórias internas e externas determinam o tamanho da população de uma região ou de um país.

Moçambique, com uma população calculada em cerca de 6.5 milhões em 1950, passou sucessivamente para 7.6 milhões em 1969, 9.4 milhões em 1970, e segundo o recenseamento de 1980, 12.1 milhões em 1 de Agosto de 1980<sup>56</sup>, ocupando o duodécimo lugar entre os países mais povoados do continente africano. No início dos anos 50, o crescimento natural médio da população foi na ordem de 1.5 %, passou para 1.8 % em 1960 e 2.3 % em 1970. O país entrou na década de 80 com a taxa de crescimento natural médio mais elevada da sua história, 2.7 %<sup>57</sup>.

---

<sup>54</sup>Brass, William, "Demography of tropical africa", Princeton university press, USA, 1968.

<sup>55</sup>Costa Carvalho, Carlos, "Essai de détermination des niveaux de fécondité et de mortalité de la population noire du Mozambique", *revista do centro de estudos demográficos*, nº25, 1979/80.

<sup>56</sup>De notar contudo que a população realmente recenseada foi de 11.673.725 habitantes, o que corresponde a um coeficiente médio de omissão de 3 8 %, (o recenseamento de 1980 trabalha com a população ajustada de 12.130.000 habitantes). A população é composta por 5.908.5 mil homens e 6.221.5 mil mulheres.

<sup>57</sup>in "Relatório Nacional de Moçambique sobre população e desenvolvimento", série população e desenvolvimento, documento nº10, Documento preparado para a conferência internacional sobre população e desenvolvimento no Cairo de 5-13 Setembro 1994. Comissão Nacional do plano, Direcção nacional de estatística, Unidade de população e Planificação, Maputo, Setembro 1993.

Um dos indicadores mais utilizados na avaliação da distribuição da população é a densidade populacional<sup>58</sup>. A densidade populacional do país passou de uma média 7.3 habitantes por km<sup>2</sup> em 1950, para 14.2 em 1980.

A evolução observada da população de acordo com os últimos quatro censos da população, a partir de 1950, indicam que se terá passado de uma etapa histórica de crescimento lento a uma etapa de rápido aumento demográfico. Para fundamentar esta opinião é oportuno indicar que de 1950 a 1985 a população mais do que duplica, ao passar de 6.5 milhões para 13.8 milhões, o que significa um aumento médio anual de 208.6 mil pessoas.

Este rápido crescimento, iniciado em 1950, explica-se pela manutenção de elevadas taxas de natalidade e de uma gradual baixa da mortalidade.

De acordo com as estimativas, na década de 40, Moçambique tinha uma taxa bruta de natalidade superior a 40 nascimentos por mil habitantes, situando-se nos anos 50, à volta de 50 por mil nascimentos, com tendências crescentes até aproximadamente metade da década de 60, declinando ligeiramente até atingir os 47 por mil no início da década de 80. Durante esta década, a descendência média situava-se aproximadamente nos seis filhos por mulher.

Analisando indicadores sintéticos, como o índice sintético de fecundidade e a esperança de vida à nascença, observa-se que em 30 anos o primeiro sofreu apenas uma modesta alteração, ao passar de 7.1 filhos em 1950-55, para 6.5 filhos, nos finais de 1975-80. Em contraste, a esperança de vida à nascença passou, nos mesmos períodos, de 31.3 anos para 43.6. Estima-se que em 1980, a esperança de vida nas zonas urbanas tenha sido de 49 anos, dez anos superior à da população rural. Entre os grupos sociais, a esperança de vida era menor entre os camponeses (38 anos) e maior entre os técnicos e dirigentes (61 anos).

A diferença cada vez maior entre a fecundidade e a mortalidade indica que a população moçambicana está a crescer rapidamente e a manter-se a

---

<sup>58</sup>relação entre o número de habitantes que residem numa dada região ou país e a superfície dessa mesma região ou país.

taxa de crescimento observada em 1980, duplicará em menos de 25 anos. Esta expansão demográfica modelou uma população muito jovem, crescendo a percentagem da população menor de 15 anos, de 40.5 % em 1950 para 44.4% em 1980. Considerando em conjunto, os jovens (0-14 anos) e os idosos (60 anos e mais), representam metade da população. O rejuvenescimento contínuo da população pode também ser ilustrado pela queda da idade mediana, a qual passou, sucessivamente, de 19.9 anos para 18.5 e 17.6 em 1950, 1960 e 1980 respectivamente.

Quanto ao padrão de distribuição espacial da população, o país continua a ser predominantemente rural, apesar do incremento relativo da migração rural-urbana agravada pela guerra. Em 1980, 13 % da população total residia nas doze cidades do país. Dessa população urbana, 48 % encontrava-se na cidade de Maputo, a capital do país. É notável a acentuada concentração da população nas províncias do litoral, e uma baixa densidade populacional nas províncias do interior.

## **1.2 - SITUAÇÃO ACTUAL**

A situação de guerra não permitiu a realização do censo de 1990. Para colmatar a falta de dados actualizados, o governo procedeu à realização de um Inquérito Demográfico Nacional (o I.D.N.) por amostragem em 1991, circunscrito às zonas urbanas e alguns distritos que, na altura, eram acessíveis. Consequentemente, os resultados do I.D.N. não representam a situação socio-demográfica do conjunto do país, mas apenas a das zonas abrangidas.

Do ponto de vista demográfico, a situação actual do país, só pode ser interpretada a partir das projecções dos censos realizados até 1980, e dos resultados do I.D.N.

Os dados do I.D.N., revelam que as principais variáveis demográficas mostram uma certa melhoria da qualidade de vida da população em geral, mas esta só ocorreu de facto nalguns sectores da população.

Contudo, as suas tendências ainda se mantêm: a fecundidade, a mortalidade infantil e a esperança de vida, encontram-se num dos níveis mais baixos da África Austral.

Em relação aos dados do censo de 1980, a esperança de vida diminuiu somente em 4 % em relação aos resultados do I.D.N., enquanto a mortalidade infantil observada no mesmo período diminuiu quase 12 %.

De facto, as estimativas feitas com dados provenientes do I.D.N., realizadas em 1991, indicam que a mortalidade geral medida através da esperança de vida à nascença tem-se mantido quase constante em relação ao recenseamento de 1980, passando de 43.6 anos em 1980 para 43.4 anos em 1991. Este aspecto é explicado pela situação de guerra que viveu o país nesta última década. Havendo uma redução da mortalidade infantil, pode-se dizer que a mortalidade adulta foi a mais afectada.

Tomando em consideração a situação socio-demográfica regional e a população economicamente activa, assalariada, especialmente a feminina, pode-se explicar o porquê destas características demográficas a nível nacional. Estas variáveis (fecundidade, mortalidade infantil e esperança de vida) continuam, a nível regional, a ser desiguais e os seus valores, em certas regiões, alarmantes. Medindo o grau de desenvolvimento através da percentagem de trabalhadores assalariados em relação ao total da população economicamente activa, serão as regiões mais desenvolvidas a registar os valores mais favoráveis daquelas variáveis. Em regra, as populações assalariadas encontram-se associadas às mais baixas taxas de fecundidade e mortalidade, comparativamente às populações camponesas.

Assim, as províncias com menor proporção de trabalhadores assalariados, (Zambézia, Cabo Delgado, Tete, Gaza e Niassa), que possuem menos de 25 % de trabalhadores assalariados, têm o nível mais alto de fecundidade e mortalidade infantil e a mais baixa esperança de vida à nascença.

A nível de grupos sociais, também com base nos resultados do censo de 1980 e das estimativas do I.D.N., as tendências demográficas diferenciais mantiveram-se.

A população em ocupações de baixo rendimento, como os camponeses, artesãos e operários não agrícolas, continuam com altos níveis de fecundidade e de mortalidade, estando concentrada a esmagadora maioria da população nestas camadas.

Assim, as características demográficas a nível nacional, regional e de grupos sociais, revelam um desenvolvimento desigual do país e um sistema económico de mercado ainda pouco expandido e maioritariamente restringido às áreas urbanas.

Estudos realizados em outras regiões do mundo, mostram que as variáveis demográficas têm um papel importante na transmissão da pobreza entre gerações. Um estudo feito na Cidade de Maputo confirma esta constatação. A população em situação de extrema pobreza corresponde a 60% do total dos agregados familiares da cidade. Esta população caracteriza-se por uma fecundidade e mortalidade elevadas, o que determina uma estrutura populacional muito jovem com uma idade mediana situada nos 15 anos. Isto origina rácios de dependência muito elevados. Verifica-se também que nestas camadas populacionais, predominam mulheres como chefes dos agregados, altos níveis de desemprego e subemprego e baixas taxas de escolaridade. Devido ao elevado número de membros por agregado, as suas receitas "per capita" tornam-se mais reduzidas não permitindo assim, uma boa nutrição e acesso aos cuidados básicos de saúde.

Uma outra particularidade demográfica, de 1991 em relação a 1980, é a modificação da distribuição da população, devido fundamentalmente, à guerra. O movimento da população afectado pela guerra, conduziu à concentração dos deslocados para zonas mais seguras, principalmente nas sedes distritais. Assim, em meados de 1992, havia cerca de 4.5 milhões de moçambicanos em situação de deslocados e 1.5 milhões como refugiados.

De acordo com estimativas realizadas, cerca de 20 % da população total é urbana e a restante rural. A população economicamente activa do país, caracteriza-se pela predominância de trabalhadores por conta própria e familiares não remunerados, mais de 80%, na sua maioria camponeses.

## II - CARACTERÍSTICAS DA FECUNDIDADE EM MOÇAMBIQUE

Alta fecundidade, alta mortalidade materna e da criança menor de 5 anos e uma reduzida esperança de vida à nascença, são características preocupantes da saúde da população e principalmente da mãe e da criança em Moçambique.

Segundo os dados do recenseamento de 1980, a fecundidade alcançou no país um valor de 6.42, variando entre 5.72 na cidade de Maputo e 7.40 na província de Niassa, correspondendo-lhe uma taxa bruta de natalidade de 47.1/1000, variando entre 41.4 em Maputo e 54.6 na província da Zambézia.

Embora pouco se saiba sobre a evolução da fecundidade, dada a deficiente qualidade dos dados dos recenseamentos anteriores e a carência de estudos nesta área, sabemos que este índice, junto ao da mortalidade infantil, são próprios de países de alta fecundidade e alta mortalidade no mundo subdesenvolvido e situam Moçambique entre aqueles que se encontram em etapas ainda iniciais da sua transição demográfica (Moçambique já entrou na transição demográfica e segundo Thompson<sup>59</sup>, está na segunda fase, com uma taxa de fecundidade elevada em início de declínio e a redução da mortalidade).

Moçambique possui uma base de dados de população com muitas limitações, em termos de qualidade, facto que dificulta a determinação exacta dos níveis das variáveis vitais e as suas tendências.

Desde 1940, todos os censos incluíram questões acerca do número de filhos nascidos vivos classificados por idades das mulheres, mas só os mais recentes (1970 e 1980) incluíram a pergunta sobre a ocorrência de nascimentos durante o ano que precedeu a data do censo, o que enriquece a informação empírica, apesar de algumas limitações face à fiabilidade dos dados.

No recenseamento de 1940 perguntava-se às mulheres com mais de 10 anos, independentemente do seu estado civil, quantos filhos teve, incluindo os nados mortos, e quantos tinha, na data do censo.

Em 1950 a idade passou para os 15 anos e a informação passou a ter em conta o estado civil das mulheres.

---

<sup>59</sup> in "Fecundidade, mortalidade e planeamento familiar em Moçambique", série população e desenvolvimento, documento nº9. Comissão Nacional do plano, Direcção nacional de estatística, Unidade de população e Planificação, Maputo. Maio 1993.

Em 1960, a qualidade dos dados é muito má pelo que não foram tratados. Em 1970 o censo é mais realista apesar de não ter havido uma cobertura total do país. Perguntava-se às mulheres com mais de 12 anos quantos filhos tinham tido em toda a sua vida, quantos deles estavam ainda vivos, quantos tinham tido nos últimos doze meses e destes quantos estavam ainda vivos.

Em 1980, realiza-se o primeiro recenseamento de Moçambique independente. Incluem-se as mulheres com mais de 12 anos nas perguntas sobre fecundidade e colocam-se as mesmas questões que em 1970.

Em 1990, como já foi dito, não se realiza qualquer censo, devido à guerra.

Finalmente em 1991, é realizado o Inquérito Demográfico Nacional (I.D.N.) dos agregados familiares, por amostragem, cobrindo as cidades e distritos seleccionados.

Passando à análise dos valores da fecundidade propriamente ditos, a taxa bruta de natalidade é uma medida que relaciona o número de filhos nascidos vivos numa área geográfica durante um período (geralmente um ano) com a população que vivia nessa área nesse mesmo período.

Estudos realizados para estimar as taxas brutas de natalidade, usando o método das populações estáveis revelaram um aumento das taxas brutas de natalidade (T.B.N) em Moçambique no período de 1940-1945 até 1950-55, provavelmente devido à melhoria dos dados colhidos nos censos e não exactamente por causa do aumento da taxa de natalidade. A partir do período 1950-55, período em que Moçambique conheceu a T.B.N. mais alta, houve uma diminuição relativamente grande, e a partir daí a diminuição foi gradual.

Segundo estimativas feitas pelas Nações Unidas, no período de 1975-80, a taxa bruta de natalidade foi de 44.8 por mil, a taxa bruta de reprodução foi de 3.0, a taxa líquida de reprodução igual a 2.1 e a descendência média de 6.4. As taxas de natalidade oscilaram de 44.8 para 44.7 por mil entre 1980 e 1991.

## 2.1 - NÚMERO DE NASCIMENTOS 1980 - 1991

A taxa bruta de natalidade decaiu em quase todas as províncias de Moçambique, à excepção da província de Nampula, entre 1980 e 1991, apesar da proporção de mulheres em idade fértil ter aumentado em todas as províncias, no mesmo período e como se pode observar no quadro seguinte:

Quadro I. População total, taxa bruta de natalidade e proporção de mulheres dos 15 aos 49 anos por províncias						
Províncias	Censo de 1980			IDN- 1991		
	pop.total	TBN	P.M.	pop.total	TBN	P.M.
TOTAL DO PAÍS	12130000	47.1	22.0	14419873	44.9	23.7
NIASSA	514100	51.8	22.8	693429	49.4	24.3
CABO DELGADO	940000	48.7	23.9	1234049	45.2	24.9
NAMPULA	2402700	44.3	21.7	2889539	47.8	23.7
ZAMBÉZIA	2500200	54.6	21.4	2869618	50.8	23.2
TETE	831000	50.5	21.5	697708	46.9	22.2
MANICA	641200	48.7	20.5	652939	44.3	22.4
SOFALA	1065200	44.8	20.5	1293205	42.5	24.1
INHAMBANE	997600	41.5	22.2	1249113	40.4	24.5
GAZA	990900	42.7	20.4	1241038	35.6	23.9
MAPUTO	491800	41.8	22.4	898724	39.3	23.9
CIDADE MAPUTO	755300	41.4	21.8	876024	38.2	23.7

NOTA: P.M refere-se à proporção das mulheres em idade fértil (15 - 49 anos), relativamente à população total

FONTE: D.N.E /DD; Dados obtidos com base nos resultados do I.D.N 1991 e CR/DNE: Panorama demográfico, publicado em Maputo 1984

No quadro pode-se constatar também que, se a proporção de mulheres em idade fértil desceu, e se a taxa bruta de natalidade baixou, é porque a fecundidade decresceu consideravelmente, até mesmo na província de Nampula, que viu a sua taxa bruta de natalidade aumentar (a fecundidade pode ter aumentado apenas devido ao aumento da proporção de mulheres em idade fértil). Na província de Gaza, a taxa bruta de natalidade foi a que mais diminuiu em termos percentuais, em quase 17 %. Em Maputo, a taxa bruta de natalidade, baixou em 3.2 %.

## 2.2 - TAXAS DE FECUNDIDADE GERAL

Quanto às taxas de fecundidade geral, que representam a relação entre os nascidos vivos e as mulheres em idade fértil (dos 15 aos 49 anos), é, em termos de medição, muito mais exacta do que a taxa bruta de natalidade porque elimina parte das distorções devidas aos efeitos de estrutura da população, dado que uma das suas principais características é o uso como denominador, da população feminina exposta ao risco de nascimentos em vez da população total.

No quadro seguinte, mostram-se os valores das taxas de fecundidade geral, correspondentes ao país e suas províncias nos anos 1980 e 1991. Pode-se observar que os valores mais elevados correspondem às províncias de Zambézia, Tete, Nampula e Niassa, chegando a valores superiores a 200 por mil e sendo as mais baixas nas províncias de Gaza, Maputo e Cidade de Maputo, províncias localizadas ao sul do país, para 1991.

Quadro II. Taxas de fecundidade geral, por províncias, censo 80 e IDN 91		
Províncias	taxas de fecundidade geral (por mil)	
	censo de 1980	I.D.N de 1991
TOTAL DO PAÍS	214.4	189.0
NIASSA	226.8	203.5
CABO DELGADO	203.7	181.6
NAMPULA	203.4	201.2
ZAMBÉZIA	254.9	219.0
TETE	234.8	211.1
MANICA	237.6	197.3
SOFALA	218.7	176.4
INHAMBANE	175.4	165.1
GAZA	210.1	149.1
MAPUTO	187.0	164.1
CIDADE DE MAPUTO	190.2	161.1

FONTE: D.N.E /DD; Dados obtidos com base nos resultados do I.D.N 1991 e CR/DNE: Panorama demográfico, publicado em Maputo 1984

O decréscimo da fecundidade em todas as províncias do país, comparando com o censo de 1980, não se pode explicar de forma clara por falta de informação.

Existem algumas províncias mais desenvolvidas que têm geralmente uma fecundidade mais baixa do que nas províncias menos desenvolvidas. As mulheres nessas províncias têm um nível de instrução mais elevado. Outro dos factores que pode ter afectado a diminuição da fecundidade, é a prática do aborto. Para a sua realização é exigido apenas o consentimento dos pais quando a mulher é menor e das partes envolvidas (casal) quando é maior de idade. Por outro lado, uma melhor cobertura da assistência à mulher e à criança pelo Ministério da Saúde, pode ter contribuído para este declínio.

Segundo os dados do IDN de 1991, existem indícios de uma diminuição da fecundidade das mulheres com menos de 20 anos, conduzindo a uma diminuição dos níveis gerais de fecundidade.

### **2.3 - ESTRUTURA DAS TAXAS DE FECUNDIDADE**

A estrutura das taxas de fecundidade permite conhecer o padrão da fecundidade das mulheres segundo as idades e as mudanças que se sucedem através do tempo, produzindo um envelhecimento ou rejuvenescimento da população.

Quando a intensidade dos nascimentos se dá nos primeiros grupos de mulheres com idade fértil, a população aumenta porque estas estão mais expostas ao risco de produzir um nascimento; o contrário sucede quando a maior intensidade dos nascimentos ocorre em grupos de idade intermédia, sendo neste caso menor a exposição ao risco de um nascimento, que no caso anterior.

Um aspecto importante é a análise da taxa de fecundidade da mulher por idades :

**Quadro III. Percentagem média anual de nascidos vivos em cada grupo etário de 1945 a 1991, para o total do país**

Grupos etários	1945-50	1955-60	1965-70	1975-80	1991/IDN
	%	%	%	%	%
15-19	11.3	10.0	9.0	10.1	10.1
20-24	22.6	23.2	23.4	23.6	23.8
25-29	22.3	21.9	21.7	21.5	21.5
30-34	18.3	16.0	15.0	15.1	15.1
35-39	14.3	13.8	13.7	13.6	13.6
40-44	9.1	11.6	13.1	12.3	12.2
45-49	2.1	3.5	4.1	3.8	3.7
Total	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0

FONTE: D.N.E /DD; Dados obtidos com base nos resultados do I.D.N 1991

Verifica-se pois que a mulher começa a ter filhos muito cedo e mantém a sua actividade reprodutiva, em quase todo o período de vida fértil, fazendo pressupor que o intervalo inter-nascimentos seja muito curto.

No quadro seguinte (quadro IV), referente à estrutura de fecundidade do país em 1991 podemos observar que quase todas as províncias têm maior peso da fecundidade no grupo etário 20-24 anos, com excepção da província de Inhambane que o tem no grupo etário 25-29 anos. Este comportamento da estrutura de fecundidade no país não se tem verificado com a mesma intensidade em todas as províncias e tem sofrido diminuições em algumas províncias com maior taxa de população urbana. A variação da fecundidade tem sido acompanhada por uma variação na estrutura por idades da mesma fecundidade, como revelam os dados obtidos no IDN (Inquérito Demográfico Nacional) de 1991 e nos resultados do censo de 1980.

Quadro IV. Estruturas das taxas de fecundidade por idades, por provincias, I.D.N-1991								
		Estrutura das taxas de fecundidade por grupos de idade (%)						
Provincias	total	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49
TOTAL DO PAÍS	100.0	10.1	23.8	21.5	15.1	13.6	12.2	3.7
NIASSA	100.0	10.2	22.9	22.1	15.6	13.4	12.1	3.7
CABO DELGADO	100.0	11.4	24.3	22.6	14.8	12.2	11.3	3.5
NAMPULA	100.0	10.6	22.8	20.6	14.4	14.0	13.3	4.4
ZAMBÉZIA	100.0	10.4	23.8	22.6	14.4	12.9	12.0	4.0
TETE	100.0	10.7	22.3	20.7	18.0	14.6	10.8	3.1
MANICA	100.0	9.3	23.1	20.2	16.9	15.1	12.2	3.3
SOFALA	100.0	10.6	24.5	21.2	15.7	13.2	11.5	3.4
INHAMBANE	100.0	9.0	22.5	22.7	15.6	14.2	13.1	3.0
GAZA	100.0	9.4	25.0	19.5	15.2	14.8	12.1	4.0
MAPUTO	100.0	8.9	24.7	20.3	15.8	14.4	12.0	4.0
CIDADE MAPUTO	100.0	8.4	26.0	23.1	15.0	12.7	11.5	3.5

FONTE: D.N.E /DD; Dados obtidos com base nos resultados do I.D.N 1991

Em resumo, a distribuição da estrutura da fecundidade em função da idade, mostra um modelo geral na forma de uma curva unimodal, com valores máximos entre os 20 e os 29 anos e duas ramificações descendentes para os extremos até anular-se, como seria de esperar.

Esta forma da curva da fecundidade admite uma série de variações, dependendo em todo o momento do nível de fecundidade em cada grupo etário, originada pela idade da primeira união, pelo tempo de permanência da mulher no sistema regular de ensino do país, pela participação desta na actividade laboral, pela forma como controla a sua fecundidade, etc.

## 2.4 - TAXAS DE FECUNDIDADE POR IDADES

As taxas de fecundidade por idades têm muita utilidade nas estimativas das taxas resumo da fecundidade, caracterizada por aspectos sociais, culturais e económicos em que estas estão envolvidas.

Se compararmos as taxas de fecundidade do grupo de 15-19 anos obtidas em 1980, com as obtidas através do IDN de 1991, estas diminuíram de

14 %. A cidade de Maputo (38%), Niassa (31%), e Manica (26%), foram as províncias onde se observaram as maiores quedas de fecundidade. Ao contrário, só a província de Gaza conheceu um aumento de 2 % da sua fecundidade neste grupo de idade. Estes dados evidenciam um decréscimo generalizado da fecundidade nas idades jovens.

Não se tem a certeza dos factores desta baixa, devido às limitações do inquérito, mas poder-se-ia especular que estes factos se devem a uma maior participação da mulher no sistema educativo, ou também pelas uniões se iniciarem em idades mais avançadas da mulher.

Nas idades de 20 a 24 anos, as taxas de fecundidade aumentaram devido, em parte, ao retardamento da fecundidade para idades mais avançadas.

Segundo o relatório do recenseamento de 1980, a distribuição da fecundidade segundo o grau de ensino das mulheres, mostra-nos claramente como estas duas variáveis estão ligadas. A fecundidade varia de 3 ou 4 filhos por mulher, para as detentoras de graus de ensino técnico e secundário, a 7.6 filhos por mulher analfabeta.

Intimamente ligada às condições de vida da população, a fecundidade varia naturalmente de acordo com o grupo social das mulheres. Varia, por exemplo, de 4.1 filhos por mulher técnica a 7.1 filhos por mulher camponesa. A operária não agro-pecuária tem em média 5.3 filhos no seu período de vida reprodutiva, enquanto a operária agro-pecuária tem 7.2 filhos, semelhante à mulher camponesa com 7.1 filhos em média.

Nas zonas urbanas só 13 % dos filhos nascem de mães com 35 anos ou mais, enquanto nas zonas rurais esse número é de 21 %. Isto reflecte necessariamente o ambiente cultural e socioeconómico das mães. Nas zonas urbanas, o número médio de filhos era 5.7 e nas zonas rurais de 6.9.

O número de filhos por mulher em 1980, consoante o tipo de habitação era o seguinte:

- casas de carácter permanente - 5.9 filhos / casas de carácter precário - 6.8
- casas com água canalizada - 5.6 / casas sem água canalizada - 6.8
- casas com latrina - 6.4 / casas sem latrina - 6.5
- casas com electricidade - 5.3 / casas sem electricidade - 6.8

Na década de 80 e princípios de 90, Moçambique sofre o êxodo da sua população, que sai das zonas ocupadas e em perigo de guerra para zonas onde tem hipóteses de encontrar condições mínimas de sobrevivência. Muitas destas populações vão para fora do país, sobretudo para o Malawi, convertendo-o assim no principal país a receber refugiados moçambicanos.

Esta tendência criou um decréscimo da população em cerca de 2.6 % entre 1970 e 1980 e 1.2 % entre a última data e 1988, e subindo novamente para 1.9 % entre 1988 e 1990/1991. Isto fez com que o componente demográfico da fecundidade passasse para um segundo plano. São as migrações que definem o crescimento da população do país nesta década, continuando a sê-lo enquanto os emigrantes não regressarem todos ao país.

Apesar da fecundidade não ter sido o componente mais importante do crescimento da população, esta manteve-se a níveis muito altos em relação ao que foi observado em 1980 e em 1991, em que as taxas de natalidade oscilaram de 44.9 para 44.7 por mil habitantes respectivamente. Anualmente nasceram mais de 645 mil pessoas, ou seja, em cada hora ocorreram quase 75 nascimentos.

É importante sublinhar que a guerra não foi um factor determinante na diminuição da fecundidade, pois esta não foi selectiva, tanto homens como mulheres fugiram dela em núcleos familiares e se eram recrutados, os casais continuavam juntos.

Porque é que a fecundidade continua tão elevada em Moçambique?

As causas que contribuem para a manutenção de taxas elevadas de fecundidade ainda não foram investigadas em Moçambique. Como factores possíveis poder-se-ia assinalar, a condição rural em que vive mais de 80 % da população do país, onde a alta mortalidade infantil e as elevadas taxas de analfabetismo favorecem a alta fecundidade.

Por outro lado, a nupcialidade precoce, a fraca participação da população feminina nas actividades extra-domésticas e a exploração agrícola familiar de subsistência, são factores que, no conjunto, desembocam, quase sempre, num tipo de família mais numerosa.

Num país como Moçambique não se pode esperar que a fecundidade experimente recuos significativos enquanto não forem assegurados alguns processos duradouros, a saber: redução significativa nas taxas de mortalidade infanto-juvenil e nas taxas de analfabetismo, incorporação significativa das mulheres nas actividades extra-domésticas, intensificação e modernização da produção agrícola, que permitirão por certo conduzirão a um controlo voluntário da fecundidade através de práticas anticonceptivas.

Acompanhados de uma maior difusão de informações e de meios modernos, estes processos, combinados com os programas de descentralização dos serviços públicos (saúde, educação, transportes e outros) e a crescente aspiração social, poderão estimular o desejo de regular o número e o espaçamento dos nascimentos, o que, a longo prazo, poderá contribuir para a redução da fecundidade.

A médio prazo, os programas dirigidos à saúde materno-infantil e outras políticas sociais poderão contribuir para o incremento nos níveis de fecundidade, porque as probabilidades de ter filhos sobreviventes serão maiores. A falta de informações adequadas para aprofundar este tema, torna recomendável que no futuro se realizem pesquisas especializadas que permitam o conhecimento das características e determinantes da fecundidade.

## **CAPITULO III - METODOLOGIA**

### **I - APRESENTAÇÃO DA METODOLOGIA SELECIONADA**

Foi necessário delimitarmos a abordagem metodológica a utilizar que melhor respondesse às nossas exigências e necessidades de investigação.

A adopção de uma determinada metodologia de investigação, implica uma tomada de posição fundamentada, pois as diversas técnicas de investigação pressupõem concepções diferentes de abordagem dos fenómenos sociológicos e demográficos.

A análise dos dados estatísticos da população moçambicana revelam que os níveis e tendências, tanto da fecundidade como da mortalidade, são conhecidos. Falta contudo, um estudo mais minucioso e aprofundado acerca das correlações existentes entre estas variáveis demográficas e as variáveis socioeconómicas da população.

Para elaborar tal estudo, poderíamos basear-nos em dois tipos de fontes:

- partir dos dados censitários existentes (de 1970 e 1980) ou
- dos dados do primeiro inquérito demográfico realizado em 1991.

O instrumento de observação seleccionado, foi o Primeiro Inquérito Demográfico de 1991 (anexo I). Dado que os resultados do último recenseamento já estão trabalhados e distanciam-se cada vez mais da realidade actual, optámos por analisar o último levantamento realizado em Moçambique, de elevado interesse demográfico e sociológico, e que permite abordar o tema da fecundidade diferencial.

A base principal do estudo a efectuar reside no tratamento estatístico do Inquérito. A análise de dados quantitativos, referente ao inquérito, baseia-se apenas em diversos procedimentos estatísticos que podem variar segundo a fase de tratamento de informação e dos objectivos que pretendemos alcançar.

Assim, tivemos de desenvolver duas fases de tratamento dos dados, uma primeira fase de análise descritiva, com estatística uni variada e

bivariada, e uma segunda fase mais interpretativa e compreensiva através de procedimentos de estatística multivariada (análise factorial) que permitem criar "tipologias" relativamente homogêneas, ou seja, agregar tipos de comportamentos demográficos idênticos, a partir de características socioeconómicas de grupos de mulheres em idade fecunda.

Os métodos de análise da informação recolhida através de inquéritos, que habitualmente são efectuados, apresentam, de uma maneira geral, limitações quando se pretende identificar e compreender a diversidade de práticas e representações que caracteriza determinada população. A definição dos vários perfis da mulher urbana requer a utilização de um método que permita relacionar a multiplicidade de dimensões que caracterizam as culturas dos indivíduos em estudo. Neste sentido optámos por um tipo de análise em que se procura precisamente identificar e interpretar a diversidade na mulher de Maputo.

Para este efeito recorreremos a dois instrumentos de análise particulares: a análise factorial das correspondências múltiplas (AFCM) e a classificação automática (CA)<sup>60</sup>.

A primeira fase do estudo foi constituída por uma estatística univariada com objectivos descritivos para observar as distribuições que existem no conjunto da população estudada. Em segundo lugar, foi realizada uma análise bivariada em que procurámos relacionar os dados entre si, procurando encontrar associações entre as variáveis. Observámos assim as relações de dependência e independência entre as variáveis, bem como a intensidade das associações entre estas. Este tratamento estatístico não pode deixar de parte um outro tipo de análise de nível mais "puro" em demografia que são os indicadores (taxas brutas, líquidas, gerais, índices, descendências,...) que o inquérito também nos pode revelar, dos níveis e tendências da fecundidade.

A segunda fase de análise é uma fase que se pode caracterizar pela sua riqueza de informação e as possibilidades de tratamento de dados que faculta.

Nesta segunda fase, recorreremos primeiro à análise factorial. Através da AFCM é possível, contrariamente às modalidades de análise de dados

---

<sup>60</sup>Tanto a AFCM como a CA serão efectuadas através do programa estatístico SPAD.N - Système Portable pour l'Analyse des Données.

tradicionais, analisar simultaneamente uma grande quantidade e diversidade de variáveis e modalidades de resposta às questões do inquérito. Este facto permite ver como é que as várias dimensões consideradas no presente estudo poderão estar relacionadas face a um tema particular. Esta é a uma das vantagens deste tipo de análise ao facilitar a leitura simultânea de dados que, de outra forma, se encontrariam desagregados, sendo alvo de tratamentos fragmentados.

Optámos por uma *análise factorial das correspondências múltiplas* (AFCM) destinada à análise de variáveis qualitativas. Este instrumento apresenta, igualmente, a vantagem de traduzir graficamente, de uma forma simplificada as relações que se podem estabelecer entre as diversas variáveis.

A AFCM permite identificar as relações de proximidade e de distância entre as posições dos vários indivíduos face a uma questão particular (ou várias questões). É possível ver quais são as modalidades de resposta de um indivíduo que se encontram próximas ou afastadas de outras modalidades de resposta, constituindo determinado perfil. Deste modo, através da AFCM podemos ver quais são os princípios organizadores das diferenças individuais (designados de factores). As modalidades de resposta (incluindo as questões de caracterização global) são projectadas no plano factorial que é interpretado em função da contribuição de cada modalidade de resposta para a constituição dos factores.

São as relações entre as variáveis que vão construir *factores* ou *eixos* que expressam o mais aproximadamente possível a forma como os dados se relacionam, na globalidade, entre si.

É a partir de um número definido de variáveis e das suas modalidades correspondentes que a AFCM irá calcular os maiores desvios face às *frequências esperadas* (*frequências teóricas*) ou seja, os  $\chi^2$  mais significativos.

A AFCM constrói uma série de eixos. Cada eixo comporta uma determinada percentagem de informação face ao total que é possível obter.

Os vários eixos contribuem de forma diferenciada e decrescente em termos de informação transmitida (à partida, os eixos 1 e 2 detêm uma maior informação que os eixos 3 e 4, pois representam as oposições e conjunções mais significativas que se podem retirar de um conjunto de dados). A análise não se deve reduzir aos dois primeiros eixos, pois estes expressam, por vezes,

as relações mais evidentes e óbvias entre as variáveis enquanto os outros eixos podem esconder oposições mais delicadas mas mais ricas em conteúdo.

Em termos gráficos, duas modalidades que estejam associadas encontrar-se-ão próximas num eixo, dependendo dessa proximidade do grau de associação, opondo-se do lado contrário do eixo aquelas modalidades que não se lhe encontram associadas. É a partir destes eixos que se constrói o *plano factorial* em que as diversas variáveis e as suas modalidades se posicionam de acordo com a sua situação face aos eixos constituídos. Este plano factorial é constituído por apenas dois eixos que pretendem traduzir a informação mais pertinente. No entanto, são apenas as *variáveis activas*, que deverão formar um conjunto homogéneo, normalmente relativas a um mesmo tema e que a partir das relações que estabelecem entre si, contribuem para a construção dos eixos.

Existem, igualmente, as *variáveis ilustrativas* que não contribuem para a formação dos eixos mas vão se situar nos planos factoriais de acordo com o seu posicionamento, face aos eixos e às variáveis activas. São variáveis que ajudam a interpretar os planos factoriais. Estas variáveis não necessitam formar um conjunto homogéneo, antes pelo contrário, devem ser o mais abrangentes possível, de forma a possuímos o máximo de informação para a interpretação dos planos factoriais.

Ainda dentro desta segunda fase, recorreremos posteriormente à técnica de *Classificação Automática*. Este instrumento permite criar classes, agrupando indivíduos próximos entre si, no que respeita a um determinado conjunto de variáveis. Desta forma, os indivíduos são agregados, segundo determinados critérios que os classificam enquanto pertencentes a uma determinada classe, devido à proximidade das suas respostas ao inquérito. O processo de constituição das classes tem por base um princípio hierárquico de agregação dos indivíduos.

Vemos desta forma a possibilidade de constituir tipologias de comportamentos fecundos de acordo com os princípios de organização de determinadas respostas. A CA reveste-se de particular importância para o presente estudo, na medida em que, ao caracterizar os tipos, permite identificar as diferenças. Podemos ver deste modo que existe uma estreita ligação entre a dimensão teórica, relacionada com os objectivos do estudo, e

a dimensão metodológica, relacionada com os métodos e as técnicas de análise que nos propomos realizar.

Em relação à amostra, esta foi desenhada com base nos dados da enumeração da população realizada nas áreas acessíveis (capitais de províncias e capitais de distrito, ou parte destas que na altura se podiam enumerar sem problemas de segurança). A amostra abrangeu 12.7% dos agregados familiares enumerados, nas áreas acessíveis ao nível do país. Foram abrangidos pelo I.D.N 146.331 agregados familiares e 375 centros de convivência.

Em relação à cidade de Maputo, as cifras absolutas e relativas são representativas para o conjunto da sua população porque a amostra baseou-se na enumeração de todos os residentes<sup>61</sup>.

A primeira etapa da selecção da amostra consistiu na definição de dois estratos principais:

- O estrato urbano (cidade de Maputo e capitais províncias) onde se seleccionaram bairros e quarteirões, usando a rotina de números aleatórios. A cidade de Maputo teve um tratamento especial. A selecção baseou-se na estrutura de saneamento básico para determinar os seguintes estratos: zona de cimento, zona mista (habitação definitiva mas precária) e zona de construção precária. Dentro de cada zona foram seleccionados bairros e posteriormente procedeu-se à selecção aleatória de quarteirões. Adoptou-se como premissa de selecção o tamanho da população das unidades amostrais, a qual deveria ser mais ou menos igual a 10 % do total.
- O estrato rural (distritos não urbanos e cidades de segunda categoria) onde se seleccionaram localidades e em cada localidade um certo número de aldeias.

---

<sup>61</sup> A enumeração, ou seja a contagem directa, recolha dos dados de casa em casa, foi realizada com o objectivo de proporcionar elementos para o desenho da amostra do inquérito demográfico nacional, reportando-se ao mês de Junho de 1991. Para o controlo da enumeração, as cidades foram divididas em bairros e quarteirões, o que permite seleccionar, para uma análise posterior, zonas com características diferenciadas.

As cifras da população da cidade de Maputo foram estimadas a 867.566 habitantes, tendo uma população feminina de 444.949, e um total de mulheres em idade fecunda (15-49 anos ) de 216.042 mulheres no total da cidade.

Para a presente análise da fecundidade diferencial seleccionámos dentro deste universo, a população feminina dos 15 aos 49 anos, e somente as que estão presentes e que são residentes em Maputo.

Assim temos a seguinte amostra de estudo, que representa 10.73 % da população abrangida pelo inquérito na cidade de Maputo (só relativo à população feminina entre os 15 e os 49 anos) :

IDADES	população abrangida no I.D.N.		amostra em estudo	
	Total	%	Amostra	%
15 aos 19	56439	26.1	5744	24.8
20 aos 24	44588	20.6	4619	19.9
25 aos 29	36364	16.8	4212	18.2
30 aos 34	28973	13.4	3391	14.6
35 aos 39	22474	10.4	2244	9.7
40 aos 44	15541	7.1	1711	7.4
45 aos 49	11663	5.3	1274	5.4
Total	216042	100.0	23195 (10.7)	100.0

Pretendemos, neste estudo, identificar as diferenças encontradas entre os diversos subgrupos da amostra e explicá-las, com a ajuda dos testes estatísticos que considerámos serem os mais adequados em cada um dos cruzamentos.

Em primeiro lugar, fizemos uma selecção das variáveis que, com base nas orientações teóricas, considerámos à partida serem factores determinantes da fecundidade.

Em segundo lugar, procedemos à sua caracterização geral e por grupos etários.

Seguidamente, cruzámos estas variáveis com a fecundidade, calculando para cada um dos indicadores das variáveis, a média de filhos por mulher.

Finalmente, recorreremos à já referida análise multivariada das correspondências múltiplas e à classificação automática.

Em virtude de não dispormos de dados semelhantes para outra época, limitamo-nos a fazer uma análise do ano de 1991. Limitámo-nos a uma análise em transversal (referente ao número de filhos nascidos num conjunto de coortes contínuas durante um período de tempo específico). Para contornar a falta de dados longitudinais, vários estudos fizeram recurso à análise diferencial<sup>62</sup>. Assim, procurava-se identificar os determinantes, comparando as diferenças observadas no momento do inquérito. A abordagem diferencial é, neste contexto, o método mais apropriado que se oferece ao investigador, para caracterizar um pouco mais a fundo o fenómeno demográfico e tentar compreender os mecanismos.

Convém contudo, chamar a atenção para os perigos que comporta a utilização de uma tal abordagem, baseada nos dados do momento, quando tentamos entender um fenómeno em movimento. Este fenómeno refere-se a uma situação reversível no tempo. Os estudos transversais não dão conta das variação no tempo nem dos movimentos ocorridos ao longo dos anos.

Calculámos deste modo, a **fecundidade realizada geral** (média de filhos tidos até ao momento do inquérito, por mulher com idades compreendidas entre os 15 e os 49 anos completos), a **fecundidade realizada específica de cada grupo etário**, a **taxa de fecundidade geral** (número de nados vivos por mulher com idades compreendidas entre os 15 e os 49 anos completos), as **taxas de fecundidade específicas de cada grupo etário** e a **descendência média** (número médio de filhos por mulher, admitindo que se mantinham constantes, ao longo de todo o ciclo de vida fértil, as taxas de fecundidade específicas observadas, em cada grupo de idades, no momento da análise).

Como a nível da fecundidade total existe uma diferenciação própria, em função das diferentes idades em que subdividimos o intervalo fértil, decidimos também medir a associação das variáveis seleccionadas e a fecundidade específica observada em cada um desses grupos etários. Posteriormente, determinámos para o casal, quais os factores explicativos da fecundidade.

---

<sup>62</sup> "Démographie et Differences". Colloque International de Montréal (7-10 Junho 1988), Nº 4, AIDELF, P.U.F., Paris, 1992.

Medimos para cada um dos cruzamentos, a significância estatística dos cruzamentos realizados, através do valor do teste de Kruskal-Wallis e do T-teste, e na existência de significância estatística, calculámos o ETA ou V de Cramer e o GAMMA.

Vamos resumir brevemente o significado destes testes:

Procurou-se utilizar técnicas de análise estatística indutiva, com o objectivo de testar a independência das variáveis em estudo. Assim, com uma variável nominal e uma variável discreta foi possível recorrer à análise de variância. Recorremos à alternativa não-paramétrica habitualmente utilizada para este tipo de variáveis, o teste de Kruskal-Wallis (K-W) e o T-test.

Foram apresentados os valores destes testes e a probabilidade a eles associada. O valor do teste serve como base de decisão sobre a significância estatística da relação detectada entre as duas variáveis na amostra. A probabilidade do Teste Kruskal-Wallis e T-test, quando não se encontram reunidas as condições de aplicação da variância paramétrica, utilizam-se para testar a hipótese de que os universos de onde provêm as amostras assumem os mesmos parâmetros de localização. Quando o P é inferior ou igual a 0.001 rejeita-se a hipótese nula, existindo evidência estatística que permite rejeitar a hipótese que a média das ordenações dos valores da variável dependente nas várias categorias da variável independente são iguais. O Teste Kruskal-Wallis utiliza-se para uma variável na escala nominal e uma variável discreta. O T-test utiliza-se para medir a associação entre uma variável nominal dicotomizada e uma variável discreta.

Quando o valor do teste é muito elevado está associada a ele uma probabilidade muito pequena de se dever ao acaso. Pelo que se rejeita a hipótese de independência das variáveis e se considera que estão associadas.

Quanto ao V de Cramer, ao ETA (analisa a intensidade da correlação entre uma variável contínua por intervalos e uma variável nominal ou dicotómica) e ao GAMMA (adequado a situações que comparem uma variável contínua por intervalos e uma variável discreta), medem a intensidade da relação entre duas variáveis na amostra. Varia entre 0 e 1<sup>63</sup>.

---

<sup>63</sup>Coeficiente 0.7 a 1- alto grau de associação. Coeficiente 0.4 a 0.7 - relação média. Coeficiente 0.2 a 0.4- relação fraca Coeficiente < a 0.2- relação muito fraca.

## II- INSTRUMENTO DE OBSERVAÇÃO

### 2.1 - CONSTRUÇÃO DA BASE DE DADOS DA AMOSTRA

Trabalhámos com as mulheres que residiam em Maputo e estavam presentes nesta cidade, no dia em que responderam ao inquérito. São excluídas as mulheres que estavam ausentes da cidade no dia da aplicação do questionário (e por isso foram familiares a responder por elas).

Esta amostra foi por sua vez dividida em grupos de idade quinquenais, sendo por isso composta por sete grupos etários. Deste modo, temos um número total de 23195 mulheres dos 15 aos 49 anos residentes/presentes em Maputo. Dentro de cada grupo etário a distribuição é a seguinte: dos 15 aos 19 anos: 5744; dos 20 aos 24 : 4619; dos 25 aos 29 : 4212; dos 30 aos 34 : 3391; dos 35 aos 39 :2244; dos 40 aos 44 : 1711 e dos 45 aos 49 : 1274 mulheres.

A base de dados teve de ser alterada, para poder ser analisada, pois cada linha (dessa base de dados) correspondia à informação sobre uma pessoa, e só depois de descrever todos os indivíduos pertencentes a um agregado familiar, é que se dispunha da informação global para o agregado familiar sobre habitação, impossibilitando desde logo o cruzamento destes dados com o resto da informação particular das mulheres.

Vejamos o exemplo seguinte, que ajuda a compreender melhor o que foi necessário alterar. A base de dados encontrava-se organizada desta forma :

<b>AGREGADO FAMILIAR 1</b>	<b>V1</b>	<b>V2</b>	<b>V3</b>	<b>V4</b>	<b>V5,...</b>
chefe do agregado familiar					
cônjuge					
indivíduo 3					
indivíduo 4					
indivíduo 5 , ....					
Habitação					
Mortalidade					
<b>AGREGADO FAMILIAR 2</b>	<b>V1</b>	<b>V2</b>	<b>V3</b>	<b>V4</b>	<b>V5,...</b>
chefe do agregado familiar					
cônjuge					
indivíduo 3					
indivíduo 4 ....					
Habitação					
Mortalidade					

O que foi necessário alterar, foi a linha da habitação e a da mortalidade, que tiveram de ser transportadas para a mesma linha dos dados de cada uma das mulheres. Para cada uma das mulheres do mesmo agregado, foi-se colando a informação ao lado dos seus dados individuais (o que desdobra respostas iguais) não interferindo porém nos resultados vistos de forma individual e agrupados.

A base de dados encontra-se agora organizada desta forma :

AGREGADO FAMILIAR 1	V1,V2,V3..	Mortalidade					Habitação				
		v1	v2	v3	v4	v5	v1	v2	v3	v4	v5
chefe do agregado familiar											
cônjuge											
individuo 3 (mulher)											
individuo 4											
individuo 5(mulher)											
individuo 6(mulher)											
individuo 7, etc.											

Em relação às variáveis dos homens, a solução pela qual optámos foi isolar os *chefes do agregado familiar* que são os primeiros a responder para cada família (podendo ser o marido ou a mulher) e juntar essa informação apenas ao seu cônjuge (marido ou mulher). Denominámos estes grupos de homens e mulheres de "casais". Em relação aos outros elementos do agregado familiar, não se puderam agrupar aos pares por não termos a certeza de formarem os verdadeiros "pares". O resultado final das alterações feitas é o seguinte:

agregado familiar 1	variáveis sócio-demográficas	variáveis de Habitação	de Mortalidade	de	variáveis do cônjuge / chefe
cônjuge/chefe do agregado familiar 1	v1,v2,v3,v4,v5...	v1,v2,v3,v4...	v1,v2,v3, ...		v1,v2,v3,v4,v5.
mulher 2	v1, v2,v3,v4,v5...	v1, v2,v3,v4...	v1, v2,v3...		
mulher 3	v1, v2,v3,v4,v5...	v1, v2,v3,v4...	v1, v2,v3...		
mulher 4, ...	v1, v2,v3,v4,v5...	v1, v2,v3,v4...	v1, v2,v3...		
agregado familiar 2	variáveis sócio-demográficas	variáveis de Habitação	de Mortalidade	de	variáveis do cônjuge / chefe
cônjuge/chefe do agregado familiar 1	v1, v2,v3,v4,v5...	v1, v2,v3,v4...	v1, v2,v3...		v1, v2,v3,v4,v5...
mulher 2	v1, v2,v3,v4,v5...	v1, v2,v3,v4...	v1, v2,v3...		
mulher 3	v1, v2,v3,v4,v5...	v1, v2,v3,v4...	v1, v2,v3...		
mulher 4	v1, v2,v3,v4,v5...	v1, v2,v3,v4...	v1, v2,v3...		
mulher 5, ...	v1, v2,v3,v4,v5...	v1, v2,v3,v4...	v1, v2,v3...		

Assim sendo temos a possibilidade de analisar 10081 casais cujos indivíduos (homens e mulheres) estão simultaneamente presentes e residentes em Maputo.

Este número é inferior ao número de mulheres casadas do total da amostra (são 13167 mulheres casadas em 23195 do total da amostra) porque só tivemos em conta o chefe do agregado familiar e o seu parceiro. As restantes mulheres "casadas" ficam integradas na amostra global (3086 mulheres).

Este foi um mal menor, que não se pode evitar, podendo ser assim analisada uma sub-amostra que equivale a 43.5 % da amostra, tendo em conta que são casais, o que vem desde logo condicionar esta sub-amostra.

São sobretudo mulheres com idades compreendidas entre os 25 e os 34 anos (em 45.2% dos casos). No caso dos cônjuges, estes são mais velhos do que elas, e estão sempre um ou dois grupos etários acima das suas parceiras. Assim, temos a seguinte distribuição do casal por sexo e idades:

	MULHERES		HOMENS	
	efectivos	%	efectivos	%
15 aos 19 anos	454	4.5	23	.2
20 aos 24 anos	1565	15.5	351	3.5
25 aos 29 anos	2308	22.9	1187	11.8
30 aos 34 anos	2251	22.3	2436	24.2
35 aos 39 anos	1567	15.5	1852	18.4
40 aos 44 anos	1145	11.4	1595	15.8
45 aos 49 anos	791	7.8	1001	9.9
50 aos 54 anos	-	-	742	7.4
55 aos 59 anos	-	-	336	3.3
60 e mais anos	-	-	558	5.5
total	10081	100	10081	100

## 2.2 - APRESENTAÇÃO DO INQUÉRITO

O inquérito foi realizado de 14 a 21 de Outubro de 1991, por amostragem, abrangendo as áreas que na altura se encontravam acessíveis e inclui os temas seguintes (ver em anexo I, o boletim do IDN) :

O inquérito abrange as seguintes temáticas:	Não abrange as seguintes temáticas importantes para o estudo da fecundidade diferencial:
<ul style="list-style-type: none"> <li>-Fecundidade</li> <li>-mortalidade materna, infantil e orfandade</li> <li>-migrações (com cinco e um anos de distância)</li> <li>-sexo/idade</li> <li>-local de nascimento</li> <li>-nacionalidade</li> <li>-estado civil</li> <li>-educação</li> <li>-língua materna e conhecimento de português</li> <li>-religião</li> <li>-situação de emprego na ultima semana</li> <li>-profissão principal</li> <li>-categoria ocupacional</li> <li>- ramo de actividade, duração do trabalho</li> <li>-compensação laboral</li> <li>-actividade agrícola</li> <li>-condições da habitação</li> <li>-deficiências físicas</li> <li>-população por zonas de residência.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-prática de planeamento familiar (uso de métodos anticonceptivos)</li> <li>-aborto</li> <li>-número de filhos desejados, valor da criança na família</li> <li>-abstinência pós-parto (período eventual de amamentação), rituais e tabus</li> <li>-Nupcialidade: duração da vida matrimonial idade ao primeiro matrimónio numero de filhos dentro do mesmo casamento</li> <li>-fecundidade "forçada" (autoridade do marido)</li> <li>-esterilidade/factores biológicos</li> </ul>

## 2.3 - CONSTRUÇÃO DE NOVAS VARIÁVEIS

Foi criada a variável "zona de residência" (ver anexo II), a partir de duas variáveis existentes no questionário: posto administrativo e distrito. Decidimos criar três zonas: primeiro, a zona de cimento, que corresponde ao coração da cidade de Maputo, onde existem os edifícios urbanos, o comércio e os serviços, em segundo lugar, a zona suburbana muito densa, situada à volta da primeira, onde vive a maioria da população, com características de dormitório, com habitação construída à base de zinco e caniço e, finalmente, a terceira zona que por sua vez envolve a segunda, a que chamamos zona suburbana, pouco densa ou rural, onde as casas são semelhantes às casas da segunda zona, mas têm uma horta, onde muitas das mulheres fazem o seu trabalho agrícola de auto-subsistência, (ver mapa, no anexo III).

Foram construídas as variáveis "filhos nascidos vivos", "filhos ainda vivos", "filhos nascidos nos últimos doze meses", "filhos nascidos nos últimos doze meses actualmente vivos" e "mortalidade infantil", a partir das respostas desagregadas por sexo dos filhos (para as variáveis "filhos nascidos vivos", "filhos ainda vivos", "filhos nascidos nos últimos doze meses", e "filhos nascidos nos últimos doze meses actualmente vivos"). Foram subtraídos os valores dos "filhos nascidos nos últimos doze meses" aos "filhos nascidos nos últimos doze meses actualmente vivos" para obter a "mortalidade infantil".

## **2.4 - APRESENTAÇÃO DAS VARIÁVEIS SELECIONADAS**

Ao procedermos à selecção das variáveis significativas de cariz sociológico, em termos de associação com a fecundidade e com poder explicativo em relação à situação actual da fecundidade em Maputo, fundamentámo-nos nas análises teóricas que, dentro de uma linha de pensamento tradicional, apresentam os determinantes socio-demográficos da fecundidade.

Assim, começámos por incluir na nossa análise o seguinte conjunto de variáveis : as idades e o estado civil, estreitamente ligadas à fecundidade. A religião, que permite medir o sentido e a intensidade da relação entre religiosidade e fecundidade, continuando nas sociedades tradicionais a influenciar a fecundidade. Esta está fortemente associada à fecundidade, em função do sentimento de adesão a uma dada religião, da intensidade da prática religiosa e da maior ou menor homogeneidade dos casais motivada por essa mesma religião. O indivíduo pode assim adoptar uma determinada atitude face à fecundidade em função de uma dada cultura religiosa. Utilizámos a naturalidade e a zona de residência, a fim de medir a influência que a residência e a naturalidade têm sobre a fecundidade. Embora a assimilação de um comportamento rural ou urbano possa estar mais ligada à vivência numa dada área geográfica, consideramos que podemos vir a encontrar uma situação significativamente diferenciada no espaço. Se, por um lado, uma diferente dimensão ou características da localidade de residência pode implicar um efeito directo no comportamento fecundo, por outro lado pode dar origem ou ser consequência, indirectamente, de outros

factores igualmente determinantes, como são o rendimento do casal, a educação, a participação da mulher no mercado de trabalho e a mobilidade social. Um outro factor que todos os autores são unânimes em considerar como determinante das variações da *fecundidade* é a educação, sendo uma das variáveis com maior valor explicativo no estudo da *fecundidade diferencial*. Mas esta poderá não ser, em si mesma, uma determinante directa. Pode ser determinante real uma mudança de atitudes, de comportamentos, induzida por uma determinada variação do nível de educação.

A diferença entre o nível de instrução das mulheres e a fecundidade total, a nível mundial, com base nos resultados do *World Fertility Survey*, durante os anos setenta, mostra a importância da educação da mulher no adiamento do casamento, o que provoca conseqüentemente uma redução no número final de filhos, particularmente na Ásia e na África. Considerámos, no conjunto das variáveis explicativas, duas outras variáveis que podem influir sobre a fecundidade: o conhecimento da língua portuguesa<sup>64</sup> e a língua materna<sup>65</sup>.

Outro conjunto de variáveis seleccionadas dizem respeito à relação entre actividade profissional e fecundidade. A influência da participação da mulher na força de trabalho sobre a fecundidade é uma questão abordada em todos os estudos sobre a fecundidade diferencial.

O grau de parentesco<sup>66</sup>, ou seja a posição que a mulher ocupa no seu agregado familiar, face ao chefe desse agregado, tornou-se uma variável importante, quando nos apercebemos que tinha uma associação muito forte com a fecundidade. Por fim, as características da habitação são importantes como variáveis que influenciam indirectamente, porque definem sobretudo o estilo e condições de vida das mulheres.

---

<sup>64</sup> O conhecimento da língua portuguesa é uma das variáveis que pertence ao grupo de questões sobre características culturais e educacionais. A pergunta é "Sabe falar português?". As respostas possíveis são SIM ou NÃO, não distinguindo se é a língua materna ou não.

<sup>65</sup> Neste caso a pergunta é: " Em que língua aprendeu a falar?" e pode incluir o português. As modalidades de resposta são: línguas locais, estrangeiras, asiáticas, africanas e europeias. Nós agrupámos estas modalidades em três: locais, estrangeiras (inclui asiáticas e africanas) e europeias.

<sup>66</sup> O grau de parentesco situa-se sempre em relação ao chefe do agregado familiar. Assim temos sete modalidades: chefe, cônjuge, filhos, pais, netos, outros parentes e sem parentesco.

### III - CONCEITOS BÁSICOS E QUALIDADE DOS DADOS

Antes de procedermos à análise propriamente dita, começaremos por referir alguns dos conceitos e dados a utilizar. Em demografia, a qualidade e a disponibilidade da informação é uma questão fundamental. Antes de qualquer análise demográfica, vemo-nos confrontados com a necessidade de avaliar que tipo de dados temos disponíveis. No presente estudo da fecundidade diferencial, iremos fazer referência aos seguintes conceitos demográficos:

- filhos nascidos vivos
- nascimentos nos últimos 12 meses
- taxa de fecundidade
- descendência média

Quando nos referimos aos filhos nascidos vivos, trata-se de todos os filhos que a mulher teve até à data, independentemente de terem falecido ou não depois do nascimento. Se tivéssemos de excluir os que morreram posteriormente, seria limitar a análise apenas às mulheres com filhos nascidos vivos, ainda vivos na altura do inquérito. Esta variável serviu para o cálculo da fecundidade realizada. A fecundidade realizada (F.R.), é o termo escolhido para denominar o número médio de filhos tidos por mulher até à data do inquérito.

Os nascimentos ocorridos nos últimos 12 meses é a variável dos "nascimentos" e permitiu calcular a taxa de fecundidade (número médio de filhos nascidos nos últimos doze meses, em que o denominador são as mulheres com idades compreendidas entre os 15 e os 49 anos) e a descendência média.

A descendência média (D.M.) é o número médio de filhos tidos, número de filhos atingido por uma mulher no final do seu período reprodutivo, se se mantiverem as condições actuais<sup>67</sup>.

---

<sup>67</sup>descendência atingida por uma mulher, no final do período de procriação

Em termos muito genéricos, passamos a expor alguns dos problemas que virão a colocar-se no que respeita à qualidade dos dados. Podemos referir, entre outros, erros nas respostas dadas, erros de codificação e erros na introdução dos dados. Os dados demográficos são necessariamente influenciados pelos processos psicológicos e administrativos que envolvem a sua colheita e organização. São por isso sujeitos a uma série de erros sistemáticos. As populações descritas nos inquéritos e censos africanos diferem muito pelas suas características culturais. É de esperar que alguns padrões de perturbação nos dados africanos se distingam, com alguma extensão, dos geralmente encontrados noutros países. Todos os levantamentos de dados africanos partilham o problema de tentar registar a idade das suas populações, que não conhecem a sua idade exacta e não estão particularmente interessadas em conhecê-la. A idade é geralmente apresentada em grupos de cinco anos. A informação recolhida acerca da fecundidade, em África, refere-se por um lado aos nascimentos num período recente, e por outro é de natureza retrospectiva, dizendo respeito aos nascimentos durante a vida da entrevistada.

Brass destacou que a fonte para um conhecimento exacto acerca dos nascimentos e dos óbitos, o registo completo e contínuo desses eventos vitais, é simplesmente impossível de encontrar em África. O registo, em Moçambique, não abrange a totalidade da população, nem é contínuo, mesmo nas cidades. Daí que, para qualquer estudo e análise de aspectos da população, não existe outra alternativa senão usar os dados dos censos e de inquéritos.

Contribuem para a má qualidade dos dados, entre outras causas, a alta taxa de analfabetismo, principalmente entre a população rural, as más condições da maioria das estradas, pelo menos na época das chuvas e a deficiente rede de comunicações. Recorreu-se muitas vezes a dados retrospectivos declarados pelas mulheres nos censos e nos inquéritos, acerca do seu passado face à fecundidade.

Quanto à metodologia utilizada no I.D.N., pelos técnicos do Ministério e da Universidade (que construíram a matriz de dados)<sup>68</sup>, para corrigir os dados do próprio inquérito, fez-se por via indirecta, por estimação, baseando-se por um lado, em informações retrospectivas da história reprodutiva das mulheres e sobrevivência dos filhos nascidos para calcular a fecundidade e a mortalidade, e por outro, em informação sobre a distribuição da população por idade e sexo para o cálculo da taxa bruta de natalidade e a taxa bruta de mortalidade. A declaração da idade correcta é uma informação muito importante na análise demográfica e que expressa por si só o comportamento histórico e actual de uma população, pelo que qualquer fenómeno, como uma alta mortalidade no passado, causada por uma guerra ou epidemia ou má declaração da idade no momento da entrevista, deixa vestígios. Pode-se observar, com facilidade, que uma pirâmide demográfica construída por idades, não é igual a uma pirâmide construída por grupos quinquenais de idade, já que este tipo de gráfico "suaviza" a flutuação das declarações de idade.

O facto de não conhecer com exactidão a idade das entrevistadas afecta a informação e os resultados obtidos, afecta a medição dos componentes demográficos, daí a necessidade prioritária de uma análise profunda desta informação através de métodos indirectos que nos permitem salvar em parte a informação referida. Dentro desta análise podem-se distinguir três aspectos: a idade ignorada, a má declaração de idades e a omissão diferencial por idades.

No caso concreto deste inquérito, os níveis de fecundidade estão subestimados, e existe uma sub-declaração de filhos nascidos vivos, a partir dos 25 anos. A má declaração das idades das mulheres é uma constante.

Quanto à idade ignorada, no caso do IDN/91, representa 0.42 %, tendo a área urbana maior percentagem que a área rural. Como esta proporção não é significativa, ajustou-se a informação. No caso de algumas variáveis como as de migração, educação, população economicamente activa, a idade

---

<sup>68</sup> Referimo-nos à metodologia e aos programas informáticos, para corrigir e ajustar os dados que foram analisados pelos próprios técnicos, para os seus resultados e relatórios. No nosso caso a base de dados é considerada "em bruto", não estando "limpa" dos erros de omissão e introdução dos dados.

ignorada foi mais elevada. Este fenómeno deve-se possivelmente ao facto de as entrevistadas que declararam os dados pelo resto da família, serem, na maioria dos casos as mulheres mais velhas e as muito jovens, que estavam geralmente em casa. Só no caso da secção do inquérito relativa à fecundidade, era obrigatória a presença das mulheres de doze anos e mais, para responderem às questões.

O índice de Whipple confirma uma forte atracção das idades terminadas em 0 e 5 e alguns números pares, para o IDN/91<sup>69</sup>. Para o ajuste da informação a Comissão do Plano recorreu ao método de Arriaga por ter muitas afinidades com os índices de masculinidade da população "observada" na qual as mulheres eram as mais vulneráveis no desconhecimento das suas idades, com excepção da área urbana, em que se observou uma melhor declaração.

O índice de Whipple permitiu avaliar a informação do I.D.N. para as províncias, segundo as áreas de residência (urbana e rural) e sexo. Em relação à variável "sexo" dos indivíduos, a qualidade da informação para as mulheres está mais afectada do que a dos homens. O Índice das Nações Unidas bem como os anteriores avalia a qualidade da informação segundo o sexo e as idades.

Na aplicação ao I.D.N. para o país deu-lhes um índice de 50.8, o que significa que a informação do I.D.N. não é satisfatória, mas ao ser realizada a correcção dos dados<sup>70</sup>, este índice toma o valor de 19.7, com o qual esta informação passa a ser satisfatória<sup>71</sup>.

---

<sup>69</sup>"Informação básica", Inquérito demográfico Nacional, Comissão Nacional do Plano, Maputo, 1991.

<sup>70</sup>Os técnicos responsáveis pelo IDN, utilizaram métodos de correcção e ajustamento dos dados, para fazerem os cálculos que necessitavam. No entanto, a base de dados por nós trabalhada não está corrigida.

<sup>71</sup>"Informação básica", Inquérito demográfico Nacional, Comissão Nacional do Plano, Maputo, 1991.

## **CAPITULO IV - ANÁLISE DOS DADOS**

### **I - A POPULAÇÃO DA AMOSTRA E AS SUAS CARACTERÍSTICAS**

Passamos de seguida, a caracterizar o conjunto de mulheres inquiridas que constituem a amostra sobre a qual trabalhámos.

#### **1. 1- IDADES**

A idade é uma das principais variáveis responsáveis por uma fecundidade diferenciada. Começamos então por referir a composição etária do grupo.

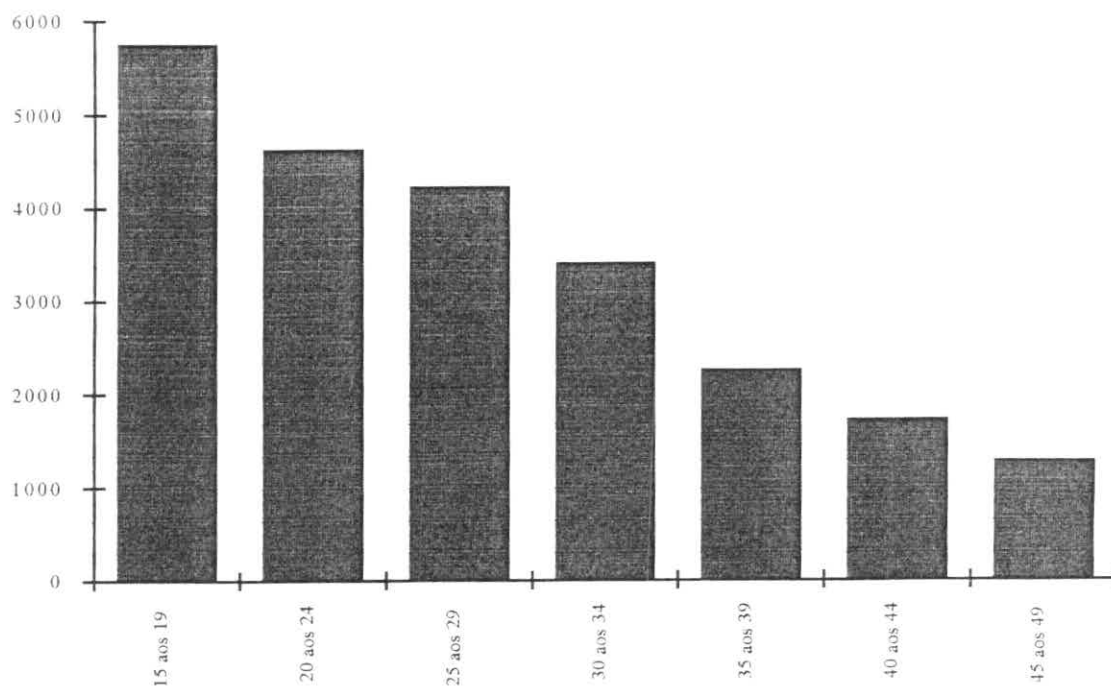
O quadro V e a sua representação gráfica (gráfico I) mostram o tipo de população jovem que caracteriza a cidade de Maputo (44.7 % da amostra tem entre 15 e 24 anos). A amostra foi dividida em sete grupos quinquenais, desde os 15 até aos 49 anos de idade, inclusive. Este intervalo é também o mais comum quando se estuda a fecundidade, apesar de, neste caso específico, poderem existir algumas dúvidas, quanto ao início da idade fecunda, que em muitos casos começa antes dos 15 anos de idade.

Existem 24.8 % de mulheres com idades inferiores a 20 anos, e 19.9 % com idades compreendidas entre os 20 e os 24 anos. As percentagens vão diminuindo à medida que se vai subindo nas idades, chegando ao valor de 5.4% nas idades 45-49.

A média etária é de 27.3 anos e a mediana de 26 anos. Observamos no Quadro V que as mulheres das idades mais fecundas (20-29 anos) constituem 38.1 % do total da nossa amostra, o que se torna bastante significativo para a análise da fecundidade por idades.

QUADRO V - IDADES			
IDADES	EFFECTIVOS	%	% acumulada
15 aos 19	5744	24.8	24.8
20 aos 24	4619	19.9	44.7
25 aos 29	4212	18.2	62.9
30 aos 34	3391	14.6	77.5
35 aos 39	2244	9.7	87.2
40 aos 44	1711	7.4	94.6
45 aos 49	1274	5.4	100
Total	23195	100.0	100

GRÁFICO I - IDADES



A forma apresentada pela estrutura etária da amostra é bastante importante, na medida em que a dinâmica do processo reprodutivo é da responsabilidade das mulheres mais jovens dentro do período fértil.

Nestes termos, interessa-nos analisar o comportamento fecundo destas mulheres e os possíveis factores determinantes desse comportamento, de modo a que possamos prever qual a provável evolução num futuro próximo.

A generalização dos resultados das mulheres mais novas não oferece a garantia de ser perfeitamente correcta nem definitiva, uma vez que ainda se encontram em risco de ter filhos e não podemos tirar conclusões em termos de razões explicativas de um determinado comportamento que provavelmente ainda virá a ser alterado.

## **1.2. - ESTADO CIVIL**

Passamos seguidamente a referir qual a situação matrimonial das mulheres inquiridas. No quadro VI e no gráfico II podem-se observar as diferentes distribuições do estado civil.

Apesar de serem muito novas, 47.9 % das mulheres já estão casadas, em regime monogâmico e 8.9% no poligâmico. 36.8% permanecem, até à data, solteiras.

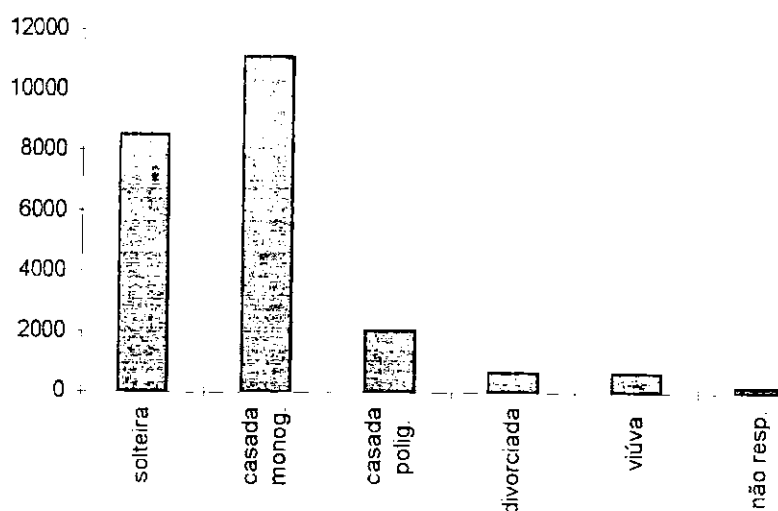
Esta variável está estreitamente ligada à idade. No Quadro VI pode-se ler que 81.3 % das raparigas com 15-19 anos são solteiras, mas só 7.3 % das mulheres entre os 45-49 têm o mesmo estado civil.

Nota-se um grande salto entre os 15-19 e os 20-24 anos, em relação ao regime de casada monogâmica que passa de 13.9 % para 44.1%.

A maior percentagem de casadas monogâmicas e de casadas poligâmicas concentram-se no grupo 35-39 anos, e de divorciadas/separadas, e viúvas no grupo 45-49 anos.

QUADRO VI - ESTADO CIVIL POR GRUPOS ETÁRIOS (%)								
estado civil	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	Total
solteira	81.3	45.1	23.0	11.9	8.5	7.0	7.3	36.8 (8531)
casada monogâmica	13.9	44.1	61.6	67.4	67.9	65.0	59.7	47.9 (11113)
casada poligâmica	2.9	7.7	9.9	12.6	13.7	12.5	12.7	8.9 (2054)
divorciada	.4	1.5	3.4	4.9	4.8	5.2	6.6	2.9 (680)
viúva	.1	.7	1.6	3.0	4.8	9.8	13.1	2.8 (651)
não resposta	1.3	.8	.5	.3	.3	.5	.6	.7 (166)
total	100	100	100	100	100	100	100	100 (23195)

GRÁFICO II - ESTADO CIVIL



As mulheres casadas (mogâmicas e poligâmicas) constituem a maioria em todas as idades, com exceção das idades 15-19 anos. Para o total da amostra (23.195 mulheres), a percentagem mais alta está representada pelas casadas monogâmicas (47.9), seguidas pelas solteiras (36.8) e casadas poligâmicas (8.9). Apenas 2.9 % e 2.8 % representam as divorciadas e as viúvas, respectivamente (total de 5.7 %). No entanto, as solteiras são maioritárias em relação às casadas monogâmicas até ao grupo 20-24, passando no grupo etário 35-39, a ser maioritário, o número de casadas poligâmicas em relação às solteiras.

QUADRO VII - NUPCIALIDADE									
IDADES	mulheres	não casadas		casadas		divorciadas		viúvas	
		total	%	total	%	total	%	total	%
15 aos 19	5744	4672	81.3	967	16.8	24	.4	6	.1
20 aos 24	4619	2085	45.1	2395	51.8	68	1.5	32	.7
25 aos 29	4212	968	23.0	3012	71.5	64	3.4	6	1.6
30 aos 34	3391	402	11.9	2713	80.0	166	4.9	101	3.0
35 aos 39	2244	191	8.5	1831	81.5	107	4.8	108	4.8
40 aos 44	1711	120	7.0	1327	77.5	89	5.2	167	9.8
45 aos 49	1274	93	7.3	922	72.3	84	6.6	167	13.1
Total	23195	8531	36.8	13167	56.7	680	2.9	651	2.8
mediana		21 anos		30.6 anos		30.2 anos		35.4 anos	

Este quadro apresenta o total de mulheres solteiras, casadas, divorciadas e viúvas por grupos etários, permitindo calcular a idade média das mulheres por estado civil que equivale a 21 anos para as solteiras, 30.6 para as casadas, 30.2 as separadas e 35.4 no caso das viúvas.

### 1. 3. - RELIGIÃO

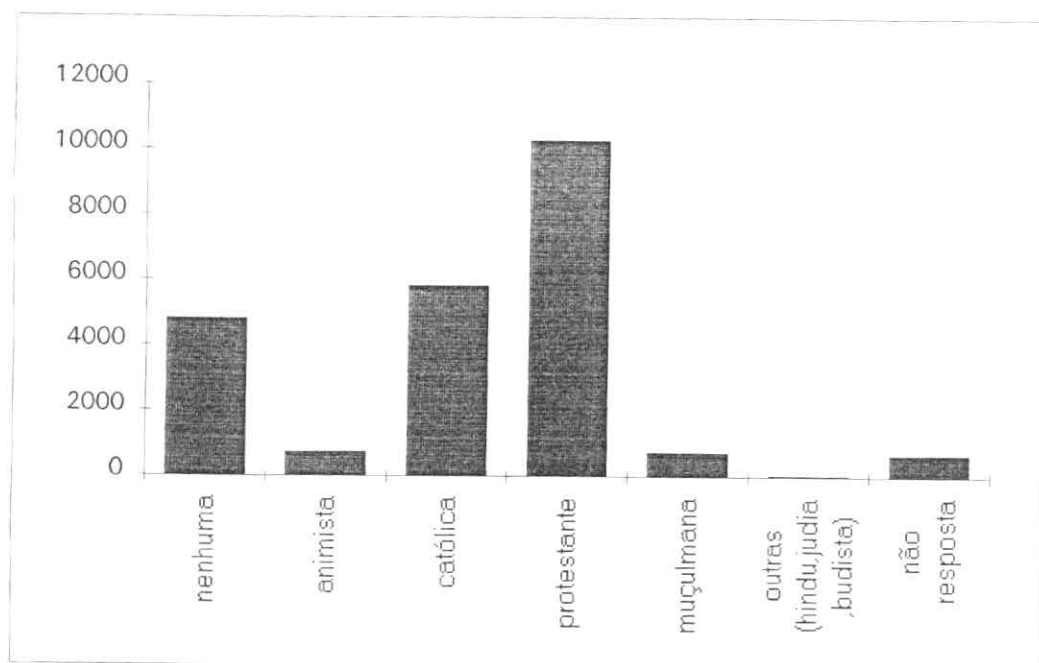
Uma outra variável igualmente com influência relevante em questões de fecundidade é a religião.

Verifica-se no quadro VIII e no gráfico III que a grande maioria das mulheres adere a uma religião, sendo as mais declaradas, a protestante (44.3 %) e a católica (25.2 %). A religião muçulmana, de forma diferente do que acontece noutras zonas do país (norte), prevalece apenas em 3.2 % das mulheres. As mulheres que afirmam não ter qualquer religião, são 20.9 %.

A adesão religiosa aumenta com a idade, embora de forma não muito significativa, sobretudo em relação às religiões protestante e muçulmana que têm as percentagens mais elevadas no último grupo etário. Quanto às religiões católica e animista têm o seu valor máximo no grupo etário 40-44.

QUADRO VIII - RELIGIÃO POR GRUPOS ETÁRIOS								
religião	15 -19	20 - 24	25-29	30- 34	35- 39	40- 44	45 - 49	Total
nenhuma	21.5	21.5	21.8	20.9	20.2	17.7	18.3	20.9 (4843)
animista	3.2	3.1	3.1	3.3	3.1	3.8	3.3	3.2 (749)
católica	26.3	25.6	24.0	23.8	25.6	28.1	21.4	25.2 (5836)
protestante	43.0	43.3	44.5	45.2	45.1	44.4	49.6	44.3(10281)
muçulmana	3.0	3.3	3.1	3.5	3.2	3.0	4.2	3.2 (753)
não resposta	3.	3.3	3.5	3.2	2.7	3.1	3.3	3.2 (733)
total	100	100	100	100	100	100	100	100 (23195)

GRÁFICO III - RELIGIÃO



#### 1.4. - NATURALIDADE E ZONA DE RESIDÊNCIA

As mulheres que vivem em Maputo, independentemente do tempo de residência, nasceram quase todas em meio urbano, sendo este a própria cidade de Maputo ou outras cidades do país (45.5 % nasceu em Maputo e 14.9 % noutras cidade do país). 38.4 % nasceu em meio rural, nas diversas províncias do país, o que aliás precede imediatamente à percentagem de mulheres nascidas em Maputo, ficando para último as que nasceram em cidades de segundo plano.

A percentagem de mulheres que já nasceram em Maputo, vai diminuindo à medida que se vai subindo nos grupos etários e, em simultâneo, vão aumentando as mulheres que são naturais do resto do país.

O grupo com a maior percentagem de nascidas noutras cidades, à excepção de Maputo, é o grupo de idades 30-34.

QUADRO IX - LOCAL DE NASCIMENTO/GRUPOS ETÁRIOS								
Naturalidade	15 -19	20 - 24	25 - 29	30- 34	35- 39	40- 44	45 - 49	total
Maputo	64.9	53.0	40.5	33.2	32.0	27.1	28.8	45.5
Outras cidades	8.8	14.1	18.2	18.8	17.4	18.2	15.1	14.9
Resto do país	25.5	32.2	40.3	46.8	48.7	51.8	54.8	38.4
Outros	.5	.4	.6	1.0	1.6	2.2	1.3	.9
não resposta	.3	.3	.3	.2	.1	.3	.1	.3
casos omissos	.1	.1	.1	.1	.1	.1	-	-
mulheres	5744	4619	4212	3391	2244	1711	1274	23195

QUADRO X - LOCAL DE RESIDÊNCIA		
LOCALIDADE	há 5 anos	há 1 ano
Maputo	19813 (84.4)	21761 (93.8)
Outras cidades	867 (3.7)	368 (1.6)
Resto do país	2264 (9.8)	760 (3.3)
Outros	156 (.6)	74 (.3)
não resposta	20 (.1)	50 (.2)
casos omissos	75 (.3)	182 (.8)
efectivos	23195 (100)	23195 (100)

A vivência e a origem das mulheres pode influenciar o número de filhos nascidos, não só porque as mulheres provenientes de zonas rurais apresentam uma fecundidade mais elevada do que as de origem urbana, mas também porque a origem rural exerce uma influência indirecta através das diferenças induzidas no nível de educação da mulher. A origem pode afectar as referências e as atitudes face à fecundidade.

Moçambique é caracterizado pela existência de fluxos de migrações a nível interno (campo-cidade, interior-litoral), que condicionam o comportamento

reprodutivo das mulheres. De acordo com a informação disponível, 14.6 % das mulheres não vivia em Maputo cinco anos antes do inquérito, número que passa para 6.2 %, quando se pergunta onde viviam um ano antes da realização deste mesmo inquérito (Quadro X).

A distribuição por zonas de residência é a que se pode observar no Quadro XI. 45 % da amostra vive na zona suburbana muito densa, 38.5 % na zona suburbana rural e apenas 16.8 % na chamada zona de cimento. A maioria das mulheres vive na zona mais densa da cidade, que envolve a zona de cimento, mas são as mulheres entre os 30 e os 39 anos que têm percentagens mais elevadas a residir nesta zona. As mais velhas têm uma maior percentagem a residir na terceira coroa da cidade, de características rurais e menos densa.

Observa-se no quadro XI que mais de 80 % (83.2) das mulheres inquiridas residem nas duas zonas suburbanas (densa e rural), que se sabe não possuírem as condições mínimas de higiene compatíveis com um nível aceitável de saúde.

QUADRO XI - MULHERES POR ZONAS DE RESIDÊNCIA/GRUPOS ETÁRIOS								
zona	15 -19 %	20 -24 %	25 -29 %	30 -34 %	35- 39 %	40 -44 %	45 - 49 %	TOTAL %
cimento	927(16.1)	696 (15.1)	753 (17.9)	657 (19.4)	446(19.9)	258(15.1)	168(13.2)	3905 (16.8)
densa	2593(45.1)	2107(45.6)	1857(44.1)	1494(44.1)	998(44.5)	776(44.8)	546(42.9)	10361(45)
rural	2224(38.7)	1816(39.3)	1602(38.0)	1240(36.6)	800(35.7)	687(40.2)	560(44.0)	8929(38.5)
Total 100	5744	4619	4212	3391	2244	1711	1274	23195

## 1.5. - EDUCAÇÃO

Quanto ao nível de instrução do grupo de mulheres entrevistadas, podemos observar que a grande maioria (91.8 %), possui uma habilitação igual ou inferior à instrução primária. Entre estas mulheres 24.5% nunca foi à escola, 67.3 % frequentou a instrução primária, tendo-a ou não completado.

Uma menor proporção de mulheres possui níveis de instrução mais elevados. Assim, 7.4 % possuem o nível de instrução secundário completo ou incompleto. Finalmente, apenas 0.4% frequentaram o ensino superior.

Existe uma percentagem de 11.7% que ainda estuda, correspondendo ao grupo etário mais jovem.

O nível de instrução também aumenta de forma inversa com a idade, sendo entre os 15 e os 19 anos que se verifica uma maior percentagem de mulheres com a instrução primária, mas é o grupo etário seguinte que proporcionalmente mais frequentou o nível de instrução secundário. A menor percentagem de jovens de 15-19 anos com o curso secundário, em relação ao grupo 20-24 anos, explica-se principalmente por muitas delas ainda não terem concluído este nível de estudos. 57.1 % das mulheres entre os 45 e os 49 anos de idade, não têm qualquer grau de instrução, no entanto verifica-se que a percentagem de mulheres sem instrução começa a subir a partir dos 35 anos.

QUADRO XII - GRAU DE INSTRUÇÃO POR GRUPOS ETÁRIOS								
	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	Total
nenhum	537 (9.3)	674 (15)	785 (18.6)	1113 (33)	945(42.1)	899(52.5)	728(57.1)	5681(24.5)
primária	4782(83.3)	3339 (74)	2958 (70.)	1959(57.7)	1166 (52)	744(43.5)	512(40.2)	15520 (67)
secundária	398 (7.0)	516(11.2)	428 (10.9)	276 (8.1)	108 (4.8)	41 (2.4)	25 (2.0)	1792(7.73)
superior	6 (1)	17 (4)	20 (5)	19 (6)	17 (8)	17 (1.0)	6 (5)	102 (4)
N.resposta	4	3	5	7	4	6	2	100 (4)
total (100%)	5744	4619	4212	3391	2244	1711	1274	23195

Com uma maior escolaridade são as mulheres entre os 15 e os 24 anos, diminuindo marcadamente esta percentagem no grupo 30-34.

Em termos de alfabetização, a maioria sabe ler e escrever (70.8 %) e 29.2 % são analfabetas (quadro XIII). Podemos verificar no caso da alfabetização, representada no quadro XIII, que 87.7 % das raparigas com idades entre os 15 e os 19 anos sabem ler e escrever, enquanto, apenas 34.3 % das mulheres com 45-49 anos o fazem.

Idade e alfabetização estão intimamente correlacionadas.

QUADRO XIII - ALFABETIZAÇÃO POR GRUPOS ETÁRIOS								
alfabetização	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	Total
sabe ler/ escrever	87.7	82.2	76.7	61.4	50.9	39.9	34.3	70.8
analfabeta	12.3	17.8	23.3	38.5	49.1	60.2	65.7	29.2
total	100	100	100	100	100	100	100	100

## 1.6. - CONHECIMENTO DO PORTUGUÊS E LÍNGUA MATERNA

No quadro XIV pode-se verificar que quase todas as mulheres falam português (80.3), que é a língua oficial e institucionalizada, o que é relativamente corrente na capital do país. No entanto existe ainda uma percentagem de 19.7 % que não o fala. Provavelmente falam num dos muitos *dialectos* que continuam a ser a língua materna mais importante em Moçambique.

QUADRO XIV - CONHECIMENTO DO PORTUGUÊS POR GRUPOS ETÁRIOS								
fala português	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	Total
sim	92.8	88.9	85.0	74.0	65.5	56.3	53.2	80.3
não	7.2	11.1	15.0	26.0	34.5	43.7	46.8	19.7
total	100	100	100	100	100	100	100	100

No caso da língua materna, 80.8 % aprendeu a falar numa das dezenas de dialectos e línguas transmitidas oralmente de geração em geração e só 17.2 % aprendeu desde pequena a falar português.

QUADRO XV - LÍNGUA MATERNA POR GRUPOS ETÁRIOS								
língua materna	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	Total
línguas locais (dialectos)	76.5	79.4	80.2	83.6	84.8	84.8	86.9	80.8
estrangeiras	.2	.0	.3	.3	.7	.5	.7	.3
européias (incluído português)	22.0	18.6	17.7	14.5	12.9	12.1	10.3	17.2
não resposta	1.3	1.9	1.8	1.5	1.6	2.6	2.1	1.7
total	100	100	100	100	100	100	100	17.2

## 1.7. - OCUPAÇÃO

Só 7163 (30.9 %) mulheres da amostra dizem trabalhar, 69.1 % não trabalham, respondendo as mesmas serem domésticas (58.8 %) ou ainda estudantes (15.9 %), entre outras ocupações.

As que trabalham fazem-no sobretudo em situação permanente, em actividades ligadas à "ciência e técnica", "comércio e vendas", dentro de categorias ocupacionais do "aparelho de estado" e sector "privado", "por conta própria" e ainda "trabalho familiar não remunerado"<sup>72</sup>.

QUADRO XVI - (TRABALHO NA ÚLTIMA SEMANA) POR GRUPOS ETÁRIOS								
	15 -19	20 -24	25- 29	30-34	35-39	40-44	45-49	Total
sim	13.2	27.9	38.2	41.8	42.5	39.4	36.6	30.9
não	86.8	72.1	61.8	58.2	57.5	60.6	63.4	69.1
total	100	100	100	100	100	100	100	100

A maior percentagem de trabalhadoras encontra-se entre as mulheres com idades entre os 30 e os 39 anos de idade, as não trabalhadoras são sobretudo as raparigas entre os 15 e os 19 anos. Apenas 13.2 % deste grupo etário diz trabalhar enquanto a maioria diz estudar. Nos outros casos são domésticas. É uma situação que aumenta com a idade, pois a percentagem mais alta de domésticas encontra-se no grupo 45-49 anos e a mais baixa no grupo 15-19 (quadro XVII).

<sup>72</sup> Estes grupos profissionais foram construídos à priori pelos codificadores do questionário, o que veio impedir a construção da nossa própria tabela de grupos profissionais, que pudesse dessa forma ser comparável às profissões portuguesas. No entanto os próprios denominadores indicam as áreas profissionais.

QUADRO XVII - RAZÃO PORQUE NÃO TRABALHOU POR GRUPOS ETÁRIOS								
razão de não trabalhar <sup>73</sup>	15 -19	20 - 24	25 - 29	30 - 34	35 - 39	40 - 44	45 - 49	Total
procura emprego	3.0	4.7	3.7	1.5	2.6	2.4	0.9	3.4
estudante	39.1	12	4.1	2.1	1.4	1.2	1.6	17
doméstica	28.8	58.7	72.8	79	80	78	79	64
outra situação	12.4	9.1	6.8	5.5	5	4.5	6.4	16
não resposta	16.8	15.5	12.5	12	11	14	13	-
total	100	100	100	100	100	100	100	100

QUADRO XVIII - PROFISSÃO PRINCIPAL POR GRUPOS ETÁRIOS								
profissão principal <sup>74</sup>	15 -19	20- 24	25 - 29	30- 34	35- 39	40- 44	45- 49	total
ciência-técnica	48.1	38.2	31.9	31.0	32.0	34.0	34.0	35.0
profissão artística	1.5	3.8	6.2	5.2	4.7	3.7	2.7	4.4
directores/administrativo	2.2	8.3	13.9	14.0	10.0	6.2	6.2	10.0
comércio-vendas	22.2	27.4	27.2	28.0	29.0	27.0	22.0	27.0
serviços	14.1	10.8	9.0	8.0	8.7	8.7	9.5	9.8
agricultura-siv.- pescas	5.2	4.5	4.3	5.4	7.7	12.0	17.0	6.7
operárias	6.6	6.9	7.2	7.6	8.2	7.7	7.3	7.3
total	100	100	100	100	100	100	100	100

Como já tínhamos visto, a maioria exerce profissões ligadas à "ciência e técnica", "comércio-vendas" e "serviços". Quem está mais ligado às mesmas são as mulheres entre os 40 e os 44 anos, para as profissões que correspondem à "ciência-técnica", e o grupo 35-39 anos para o "comércio-vendas" e "serviços". Quanto às "profissões artísticas", é o grupo 25-29 que mais as exerce e no "administrativo" é o grupo 30-34. No caso do operariado e da agricultura são os grupos de idade 35-39 e 45-49, respectivamente, os mais ligados a estas profissões.

<sup>73</sup> Equivale ao número de mulheres que não trabalham, fazendo um total de 16.032 mulheres. As causas de não trabalhar é a variável que se refere, na parte do questionário dedicada à condição de actividade na última semana (em relação à data de aplicação do questionário), à pergunta "Se não trabalhou, indique o motivo?". As modalidades de resposta de origem eram oito: procura emprego pela primeira vez, procura novo emprego, estudante, reformado, serviço militar, doméstica, incapacidade e outra situação. Nós decidimos reagrupá-las em quatro modalidades: procura emprego (procura emprego pela primeira vez, procura novo emprego), estudante, doméstica e outra situação (reformado, serviço militar, incapacidade e outra situação)

<sup>74</sup> São as mulheres que exercem uma profissão à data do inquérito, num total de 7.163 mulheres. As modalidades referentes à profissão são: ciência-técnica, profissão artística, directores, administrativo, comércio-vendas, serviços, agricultura-sivicultura-pescas e operárias.

QUADRO XIX - CATEGORIA OCUPACIONAL POR GRUPOS ETÁRIOS								
categoria ocupacional <sup>75</sup>	15 -19	20 - 24	25 - 29	30 - 34	35 - 39	40- 44	45- 49	Total
Por conta de outrem <sup>76</sup>	47.5	52.7	58.6	57	51	49	48	54
Por conta própria	16.4	19.5	21.1	23	25	27	27	22
familiar não remunerado	33.6	25.8	19.1	18	21	23	24	22
patrão	2.46	1.95	1.43	1.5	1.7	1.1	1.4	1.7
total	100	100	100	100	100	100	100	100

Como podemos observar no quadro XIX, são exactamente as mulheres entre os 30 e os 39 anos que mais participam nas categorias "por conta própria" e "trabalho familiar não remunerado", concentrando-se apesar de tudo, quase todos os grupos de idade nos mesmos ramos de actividade económica.

### 1.8. - GRAU DE PARENTESCO

QUADRO XX - GRAU DE PARENTESCO POR GRUPOS ETÁRIOS								
Parentesco <sup>77</sup>	15 -19	20 - 24	25 - 29	30 - 34	35 - 39	40- 44	45- 49	geral
	efectivo%	efectivo%	efectivo%	efectivo%	efectivo%	efectivo%	efectivo%	efectivo%
Chefe do agregado	26(0.4)	84 (1.8)	235(5.5)	338 (10)	330 (14.7)	322(18.8)	298(23.4)	1633 (7)
Cônjuge	450(7.8)	1557 (34)	2294(54.)	2219(65.)	1541(68)	1123(66)	769(60)	9953(43)
Filha	3621(63)	1630 (35)	795(18.8)	353(10.4)	100(4.4)	46(2.6)	16(1.2)	6561(28.)
Mãe	0	0	0	34(0.1)	26(1.1)	57(3.3)	76(5.9)	193(0.8)
Neta	204 (3.5)	110 (2.3)	36(0.8)	18(0.5)	5(0.2)	6(0.3)	4(0.3)	383(1.6)
Outros	1328 (23)	1167(25.)	793(18.8)	403(12)	227(10)	146(8.5)	98(7.7)	4162(18)
Sem parentesco	87 (1.5)	53(1.1)	47(1.1)	14(0.4)	9(0.4)	9(0.5)	11(0.8)	2308(0.9)
Não resposta	28 (0.4)	18(0.3)	12(0.2)	12(0.3)	6(0.2)	2(0.1)	2(0.1)	80(0.3)
Total	5744	4619	4212	3379	2244	1711	1272	23195

<sup>75</sup> São todas as mulheres que exercem uma profissão à data de realização do inquérito, fazendo um total de 7.163 mulheres. A categoria ocupacional estava dividida em oito modalidades: estadual, estatal, privado, cooperativa, conta-própria, familiar sem remuneração, cooperativista de produção e patrão. Decidimos agrupar a categoria ocupacional em quatro modalidades: por conta de outrem (estadual, estatal, cooperativa e cooperativista de produção), conta própria (privado, conta-própria) familiar sem remuneração e patrão.

<sup>76</sup> Agrupa as seguintes categorias: aparelho do estado, privado, cooperativa e cooperativista de produção.

<sup>77</sup> O grau de parentesco situa-se sempre em relação ao chefe do agregado familiar. Assim temos sete modalidades: chefe, cônjuge, filhos, pais, netos, outros parentes e sem parentesco.

Esta variável permite situar o parentesco de cada uma das mulheres dentro da família, em relação ao chefe do agregado familiar. Como se pode verificar, para o total da amostra, 43 % das mulheres são cônjuges do chefe do agregado familiar, seguidas pelas filhas (28 %). Existem 7% de mulheres, elas próprias, chefes do agregado familiar.

No primeiro grupo etário a maioria das raparigas são filhas ou netas do chefe do agregado familiar, mas já existem 7.8 % de cônjuges. No segundo grupo etário (20-24 anos), a percentagem de cônjuges e de filhas é semelhante (34 e 35 %, respectivamente).

À medida que se sobe nos grupos etários, a percentagem de mulheres "chefes do agregado familiar " aumenta de 0.4 % no primeiro grupo até 23.4 % no último grupo etário.

É curioso notar que existem em quase todos os casos, até aos 29 anos, cerca de 20 % de mulheres que têm "outro" parentesco no seio da família. Podem ser primas, cunhadas, tias, etc., o que vem comprovar, a importância da família alargada em Maputo.

A distribuição das famílias segundo o número de elementos por família, pode variar de 1 (95 casos) até 32 (7 casos). O valor médio de 7.9 pessoas por grupo familiar indica a característica de família extensa, própria desta população, que como vimos, pode chegar até aos 32 elementos por agregado familiar.

## 1.9. - CARACTERÍSTICAS E CONDIÇÕES DE HABITAÇÃO

QUADRO XXI - CONDIÇÕES E CARACTERÍSTICAS DE HABITAÇÃO/PAREDES								
paredes	15 -19	20 - 24	25 - 29	30 - 34	35 - 39	40 - 44	45 - 49	GERAL (%)
cimento-tijolo	57.6	53.6	54.2	55.8	55.9	54.4	53.3	12824 (55.3)
madeira-zinco	11.7	11.5	11.1	10.6	11.0	12.7	14.4	2679 (11.5)
caniço-paus	25.2	28.6	28.0	27.0	27.4	27.8	26.5	6291 (27.1)
maticada	4.2	5.0	5.4	5.3	4.5	3.9	4.7	1104 (4.8)
adobe/outros	.8	.7	.6	.7	.8	.7	.6	164 ( .7)
não resposta	.6	.7	.7	.5	.4	.4	.5	133 ( .6)
total	100	100	100	100	100	100	100	23195 (100)

As casas são compostas, maioritariamente, por paredes de cimento-tijolo ou caniço-paus. A madeira-zinco e a maticada<sup>78</sup> são os materiais menos utilizados para a construção das paredes. Não existem variações significativas com a idade.

QUADRO XXII - CONDIÇÕES E CARACTERÍSTICAS DE HABITAÇÃO/COBERTURA								
-cobertura	15 -19	20 - 24	25 - 29	30 - 34	35 - 39	40 - 44	45 - 49	GERAL (%)
laje-betão/telha	10.8	19.2	21.3	21.8	23.5	19.4	17.3	4798 (20.7)
lusalite/zinco	74.7	75.2	73.3	73	71.7	75.1	78.3	17213 (74.2)
capim/outros	4.1	4.8	4.7	4.7	4.4	5.1	3.9	1044 (4.5)
não resposta	5	.9	.7	.6	.4	.4	.6	140 (.6)
total	100	100	100	100	100	100	100	23195 (100)

A cobertura é construída sobretudo em lusalite-zinco. Nesta variável já se nota uma variação quanta à cobertura em laje-betão/telha, que parece ser mais significativa nas casa das mulheres dos 25 aos 39 anos.

QUADRO XXIII - CONDIÇÕES E CARACTERÍSTICAS DE HABITAÇÃO/PAVIMENTO								
-pavimento	15 -19	20 - 24	25 - 29	30 - 34	35 - 39	40 - 44	45 - 49	GERAL (%)
madeira-parquet	16.6	14.4	15.9	18.1	19.1	16.0	13.3	3771 (16.3)
mármor.gran.tijoleira	1.8	1.9	1.6	2.2	1.4	2.1	1.4	412 (1.8)
cimento	68.7	69.1	68.4	65.3	65.9	66.7	69.6	15741 (67.9)
adobe/sem-nada	11.5	12.9	12.3	13.1	12.5	13.9	14.2	2921 (12.6)
outros	1.0	.9	1.0	.6	.7	.7	.6	204 (.9)
não resposta	.5	.8	.6	.7	.4	.5	.6	146 (.6)
total	100	100	100	100	100	100	100	23195 (100)

O pavimento é de cimento, de madeira ou de adobe. Mais raro é o pavimento em mármore-granulite e tijoleira. Aqui também se verifica que existe uma variação com as idades em relação às casas com pavimento em madeira e em adobe que parece variar de forma inversa consoante se sobe na idade.

<sup>78</sup> Significa casas rebocadas com barro.

**QUADRO XXIV - CONDIÇÕES E CARACTERÍSTICAS DE HABITAÇÃO/ÁGUA**

-água	15 -19	20 - 24	25 - 29	30 - 34	35 - 39	40 - 44	45 - 49	efectivos(%)
canalizada casa	21.1	18.7	20.3	21.9	22.6	20.5	18.8	4768 (20.6)
canali.fora de casa	19.4	19.9	19.4	18.3	18.0	17.8	21.3	4450 (19.2)
fontenários	35.1	36.0	35.0	35.6	36.1	37.2	32.7	8223 (35.5)
poço particular	8.6	7.4	7.8	7.7	8.1	8.1	8.3	1855 (8.0)
poço público	12.4	14.5	13.9	13.2	12.2	13.4	15.6	3118 (13.4)
rios /lagos/outros	1.7	1.6	1.9	1.7	1.8	1.8	1.6	402 (1.7)
não resposta	1.7	2.0	1.6	1.6	1.2	1.2	1.6	379 (1.6)
total	100	100	100	100	100	100	100	23195 (100)

A água é proveniente de fontenários ou canalizada dentro ou fora de casa. Poucos são os casos em que se tenham que deslocar a rios ou lagos. Não existem diferenças etárias significativas.

**QUADRO XXV - CONDIÇÕES E CARACTERÍSTICAS DE HABITAÇÃO/ELECTRICIDADE**

-electricidade	15 -19	20 - 24	25 - 29	30 - 34	35 - 39	40 - 44	45 - 49	efectivos(%)
sim	37.7	34.5	36.4	35.6	36.8	35.8	35.7	8394 (36.2)
não	61.8	64.5	63.2	63.9	62.9	63.5	63.6	14666 (63.2)
não resposta	.5	1.0	.4	.5	.3	.7	.7	135 (.6)
total	100	100	100	100	100	100	100	23195 (100)

Mais de metade da nossa amostra (63.2 %) não possui electricidade, bem como também não possui sanitário, como se pode constatar no quadro seguinte.

O oposto verifica-se quanto à utilização de latrinas (Quadro XXVII).

**QUADRO XXVI - CONDIÇÕES E CARACTERÍSTICAS DE HABITAÇÃO/SANITÁRIO**

-sanitário	15 -19	20 - 24	25 - 29	30 - 34	35 - 39	40 - 44	45 - 49	efectivos(%)
sim	24.0	22.2	23.8	25.2	25.6	22.1	21.4	5481 (23.6)
não	75.5	76.8	75.7	74.2	73.9	77.2	77.9	17554 (75.7)
não resposta	.6	1.0	.5	.6	.5	.7	.8	160 (.7)
total	100	100	100	100	100	100	100	23195 (100)

QUADRO XXVII - CONDIÇÕES E CARACTERÍSTICAS DE HABITAÇÃO/LATRINA								
-latrina	15 -19	20 - 24	25 - 29	30 - 34	35 - 39	40 - 44	45 - 49	efectivos(%)
sim	78.3	78.8	78.7	76.5	75.5	79.7	79.7	18118 (78.1)
não	19.9	19.3	20.1	21.5	22.5	18.5	18.4	4665 (20.1)
não resposta	1.8	1.9	1.3	2.0	2.0	1.8	1.9	412 (1.8)
total	100	100	100	100	100	100	100	23195 100

### 1.10. - CONCLUSÃO

De forma a sintetizar este ponto (IV.I), podemos dizer que temos uma população muito jovem. 44.7 % tem até 24 anos e 62.9 % até aos 29 anos.

A maioria é casada em regime monogâmico (47.9 %) e solteira (36.8 %). Mais de metade da população da amostra (56.8 %) é casada num dos dois regimes (monogâmico ou poligâmico).

A percentagem de mulheres solteiras passa de 81 % para 7 %, do primeiro ao último grupo etário. Ao contrário, quanto maior for a idade, maior é o número de mulheres casadas.

A variável estado civil varia muito com as idades, mas a proporção de mulheres casadas nesta população torna-se elevada ao verificarmos a tão grande juventude desta mesma população.

A religião mais praticada é a protestante, independentemente das idades e a prática religiosa aumenta com a idade.

Seria de esperar que a religião predominante fosse a católica ou a muçulmana, mas a cidade de Maputo torna-se exactamente característica pela sua diversidade e pela convergência de grupos, culturas e religiões, devido ao facto de ser a capital do país e acolher a população "migrante" de todas as outras regiões do país.

A maior parte das mulheres até aos 29 anos, já nasceu em Maputo e a partir dos 30 anos, a maior parte nasceu no resto do país. Vivem sobretudo na zona suburbana muito densa, qualquer que seja o grupo etário.

A maioria (67 %) tem o nível de instrução primário, mas esta percentagem diminui com as idades. A partir dos 40 anos, a maior parte não tem qualquer nível de instrução.

A quase totalidade (91.8 %) possui habilitações literárias iguais ou inferiores à instrução primária.

Sabem ler e escrever até aos 39 anos (mais de 50 %) mas a partir dessa idade começam a ser predominantemente analfabetas. Idade e alfabetização estão intimamente correlacionadas.

Sabem falar português, podendo ser a língua materna ou a segunda língua, apesar da percentagem do primeiro ao último grupo etário, passar de 92.8 % para 53.2 %, respectivamente. No caso do último grupo etário, a língua materna que predomina é o dialecto.

Quanto à ocupação, 69.1 % não trabalha, passando de 86.8 % para 63.4, esta percentagem, do primeiro ao último grupo etário. A percentagem de mulheres que trabalham passa de 13 % para 36 % do primeiro ao último grupo etário, atingindo a percentagem mais elevada no grupo etário 30-39 anos.

No primeiro grupo de idades (15-19 anos), as mulheres que não trabalham, são sobretudo estudantes. Do segundo ao último grupo etário são domésticas.

As que trabalham, exercem profissões ligadas à ciência-técnica e comércio-vendas, sobretudo na categoria ocupacional "por conta de outrem".

Quanto ao parentesco, a maior percentagem das mulheres são "cônjuges" (43 %) e "filhas" (28 %), mas nos dois primeiros grupos etários as "cônjuges" estão ultrapassadas pelas "filhas". As mulheres "chefes do agregado familiar" pertencem aos grupos etários mais velhos, passando esta percentagem de 0.4 para 23 % dos 15 -19 para os 45-49 anos, respectivamente.

Por fim, as características e condições de habitação são muito semelhantes em todos os grupos etários. Assim, temos em predominância: paredes de cimento/tijolo, cobertura em lusalite/zinco, pavimento em cimento, água proveniente de fontenários, casas sem electricidade e sem sanitário (com latrina).

## II. A FECUNDIDADE DIFERENCIAL

Da interacção de todos os factores que acabámos de referir ao longo desta exposição, de acordo com a perspectiva sociodemográfica, resulta um determinado nível de fecundidade. No entanto, embora alguns factores possam ter uma influência directa na fecundidade, existem casos de factores que poderão ter, simultaneamente, uma influência indirecta, e outros ainda em que a influência poderá ser pouco clara e mesmo recíproca, dificultando o estabelecimento de relações de causalidade entre as variáveis consideradas e a fecundidade.

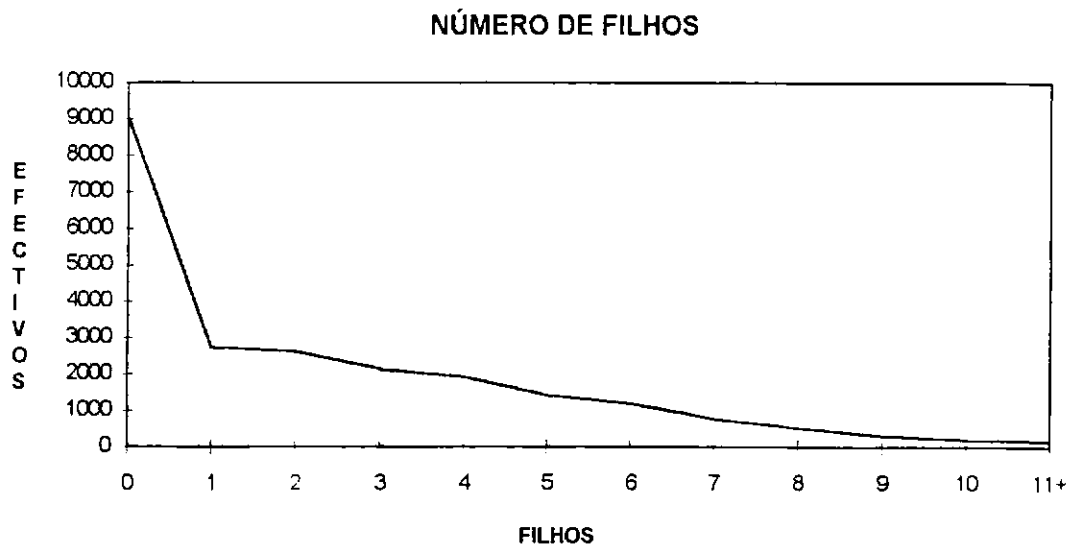
### 2.1. - FECUNDIDADE POR IDADES

Vamos começar por observar a distribuição do número de filhos nascidos vivos, dentro de cada grupo etário e da generalidade da amostra, apresentada no quadro XXVIII e gráfico IV.

QUADRO XXVIII - FILHOS NASCIDOS VIVOS POR IDADES DAS MÃES (%)								
Numero de filhos <sup>79</sup>	15 -19	20 - 24	25 - 29	30 - 34	35 - 39	40 - 44	45- 49	total
nenhum	84.5	42.4	21.7	15.7	14.0	15.0	15.6	9029 (38.9)
um	10.8	23.5	13.1	5.9	5.3	5.7	6.0	2746 (11.8)
dois	2.9	19.6	19.4	11.4	7.9	6.6	6.0	2655 (11.4)
três	.5	8.4	19.1	14.2	8.8	7.4	8.6	2135 (9.2)
quatro	.4	3.6	14.6	16.7	12.3	8.9	9.3	1919 (8.3)
cinco	.2	.9	6.8	15.3	14.0	9.5	9.1	1446 (6.2)
seis	.2	.6	3.2	10.4	14.5	12.9	12.2	1231 (5.3)
sete	.2	.3	1.0	5.4	10.5	10.3	9.0	776 (3.3)
oito	.1	.3	.6	2.8	6.0	9.1	8.6	541 (2.3)
nove	.0	.1	.2	1.4	3.4	6.3	6.8	332 (1.4)
dez e mais	.1	.3	.3	.8	3.2	8.2	8.3	385 (1.7)
total	100	100	100	100	100	100	100	23195(100)

<sup>79</sup>número total de filhos nascidos vivos

GRÁFICO IV - FILHOS NASCIDOS VIVOS PARA O TOTAL DA AMOSTRA



Começam-se a notar neste quadro os problemas da qualidade dos dados.

De facto, existem aqui casos biologicamente impossíveis, como por exemplo 0.1 % das raparigas com 15-19 anos terem mais de dez filhos, mas teremos de manter a informação tal como ela veio da origem, omitindo e ignorando estes dados.

A mediana é de 1 filho, o mínimo é de zero (9029 mulheres) e o máximo de 32 filhos (um caso). Este máximo também se considera um erro, mas como se verifica em apenas um caso, é atenuado quando analisarmos a média geral de filhos por mulher e por idades, e em cada uma das variáveis em estudo.

Os casos considerados como sendo errados ou de pouca qualidade, são muito poucos, o que de forma global, não deverá afectar a análise e a pertinência dos dados.

Em relação ao número de filhos nascidos vivos, variável que nos interessa fundamentalmente, podemos observar que 38.9 % das mulheres ainda não tiveram filhos, 11.8 % tiveram apenas um filho e 11.4 % dois filhos. Ou seja, 62.1 % tiveram menos de três filhos. Com três filhos nascidos vivos existem 9.2 % das mulheres, com quatro e cinco filhos 14.5 % das mulheres, entre seis e sete filhos 8.6 %, entre oito e nove filhos 3.7 %, e com dez e mais

filhos, existem 1.7 % das mulheres. Ao todo, 20.2 % das mulheres tiveram cinco e mais filhos nascidos vivos.

Visto de forma global pode-se concluir que 50.8 % da amostra tem até um filho (38.9 + 11.8), o que se deve em parte às idades muito baixas da maioria das mulheres.

O quadro XXVIII mostra como varia de forma significativa a percentagem de filhos por grupo etário. Basta passar do primeiro grupo (15-19) para o segundo, para ver descer para metade o número de mulheres sem filhos (de 84.5 para 42.4 %).

Apenas 15.6 % das mulheres com 45-49 anos são mulheres sem filhos, representando 2.2 % do total de mulheres que não têm filhos.

No primeiro grupo etário 10.8 % têm um filho, apesar das mulheres com apenas um filho se concentrarem sobretudo no grupo 20-24, o mesmo acontecendo para um total de dois filhos tidos até à realização do inquérito, o que neste caso também se vai concentrar de forma semelhante no grupo 25-29 (19.6 e 19.4 respectivamente para as idades 20 - 24 e 25 -29).

No quadro seguinte, apresenta-se a distribuição das mulheres entrevistadas por número de filhos tidos, segundo grupos etários (filhos distribuídos em coluna -100 % - e as idades em linha, é outra representação importante que interessa conhecer).

QUADRO XXIX - DISTRIBUIÇÃO DE TODAS AS MULHERES SEGUNDO O Nº DE FILHOS NASCIDOS VIVOS POR IDADES DAS MÃES																
Idades	Total	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	11+	Total filhos	M
15- 19	5744	4853	619	169	31	22	9	12	10	8	2	5	1	3	1513 - 2.8	0.26
20- 24	4619	1958	1085	906	386	166	40	27	16	14	5	9	3	4	5547-10.3	1.20
25- 29	4212	915	550	818	804	617	285	136	42	25	7	9	0	4	10007-18.5	2.37
30 -34	3391	533	199	387	481	567	519	354	182	94	47	16	5	7	12157-22.5	3.58
35- 39	2244	314	119	178	198	277	314	325	235	134	77	36	15	22	9934-18.4	4.42
40- 44	1711	257	98	113	126	152	163	221	176	156	108	79	28	34	8444- 15.6	4.93
45- 49	1274	199	76	84	109	118	116	156	115	110	86	52	25	28	6204 - 11.5	4.86
Total	23195	9029	2746	2655	2135	1919	1446	1231	776	541	332	206	77	102	53806- 100	2.31

A soma dos filhos tidos até à realização deste inquérito é de 53.806 num total de 23.195 mulheres, o que equivale a um valor médio de 2.3 filhos por mulher em idade fértil.

No entanto, este valor médio calculado para todas as idades não permite revelar as importantes diferenças nos vários grupos etários: entre os 0.3 filhos por mulher no grupo dos 15 aos 19 anos e os 4.9 filhos por mulher no último grupo, as diferenças são significativas e acontecem no sentido esperado- as mulheres têm, em média, tantos mais filhos quanto mais velhas são.

Os maiores aumentos verificar-se entre os 20 e os 24 anos e os 35-39 anos, no entanto este crescimento não é homogéneo- primeiro verifica-se um grande aumento (entre os 20-24 e os 25-29 o número médio de filhos por mulher duplica) e depois tornam-se progressivamente menores.

Como se pode verificar neste quadro, no final da sua vida reprodutiva (40-44 anos) a mulher tem em média 4.9 filhos. O máximo de filhos tidos é atingido pelo grupo etário dos 40-44 anos (média 4.93) e não aos 45-49 anos (média de 4.85). Esta diferença talvez se explique pela maior omissão de nascimentos no último grupo etário.

Quando se analisa a fecundidade dos diferentes grupos etários a partir das informações prestadas pelas entrevistadas, parece claro que a informação está afectada pela memória, sobretudo nas gerações mais velhas. Por outro lado os dados parecem pouco fiáveis, sobretudo quando se olha para os dois primeiros grupos etários: nas idades 15-19 anos, nove mulheres tiveram mais de dez filhos, e nas idades 20-24, existem 16 casos semelhantes.

Até agora vimos os filhos tidos até à data de realização do inquérito (1991). Vamos agora observar no quadro XXX, como se distribuíram os nascimentos nos últimos 12 meses (Agosto 1990-Agosto 1991), por grupos de idades:

QUADRO XXX - NASCIMENTOS NOS ÚLTIMOS 12 MESES POR IDADES			
IDADE	POPULAÇÃO	NASCIMENTOS	TAXA DE FECUNDIDADE
15 - 19	5744	292	0.05084
20 - 24	4619	694	0.15025
25 - 29	4212	680	0.16144
30 - 34	3391	556	0.16396
35-39	2244	332	0.14795
40-44	1711	107	0.06254
45-49	1274	63	0.04945
total	23195	2724	0.11744

Os resultados deste quadro parecem ser consistentes com os resultados do quadro anterior. Nesse último quadro era manifesto como as grandes subidas do número médio de filhos por mulher aconteciam entre os 20 e os 39 anos. De facto, também neste quadro (quadro XXX) é expresso que são os grupos etários entre os 20 e os 39 anos aqueles nos quais, a fecundidade é maior.

Existem aqui, dois indicadores de fecundidade distintos: o *número de filhos tidos até à realização do inquérito*, ao qual vamos a partir deste momento chamar de *fecundidade realizada*, e os *nascimentos ocorridos nos doze meses precedentes à realização do questionário*, que também se traduz por *taxa de fecundidade*<sup>80</sup>.

Vamos por isso confrontar, no Quadro XXXI, a fecundidade realizada até ao momento, com as taxas de fecundidade específicas por idades, da amostra em estudo. Este quadro sintetiza as informações mais detalhadas apresentadas nos últimos quadros. Para além disso, vamos confrontar estes dois indicadores, com dados obtidos noutras fontes de informação.

<sup>80</sup> A taxa de fecundidade é o número médio de filhos nascidos nos últimos doze meses, em que o denominador são as mulheres com idades compreendidas entre os 15 e os 49 anos.

QUADRO XXXI - FECUNDIDADE POR IDADES		
IDADE	FECUNDIDADE REALIZADA	TAXA DE FECUNDIDADE
15 - 19	0.26340	0.05084
20 - 24	1.20091	0.15025
25 - 29	2.37583	0.16144
30 - 34	3.58508	0.16396
35-39	4.42692	0.14795
40-44	4.93512	0.06254
45-49	4.86970	0.04945
TOTAL	2.31972	0.11744

Em resumo, ambos os indicadores confirmam a importância dos grupos entre os 20 e os 39 anos para a fecundidade. A comparação entre os dois indicadores faz colocar a hipótese de que na actualidade, as mulheres dos grupos mais jovens (20-29 anos) já façam um controlo efectivo da sua fecundidade.

Seria de esperar que estes fossem os grupos com maior taxa de fecundidade, já que são os grupos biologicamente mais férteis. No entanto, estes dois grupos têm praticamente a mesma taxa de fecundidade que os grupos entre os 30 e os 39 anos, o que faz pensar que se tratam de taxas de fecundidade onde já se sinta o início de controlo de fecundidade, pelo menos em alguns grupos sociais.

Esta tendência poderá ser confirmada se, analisados os dados em relação ao verificado no passado, como será feito com base no quadro XXXIII.

Considerámos útil proceder a uma análise da correlação entre a fecundidade e a idade das mulheres. Para isso utilizámos o teste estatístico "GAMMA", adequado a situações que comparem uma variável contínua por intervalos (neste caso é o grupo etário) e uma variável discreta (a fecundidade realizada e a taxa de fecundidade).

A análise da associação entre a fecundidade realizada e a idade das mulheres revela uma correlação de .64, o que significa que a correlação da

idade com a fecundidade é forte e varia positivamente, ou seja, quanto maior a idade, maior a fecundidade. O mesmo já não acontece no caso da taxa de fecundidade, à qual corresponde um valor de 0.4.

No Quadro XXXII, temos a fecundidade realizada em 1950, 1970, 1980<sup>81</sup>, 1987<sup>82</sup> e 1991 (1991 a, b, c, d)<sup>83</sup> :

QUADRO XXXII - FECUNDIDADE REALIZADA POR IDADES E NOS DIFERENTES ANOS: 1950, 1970, 1980, 1987 e 1991								
	País	País	País	Maputo	Maputo	Maputo	País	Maputo
IDADES	1950	1970	1980	1987	1991.a	1991.b	1991.c <sup>84</sup>	1991.d
15 - 19	0.15	0.32	0.49	0.40	0.20	0.26	0.44	0.26
20 - 24	0.90	1.36	2.03	1.68	1.30	1.20	1.55	1.20
25 - 29	1.84	2.69	3.30	3.32	2.70	2.36	2.63	2.37
30 - 34	2.60	3.29	4.53	4.62	4.00	3.56	3.72	3.58
35-39	3.33	3.94	5.19	5.67	4.80	4.40	4.41	4.43
40-44	3.75	4.14	5.56	7.00	6.00	4.92	4.72	4.93
45-49	4.00	4.18	5.58	6.07	5.90	4.85	4.65	4.87

Os dados para a fecundidade realizada em 1950, 1970 e 1980 e 1991.c, e para as taxas de fecundidade de 1970, 1980 e 1991.b, (no Quadro seguinte), são para o total do país. Os restantes valores referem-se à cidade de Maputo.

Podemos constatar que nos dois últimos grupos etários, a fecundidade realizada é ligeiramente superior na cidade de Maputo, em comparação com o total do país (4.7 e 4.6 são os valores para o total do país, contra 4.9 e 4.8 para Maputo). Por outro lado, em 1991 já se sente uma diminuição da fecundidade realizada do total do país quando comparado com 1980.

<sup>81</sup>In Gaspar, Manuel da Costa, "Contribuições para o estudo da dinâmica demográfica de Moçambique", dissertação de mestrado em demografia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Setembro 1989.

<sup>82</sup>in Monreal, Tegualda, "Comportamento reproductivo da mulher moçambicana", Ministério da Saúde, Universidade Eduardo Mondlane, FNUAP, Moçambique, 1987

<sup>83</sup>1991.a, referente ao "Relatório sobre os resultados do 2º módulo do inquérito às famílias na cidade de Maputo", série inquérito às famílias, Comissão Nacional do Plano, Direcção Nacional de Estatística, ano II, nº 1, Julho 1992.

1991.b, referente ao "Inquérito Demográfico Nacional: Composição por sexo e idade da população abrangida", série Inquérito demográfico nacional, documento nº1, Comissão Nacional do plano, Direcção Nacional de Estatística, departamento de demografia, Maputo, Maio 1994.

1991.c, referente ao "Inquérito demográfico Nacional: Composição por sexo e idade da população abrangida", série Inquérito demográfico nacional, documento nº1, Comissão Nacional do plano, Direcção Nacional de Estatística, departamento de demografia, Maputo, Maio 1994

1991.d referente ao nosso estudo.

<sup>84</sup>para o total do país.

No Quadro XXXIII, temos a Taxa de fecundidade para 1970, 1980<sup>85</sup>, 1987<sup>86</sup>, e 1991 (1991 a, b, c)<sup>87</sup> :

QUADRO XXXIII - TAXA DE FECUNDIDADE POR IDADES E NOS DIFERENTES ANOS : 1970, 1980 e 1991						
	Pais	Pais	Maputo	Maputo	Pais	Maputo
IDADES	1970	1980	1987	1991.a	1991.b <sup>88</sup>	1991.c
15 - 19	0.151	0.197	0.167	0.051	0.081	0.051
20 - 24	0.216	0.299	0.289	0.152	0.185	0.150
25 - 29	0.210	0.293	0.288	0.159	0.203	0.161
30 - 34	0.187	0.260	0.189	0.164	0.202	0.164
35 - 39	0.157	0.212	0.182	0.148	0.179	0.148
40 - 44	0.092	0.120	0.186	0.063	0.126	0.062
45 - 49	0.018	0.022	0.000	0.048	0.086	0.049
D.M	5.22	7.09	6.50	3.925	5.31	3.91

Em 1987 os valores das taxas de fecundidade dos grupos 20-24 e 25-29 anos eram de cerca de 0.30. Em 1991 eram de cerca de 0.15.

No país em geral, sente-se um declínio da fecundidade, passando os valores da taxa de fecundidade de cerca de 0.30 para cerca de 0.20 entre 1980 e 1991 (para os mesmos grupos etários). Esta comparação não tem muita validade, visto tratarem-se de amostras diferentes, mas permite sentir algumas tendências principais.

O valor de 0.000 para a taxa de fecundidade do último grupo etário em 1987, deve-se ao número reduzido de mulheres da amostra deste grupo etário (52 mulheres).

<sup>85</sup>In Gaspar, Manuel da Costa, "Contribuições para o estudo da dinâmica demográfica de Moçambique", dissertação de mestrado em demografia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Setembro 1989.

<sup>86</sup>in Monreal, Tegualda, "Comportamento reproductivo da mulher moçambicana", Ministério da Saúde, Universidade Eduardo Mondlane, FNUAP, Moçambique, 1987.

<sup>87</sup>1991.a, referente ao "Inquérito demográfico Nacional: Composição por sexo e idade da população abrangida", série Inquérito demográfico nacional, documento nº1, Comissão Nacional do plano, Direcção Nacional de Estatística, departamento de demografia, Maputo, Maio 1994.

1991.b, referente ao "Inquérito demográfico Nacional: Composição por sexo e idade da população abrangida", série Inquérito demográfico nacional, documento nº1, Comissão Nacional do plano, Direcção nacional de estatística, departamento de demografia, Maputo, Maio 1994.

1991.c, referente ao nosso estudo

<sup>88</sup>para o total do país.

A descendência média (D.M), em Maputo é de 6.5, em 1987. Em 1991, o valor é de 3.91 relativamente à amostra em estudo para esse ano .

É certo que temos uma amostra de trabalho diferente das utilizadas para os outros estudos, no entanto é possível dar-mos conta da tendência e evolução da fecundidade, que apesar de ainda ser elevada já diminuiu bastante, no que diz respeito a Maputo. Em relação ao total do país, a descendência média de Maputo é baixa (5.31 contra 3.9).

Através das taxas de fecundidade específicas por grupos de idade calcula-se uma descendência média de 3.93 filhos por mulher (filhos tidos no final da vida reprodutiva), em Maputo, para o ano de 1991 (ver nota de rodapé 87, 1991.a). Esta medida é mais fiel do que o número médio de filhos por mulher, porque atenua, em parte, o peso das mulheres sem filhos.

Podemos assim afirmar que a nossa amostra tem uma descendência média de 3.9 filhos e uma taxa bruta de reprodução do momento de 1.97 filhas por mulher.

Outro indicador, o calendário, é de 28.6 anos e foi calculado a partir dos nascimentos nos últimos 12 meses.

Os gráficos V e VI permitem visualizar de uma forma sintética a evolução da fecundidade realizada e da taxa de fecundidade.

Assim, a fecundidade realizada vai sempre aumentando com os grupos etários, à excepção do último grupo em que a média é mais baixa do que no penúltimo, a taxa de fecundidade por mil evolui em forma de "U" invertido.

GRÁFICO V - FECUNDIDADE REALIZADA

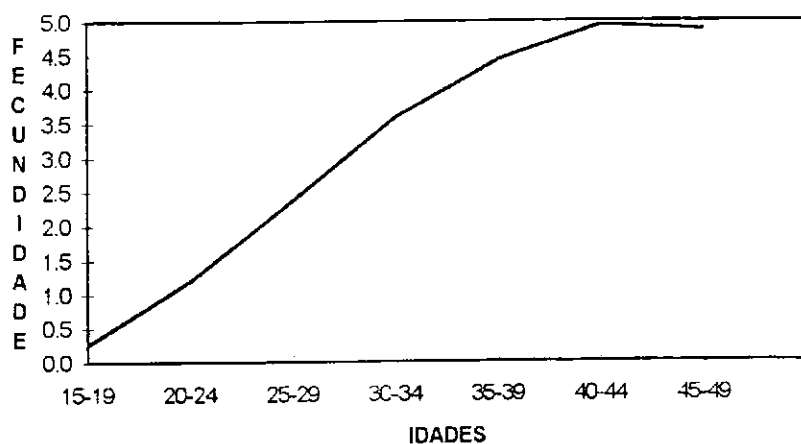
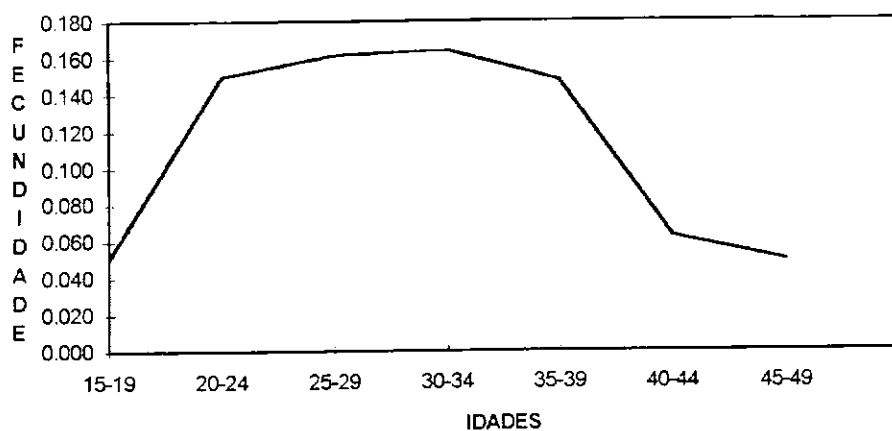


GRÁFICO VI - TAXAS DE FECUNDIDADE



Pensamos ser importante nesta fase, discriminar a fecundidade realizada e a taxa de fecundidade para cada uma das idades, para compreender melhor como varia a fecundidade idade a idade.

QUADRO XXXIV - FECUNDIDADE POR IDADES						
IDADES	população	Fecundidade realizada		Nascimentos dos últimos 12 meses		
		filhos	F.R por idades	Nascimentos	Fecundidade	por 1000
15	1216	134	0.11020	14	0.01151	11.51
16	1259	166	0.13185	38	0.03018	30.18
17	1101	269	0.24432	49	0.04450	44.51
18	1095	395	0.36073	82	0.07488	74.89
19	1073	549	0.51165	109	0.10158	101.60
20	978	737	0.75358	130	0.13292	132.90
21	978	914	0.93456	149	0.15235	152.40
22	929	1128	1.21421	122	0.13132	131.30
23	961	1412	1.46930	150	0.15608	156.10
24	773	1356	1.75420	143	0.18499	185.00
25	885	1724	1.94802	140	0.15819	158.20
26	890	1880	2.11236	146	0.16404	164.00
27	875	2123	2.42629	152	0.17371	173.70
28	797	2075	2.60351	116	0.14554	145.50
29	765	2205	2.88235	126	0.16470	164.70
30	748	2372	3.17112	125	0.16711	167.10
31	823	2822	3.42892	162	0.19684	196.80
32	700	2530	3.61429	112	0.16000	160.00
33	571	2218	3.88441	84	0.14711	147.10
34	549	2215	4.03461	73	0.13296	133.00
35	408	1611	3.94853	60	0.14705	147.10
36	519	2328	4.48555	70	0.13487	134.90
37	459	2004	4.36601	65	0.14161	141.60
38	431	1999	4.63805	66	0.15313	153.10
39	427	1992	4.66511	71	0.16627	166.3
40	336	1662	4.94643	21	0.06250	62.50
41	423	2069	4.89125	25	0.05910	59.10
42	361	1737	4.81163	27	0.07479	74.79
43	316	1562	4.94304	13	0.04113	41.14
44	275	1414	5.14182	21	0.07636	76.36
45	293	1409	4.80887	20	0.06825	68.26
46	304	1513	4.97697	18	0.05921	59.21
47	209	1038	4.96651	4	0.01913	19.14
48	221	998	4.51584	12	0.05429	54.30
49	247	1246	5.04453	9	0.03643	36.44

Como se pode verificar, no Quadro XXXIV, a idade em que se encontra a fecundidade realizada mais baixa, é aos 15 anos (0.110) e a mais elevada aos 44 anos (5.14 filhos). A fecundidade realizada mais parecida com a média geral (2.32) situa-se nos 27 anos (2.42 filhos). Os nascimentos dos últimos 12 meses atinge o seu máximo aos 31 anos (e no grupo etário 30-34 anos) e o seu mínimo, como era de esperar, aos 15 anos.

## 2.2 - FECUNDIDADE POR ESTADO CIVIL

QUADRO XXXV - FECUNDIDADE REALIZADA POR ESTADO CIVIL								
Estado civil	F.R GERAL	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49
solteira	<b>0.618</b>	0.154	0.640	1.411	1.910	2.508	3.475	<b>2.860</b>
casada monogâmica	<b>3.335</b>	0.805	1.696	2.689	3.847	4.741	5.221	<b>5.139</b>
casada poligâmica	<b>3.069</b>	0.556	1.522	2.484	3.728	4.065	4.771	<b>4.648</b>
divorciada	<b>3.130</b>	0.666	1.515	1.380	3.253	4.103	4.0110	<b>3.726</b>
viúva	<b>4.434</b>	3.000	1.844	1.029	4.347	4.167	5.012	<b>4.910</b>
Valor do teste de K-W	<b>3377.0</b>	1012.3	851.8	387.2	248.2	111.5	69.1	<b>52.9</b>
Probabilidade do teste	<b>0,0000</b>	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	<b>0,0000</b>

A fecundidade realizada para todas as idades é mais elevada nos grupos que estão mais sujeitos à fecundidade como é o caso das casadas, mas sobretudo no grupo das viúvas, pois normalmente estão quase no final da sua vida reprodutiva.

A fecundidade realizada por idades ilustra, por um lado, uma fecundidade mais elevada para o grupo de mulheres casadas (monogâmicas e poligâmicas) a partir dos 25 anos. Até aos 24 anos, são as viúvas que têm uma fecundidade realizada mais elevada. A fecundidade realizada vai de 0.6 para o total das solteiras até 4.4 para as viúvas. O primeiro valor é tendencialmente muito parecido com os valores encontrados até aos 24 anos, e o último é parecido com os valores encontrados para este estado civil, entre os 30 e os 49 anos.

A tendência é para que a fecundidade aumente em qualquer um dos estados civis, à medida que se sobe nos escalões etários.

A fecundidade realizada dos 45 aos 49 anos é uma das mais importantes dentro da análise da fecundidade realizada por idades, porque nos permite fazer uma comparação com a descendência média, apesar de as mulheres deste grupo etário, ainda não terem alcançado exactamente o final do seu ciclo reprodutivo.

QUADRO XXXVI - TAXA DE FECUNDIDADE (NASCIMENTOS NOS ÚLTIMOS 12 MESES) POR ESTADO CIVIL									
estado civil	T.F GERAL	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	D.M. <sup>89</sup>
solteira	0.040	0.023	0.060	0.054	0.082	0.062	0.000	0.107	1.954
casada monogâmica	0.175	0.185	0.236	0.201	0.189	0.160	0.072	0.047	5.473
casada poligâmica	0.140	0.171	0.191	0.169	0.131	0.117	0.088	0.055	4.624
divorciada	0.110	0.041	0.205	0.119	0.114	0.186	0.022	0.023	3.574
viúva	0.084	0.166	0.062	0.142	0.138	0.166	0.024	0.035	3.685
Valor do teste de K-W	292.3	412.8	214.6	98.6	32.6	6.2	12.3	0.3	
Probabilidade do teste	0.000	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	0.1829	0.0147	0.9862	

Analisando do ponto de vista etário, a taxa de fecundidade mais baixa de todas é a das mulheres divorciadas entre os 40 e os 44 anos, à qual se assemelha a das divorciadas entre os 45 e os 49 anos, a das viúvas entre os 40 e os 44 anos e a das solteiras dos 15 aos 19 anos. A taxa mais alta corresponde à fecundidade das mulheres casadas monogâmicas dos 20 aos 24 anos.

Quanto à taxa de fecundidade para o total da amostra, esta é muito fraca para as solteiras e para as viúvas, sendo as casadas e divorciadas as que têm uma média de nascimentos superior à média geral.

É ainda de acrescentar que, não estando manifesto neste quadro, a taxa de fecundidade legítima é de 170 por mil e a taxa de fecundidade ilegítima de 40.3 por mil. Outro indicador calculado através de métodos indirectos foi o da idade ao primeiro casamento, sendo esta de 21.1 anos.

A descendência média ou D.M., (que como já sabemos representa o número médio de filhos que as mulheres têm no final da sua vida reprodutiva, ou seja aos 50 anos) é mais elevada nas casadas monogâmicas (5.47), bem como a taxa de fecundidade que é de 175.5 por mil.

<sup>89</sup>A partir de agora sempre que estiver D.M., significa descendência média.

Através dos Quadros XXXV e XXXVI, verifica-se que estes dois indicadores - fecundidade realizada no último grupo etário e descendência média - são muito parecidos, à excepção do caso das solteiras e das viúvas com uma fecundidade realizada (aos 45-49 anos) superior à descendência média, o que se entende claramente porque ainda não é atenuado pela tendência geral (é um indicador específico para este grupo etário).

Procurou-se utilizar técnicas de análise estatística indutiva, com o objectivo de testar a independência das variáveis em estudo.

Assim, dado que o estado civil é uma variável nominal e tanto a fecundidade realizada como a taxa de fecundidade são variáveis quantitativas, era possível recorrer à análise de variância. No entanto, para isso, era necessário que cada uma das sub-amostras definidas a partir da variável nominal tivesse relativamente à outra variável, uma distribuição de tipo normal, o que não se verificou. Recorremos à alternativa não-paramétrica habitualmente utilizada para este tipo de variáveis, o teste de Kruskal-Wallis (K-W). O valor deste teste e a probabilidade a ele associada foram apresentados a partir do quadro XXXV.

Testando a hipótese de independência das variáveis, verifica-se a existência de associações em vários casos. Esta associação é medida a partir do  $P(K-W)$ , que sempre que for inferior a 0.001 traduz uma significância estatística muito forte (este teste permite analisar se existe ou não relação entre as variáveis e será sempre a partir deste valor que testaremos a relação entre as variáveis e por sua vez mediremos a intensidade dessa mesma correlação).

Existe uma forte associação entre a variável estado civil e a fecundidade realizada geral e por grupos etários até aos 34 anos. O valor do teste é muito elevado (3377.055) e a ele está associada uma probabilidade muito pequena de se dever ao acaso. Pelo que se rejeita a hipótese de independência das variáveis e se considera que estão associadas. Esta variável é das que tem maior impacto na variação do número de filhos tidos. A relação também é bastante forte no caso da taxa de fecundidade geral (o valor do teste é de 292).

A análise por grupos etários mostra que, em qualquer um dos grupos etários, existe relação entre o estado civil e a fecundidade realizada, mas naquele em que o valor do teste é mais elevado é no primeiro grupo etário.

Em relação à descendência média, não foi possível calcular o teste porque é um indicador construído à posteriori.

À medida que se sobe nos grupos etários, o número de filhos por mulher em cada estado civil vai-se aproximando cada vez mais e mesmo ultrapassar a média de filhos desse grupo etário. Só as solteiras têm sempre um valor mais baixo.

Quanto aos nascimentos dos últimos 12 meses, a relação com o estado civil também é estatisticamente significativa quer para o total da amostra, quer para os grupos etários até aos 30-34 anos. A partir destas idades, não existe qualquer relação.

Através do teste estatístico ETA, que analisa a intensidade da correlação entre uma variável de intervalo e uma variável nominal ou dicotómica, verificámos existir uma forte correlação entre o estado civil e a fecundidade realizada, para o total da amostra (eta de 0.5), no entanto esta decresce nos outros níveis de análise (por idades).

Relativamente à fecundidade por estado civil, interessou-nos especialmente o grupo de mães solteiras e mães adolescentes. A dimensão da amostra de mulheres solteiras com 15-19 anos, é de 4672, representando 81% das mulheres desse grupo etário. Do total de 2724 nascimentos conhecidos segundo estado civil e idade da mãe e ocorridos nos 12 meses prévios ao inquérito, 10.6 % ocorrem nas mulheres mais jovens, com 15-19 anos e 12.6% em mães solteiras. As mães, simultaneamente adolescentes e solteiras, tiveram 4 % do total de nados vivos da amostra.

A ligação entre o casamento e a fecundidade é muito forte, mas podemos considerar que os padrões de casamento influenciam fortemente a fecundidade, apenas enquanto prevalecer o modelo de fecundidade natural, o

que parece ser o caso presente. Infelizmente não podemos analisar a idade a quando do casamento, índice fundamental na análise da fecundidade.

As taxas de reprodução são mais baixas nos últimos grupos etários (o primeiro e o último), atingindo o máximo nos grupos centrais. As causas desta variação são os padrões de idades intimamente relacionados com o estado civil. O padrão do casamento explica, em parte, a configuração da curva da fecundidade esperada por idades, porque a proporção de casadas varia substancialmente com a idade.

A percentagem de casadas é mais baixa no grupo etário 15-19 anos sendo, por isso, uma das principais razões para a taxa de fecundidade relativamente baixa nesse mesmo grupo etário.

A percentagem de casadas é menor nos grupos etários mais velhos, à medida que os efeitos de interrupção do casamento se acumulam. Este factor contribui para a redução da fecundidade no final das idades reprodutivas.

Todavia, apesar do casamento ser de maior impacto nos padrões etários da fecundidade, outras variáveis também determinam o seu efeito.

### 2.3.- FECUNDIDADE POR RELIGIÕES

QUADRO XXXVII - FECUNDIDADE REALIZADA SEGUNDO RELIGIÃO								
RELIGIÃO	F.R GERAL	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49
nenhuma	2.178	0.252	1.220	2.333	3.573	4.286	4.466	4.296
animista	2.414	0.353	1.125	2.473	3.593	4.429	5.307	4.857
católica	2.174	0.196	1.025	2.183	3.349	4.362	4.793	5.051
protestante	2.497	0.293	1.323	2.533	3.752	4.566	5.260	4.892
muçulmana	1.936	0.194	0.699	1.931	3.331	3.667	3.442	4.264
Valor do Kruskal-Wallis	48.0	17.2	66.4	34.8	20.5	10.1	27.0	9.2
Probabilidade do teste	0,0000	0,0017	0,000	0,000	0,000	0,037	0,0000	0,0550

A variável religião parece revelar uma relação com a fecundidade realizada. Este indicador varia de 1.9 filhos para as mulheres muçulmanas até

ao máximo de 2.5 por mulher protestante. São as animistas e protestantes que parecem ter maior fecundidade realizada.

Vista por idades, esta variável parece seguir a mesma tendência da fecundidade realizada geral, com a seguinte exceção: as mulheres católicas do último grupo etário têm uma média de 5.05 filhos, que corresponde à média mais elevada (para estas idades e vista no conjunto das idades). Só depois se lhe seguem as protestantes, as animistas e as muçulmanas com 4.89, 4.85 e 4.26, respectivamente (já no caso das mulheres casadas poligâmicas se encontrava uma menor fecundidade do que em relação às casadas monogâmicas).

Pode-se formular a questão da existência de uma relação entre religião e estado civil com consequências na fecundidade. Por um lado, pode-se colocar a hipótese da existência de uma relação entre as religiões animista e muçulmana e o casamento em regime poligâmico com consequências na fecundidade (baixa), por outro lado é também possível considerar que existe relação entre a religião católica e a protestante com o casamento monogâmico e a fecundidade mais elevada. Poderemos observar estas relações no capítulo dedicado à análise multivariada.

Comparando a fecundidade realizada do último grupo etário com a descendência média calculada com base nas taxas de fecundidade, representada no Quadro XXXVIII, nota-se que a descendência média, mais uma vez, assume valores mais baixos do que os da fecundidade realizada aos 45-49 anos, à exceção do caso das mulheres animistas cuja descendência média é de 5.51, a descendência média mais elevada, a que corresponde a uma fecundidade realizada de 4.85.

A descendência média mais baixa é a das mulheres muçulmanas, com apenas 2.2 filhos por mulher. As outras religiões têm as seguintes descendências médias: 5.5 filhos para as animistas, 4.4 para as protestantes, e 3.4 para as católicas.

A descendência média apresenta muito maiores variações do que a fecundidade realizada no último grupo etário. Se a fecundidade realizada varia entre 4.2 e 5.0, a descendência média varia entre 2.2 e 5.5. Esta diferença de amplitudes poderá ser interpretada como um sinal de que a pertença religiosa é actualmente um factor mais determinante do que foi no passado.

QUADRO XXXVIII - FECUNDIDADE (NASCIMENTOS NOS ÚLTIMOS 12 MESES) SEGUNDO RELIGIÃO									
RELIGIÃO	T. F. GERAL	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	D.M.
nenhuma	0.107	0.049	0.155	0.133	0.147	0.118	0.039	0.038	3.419
animista	0.149	0.065	0.159	0.213	0.150	0.271	0.123	0.119	5.513
católica	0.099	0.042	0.121	0.142	0.152	0.125	0.045	0.051	3.407
protestante	0.133	0.056	0.169	0.180	0.187	0.173	0.077	0.047	4.465
muçulmana	0.066	0.045	0.065	0.092	0.093	0.055	0.019	0.075	2.234
Valor do teste K-W	20.0	4.3	24.4	16.3	8.8	10.6	8.6	4.8	
Probabilidade do teste	0.0005	0.3633	0.0001	0.0026	0.0643	0.0307	0.0693	0.3217	

A taxa de fecundidade geral oscila entre 0.066 para as mulheres católicas e 0.149 para as mulheres animistas. As mulheres cuja taxa de fecundidade está acima da média geral, 0.111, são as animistas e as protestantes.

A taxa de fecundidade mais baixa quando considerada por grupos etários corresponde às mulheres muçulmanas com idades compreendidas entre os 40 e os 44 anos e a mais elevada é a das mulheres animistas pertencentes ao grupo etário 25-29.

Como se pode verificar pelos valores do teste Kruskal-Wallis nos quadros XXXVII e XXXVIII, a religião é um factor que surge associado à fecundidade realizada, quer em termos gerais, quer em vários grupos etários.

Este factor, a religião, surge também associado à taxa de fecundidade, tanto geral, como nos vários grupos etários (à excepção dos grupos extremos).

Quando analisada através do ETA, encontra-se uma relação mais forte nas idades 40-44 anos (.13) do que na fecundidade realizada em geral (.06).

## 2.4.- FECUNDIDADE SEGUNDO A NATURALIDADE

A fecundidade realizada geral, vista a partir da naturalidade das mulheres (quadro I, no anexo IV) permite concluir que a média de filhos é superior para as que nasceram em meio rural (distrito), atingindo os 2.89 filhos por mulher.

Nas idades compreendidas entre os 20 e os 29 anos são as mulheres que nasceram no estrangeiro, que têm uma fecundidade mais elevada. A fecundidade chega a atingir os 5.2 e os 4.9, para as mulheres nascidas fora do meio urbano, com as idades 40-44 e 45-49 anos, respectivamente.

Ao compararmos a fecundidade realizada do grupo 45-49 anos com a descendência média, no quadro II em anexo (anexo IV), constata-se que esta última é mais baixa que a descendência média, isto porque só a partir dos 25 anos, se começam a notar diferenças em relação à fecundidade.

A relação entre esta variável e a fecundidade é quase nula: o valor do teste estatístico é de .16 e de .03 para a associação entre naturalidade e fecundidade realizada e taxa de fecundidade, respectivamente. No entanto esta relação é de .12 e .13 para a associação da naturalidade com a fecundidade realizada, para os grupos etários 35-39 e 40-44, respectivamente.

## 2.5. - FECUNDIDADE POR ZONAS DE RESIDÊNCIA

A fecundidade realizada é mais elevada na zona pouco densa, que é a zona de cariz "rural", diminuindo progressivamente até aos valores mais baixos que se encontram na zona de cimento. A relação entre a zona de residência e a fecundidade realizada é sempre significativa.

QUADRO XXXIX - FECUNDIDADE REALIZADA POR ZONAS DE RESIDÊNCIA								
zona de residência	F.R. GERAL	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49
cimento	1.992	0.180	0.955	1.943	3.161	3.966	4.484	4.540
suburbana densa	2.265	0.241	1.169	2.413	3.493	4.381	4.884	4.798
suburbana pouco densa	2.525	0.291	1.302	2.537	3.918	4.702	5.147	4.996
Valor do teste K-W	26.5	20.0	48.2	60.7	73.5	49.0	32.3	13.5
Probabilidade do teste	0.0000	0.0000	0.000	0.000	0.000	0.000	0.0000	0.0011

Ambas as zonas suburbanas reflectem uma média de filhos por mulher acima da média geral (2.26).

No caso da fecundidade realizada, por idades, o valor mais baixo corresponde às mulheres mais novas residentes na zona de cimento, opondo-se à fecundidade mais elevada, que é a das mulheres da zona suburbana pouco densa com idades entre os 40 e os 44 anos.

A fecundidade realizada das mulheres das zonas suburbana densa e pouco densa, do grupo 45-49 anos é inferior à fecundidade das mulheres das mesmas zonas com 40-44 anos. A fecundidade mais elevada para a zona de cimento é a das mulheres mais velhas.

A fecundidade realizada por idades, mais baixa, por zonas é sempre a das raparigas com 15-19 anos (0.18 na zona de cimento, 0.24 na zona suburbana pouco densa e 0.29 na zona suburbana densa) e a mais alta é a das mulheres com 45-49 anos (4.54), com 40-44 anos (4.88 e 5.14), para a zona de cimento e suburbanas densa e pouco densa, respectivamente.

Assim, as tendências de variação em cada grupo são idênticas às da amostra em geral.

zona de residência	GERAL	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	D.M
cimento	<b>0.094</b>	0.035	0.094	0.144	0.132	0.107	0.062	0.047	<b>3.124</b>
suburbana densa	<b>0.107</b>	0.053	0.148	0.139	0.145	0.121	0.036	0.071	<b>3.578</b>
suburbana pouco densa	<b>0.139</b>	0.054	0.173	0.194	0.203	0.203	0.091	0.028	<b>4.749</b>
Valor do teste K-W	<b>38.0</b>	5.7	17.8	16.0	15.8	14.3	4.0	1.3	
Probabilidade do teste	<b>0.0000</b>	0.0554	0.0001	0.0003	0.0004	0.0008	0.1328	0.0581	

A descendência média é em todas as zonas mais baixa do que a fecundidade realizada dos 45 aos 49 anos. Esta distribui-se da seguinte forma: 3.1 filhos por mulher na zona de cimento, 3.5 na zona suburbana densa e 4.7 na zona suburbana pouco densa. Esta última zona permanece com características que se assemelham à fecundidade das zonas rurais.

Também aqui se verifica que a descendência média apresenta uma maior amplitude de valores que a fecundidade realizada no último grupo etário.

Tal como em relação à religião, será de considerar que a zona de residência tenha um maior efeito na actualidade do que no passado.

A taxa de fecundidade geral varia entre 0.094 para as mulheres da zona de cimento, 0.107 na zona suburbana densa e 0.131 na zona suburbana pouco densa. Acima da média geral (0.113) apenas se situam as mulheres residentes na zona pouco densa.

A taxa de fecundidade por grupos etários mais baixa, corresponde às mulheres com idades compreendidas entre os 45 e os 49 anos residentes na zona suburbana pouco densa, e a mais elevada às mulheres residentes na mesma zona com 35-39 anos.

A fecundidade mais baixa na zona de cimento é a das raparigas com 15-19 anos e a mais alta é a das mulheres com 25-29 anos.

Na zona suburbana densa, a fecundidade mais baixa é a das mulheres com 40-44 anos e a mais alta, a das mulheres com 20-24 anos.

A fecundidade mais baixa na zona suburbana pouco densa é a das mulheres mais velhas, a mais alta é a das mulheres com 35-39 anos (0.203).

A variável residência está relacionada com a fecundidade realizada geral e por idades, e com a taxa de fecundidade. Relativamente à taxa de fecundidade só nos grupos extremos a relação não parece ser tão significativa.

O teste estatístico ETA tem um valor de .07 para a correlação com a fecundidade realizada geral, e de .04 para a correlação com a taxa de fecundidade geral.

A partir dos 25 anos esta relação torna-se mais intensa relativamente à fecundidade realizada, sendo de .11 aos 25-29 anos, .14 aos 30-34 anos e .15 dos 35 aos 44 anos.

## 2.6. - FECUNDIDADE SEGUNDO O CONHECIMENTO DO PORTUGUÊS E LÍNGUA MATERNA

As mulheres que sabem falar português têm uma média de 1.97 filhos, contrariamente, às que não falam que têm em média 3.5 filhos (ver quadro III, anexo IV). Chegando ao último grupo etário, uma mulher tem 4.9 filhos ou 4.8, consoante fale ou não português. Se compararmos com a descendência média (quadro IV, anexo IV), esta varia entre 3.7 e 4.3, para quem fale ou quem não fale português.

Ao analisarmos a existência de associação entre a fecundidade e o conhecimento do português (quadro IV, anexo IV), verificamos que ela existe para a fecundidade realizada geral e dos 20 aos 34 anos. Mas não é significativa relativamente aos nascimentos dos últimos 12 meses.

O valor do ETA é moderado (0.24), no que se refere à fecundidade realizada geral cruzada com o conhecimento do português. Nos quadros V e VI, do anexo IV, podemos analisar a fecundidade segundo a língua materna.

Verificamos que as mulheres que aprenderam a falar em dialectos são as que mais têm filhos. Em termos de significância estatística, só não existe relação para a fecundidade realizada dos 45 aos 49 anos e a partir dos 35 anos, para a taxa de fecundidade geral.

A correlação da língua materna com a fecundidade é fraca, atingindo um máximo de .13 aos 25-29 anos, para a fecundidade realizada.

## 2.7. - FECUNDIDADE SEGUNDO A EDUCAÇÃO

QUADRO XLI - FECUNDIDADE REALIZADA SEGUNDO A ALFABETIZAÇÃO								
Alfabetização	F.R. GERAL	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49
sabe ler/escrever	<b>1.852</b>	0.241	1.128	2.285	3.444	4.267	4.681	<b>4.957</b>
analfabeta	<b>3.450</b>	0.401	1.501	2.665	3.800	4.539	5.036	<b>4.725</b>
Valr do T-Teste	<b>-38.29</b>	-3.46	-5.71	-5.15	-4.21	-2.39	-2.47	<b>1.15</b>
Probabilidade do teste	<b>0.000</b>	0.001	0.000	0.000	0.000	0.017	0.013	<b>0.252</b>

A educação (alfabetização e grau de instrução) tem uma influência nítida sobre o controlo da fecundidade: um grau de instrução mais elevado, potencia uma menor fecundidade.

A fecundidade realizada para o total da amostra, torna-se neste caso, muito diferente, em função do grau de alfabetização: 1.8 para o caso das mulheres que sabem ler e escrever e 3.4 filhos por mulher analfabeta.

Analisando por grupos etários, este intervalo é atenuado: entre as alfabetizadas e as mulheres analfabetas o intervalo de variação pode ir de 0.2 até 0.4 de diferença para qualquer um dos casos. É por isso possível pensar que a alfabetização traduza sobretudo uma repartição por idades diferenciada, na qual as mulheres jovens sejam sobretudo alfabetizadas e as mais velhas sejam analfabetas. Sendo assim, estaria aqui presente um efeito devido à idade em conjunto com a instrução. É curioso notar no último grupo etário, que a média de filhos é superior para as mulheres que sabem ler e escrever (o que poderá significar que as mulheres mais "instruídas" revelam menores problemas de "memória", o que é tanto mais provável se se verificar que é dos poucos casos em que o grupo 45-49 tem uma fecundidade realizada maior que o grupo 40-44).

Como se pode verificar no quadro seguinte, a descendência média das mulheres analfabetas é de 4.5 filhos com uma taxa de fecundidade de 135.6 ‰ contra 3.4 de descendência média e 109 ‰ de taxa de fecundidade geral para as mulheres que sabem ler e escrever. Se compararmos a descendência média com a fecundidade realizada do grupo etário 45-49, vemos que, para as mulheres analfabetas, a diferença é muito pequena (de 4.5 para 4.7) entre a fecundidade realizada e a descendência média, enquanto que para as que

sabem ler e escrever a diferença é bastante acentuada (de 3.4 para 4.9), com um intervalo entre os dois indicadores de 1.3 filhos.

Também aqui a descendência média revela maiores diferenças que a fecundidade realizada do último grupo etário, pelo que será possível considerar as mesmas hipóteses.

<b>QUADRO XLII - NASCIMENTOS DOS ÚLTIMOS 12 MESES SEGUNDO ALFABETIZAÇÃO</b>									
<b>Alfabetização</b>	<b>T.F. GERAL</b>	<b>15-19</b>	<b>20-24</b>	<b>25-29</b>	<b>30-34</b>	<b>35-39</b>	<b>40-44</b>	<b>45-49</b>	<b>D.M</b>
sabe ler/escrever	0.109	0.048	0.145	0.153	0.154	0.135	0.032	0.022	<b>3.465</b>
analfabeta	0.135	0.065	0.171	0.186	0.179	0.160	0.082	0.063	<b>4.547</b>
Valor do T-teste	-3.84	-1.61	-1.47	-1.84	-1.35	-.99	-3.16	-2.11	
Probabilidade	0.000	0.108	0.142	0.066	0.176	0.324	0.002	0.035	

A taxa de fecundidade por idades revela maiores diferenças do que a fecundidade realizada. Este aspecto também aponta para o facto da instrução ser uma variável que é mais relevante na actualidade, do que terá sido no passado.

A alfabetização é uma variável dicotómica, pelo que se utiliza o T-test para analisar a significância da associação entre as variáveis, mas o resultado é analisado da mesma forma que o teste anterior.

Podemos constatar, no caso da fecundidade realizada (quadro XLI) que a relação entre a alfabetização e o número de filhos é significativa: o valor do teste está associado a uma probabilidade inferior a 0.001 até às idades 30-34 anos. No caso da taxa de fecundidade, não existe uma relação entre a alfabetização e os nascimentos nos vários grupos etários, mas existe para a amostra no seu conjunto.

Passamos agora a analisar a fecundidade a partir da variável grau de instrução.

O valor do teste estatístico Eta é de 0.27 para o cruzamento da fecundidade realizada geral e alfabetização. O teste Gamma é de - 0.3 para o grau de instrução cruzado com a a fecundidade realizada geral, o que significa que a variação é significativa e negativa (quanto mais elevado for o nível de instrução menor a fecundidade).

QUADRO XLIII - FECUNDIDADE REALIZADA SEGUNDO O GRAU DE INSTRUÇÃO								
Grau de Instrução	F.R. GERAL	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49
nenhuma	<b>3.459</b>	0.415	1.484	2.623	3.750	4.440	4.938	<b>4.702</b>
primária	<b>2.026</b>	0.254	1.232	2.428	3.661	4.493	5.006	<b>5.064</b>
secundário	<b>1.297</b>	0.135	0.609	1.596	2.537	3.333	3.122	<b>3.200</b>
superior	<b>1.450</b>	0.666	0.235	1.55	1.421	2.412	1.941	<b>2.167</b>
Valor do teste K-W	<b>546.7</b>	30.1	144.7	94.4	83.9	26.9	30.0	<b>13.1</b>
Probabilidade do teste	<b>0.000</b>	0.0000	0.000	0.000	0.000	0.000	0.0000	<b>0.0043</b>

O número médio de filhos por mulher, fecundidade realizada, é sempre superior à média quando o nível de instrução é nulo, independentemente do grupo etário. A partir dos 20 anos o número de filhos por mulher, é superior à média também no nível de instrução primário. A fecundidade é mais alta nas mulheres sem nenhum grau de instrução, diminuindo nas mulheres com ensino primário e secundário. É de notar que o número de filhos volta a aumentar, no ensino superior (em relação ao secundário), para o total da amostra (nas idades 15-19, o número de filhos também aumenta do secundário para o superior; esta é de resto, a média mais elevada de filhos, dentro deste grupo etário).

QUADRO XLIV - NASCIMENTOS DOS ÚLTIMOS 12 MESES SEGUNDO GRAU DE INSTRUÇÃO									
nível instrução	T.F.GERAL	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	D.M.
nenhuma	<b>0.131</b>	0.059	0.166	0.174	0.173	0.156	0.085	0.064	<b>4.402</b>
primária	<b>0.116</b>	0.052	0.159	0.160	0.165	0.148	0.040	0.031	<b>3.791</b>
secundário	<b>0.080</b>	0.022	0.067	0.135	0.130	0.055	0.000	0.000	<b>2.059</b>
superior	<b>0.117</b>	0.166	0.058	0.250	0.000	0.294	0.000	0.000	<b>3.848</b>
Valor do teste K-W	<b>12.7</b>	9.0	27.8	4.0	4.8	6.0	8.9	6.0	
Probabilidade do teste	<b>0.0051</b>	0.0292	0.0000	0.2591	0.1837	0.1112	0.0306	0.1094	

A fecundidade realizada do último grupo etário revela uma média de filhos por mulher superior à descendência média, com excepção para o nível de instrução superior, que tem uma descendência média de 3,8, provavelmente explicada pela maior frequência deste grau de ensino, por parte das mulheres mais novas. As taxas de fecundidade mais baixas, foram

encontradas no dois últimos grupos etários, para o ensino secundário e superior. A mais elevada é a das mulheres sem grau de instrução com idades entre os 25 e os 29 anos (que representam as mulheres em que ocorreram o maior número de nascimentos nos últimos 12 meses, neste grau de instrução). No grau de instrução primário, são as mulheres com 30-34 anos, no secundário, as mulheres com 25-29 anos, e no superior, com 35-39, a representarem as taxas de fecundidade mais elevadas para este indicador (grau de ensino).

A significância estatística da associação entre grau de instrução e fecundidade realizada, existe para todos os grupos etários e para o total da amostra, à excepção do grupo de idades 45-49 anos. A relação entre nível de instrução e nascimentos só é significativa nas idades 20-24 anos.

## 2.8. - FECUNDIDADE SEGUNDO OCUPAÇÃO

No Quadro XLV, que caracteriza a fecundidade realizada segundo as causas de não trabalhar<sup>90</sup>, pode-se verificar que a fecundidade mais baixa é a das estudantes, até aos 39 anos. No grupo 44-44 anos, a fecundidade realizada é menor para o caso das mulheres que afirmaram estar na categoria "outra situação". No último grupo etário, são as mulheres que "procuram emprego" que têm menos filhos. Pelo contrário, são sempre as mulheres domésticas, para o total da amostra e na análise por idades, que têm uma maior fecundidade realizada, sempre acima da média.

A fecundidade realizada mais baixa de todas é a das estudantes com 15-19 anos, que têm até à data 0.08 filhos por mulher, e a mais elevada é a das mulheres domésticas dos 40 aos 44 anos, que tiveram 5.3 filhos cada uma, (em média).

As mulheres que procuram emprego e as domésticas têm um número de filhos superior à média, acontecendo o contrário para as estudantes e mulheres noutras situações.

QUADRO XLV - FECUNDIDADE REALIZADA SEGUNDO AS CAUSAS DE NÃO TRABALHAR								
Razão de não ter trabalhado	F.R.GERAL	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49
PROCURA EMPREGO	<b>1.507</b>	0.339	0.849	1.827	3.657	3.718	4.758	<b>3.143</b>
ESTUDANTE	<b>0.294</b>	0.080	0.428	1.123	2.388	3.000	5.312	<b>3.214</b>
DOMÉSTICA	<b>3.028</b>	0.529	1.556	2.749	3.953	4.863	5.336	<b>5.282</b>
OUTRA SITUAÇÃO	<b>0.683</b>	0.177	0.907	1.778	2.664	3.568	2.830	<b>4.772</b>
Valor do teste K-W	<b>1649.1</b>	567.4	379.0	151.2	53.4	26.6	29.4	<b>8.6</b>
Probabilidade do teste	<b>0.000</b>	0.0000	0.000	0.000	0.000	0.000	0.0000	<b>0.0336</b>

<sup>90</sup> As causas de não trabalhar é a variável que se refere, na parte do questionário dedicada à condição de actividade na última semana (em relação à data de aplicação do questionário), à pergunta "Se não trabalhou, indique o motivo?". As modalidades de origem eram oito: procura emprego pela primeira vez, procura novo emprego, estudante, reformado, serviço militar, doméstica, incapacidade e outra situação. Nós decidimos reagrupá-las em quatro modalidades: procura emprego (procura emprego pela primeira vez, procura novo emprego), estudante, doméstica e outra situação (reformado, serviço militar, incapacidade e outra situação).

As mulheres quando chegam aos 45-49 anos já têm uma fecundidade realizada (quadro anterior) que pode variar entre 3.1 para as mulheres que procuram emprego, até 5.2 filhos no caso das domésticas.

Comparando estes valores com a descendência média que se pode ver no quadro XLVI (quadro seguinte), esta varia entre 1.6 filhos, estudantes e 5.1 filhos, domésticas.

As diferenças encontradas, por exemplo, no caso das estudantes, explicam-se pela maior percentagem das mesmas, nas camadas mais jovens.

Também aqui as diferenças entre os valores expressos na descendência média são maiores que os verificados na fecundidade realizada, pelo que é possível que este aspecto seja mais importante na actualidade. O que é natural visto que as causas de não trabalhar são provisórias e só se podem referir ao presente.

<b>QUADRO XLVI - NASCIMENTOS DOS ÚLTIMOS 12 MESES SEGUNDO CAUSAS DE NÃO TRABALHAR</b>									
<b>Razão de não ter trabalhado</b>	<b>T.F.GERAL</b>	<b>15-19</b>	<b>20-24</b>	<b>25-29</b>	<b>30-34</b>	<b>35-39</b>	<b>40-44</b>	<b>45-49</b>	<b>D.M.</b>
PROCURA EMPREGO	<b>0.097</b>	0.055	0.110	0.136	0.114	0.128	0.069	0.000	<b>3.069</b>
ESTUDANTE	<b>0.016</b>	0.009	0.032	0.041	0.081	0.047	0.125	0.000	<b>1.684</b>
DOMÉSTICA	<b>0.165</b>	0.122	0.211	0.197	0.189	0.177	0.072	0.062	<b>5.164</b>
OUTRA SITUAÇÃO	<b>0.062</b>	0.036	0.104	0.069	0.065	0.054	0.018	0.140	<b>2.444</b>
Valor do teste K-W	<b>162.3</b>	215.5	80.0	38.2	10.9	4.1	1.6	1.4	
Probabilidade do teste	<b>0.0000</b>	0.0000	0.000	0.000	0.012	0.248	0.6463	0.6981	

Neste quadro, analisa-se a taxa de fecundidade que também é mais baixa no caso das estudantes e mais elevada para as domésticas.

As mulheres do último grupo etário que "procuram emprego" e as "estudantes" representam a fecundidade mais baixa, por não existirem mulheres dentro destas categorias. As que se encontram na categoria "outra situação" têm a fecundidade mais baixa aos 40-44 anos.

As taxas de fecundidade mais elevadas são: para as que procuram emprego, 0.136 (aos 25-29 anos), para as estudantes, 0.125 (aos 40-44, onde o numero de mulheres é muito pequeno), as domésticas com uma taxa de 0.211 (aos 20-24 anos) e "outra situação" com 0.140 (aos 45-49 anos).

Independentemente do grupo etário, são as "domésticas" que têm as taxas de fecundidade mais elevadas. Destas, a maior taxa de fecundidade verifica-se no grupo 20-24, descendo a partir daí, parecendo aproximar-se de um "tipo" de fecundidade natural.

Analisando a significância da associação desta variável com a variação do número de filhos, vemos que existe relação com a fecundidade realizada até aos 44 anos. O valor de ETA revela uma forte relação entre a fecundidade realizada geral e a razão de não trabalhar (0.33).

Esta relação não existe relativamente à taxa de fecundidade, a partir dos 30 anos, o que tem haver com o facto de existir uma maior percentagem de mulheres que trabalham a partir dessa idades.

Comparando a variável anterior "Causas de não ter trabalhado", com a profissão, vemos, desde já, que é na agricultura e no comércio que encontramos a fecundidade realizada geral mais elevada, enquanto os valores mais baixos se situam no caso das "directoras", "profissões artísticas" e nos "serviços" (quadro XLVII).

Quanto à categoria ocupacional (quadro XLVIII), acima da média geral de filhos, estão as mulheres que trabalham por conta própria e que exercem trabalho familiar sem remuneração, estando as outras duas categorias (conta de outrem e patrão) abaixo da média.

<b>QUADRO XLVII - FECUNDIDADE REALIZADA SEGUNDO PROFISSÃO</b>								
<b>Profissão principal</b>	<b>FR GERAL</b>	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49
ciência técnica	<b>2.587</b>	0.398	1.277	2.317	3.263	4.209	4.940	<b>4.438</b>
profissão artística	<b>2.281</b>	0.538	0.980	1.703	2.757	3.422	3.680	<b>4.308</b>
directora	<b>1.694</b>	0.000	0.333	1.000	1.500	7.000	1.500	<b>4.000</b>
administrativo	<b>2.413</b>	0.466	0.852	1.732	3.045	3.691	3.780	<b>4.107</b>
comércio/vendas	<b>3.067</b>	0.457	1.401	2.572	3.690	4.527	5.559	<b>4.365</b>
serviços	<b>2.297</b>	0.351	0.938	2.047	3.386	4.036	3.916	<b>4.178</b>
agricultura	<b>3.957</b>	0.714	1.525	3.389	4.740	4.932	5.141	<b>5.171</b>
operárias	<b>2.430</b>	0.716	0.714	2.050	2.926	3.487	4.075	<b>4.429</b>
Valor do teste K-W	<b>64.4</b>	5.3	32.5	73.5	47.7	20.1	25.2	<b>5.4</b>
Probabilidade do teste	<b>0.0000</b>	0.3697	0.000	0.000	0.000	0.002	0.0003	<b>0.4903</b>

Analisando a fecundidade realizada em função da profissão, nas diferentes idades, vemos que as profissões que têm um valor acima da média são: no primeiro grupo etário, as agricultoras e operárias, e nos restantes grupos etários as agricultoras e as comerciantes; no grupo 45-49 estão acima da média as agricultoras, as mulheres com profissões ligadas à ciência técnica e as operárias. Em todas as idades as directoras têm o número mais baixo de filhos até à data do inquérito, com excepção do grupo 35-39 que tem uma média de filhos altíssima de 7 filhos.

<b>QUADRO XLVIII - FECUNDIDADE REALIZADA SEGUNDO CATEGORIA OCUPACIONAL</b>								
<b>Categoria ocupacional</b>	<b>F. R. GERAL</b>	<b>15-19</b>	<b>20-24</b>	<b>25-29</b>	<b>30-34</b>	<b>35-39</b>	<b>40-44</b>	<b>45-49</b>
CONTA DE OUTREM	<b>2.448</b>	0.443	0.970	1.952	3.034	3.809	4.340	<b>4.137</b>
CONTA PRÓPRIA	<b>3.280</b>	0.460	1.476	2.628	3.674	4.620	5.288	<b>4.675</b>
FAMILIAR S/ REMUNERAÇÃO	<b>3.116</b>	0.455	1.534	2.965	4.057	4.851	5.704	<b>5.283</b>
PATRÃO	<b>2.151</b>	0.350	1.043	1.684	4.000	2.867	5.571	<b>1.333</b>
Valor do teste K-W	<b>66.6</b>	8.1	60.1	81.3	47.3	32.4	22.0	<b>14.73</b>
Probabilidade do teste	<b>0.0000</b>	0.043	0.000	0.000	0.000	0.000	0.0001	<b>0.0021</b>

Analisando os dados com base na categoria ocupacional, observa-se em quase todas as idades uma fecundidade mais baixa para as categorias por "conta de outrem" e categoria de "patrão". Aos 30-34 e 40-44 anos são as categorias "por conta de outrem" e "por conta própria" a apresentar a fecundidade mais baixa.

A profissão e a categoria ocupacional não são importantes para a variação do número de filhos no primeiro grupo etário (15 -19 anos). Isto deve-se ao facto de a maioria não trabalhar neste grupo de idade. A partir dos 20 anos a relação entre actividade económica e número de filhos começa a existir, com excepção dos grupos 35-39 anos (só para a profissão) e 45-49 anos (para a profissão e categoria ocupacional), dado estas últimas serem maioritariamente domésticas.

Vemos, nos quadros VII e VIII, no anexo IV, a profissão e a categoria profissional, cruzada com a taxa de fecundidade geral.

A descendência média mais elevada para a profissão principal, é de 7 filhos por mulher agricultora e 6.5 para a categoria ocupacional "patrão". No outro extremo situam-se as profissões ligadas aos serviços (2.1), directoras (2.5) e a categoria ocupacional "por conta de outrem" (2.7).

A relação entre a profissão e a categoria ocupacional com a taxa de fecundidade geral não é estatisticamente significativa. Só existe significância estatística para a relação entre a taxa de fecundidade e a categoria ocupacional no primeiro grupo etário e no total da amostra.

## 2. 9. - FECUNDIDADE SEGUNDO O GRAU DE PARENTESCO

QUADRO XLIX- FECUNDIDADE REALIZADA SEGUNDO O PARENTESCO								
parentesco	GERAL	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49
chefe agregado	<b>3.689</b>	1.000	1.452	2.562	3.444	3.982	4.642	<b>4.369</b>
cônjuge	<b>3.659</b>	0.904	1.873	2.884	3.988	4.811	5.391	<b>5.420</b>
filha	<b>0.679</b>	0.172	0.761	1.601	2.465	2.840	2.826	<b>2.375</b>
mãe	<b>4.461</b>	0.000	0.000	0.000	4.206	5.077	4.614	<b>4.250</b>
neta	<b>0.780</b>	0.196	0.955	1.750	2.333	0.600	4.166	<b>5.250</b>
outros	<b>1.289</b>	0.300	0.937	1.709	2.568	3.238	3.075	<b>3.051</b>
sem parentesco	<b>1.134</b>	0.126	0.887	1.745	2.143	2.333	2.888	<b>4.000</b>
Valor do teste K-W	<b>3370.0</b>	624.2	690.9	463.0	227.1	121.1	96.9	<b>67.8</b>
Probabilidade do teste	<b>0.0000</b>	0.0000	0.000	0.000	0.000	0.000	0.0000	<b>0.0000</b>

Como já foi explicado, o grau de parentesco situa as mulheres em relação ao chefe do agregado familiar. O grau de parentesco faz variar de forma importante a fecundidade realizada. Se situarmos a mulher no seu agregado familiar e na sua relação com o chefe do seu agregado familiar, vemos que as que são as "mães", "chefes do agregado familiar" e "cônjuges", as que representam uma fecundidade mais elevada (4.46, 3.68 e 3,65, respectivamente). As "filhas" e as "netas", são por sua vez, as mulheres com uma média de filhos mais baixa.

Quando fazemos uma leitura por idades, apercebemo-nos que à medida que subimos no escalão etário, torna-se mais importante a fecundidade das "mães" (sendo a mais elevada a do grupo 35-39 com 5 filhos por mulher). A categoria "mães" só faz sentido a partir dos 30 anos, já que através do quadro verifica-se que os grupos etários anteriores têm "zero" efectivos. Mesmo assim ficam a questão se de facto podem existir mães de chefes do agregado familiar com 30-34 anos.

No conjunto das idades, a fecundidade das cônjuges e das chefes do agregado familiar é a mais elevada.

QUADRO L - TAXA DE FECUNDIDADE SEGUNDO O PARENTESCO									
parentesco	GERAL	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	D.M.
chefe agregado	<b>0.083</b>	0.038	0.166	0.131	0.115	0.093	0.024	0.040	<b>3.057</b>
cônjuge	<b>0.181</b>	0.222	0.254	0.214	0.192	0.167	0.083	0.050	<b>5.931</b>
filha	<b>0.052</b>	0.026	0.080	0.088	0.110	0.060	0.000	0.000	<b>1.830</b>
mãe	<b>0.088</b>	0.000	0.000	0.000	0.000	0.461	0.000	0.065	<b>2.636</b>
neta	<b>0.065</b>	0.024	0.081	0.166	0.277	0.000	0.000	0.000	<b>2.753</b>
outros	<b>0.090</b>	0.065	0.113	0.097	0.106	0.110	0.034	0.071	<b>2.995</b>
sem parentesco	<b>0.034</b>	0.011	0.094	0.042	0.000	0.000	0.000	0.000	<b>0.741</b>
Valor do teste K-W	<b>232.9</b>	319.1	172.5	94.3	41.3	10.9	16.0	2.0	
Probabilidade do teste	<b>0.0000</b>	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	0.0905	0.0135	0.9166	

A descendência média de 5.93, é a mais elevada, correspondendo às "cônjuges", sendo de 3.05 para as chefes do agregado familiar. A relação entre o parentesco e a fecundidade é sempre significativa com a excepção da taxa de fecundidade das mulheres com mais de 35 anos. O valor do ETA é muito elevado (0.51) para o cruzamento da fecundidade realizada com o parentesco, o que significa que a relação entre as duas variáveis é forte. Mais baixo é o valor do ETA para os outros casos, o que mesmo assim é forte, variando entre 0.22 e 0.31, para a fecundidade realizada por idades.

## 2.10. - FECUNDIDADE SEGUNDO AS CARACTERÍSTICAS DE HABITAÇÃO

Como existem sete variáveis para caracterizar as condições de habitação, decidimos colocar os quadros em anexo (anexo IV, quadros IX a XXII), analisando apenas as condições de habitação mais importantes, distinguindo as seguintes características: casas de carácter permanente e de carácter precário, casas com água canalizada e sem água canalizada, com e sem latrina, com e sem electricidade.

Vamos primeiro apresentar a fecundidade realizada e depois a taxa de fecundidade.

### 2.10.1. - Fecundidade realizada

QUADRO LI- FECUNDIDADE REALIZADA SEGUNDO A HABITAÇÃO								
tipo de habitação	GERAL	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49
carácter permanente	2.200	0.218	1.040	2.270	3.600	4.300	4.900	4.800
carácter precário	2.400	0.326	1.380	2.490	3.500	4.500	4.900	4.900
Probabilidade do teste	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	0.6310	0.3710	0.8120	

QUADRO LII - FECUNDIDADE REALIZADA SEGUNDO A HABITAÇÃO-ÁGUA								
água	GERAL	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49
com água canalizada	2.100	0.209	0.990	2.100	3.300	4.200	4.700	4.400
sem água canalizada	2.500	0.304	1.330	2.500	3.700	4.600	5.000	5.100
Probabilidade do teste	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	0.0010	0.0300	

QUADRO LIII - FECUNDIDADE REALIZADA SEGUNDO A HABITAÇÃO-ELECTRICIDADE								
electricidade	GERAL	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49
com electricidade	2.076	0.186	0.911	2.031	3.373	4.185	4.628	4.521
sem electricidade	2.433	0.310	1.360	2.579	3.711	4.573	5.090	5.063
Valor do T-teste	-10.47	-5.21	-9.55	-9.24	-3.99	-3.12	-2.77	-2.65
Probabilidade do teste	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	0.002	0.006	0.008

<b>QUADRO LIV - FECUNDIDADE REALIZADA SEGUNDO A HABITAÇÃO-LATRINA</b>								
latrina	<b>GERAL</b>	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	<b>45-49</b>
com latrina	<b>2.381</b>	0.287	1.277	2.468	3.696	4.604	5.130	<b>4.908</b>
sem latrina	<b>2.070</b>	0.180	0.927	2.065	3.235	3.960	4.243	<b>4.826</b>
Valor do T-teste	<b>8.08</b>	3.78	6.09	5.70	4.86	4.72	4.55	<b>0.35</b>
Probabilidade do teste	<b>0.0000</b>	0.0000	0.000	0.000	0.000	0.000	0.000	<b>0.725</b>

A fecundidade realizada geral não diverge muito entre os valores extremos para nenhum dos factores caracterizantes da habitação, no entanto a fecundidade ronda os 2.5 para os valores mais altos e 2 para os mais baixos.

Existe quase sempre uma associação estatisticamente significativa dos aspectos habitacionais com a fecundidade realizada geral, mas a associação entre as variáveis é quase nula (o ETA varia entre 0.04 e 0.11).

São excepções apenas a relação entre as mulheres com mais de 30 anos e o carácter permanente ou precário das casas.

## 2.10.2. - Taxa de fecundidade

Passemos agora para a análise da taxa de fecundidade:

QUADRO LV - TAXA DE FECUNDIDADE SEGUNDO O TIPO DE HABITAÇÃO									
tipo de habitação	GERAL	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	D.M
carácter permanente	<b>0.102</b>	0.041	0.128	0.147	0.157	0.122	0.060	0.025	<b>3.400</b>
carácter precário	<b>0.136</b>	0.063	0.177	0.179	0.174	0.181	0.060	0.070	<b>4.500</b>
Probabilidade do teste	<b>0.0000</b>	0.0001	0.0000	0.0190	0.3500	0.0260	0.9400	0.015	

QUADRO LVI - TAXA DE FECUNDIDADE SEGUNDO A HABITAÇÃO-ÁGUA									
água	GERAL	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	D.M
com água canalizada	<b>0.096</b>	0.039	0.108	0.150	0.148	0.114	0.050	0.031	<b>3.200</b>
sem água canalizada	<b>0.132</b>	0.060	0.177	0.169	0.176	0.174	0.060	0.065	<b>4.400</b>
Probabilidade do teste	<b>0.0000</b>	0.0000	0.0000	0.1690	0.1060	0.0180	0.2690	0.0930	

QUADRO LVII - TAXA DE FECUNDIDADE SEGUNDO A HABITAÇÃO-ELECTRICIDADE									
electricidade	GERAL	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	D.M
com electricidade	<b>0.089</b>	0.036	0.107	0.132	0.144	0.115	0.035	0.011	<b>2.191</b>
sem electricidade	<b>0.134</b>	0.088	0.173	0.178	0.175	0.167	0.078	0.071	<b>3.789</b>
Valor do T-teste	<b>-8.17</b>	-4.08	-5.06	-3.49	-1.81	-2.01	-2.69	-3.60	
Probabilidade do teste	<b>0.0000</b>	0.0000	0.0000	0.0000	0.0700	0.0440	0.0070	0.0000	

QUADRO LVIII - TAXA DE FECUNDIDADE SEGUNDO A HABITAÇÃO-LATRINA									
latrina	GERAL	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	D.M
com latrina	<b>0.124</b>	0.053	0.162	0.170	0.133	0.163	0.062	0.057	<b>3.352</b>
sem latrina	<b>0.095</b>	0.040	0.111	0.127	0.175	0.106	0.050	0.021	<b>2.288</b>
Valor do T-teste	<b>4.72</b>	1.91	3.68	2.82	0.46	2.08	0.68	2.01	
Probabilidade do teste	<b>0.0000</b>	0.0560	0.0000	0.0050	0.6480	0.0380	0.4980	0.7250	

A taxa de fecundidade geral varia entre 0.089 e 0.136 entre o valor mais baixo e o mais alto.

A associação entre a taxa de fecundidade e o tipo de habitação é sempre estatisticamente significativa para a amostra geral, mas o grau de associação, medido pelo ETA é quase insignificante.

Somente existe significância estatística na análise por idades, para as seguintes associações: taxa de fecundidade segundo tipo de habitação e taxa de fecundidade segundo a variável relacionada com a existência de água nas casas, ambas até aos 24 anos, e taxas de fecundidade segundo existência de electricidade nas casas até aos 29 anos. Como se pode constatar a relação entre fecundidade e características de habitação, nos grupos etários é quase inexistente, só existindo permanentemente significância nas idades 20-24.

Quanto à descendência média, esta varia entre 4.5 (casas de carácter precário) para o valor mais alto e 2.1 (casas com electricidade) para os valores mais baixos.

Podemos estabelecer a hipótese de que existe uma estreita relação entre as características de habitação e a zona de residência, com um efeito conjunto sobre a fecundidade. Esta observação poderá ser confirmada no capítulo dedicado à análise multivariada.

## 2.11. - CONCLUSÃO

De modo a resumir um pouco o que foi dito nesta secção e de acordo com os resultados obtidos através da análise precedente em que as variáveis dependentes consideradas são a fecundidade realizada e a taxa de fecundidade, vamos expor de seguida, os principais resultados.

A maioria das mulheres (50.8%) da amostra têm até um filho e 38.9 % ainda não tiveram nenhum filho. Basta passar do primeiro para o segundo grupo etário para ver descer para metade as mulheres sem filhos. Encontramos uma descendência média geral de 3.93 filhos por mulher.

Entre os 30 e os 34 anos, as mulheres já tiveram em média 3.5 filhos. No final da sua vida reprodutiva a mulher já completou uma média de 4.93 filhos.

A fecundidade realizada por estado civil pode ir de 0.6 por mulher solteira (semelhante à fecundidade realizada dos 15 aos 24 anos) até 4.4 por mulher viúva (valor semelhante para as mulheres dos 30 aos 49 anos).

A fecundidade é mais elevada para as casadas a partir dos 25 anos. Até aos 24 anos a fecundidade realizada mais elevada cabe às viúvas desses grupos etários.

As idades e o estado civil são das variáveis com maior impacto na fecundidade. Podemos mesmo dizer que são determinantes directos da fecundidade.

O valor do teste estatístico que mede a correlação entre a idades e a fecundidade realizada é fortíssimo, bem como para a correlação entre o estado civil e a fecundidade realizada.

A relação entre a fecundidade realizada geral com a religião é fraca, no entanto existe uma correlação moderada desta variável com a fecundidade realizada aos 40-44 anos.

A religião conjugada com o estado civil, parecem agir em conjunto sobre a fecundidade.

A naturalidade parece ser mais significativa face à variação da fecundidade geral do que a religião.

A relação entre zona de residência e fecundidade é forte a partir dos 30 anos e fraca para a fecundidade realizada geral.

Quanto às características de educação, existe uma correlação média entre o conhecimento do português e a fecundidade realizada geral. A relação é mais fraca com a língua materna. A correlação entre a alfabetização e a fecundidade realizada geral é média e moderada para a taxa de fecundidade geral. No entanto é bastante forte e negativa para o nível de instrução.

A relação é forte e significativa entre a fecundidade realizada geral e as “causas de não ter trabalhado” e entre esta mesma variável e a fecundidade realizada dos 20-24 anos e 25-29 anos, a correlação é moderada.

No caso da profissão e da categoria ocupacional, esta relação diminui consideravelmente atingindo um máximo aos 25-29 anos, no caso da categoria ocupacional.

O grau de parentesco, revelou-se à posteriori, uma variável de maior importância no sentido da sua estreita e forte correlação com a fecundidade, tão significativa quanto a encontrada com a idade ou o estado civil.

As características de habitação não revelaram ser muito importantes na correlação com a fecundidade. Estas características parecem no entanto estar intimamente relacionadas com a zona de residência, produzindo em conjunto, um efeito sobre a fecundidade.

As análises bivariadas nas quais a associação é estatisticamente significativa, com a probabilidade inferior ou igual a 0.001, são apresentados no quadro LIX e que têm uma correlação considerada média, superiores a .2, com a fecundidade.

QUADRO LIX - CRUZAMENTOS ESTATISTICAMENTE SIGNIFICATIVOS								
Variável	F.R GERAL	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49
idade	.64	F.R   T.F.G						
parentesco	.51	.22   .23	.31	.31	.26	.23	.23	.22
estado civil	.49	.29   .26	.33	.28	.27	.22	.21	.20
razão de não trabalhar	.33		.23	.21				
alfabetização	.27							
nível instrução	-.30							
fala português	.24							

Apresentámos apenas estes cruzamentos, por serem os mais importantes, segundo os nossos critérios de selecção.

Como já foi possível verificar nos pontos anteriores, existem outros cruzamentos estatisticamente significativos, que puderam ser vistos de forma detalhada no seu local apropriado.

Os valores assinalados em **carregado** no quadro anterior, são os cinco cruzamentos onde a relação com a fecundidade é mais forte.

Relativamente a todos os grupos etários são a idade, o parentesco, o estado civil e a razão de não trabalhar. Para o grupo dos 20-24 anos é o estado civil.

Podemos afirmar que estas variáveis são as mais importantes, enquanto determinantes da fecundidade na cidade de Maputo.

Os testes estatísticos revelam maiores diferenças quando aplicados ao total da amostra do que na análise por idades. Podemos no entanto afirmar que na análise por idades, com o estado civil e o parentesco existe uma correlação forte quando cruzados com a fecundidade realizada. As outras variáveis referidas no quadro, têm uma correlação média, fraca ou muito fraca com a fecundidade. É de notar ainda que quanto mais se sobe na idade, mais baixa é a correlação.

### III. AS CARACTERÍSTICAS DO CASAL

Antes de analisar a fecundidade diferencial, a partir da fecundidade realizada e da taxa de fecundidade geral, do casal (homem e mulher), vamos caracterizar o casal em termos genéricos.

Esta análise é feita com base numa amostra constituída por 10.081 casais (como foi explicado no início desta parte), o que poderá desviar um pouco os resultados, dado que são quase todos casados (99.9 %)

Os valores para este tipo de fecundidade são por isso característicos do matrimónio, não vamos no entanto apresentar aqui todos os resultados, mas apenas os mais significativos.

#### 3.1. IDADES

As idades das mulheres concentram-se entre os 25 e os 34 anos (45.2) e as idades dos cônjuges, entre os 30 e os 44 anos (58.4 %).

Podemos observar que a distribuição das idades dos parceiros é mais envelhecida do que a das mulheres. Assim, o grupo menos representativo é o mais jovem, uma vez que com menos de 25 anos temos 3.7 % da amostra e o mais representativo é o grupo 30-34 anos, com 24.2 % da amostra.

QUADRO LX - IDADES				
	MULHERES		HOMENS	
	efectivos	%	efectivos	%
15 aos 19 anos	454	4.5	23	0.2
20 aos 24 anos	1565	15.5	351	3.5
25 aos 29 anos	2308	22.9	1187	11.8
30 aos 34 anos	2251	22.3	2436	24.2
35 aos 39 anos	1567	15.5	1852	18.4
40 aos 44 anos	1145	11.4	1595	15.8
45 aos 49 anos	791	7.8	1001	9.9
50 aos 54 anos	-	-	742	7.4
55 aos 59 anos	-	-	336	3.3
60 e mais anos	-	-	558	5.5
total	10081	100	10081	100

### 3.2. ESTADO CIVIL

No caso do "casal" o estado civil é bastante limitado, já que são ambos casados, com uma divergência em relação ao regime: cerca de 84 % em regime monogâmico e 15.6 % em regime poligâmico.

QUADRO LXI - ESTADO CIVIL				
estado civil	MULHERES		HOMENS	
	efectivos	percentagem (%)	efectivos	percentagem (%)
solteiro	1	0.0	11	0.1
casado/monogâmico	8502	84.3	8492	84.2
casado/poligâmico	1572	15.6	1572	15.6
divorciado/separado	2	0.0	1	0.0
viúvo	3	0.0	4	0.0
total	10081	100	10081	100

Os casos da única mulher solteira, das duas mulheres divorciadas e das três viúvas podem ser casos de mulheres que são chefes do agregado familiar, bem como no caso dos homens, os 11 homens solteiros, um divorciado e 4 viúvos (os seus pares ou não aparecem aqui, ou eles não têm cônjuge, sendo simplesmente chefes do agregado familiar aos quais foram agregadas mulheres que não são suas cônjuges, ou ainda podem ter uma companheira e terem um destes "estados civis").

### 3.3. RELIGIÃO

No presente caso, 44.6 % das mulheres são protestantes, 24.5 % católicas, 21.9 % ateias. No caso dos maridos, 41.1 % são protestantes, 25.5% católicos e 24.4 % ateus, como se pode verificar no quadro LXII.

QUADRO LXII - RELIGIÃO				
religião	MULHERES		HOMENS	
	efectivos	(%)	efectivo	(%)
nenhuma	2207	21.9	2458	24.4
animista	314	3.1	294	2.9
católica	2470	24.5	2569	25.5
protestante	4497	44.6	4146	41.1
muçulmana	300	3.0	312	3.1
não resposta	272	2.7	283	2.8
total	10081	100	10081	100

É de notar que há muito mais poligâmicos do que muçulmanos, o que significa que a religião muçulmana não é condição absoluta para se poder ser poligâmico. Sobretudo na cidade, local onde se cruzam todas as religiões, tradições e culturas do país, não existem normas tão rigorosas e limitadas como em meio rural, o que permite a confluência dos diversos hábitos.

Torna-se por isso possível ser por exemplo animista, protestante ou ainda, não ter qualquer religião e ser-se poligâmico. Podemos também encontrar muçulmanos monogâmicos.

### 3.4. LOCAL DE NASCIMENTO

QUADRO LXIII - LOCAL DE NASCIMENTO				
local de nascimento	MULHERES		HOMENS	
	efectivos	(%)	efectivos	(%)
cidade	5126	50.8	4676	46.4
distrito	4811	47.7	5239	52.0
estrangeiro	140	1.4	158	1.6
não resposta	4	0.0	8	0.1
total	10081	100	10081	100

Aqui já se vai notar outra particularidade quanto ao local de nascimento, já que estas mulheres provêm sobretudo das cidades (50.8 %), e os maridos

nasceram sobretudo no resto do país (52 %), apesar da diferença ser pouco importante.

Este último caso, é típico de êxodo rural, tendo-se conhecido e casado grande parte deles já em Maputo, porque são oriundos de lugares diferentes das suas mulheres.

Pode-se afirmar que as mulheres que pertencem ao casal nasceram em maior proporção fora da cidade do que as da amostra geral (são mais velhas o que pode ser uma explicação).

### 3.5. EDUCAÇÃO

No que respeita ao grau de instrução, a maioria das mulheres afirma ler e escrever (60.4%), e 39.6 % são analfabetas.

O mesmo se passa em relação ao português, 72.6 % diz falar, 27.4 % não fala português, e 85.6 % aprendeu como língua materna, uma língua local.

No caso dos homens, já uma percentagem muito mais elevada lê e escreve (85.5%) e apenas 14.5 % são analfabetos. Só 5.9 % não fala português apesar de terem em 83.8% dos casos aprendido a falar em dialecto. Isto pode explicar-se pela necessidade, por parte dos homens, de dominar a língua portuguesa, ao nível do mundo do trabalho, enquanto a mulher está mais ocupada dentro de casa, ou exercendo actividades, como veremos adiante, com menor necessidade de se expor às regras e normas institucionalizadas e ao mundo exterior.

QUADRO LXIV. - ALFABETIZAÇÃO				
alfabetização	MULHERES		HOMENS	
	efectivos	(%)	efectivos	(%)
sabe ler e escrever	6089	60.4	8621	85.5
analfabeta(o)	3991	39.6	1460	14.5
total	10081	100	10081	100

QUADRO LXV. - FALA PORTUGUÊS				
fala português	MULHERES		HOMENS	
	efectivos	(%)	efectivos	(%)
sim	7322	72.6	9483	94.1
não	2759	27.4	598	5.9
total	10081	100	10081	100

QUADRO LXVI - LÍNGUA MATERNA				
língua materna	MULHERES		HOMENS	
	efectivos	(%)	efectivos	(%)
línguas locais (dialectos)	8631	85.6	8446	83.8
estrangeiras	37	0.4	28	0.2
européias (incluído o português)	1247	12.4	1456	14.4
não resposta	166	1.6	151	1.5
total	10081	100	10081	100

O grau de instrução é para as mulheres muito baixo: 32.9 % destas mulheres não têm grau de instrução, mas 60.1 % frequentou a primária e 5.7 % a secundária.

Contra estas percentagens estão as dos seus maridos, 73.5 % têm a instrução primária, 12% a instrução secundária e 12.7 % não têm instrução. Mesmo assim, os homens frequentaram graus de instrução mais elevados que as esposas, o que mais uma vez exprime a desigualdade entre os dois sexos.

QUADRO LXVII. - GRAU DE INSTRUÇÃO				
grau de instrução	MULHERES		HOMENS	
	efectivos	(%)	efectivos	(%)
nenhum	3318	32.9	1281	12.7
primária	6063	60.1	7374	73.5
secundária	584	5.7	1210	12.0
superior	62	0.6	116	1.2
não resposta	54	0.5	70	0.7
total	10081	100	10081	100

### 3.6. OCUPAÇÃO

Directamente relacionada com o grau de instrução encontra-se a ocupação. Só 32.2 % das mulheres é que trabalham, as restantes são na maioria, domésticas. Depois de retirarmos a percentagem de mulheres que não trabalham do total de mulheres inquiridas, 38.8 % declaram trabalhar em profissões ligadas à ciência e técnica, 26.9 % estão ligadas ao comércio e vendas e 10 % ao sector administrativo, encontrando-se ainda algumas na agricultura silvicultura e pescas, com 7.8 %.

A categoria ocupacional mais exercida é a categoria "por conta de outrem".

No caso do marido, podemos verificar que 90.9 % estão a trabalhar e que o maior grupo de homens pertence ao operariado, com 39.4% (com base no total de homens da amostra); segue-se o grupo de trabalhadores ligados à ciência-técnica, com 18.3%; e os trabalhadores no sector dos serviços representam 11.6%. Encontram-se na sua maioria, a trabalhar "por conta de outrem", com 76.1% da amostra.

QUADRO LXVIII. - PROFISSÃO PRINCIPAL					
profissão principal	MULHERES			HOMENS	
	efectivos	(%)	percentagem (%) <sup>91</sup>	efectivos	(%)
ciencia-técnica	1275	12.6	38.8	1840	18.3
profissão artística	168	1.7	5.1	362	3.6
directores	5	0.0	0.2	38	0.4
administrativo	329	3.3	10.0	747	7.4
comércio-vendas	884	8.8	26.9	815	8.1
serviços	212	2.1	6.4	1168	11.6
agricultura-sivic. e pescas	255	2.5	7.8	389	3.9
operários	161	1.6	4.9	3971	39.4
casos omissos <sup>92</sup>	6792	67.4	-	751	7.4
total	10081	100	100	10081	100

<sup>91</sup> só com base nas que trabalharam.

<sup>92</sup> São os casos de não resposta ou que não trabalharam.

QUADRO LXIX. - CATEGORIA OCUPACIONAL					
categoria ocupacional	MULHERES			HOMENS	
	efectivos	(%)	% <sup>93</sup>	efectivos	(%)
conta de outrem	1450	14.4	44.1	7682	76.1
conta própria	703	7.0	21.4	778	7.7
trabalho familiar sem remuneração	893	8.9	27.2	49	0.5
patrão	35	0.3	1.1	127	1.3
não resposta	208	2.1	6.3	704	7.0
casos omissos <sup>94</sup>	6792	67.4	-	751	7.4
total	10081	100	100	10081	100

### 3.7. CONCLUSÃO

Sintetizando os dados de caracterização do casal, as mulheres têm uma idade média de 30-34 anos, e os homens de 35-40 anos.

A distribuição da religião segue a mesma tendência encontrada para a totalidade da amostra de mulheres (nota-se uma distribuição das religiões semelhante para os maridos).

As mulheres do casal têm uma origem predominantemente urbana e os seus maridos rural; no entanto quando comparamos com a amostra total, vemos que 38 % da amostra nasceu no resto do país (distrito) contra 47.7 % das mulheres do casal (que são mais velhas do que as da totalidade da amostra).

Quanto ao factor educação, os homens têm uma maior bagagem porque a maioria fala português, sabe ler e escrever e tem a instrução primária (73.5%). As percentagens são sempre mais elevadas nestes indicadores, para o homem.

Quando comparamos com a amostra geral, verificamos que estas mulheres possuem características de educação mais elevadas do que as

<sup>93</sup>só com base nas que trabalharam.

<sup>94</sup> São os casos de indivíduos que não trabalharam.

mulheres do casal (mais uma vez é a idade menos elevada que condiciona a educação mais elevada).

Nota-se no contexto das actividades económicas, uma enorme diferença entre os homens e as mulheres: 90.9 % dos homens trabalham mas só 32.2 % das mulheres são trabalhadoras.

Enquanto, dentro do grupo de mulheres que trabalham, a maioria fá-lo em profissões ligadas à ciência-técnica, os homens trabalham predominantemente no sector operário.

Quanto à categoria ocupacional, ambos os sexos trabalham sobretudo “por conta de outrem”, com 14.4 % para as mulheres e 76.1 % para os homens.

Neste caso não existe uma grande diferença entre a amostra e o subgrupo de mulheres do casal.

As características e condições de habitação seguem aqui exactamente a mesma tendência da amostra e como não existe diferenças entre os sexos para estas variáveis, elas não foram apresentadas nesta caracterização (ver anexo V).

## IV. - A FECUNDIDADE DIFERENCIAL DO CASAL

### 4.1. - A FECUNDIDADE REALIZADA DO CASAL

Apresentamos de seguida o quadro LXX com os valores mínimos e máximos da fecundidade realizada para os homens e as mulheres do casal. Pensámos ser esta a forma mais adequada para resumir a informação, nesta secção e ilustrar a fecundidade do casal. No entanto, em anexo (anexo VI), podemos consultar a informação completa para a fecundidade realizada e a taxa de fecundidade do casal, geral e por grupos etários. O anexo que corresponde à fecundidade realizada é o VI.1.

QUADRO LXX. - FECUNDIDADE REALIZADA - valores mínimos e máximos								
Variável	Mínimo				Máximo			
	homem	valor	mulher	valor	homem	valor	mulher	valor
idades	20-24	1.3	15-19	0.9	50-54	5.1	40-44	5.3
parentesco	cônjuge	3.2	chefe agregado	3.1	chefe do agregado	3.6	cônjuge	3.6
naturalidade	estrangeiro	2.3	estrang	2.6	distrito	3.7	distrito	3.8
estado civil	casado polig.	3.1	casado polig.	3.1	divorciado	5.0	divorciada	7.5
religião	muçulmana	3.2	muçulmana	3.3	animista	3.8	animista	3.8
escolaridade	ler e escrever	3.6	ler e escrever	3.2	analfabetismo	3.8	analfabetismo	4.2
português	sabe falar	3.6	sabe falar	3.4	não fala	4.0	não fala	4.3
língua materna	estrangeiras	2.4	português	3.0	locais	3.7	locais	3.7
nível instrução	superior	1.8	superior	1.6	nenhum	3.7	nenhum	4.2
Se não trabalha	estudante	2.7	estudante	2.5	outra situação	3.6	doméstica	3.7
profissão	directores	2.3	directores	2.0	agricultura	4.1	agricultura	5.0
cat. <sup>a</sup> ocupacional	familiar sem remuneração	2.8	patrão	3.2	conta própria	3.8	conta própria	4.1
zona de residência	cimento	3.1	cimento	3.1	suburbana pouco densa	3.8	suburbana pouco densa	3.8
paredes	maticada	3.3	maticada	3.3	cimento/tijolo	3.7	cimento/tijolo	3.7
cobertura	capim	3.1	capim	3.1	lusalite/zinco	3.7	lusalite/zinco	3.7
pavimento	parquet	3.2	parquet	3.2	mármore/gran.	4.1	mármore/gran.	4.1
água	canalizada	3.4	canalizada	3.4	poço	3.7	poço	3.7
electricidade	tem	3.0	tem	3.0	não tem	3.6	não tem	3.6
sanitário	tem	3.5	tem	3.5	não tem	3.6	não tem	3.6
latrina	não tem	3.4	não tem	3.4	tem	3.7	tem	3.7

Os homens que têm a média de filhos mais baixa são jovens (20-24 anos), "cônjuges", nasceram no estrangeiro, são casados polígamos, professam a religião muçulmana, sabem ler e escrever, falam português, a língua materna é uma das línguas estrangeiras, têm o grau de instrução superior, trabalham como directores e na categoria ocupacional "familiar sem remuneração" e residem na zona de cimento.

As mulheres (do casal) com a média mais baixa têm 15-19 anos, a língua em que aprenderam a falar foi o português, e estão na categoria ocupacional de "patrão".

Os indicadores para a fecundidade realizada mais baixa, para as restantes variáveis são iguais aos dos maridos.

Os maridos com o maior número médio de filhos são homens mais velhos (50-54 anos), chefes do agregado familiar, que nasceram no distrito, são divorciados, professam a religião animista, são analfabetos, não falam português, aprenderam a falar em línguas locais, não têm grau de instrução, trabalham na agricultura e operariado (3.83), na categoria ocupacional "por conta própria" e residem na zona suburbana pouco densa.

As suas mulheres só diferem nos indicadores, em relação à variável idade (40-44 anos), e "razão de não trabalhar", onde o valor máximo cabe às domésticas.

No quadro seguinte apresentam-se nomeadamente os valores das correlações calculadas entre as diversas variáveis e a fecundidade realizada geral dos homens e mulheres do casal, somente para os casos em que se encontraram probabilidades dos testes (Kruskal-Wallis e T-teste) inferiores ou iguais a 0.001.

	homens/geral	mulheres/geral
Variável	Correlação	Correlação
idades	0.39	0.47
naturalidade	0.07	0.08
estado civil	0.07	0.12
religião	0.05	0.06
escolaridade		0.20
português		0.16
língua materna	0.06	0.08
nível de instrução	0.10	0.17
razão de não trabalhar		0.07
profissão	0.09	0.10
categoria ocupacional		0.07
zona de residência	0.09	0.09
paredes		0.06
cobertura		0.06
pavimento		0.06
latrina		0.06

Relativamente aos homens, destaca-se a importância da idade como factor relevante para a fecundidade realizada.

Nas mulheres, a par da idade - ainda com maior importância, destaca-se a escolaridade (alfabetização) e o nível de instrução.

Comparando com o que já foi afirmado sobre a fecundidade das mulheres, verificou-se que era a idade e a situação conjugal, os factores mais determinantes. Aqui, como se trata apenas de mulheres casadas, quase só se revela a importância da idade.

## 4. 2. - A TAXA DE FECUNDIDADE GERAL DO CASAL

O quadro LXXI pretende fazer a síntese para a taxa de fecundidade geral do casal (ver anexo VI.2.):

QUADRO LXXI. - TAXA DE FECUNDIDADE - valores mínimos e máximos								
Variável	Mínimo				Máximo			
	homem	valor	mulher	valor	homem	valor	mulher	valor
idades	50-54	0.099	40-44	0.054	20-24	0.253	20-24	0.253
parentesco	cônjuge	0.117	chefe	0.117	chefe	0.181	cônjuge	0.181
naturalidade	estrangeiro	0.126	estrangeiro	0.121	distrito	0.195	distrito	0.193
estado civil	casado polígamo	0.149	casada polígama	0.148	casado mono	0.187	casada m	0.187
religião	muçulmana	0.118	muçulmana	0.116	animista	0.221	animista	0.251
escolaridade	analfabetismo	0.154	analfabetismo	0.172	ler/escrever	0.185	ler/escrever	0.186
português	não sabe falar	0.147	não sabe falar	0.163	fala	0.183	fala	0.187
língua materna	locais	0.190	português	0.135	estrangeiras	0.321	estrangeiras	0.270
nível de instrução	superior	0.112	secundário	0.138	secundário	0.188	primário	0.193
razão de não trabalhar	procura emprego	0.128	outra situação	0.111	estudante	0.272	doméstica	0.196
profissão	directores	0.052	administrativo	0.148	agricultores	0.215	agricultura	0.251
categoria ocupacional	conta de outrem	0.180	conta de outrem	0.153	patrão	0.299	patrão	0.371
zona de residência	cimento	0.150	cimento	0.150	sub. p. densa	0.211	sub. p. densa	0.211
paredes	madeira/zinco	0.163	madeira/zinco	0.163	maticada	0.208	maticada	0.208
cobertura	laje/betão	0.145	laje/betão	0.145	capim	0.192	capim	0.192
pavimento	parquet	0.132	parquet	0.132	adobe	0.216	adobe	0.216
água	canalizada	0.132	canalizada	0.132	poço	0.212	poço	0.212
electricidade	sim	0.141	sim	0.141	não	0.200	não	0.200
sanitário	sim	0.060	sim	0.060	não	0.181	não	0.181
latrina	não	0.150	não	0.150	sim	0.190	sim	0.190

Os homens que representam a taxa de fecundidade mais baixa são mais velhos (50-54 anos), "cônjuges", nasceram no estrangeiro, são casados polígamos, professam a religião muçulmana, são analfabetos, não falam português, aprenderam a falar em línguas locais.

Quando não trabalham, procuram emprego e quando trabalham, estão como directores, na categoria ocupacional "por conta de outrem". Residem na zona de cimento.

As mulheres (do casal) com a taxa de fecundidade mais baixa têm 40-44 anos, são chefes do agregado familiar, têm o português como língua materna, têm a instrução secundária, quando não trabalham estão "noutra situação".

Quando trabalham, estão ligadas a profissões administrativas. Para as outras variáveis, os indicadores são os mesmos que para o marido.

Os valores da fecundidade do casal mais baixos, para a habitação, correspondem às seguintes características: paredes de madeira//zinco, cobertura de laje/betão, pavimento de parquet, água canalizada dentro de casa, com electricidade e com sanitário.

Os maridos com a taxa de fecundidade máxima, são homens com 20-24 anos, chefes do agregado familiar, nasceram no distrito, são casados monogâmicos, são animistas, sabem ler e escrever, falam português, aprenderam a falar em línguas estrangeiras (língua materna), têm o nível de instrução secundário, são estudantes ou trabalham na agricultura e trabalham na categoria ocupacional " patrão". Residem na zona suburbana pouco densa.

As suas mulheres diferem nos valores em relação ao nível de instrução, que é o primário, e nas "causas de não trabalhar" dizem ser domésticas.

Os valores mais elevados, para a habitação, correspondem às seguintes características: paredes de maticada, cobertura de capim, pavimento de adobe, água proveniente do poço, sem electricidade e com latrina.

Tal como anteriormente, apresenta-se de seguida um quadro com os valores das associações entre os vários factores e a taxa de fecundidade, desde que a associação seja estatisticamente significativa.

	homens/geral	mulheres/geral
Variável	Correlação	Correlação
idades	0.09	0.11
religião	0.03	0.04
escolaridade		0.20
português		0.16
língua materna	0.04	0.08
nível instrução		0.03
zona de residência	0.04	0.04
paredes		0.04
cobertura		0.03
pavimento		0.04
água		0.05
electricidade		0.05

Quase todas as correlações são fracas destacando-se apenas a escolaridade (alfabetização) e o conhecimento do português das mulheres como influentes na taxa de fecundidade do casal.

### 4.3.- A DESCENDÊNCIA MÉDIA DO CASAL

No quadro seguinte apresenta-se a descendência média, com os valores mínimos e máximos dos homens e mulheres do casal.

QUADRO LXXII. - DESCENDÊNCIA MÉDIA - valores mínimos e máximos								
Variável	Mínimo				Máximo			
	homem	valor	mulher	valor	homem	valor	mulher	valor
parentesco	cônjuge	3.06	chefe	3.05	chefe	5.90	cônjuge	5.90
naturalidade	estrang	3.60	cidade	5.30	distrito	5.90	distrito	6.30
estado civil	casado polig.	4.90	casado polig.	4.50	casado mono.	6.10	casado monog.	6.20
religião	nenhuma	5.32	nenhuma	5.00	muçulmana	13.70	muçulmana	14.00
escolaridade	analfabetismo	5.62	ler /escrever	5.30	ler/escrever	5.90	analfabetismo	6.30
português	não sabe falar	5.20	fala	5.70	fala	5.90	não fala	5.80
língua materna	português	3.90	português	4.10	estrangeiras	9.60	estrangeiras	9.60
nível instrução	superior	3.10	secundário	2.70	primário	6.01	nenhum	5.90
Se não trabalha	procura emp.	4.30	procura emp.	2.75	outra situação	6.70	doméstica	6.30
profissão	directores	0.60	comércio	4.30	agricultores	7.10	operárias	9.70
cat <sup>a</sup> ocupacional	fam.s.remuner.	3.85	conta outrem	4.80	patrão	11.30	patrão	10.50
zona de residência	cimento	4.90	cimento	4.90	suburbana pouco densa	6.80	suburbana pouco densa	6.80
paredes	madeira/zinco	5.41	madeira/zinco	5.41	caniço/paus	6.70	caniço/paus	6.70
cobertura	laje/betão/telha	5.10	laje/betão/telha	5.10	lusalite/zinco	6.10	lusalite/zinco	6.10
pavimento	parquet	4.40	parquet	4.40	adobe	6.80	adobe	6.80
água	canalizada	4.40	canalizada	4.40	poço	6.90	poço	6.90
electricidade	sim	4.70	sim	4.70	não	6.50	não	6.50
sanitário	sim	1.89	sim	1.89	não	5.90	não	5.90
latrina	não	5.20	não	5.20	sim	6.10	sim	6.10

Este indicador exprime de forma útil a média de filhos por indivíduo (ver anexo VI.2.): os valores da descendência média, mais baixos, vão cair sobre os seguintes indicadores: cônjuges que nasceram no estrangeiro, que são casados polígamos, não professam nenhuma religião, são analfabetos, que não falam português e cuja a língua materna é o português, têm o grau de instrução superior, quando não trabalham procuram emprego, quando trabalham fazem-no como directores, na categoria ocupacional "familiar sem remuneração" e residem na zona de cimento.

As mulheres com a descendência média mais baixa, são chefes do agregado familiar, nasceram na cidade, sabem ler e escrever, falam português, têm o nível de instrução secundário, trabalham no comércio e vendas por conta de outrem. Para as outras variáveis, os indicadores são os mesmos que para o marido.

Os valores mais baixos, para a habitação, correspondem às seguintes características: paredes de madeira/zinco, cobertura de laje/betão, pavimento de parquet, água canalizada dentro de casa, com electricidade e com sanitário.

Os maridos com o valor máximo, são chefes do agregado familiar que nasceram no distrito, são casados monogâmicos, professam a religião muçulmana, sabem ler e escrever, falam português, aprenderam a falar numa das línguas estrangeiras, têm o nível de instrução primário, são agricultores, trabalham na categoria ocupacional " patrão" e residem na zona suburbana pouco densa.

As mulheres do casal com a descendência média mais elevada, divergem dos maridos nos seguintes aspectos: são cônjuges, são analfabetas, não falam português, não têm instrução, são domésticas e as que trabalham são operárias.

Os valores mais elevados, para a habitação, correspondem às seguintes características: paredes de caniço/paus, cobertura de lusalite/zinco, pavimento de adobe, água proveniente do poço, sem electricidade e com latrina.

#### 4.4. - CONCLUSÃO

Fazendo a síntese para este ponto, sobre a fecundidade do casal, os maridos são sempre mais velhos do que as mulheres, à excepção da taxa máxima de fecundidade geral onde a idade é a mesma para os dois elementos do casal (20-24 anos). Os homens com o mínimo de filhos são sempre os cônjuges e com o máximo, os chefes do agregado familiar (exactamente o contrário das mulheres). Quanto à naturalidade, os homens com a descendência média mais baixa de todas são os que nasceram no estrangeiro (as mulheres são da cidade). No caso da língua materna, os homens com uma fecundidade realizada e uma taxa de fecundidade mais baixas aprenderam a falar nas línguas estrangeiras e locais, respectivamente, enquanto as mulheres o fizeram em português.

Os homens com a descendência média mínima são analfabetos enquanto as mulheres sabem ler e escrever, e com a descendência média máxima passa-se o oposto. Para o conhecimento da língua portuguesa, os homens com a descendência mínima não falam português enquanto as mulheres falam.

É no nível de instrução e na ocupação que encontramos maiores diferenças entre homens e mulheres. No caso do nível de instrução encontramos as seguintes diferenças para a taxa de fecundidade geral e descendência média. O mínimo verifica-se no nível de instrução superior, no caso dos homens e secundário, no caso das mulheres. O máximo, é para os homens com o secundário, na taxa de fecundidade ou primário na descendência média; para as mulheres com o primário na taxa de fecundidade e nenhum grau de ensino na descendência média.

Quanto à ocupação, na variável "razão de não trabalhar" as mulheres com o máximo de filhos, em qualquer um dos indicadores, fecundidade realizada, taxa de fecundidade ou descendência média, são domésticas enquanto os homens estão noutra situação (fecundidade realizada ou descendência média) e estudantes (taxa de fecundidade). Na variável profissão principal, com o mínimo, são homens directores e mulheres ligadas a profissões administrativas ou ao comércio. Com a descendência média máxima, são homens agricultores e mulheres operárias. Por fim, na categoria

ocupacional, encontramos com poucos filhos homens na categoria "familiar sem remuneração" e mulheres "patrão" ou "por conta de outrem".

Existem dez variáveis, para as quais encontramos diferenças entre as mulheres do casal e as mulheres da amostra: idades, parentesco, naturalidade, estado civil, religião, língua materna, escolaridade, português, nível de instrução e profissão.

Nas idades, encontramos diferenças para as taxas (mínima e máxima) de fecundidade geral. A taxa mínima é a seguinte: para as mulheres do casal é aos 40-44 anos, para as mulheres da amostra é aos 45-49 anos.

A taxa máxima é para as mulheres do casal aos 20-24 anos e para as mulheres da amostra aos 30-34 anos.

Na categoria parentesco, os mínimos vão para as mulheres "chefes do agregado" do casal e "filhas" da amostra.

Na categoria naturalidade: os mínimos vão para as mulheres nascidas no estrangeiro, do casal e nascidas na cidades, da amostra.

No estado civil: os mínimos vão para as mulheres casadas poligâmicas, do casal e solteiras da amostra.

Para a variável religião, a fecundidade realizada máxima, é para as mulheres animistas do casal e protestantes da amostra.

A descendência média mínima das mulheres do casal acontece nas mulheres sem religião. A descendência média mínima das mulheres do total da amostra acontece nas muçulmanas.

A descendência média máxima das mulheres do casal verifica-se nas muçulmanas e relativamente ao total da amostra verifica-se nas animistas.

Relativamente à língua materna, a descendência média mínima do casal verificou-se nas mulheres cuja língua materna é o português. Quanto à da amostra é a das mulheres que aprenderam a falar numa língua materna estrangeira. A descendência média máxima das mulheres da amostra é a das que aprenderam a falar em línguas locais.

No caso da escolaridade, a taxa de fecundidade mínima das mulheres do casal, é a das mulheres analfabetas. Na amostra é a das mulheres que sabem ler e escrever. O oposto verifica-se na taxa de fecundidade máxima.

Acontece o mesmo para a variável "conhecimento do português". O nível de instrução superior é o das mulheres do casal com a fecundidade realizada mínima, enquanto que o secundário é o valor mínimo para as mulheres da amostra. Para a taxa de fecundidade máxima a diferença é que as primeiras têm o nível de instrução primário e as segundas nenhum nível de instrução.

A profissão onde ocorrem as menores taxas de fecundidade e descendência média das mulheres do casal são as administrativas e do comércio; na amostra geral, são os serviços. A descendência média máxima é a das operárias e agricultoras, para as mulheres do casal e da amostra, respectivamente.

Podemos concluir que, através dos valores dos testes estatísticos que medem a intensidade da correlação (ver os valores do ETA nos anexos VI.1 e VI.2), as variáveis que dizem respeito ao marido não são tão determinantes com as das mulheres, para a variação da fecundidade.

## **V. - ANÁLISE FACTORIAL**

Se os métodos de "análise de dados multivariada", não pretendem substituir-se ao tratamento clássico dos questionários, estes podem ser complementares e fornecer uma ilustração dos resultados rica, pela sua visão global do conjunto dos dados.

Este ponto tem por objecto, a pesquisa das relações susceptíveis de existir entre a fecundidade e as variáveis económicas e sociais.

Tentaremos destacar as relações existentes entre a maior parte das variáveis que considerámos para este capítulo.

Começamos por apresentar a análise factorial das correspondências <sup>95</sup>, sob um aspecto menos conhecido da análise tradicional da associação entre as diversas modalidades das respostas às perguntas do questionário.

Depois, aplicaremos o método aos dados do nosso inquérito.

Finalmente, para completar certos resultados, tentaremos criar uma tipologia da população inquirida. Para isso destacaremos os grupos mais homogêneos possíveis, pelo método da classificação automática.

### **5.1. - A ANÁLISE FACTORIAL ENQUANTO ILUSTRAÇÃO DE UM INQUÉRITO**

Um dos objectivos do tratamento de um questionário é associar a certos indivíduos, certas características, e associar algumas destas características a outras.

Um tratamento clássico de um inquérito atinge este objectivo, cruzando e filtrando certas variáveis, e estes numerosos trilhos acabam por pôr em evidência os resultados importantes. Mas podemos exprimir globalmente os resultados destas associações através de ilustrações gráficas.

---

<sup>95</sup>Benzécri, J., "L'analyse des données", 2 vols., ed. Dunod, Paris, 1976.

Por isso, tentaremos representar num plano, as associações entre as características socioeconómicas do questionário, colocando de uma forma adequada os pontos correspondendo às diferentes modalidades das questões.

Uma forma de associar as modalidades/questões que se aproximam, é passar pelo intermédio dos indivíduos. Duas modalidades, escolhidas por dois indivíduos ou dois grupos de indivíduos, serão próximas no *plano*.

A análise factorial das correspondências fornece-nos o procedimento de dilatação das nuvens de pontos, em cada interacção, aparecendo sob a forma de uma estrutura estável.

Se adoptarmos o procedimento de correspondência, os grupos que se relacionam são os grupos dos inversos das raízes quadradas dos valores próprios de um quadro geral, denominado "Burt", cruzando todas as modalidades duas a duas, e as coordenadas dos *pontos/modalidade*, vão corresponder aos valores próprios<sup>96</sup>. As melhores associações serão obtidas retendo as relações menos deformantes, isto é, com os valores próprios mais altos.

Se este método é sedutor, na prática traz alguns problemas. A análise não é feita com a totalidade das perguntas do questionário inicial: certas perguntas pertencem ao mesmo tema e neste caso a análise dará uma enorme importância a este tema, e esconderá as outras variáveis. A ideia é por isso, fazer uma análise sobre um número limitado de variáveis, as mais importantes

---

<sup>96</sup>A informação de um questionário pode-se resumir numa matriz  $x$  onde temos em linha  $n$  indivíduos e em coluna as  $m$  modalidades das  $q$  diferentes questões. A matriz de "Burt" cruza as questões duas a duas. Uma linha em diagonal dá o efectivo bruto dos indivíduos tendo respondido às diferentes modalidades de cada pergunta. O seu traço equivale a  $nq$ . A análise das correspondências resolve o problema da seguinte forma: dilata-se a nuvem dos pontos/modalidades seguindo dois eixos consoante as afinidades de relação  $b_1$  e  $b_2$  respectivamente. Se  $M$  for as coordenadas das  $m$  modalidades seguindo os eixos e  $I$  for a de  $n$  indivíduos, temos uma igualdade matricial. Fazendo com que os papéis simétricos sejam realizados pelos indivíduos e pelas modalidades, o princípio da análise das correspondências é o de encontrar as condições necessárias para que o mesmo procedimento, aplicado à nuvem de pontos/indivíduos, dê a nuvem inicial dos pontos/modalidades. As melhores associações corresponderão à relação de afinidade mais fracas: só se retêm os vectores próprios associados aos valores próprios maiores. A análise factorial consiste também em reduzir o número de coordenadas de forma a conservar ao máximo, as distâncias iniciais entre perfil. A soma dos quadrados das distâncias entre variáveis que é a soma dos quadrados das distâncias de cada variável, em relação ao centro de gravidade geral, chama-se também a inércia por analogia à mecânica. A diminuição da inércia que ocasiona cada redução a sub-espacos, também mede a perda de informação.

e diferenciadoras à priori. Assim, o risco é grande de se encontrarem as hipóteses postas ao início.

Mas as futuras afirmações sociológicas e demográficas não residem, em parte, na formulação e escolha do seu questionário ?

A análise factorial dos dados de um inquérito não aparece na forma de um tratamento estatístico simples; colocar todas as perguntas de um questionário no computador, não fornecerá facilmente as variáveis discriminantes, e dará apenas uma associação entre variáveis sociológicas bem particulares, e uma tipologia dos indivíduos, também particular.

No entanto, se eliminarmos um certo número de variáveis pouco fiáveis, podemos reunir um primeiro núcleo consistente de variáveis; então, fazendo várias análises sobre diversas selecções de variáveis deste núcleo, e se uma estrutura "estável" se destacar, teremos o sentimento de ter encontrado uma base de análise importante.

Já tivemos a oportunidade, no ponto anterior, de conhecer os elementos importantes do inquérito, através da exploração estatística dos dados.

Por isso, seleccionámos 29 variáveis para a análise<sup>97</sup>, que respondem bem à nossa preocupação de cobrir o campo das variáveis socioeconómicas mais importantes e discriminantes.

Passemos agora à análise dos resultados da "Análise das Correspondências Múltiplas" e de "Classificação automática".

---

<sup>97</sup> Ver mais à frente o quadro LXXIII.

## **5.2 - ANÁLISE MULTIVARIADA DAS CORRESPONDÊNCIAS MÚLTIPLAS E CLASSIFICAÇÃO AUTOMÁTICA**

Para esta fase retivemos apenas aquelas variáveis que demonstraram possuir interesse para os procedimentos seguintes.

Como referimos anteriormente, o tratamento e análise foi realizado em torno de determinados temas activos, definidos geralmente em função de blocos de questões do inquérito. Daí que, a apresentação que faremos seja, igualmente, orientada em função desses mesmos temas.

Faremos, em primeiro lugar, uma descrição e caracterização dos eixos fundamentais, representados graficamente através do plano factorial, passando, em segundo lugar para a Classificação Automática, caracterizando as classes e projectando-as no plano factorial. O comentário analítico será sempre acompanhado das justificações técnicas necessárias, remetendo, quando isso se justificar, para os anexos técnicos.

### 5.2.1. Análise da totalidade das variáveis

Uma primeira análise foi efectuada com a totalidade das variáveis que foram tomadas em conta para esta fase, a partir da análise do questionário inicial<sup>98</sup>.

QUADRO LXXIII. - DICIONÁRIO DAS VARIÁVEIS SELECIONADAS	
1 . P01 'PARENTESCO'	( 8 MODALIDADES )
2 . P03A 'IDADE'	( 7 MODALIDADES )
3 . P04A 'TIPO DE LOCAL DE NASC'	( 4 MODALIDADES )
4 . P04B 'CODIGO DO LOCAL DE NASCIMENTO'	( 8 MODALIDADES )
5 . P12 'ESTADO CIVIL'	( 7 MODALIDADES )
6 . P13 'RELIGIAO'	( 7 MODALIDADES )
7 . P16 'ALFABETIZACAO'	( 3 MODALIDADES )
8 . P17 'FALA PORTUGUES'	( 2 MODALIDADES )
9 . P18 'LINGUA 1'	( 5 MODALIDADES )
10 . P20B 'ANO MAIS ELEVADO QUE FREQUENTOU'	( 9 MODALIDADES )
11 . P22 'TRAB. NA ULTIMA SEMANA'	( 2 MODALIDADES )
12 . P23 'PORQUE NAO'	( 9 MODALIDADES )
13 . P25A 'PROFISSAO PRINCIPAL'	( 9 MODALIDADES )
14 . P26 'CATEGORIA OCUPACIONAL'	( 9 MODALIDADES )
15 . P42 'PAREDES'	( 7 MODALIDADES )
16 . P43 'COBERTURA'	( 7 MODALIDADES )
17 . P44 'PAVIMENTO'	( 9 MODALIDADES )
18 . P46 'AGUA'	( 7 MODALIDADES )
19 . P47 'ELECTRICIDADE'	( 3 MODALIDADES )
20 . P48 'SANITARIO'	( 3 MODALIDADES )
21 . P49 'LATRINA'	( 3 MODALIDADES )
22 . P51 'TOTAL PESSOAS'	( 29 MODALIDADES )
23 . P58 'TOTAL FECUNDIDADE'	( 13 MODALIDADES )
24 . ZONA 'zona de residência'	( 3 MODALIDADES )
25 . FILHOS 'quantos filhos nascidos vivos teve/total'	( 17 MODALIDADES )
26 . TOTVIVOS 'dos filhos que teve quantos estao vivos/total'	( 16 MODALIDADES )
27 . ULTFILHO 'quantos filhos teve nos ultimos 12 meses/total'	( 10 MODALIDADES )
28 . VIVOS12 'dos que nasceram nos ultimos 12 meses quantos estao'	( 10 MODALIDADES )
29 . MORTINF	( 7 MODALIDADES )

É assim, que ao lado das cinco variáveis que dizem respeito à fecundidade (filhos nascidos vivos, filhos actualmente vivos, filhos que teve nos últimos 12 meses, filhos dos últimos 12 meses que estão actualmente vivos e mortalidade infantil), são introduzidas sete variáveis de caracterização individual (parentesco, idade, tipo de local de nascimento, código do local de nascimento, estado civil, religião e zona de residência), oito variáveis

<sup>98</sup> Estas variáveis foram consideradas as mais importantes para a análise multivariada após as conclusões retiradas nas fases anteriores. Não considerámos as variáveis do casal (do marido) por não afectarem de uma forma importante a variação da fecundidade.

socioeconómicas (alfabetização, se fala português, língua materna, nível de instrução, se trabalha, porque não, profissão e categoria ocupacional) e sete variáveis de condições e características de habitação (paredes, cobertura, pavimento, água, electricidade, sanitário e latrina). Para além destas, introduzimos duas variáveis construídas pelos responsáveis pelo questionário (total de pessoas no agregado familiar e total de fecundidade).

Assim, a totalidade dos dados, constitui uma nuvem de pontos, na qual vamos procurar os eixos de inércia, e que constituem as correspondências múltiplas, associada aos dados (consiste no cálculo dos valores próprios e dos vectores próprios de matéria em correlação).

Os resultados desta primeira análise estão representados nos gráficos VII, VIII e IX.

Estes gráficos devem ser interpretados com base em duas observações fundamentais:

- os eixos factoriais podem dar uma ideia das variáveis dominantes.
- a distância entre dois pontos tem uma ligação com a correlação existente entre as variáveis associadas a estes pontos.

Nestes três gráficos (VII, VIII e IX), os quatro eixos representam uma percentagem acumulada de 20.8 % (em termos de valor próprio), para um máximo de 31.5 % (este valor significa que quando chegamos ao eixo em que a percentagem acumulada equivale a este número, conseguimos explicar toda a análise). Neste caso, os quatro eixos explicam 66 % do cruzamento multivariado. Se atribuímos a esta percentagem (31.5 %) o valor de 100 %, então temos para cada eixo, as seguintes percentagens: o eixo 1 representa 25.6 %, o segundo eixo 16.8%, o terceiro eixo 12.6 % e o último (4º eixo) 9.1 % (ver anexo VII.1., com a "programação" completa do SPADN, para este cruzamento).

No gráfico VII, o eixo 1 é caracterizado essencialmente pelas condições de habitação e zona de residência. O eixo 2 é caracterizado pelas características individuais das mulheres e as características educacionais.

No gráfico, o eixo 1 está associado essencialmente às condições e características de habitação. Opõe, por um lado, aquelas modalidades que traduzem as boas condições de habitação (casas com paredes em cimento, cobertura em laje/betão, pavimento em parquet, com água canalizada dentro de casa, com electricidade e com sanitário), por outro lado, as que traduzem as más condições de habitação (casas com paredes em caniço/paus, cobertura em zinco, pavimento sem nada, a água é proveniente de fontenários, sem electricidade e sem sanitário). No entanto, é de referir que o que marca principalmente este eixo são as características de habitação relativas ao tipo de paredes, cobertura, pavimento, água, electricidade, sanitário e zona de residência, pois as maiores contribuições (dobro da média estimada) são relativas a estas modalidades (ver quadro LXXIV e anexo VI.1.)<sup>99</sup>.

QUADRO LXXIV. - CONTRIBUIÇÕES RELATIVAS AO EIXO 1 <sup>100</sup>			
Variável	Modalidades significativas	Descritor	Contribuição
Pavimento	Parquet	PARQ	8.1
Sanitário	Tem	SISN	8.0
Cobertura	laje/betão	LABE	7.8
Latrina	Não tem	NALA	7.1
Água	canalizada dentro de casa	CNDT	7.0
Zona de residência	cimento	CIME	6.2
Electricidade	Tem	SIET	5.4
Electricidade	Não tem	NAET	3.0
Língua materna	européias	eur1	2.9
Fala português	não fala português	fal2	2.8
Nível de instrução	secundário	Sega	2.8
Alfabetização	analfabeta	anlf	2.6
Sanitário	Não tem	NASN	2.4
Nível de instrução	nenhum	Nesa	2.2
Paredes	caniço	CAPA	2.2
Paredes	cimento	CITI	2.1

O eixo 2 poderia ser o eixo das características individuais e das características educacionais. Assim, estabelece por um lado, uma oposição entre as modalidades referentes às mulheres com 15-19 anos, filhas dentro do

<sup>99</sup> No entanto, nos gráficos vão aparecer em **carregado** todas as contribuições para a construção dos eixos.

<sup>100</sup> Só apresentamos as contribuições que representam pelo menos o dobro da contribuição de base. Neste caso o valor de base é 1, o seu dobro é 2.

agregado familiar, solteiras, que nasceram em meio urbano e as modalidades referentes às mulheres com 30-34 anos, casadas e nascidas nos distritos. Por outro, opõe estudantes que sabem ler e escrever, com o grau de instrução primário, às analfabetas, sem nenhum grau de instrução e que não falam português.

No entanto o que marca principalmente este eixo é o parentesco, o estado civil e as características educacionais, pois são as modalidades destas variáveis que trazem uma maior contribuição (dobro da média estimada) ao eixo (ver quadro LXXV e anexo VII.1.).

QUADRO LXXV. - CONTRIBUIÇÕES RELATIVAS AO EIXO 2 <sup>101</sup>			
Variável	Modalidades significativas	Descriptor	Contribuição
Idade	15 a 19 anos	1519	6.8
Estado civil	solteira	Solt	6.5
Parentesco	Filhas	Filh	6.2
Razão de não trabalhar	estudante	estd	5.2
Trabalha	Sim	Trb1	4.4
Nível de instrução	nenhum	Nesa	3.9
Alfabetização	analfabeta	anlf	3.8
Parentesco	cônjuge	Conj	3.5
Fala português	não fala português	fal2	2.9
Local de nascimento	Maputo	MAPN	2.7
Estado civil	casada-monogâmica	CasM	2.5

Como podemos observar no plano factorial (gráfico VII), encontramos no extremo esquerdo do eixo 1 as modalidades referentes ao tipo de habitação de má qualidade, com paredes em caniço (CAPA), cobertura em zinco (ZINC), pavimento sem nada (SNPV), água proveniente de fontenários (FONT), sem electricidade (NAET), sem sanitário (NASN) e com latrina (SILA), e zona de residência suburbana pouco densa (PCDE).

No extremo direito, as modalidades referentes às boas características de habitação com paredes em cimento e tijolo (CITI), cobertura em laje/betão (LABE), pavimento em parquet (madeira) (PARQ), água canalizada dentro de casa (CNDT), com electricidade (SIET) e com sanitário (SISN) e por último, vivendo na zona de cimento (CIME).

<sup>101</sup> Só apresentamos as contribuições que representam pelo menos o dobro da contribuição de base. Neste caso o valor de base é 1, o seu dobro é 2.

O eixo 2 é representado no extremo inferior pelas modalidades referentes às filhas (FILH), jovens (1519), solteiras (SOLT), alfabetizadas (LESC) e estudantes (ESTD).

No extremo superior, encontramos as modalidades opostas, as chefes do agregado (CHEF) e as cônjuges (CONJ), as mulheres mais velhas (3034) (3539) e (4044), casadas (CASM), analfabetas (ANLF), que não falam português (FAL2), sem grau de instrução (NESA), e trabalhadoras (TRB1).

O eixo 3 (gráfico VIII), é o eixo das condições de actividade económica. Opõe as mulheres que trabalham em profissões ligadas à agricultura, administração, comércio e vendas, nas categorias ocupacionais do sector privado, estatal, por conta própria, às mulheres que não trabalham, sendo por isso, domésticas.

As modalidades com maior contribuição (dobro da média estimada) estão representadas no quadro LXXVI (ver anexo VII.1.).

QUADRO LXXVI. - CONTRIBUIÇÕES RELATIVAS AO EIXO 3 <sup>102</sup>			
Variável	Modalidades significativas	Descritor	Contribuição
Profissão	Administrativo	adms	9.9
Razão de não trabalhar	não resposta	12_	8.7
Categoria ocupacional	conta-própria	ctpr	6.8
Trabalha	Não	Trb2	5.3
Razão de não trabalhar	doméstica	dmca	5.0
Categoria ocupacional	não resposta	14_	4.6
Categoria ocupacional	privado	priv	4.5
Profissão	não resposta	13_	3.6
Profissão	comércio-vendas	cmvd	2.7
Parentesco	chefe do agregado	Chef	2.3
Parentesco	cônjuge	Conj	2.1
Profissão	agricultura-siv-pescas	agsp	2.0
Trabalha	Sim	Trb1	12.0

O eixo 4 (gráfico IX), é o eixo que opõe as mulheres casadas (cônjuges, com 25-29 anos, domésticas), às mulheres solteiras (filhas, com 15-19 anos) e viúvas (com mais de 40 anos, chefes do agregado familiar).

<sup>102</sup> Só apresentamos as contribuições que representam pelo menos o dobro da contribuição de base. Neste caso o valor de base é 1, o seu dobro é 2.

No entanto, o que marca principalmente este eixo é a idade, o estado civil, e as características educacionais, pois são as que têm maior contribuição (dobro da média estimada) para o eixo (ver quadro LXXVII e anexo VII.2.).

QUADRO LXXVII. - CONTRIBUIÇÕES RELATIVAS AO EIXO 4 <sup>103</sup>			
Variável	Modalidades significativas	Descritor	Contribuição
Nível de instrução	nenhum	Nesa	8.9
Alfabetização	analfabeta	anlf	8.2
Fala português	não fala português	fal2	7.3
Estado civil	casada-monogâmica	CasM	5.1
Parentesco	cônjuge	Conj	4.9
Estado civil	viúva	viuM	3.6
Nível de instrução	primário	pria	3.6
Idade	25 a 29 anos	2529	3.3
Alfabetização	sabe ler e escrever	lesc	3.3
Estado civil	solteira	Solt	3.1
Idade	45 a 49 anos	4549	2.2

Um exame atento à posição da variável número de filhos, conduz às conclusões encontradas durante a análise bi variada das variáveis.

Assim temos, por um lado, as mulheres sem filhos, que são predominantemente solteiras, com 15-19 anos, cujo parentesco é serem "filhas", estudantes que sabem ler e escrever, com o grau de instrução primário, que não trabalham e já nasceram na cidade de Maputo.

As mulheres com 1 e 2 filhos, estão no centro do plano, por isso, numa situação em que as modalidades não têm peso para explicar as variações.

Temos as mulheres com 3, 4, 5, e 6 filhos que são casadas, cônjuges, nasceram fora da cidade, trabalham e têm entre 30 e 39 anos.

No outro extremo, estão as mulheres com 7, 8, 9 e 10 e mais filhos, com 35-49 anos, analfabetas, não falam português, e sem grau de instrução.

Através do gráfico IX (eixos 1-4), pode-se confirmar que as mulheres com 2 e 3 filhos têm 25-29 anos, são casadas e são cônjuges do chefe do agregado familiar. As que têm entre 4 e 6 filhos, têm más condições de habitação, e as que têm entre 7 e 14 filhos nasceram no distrito, têm entre 40 e 49 anos, são analfabetas e muitas já são viúvas.

<sup>103</sup> Só apresentamos as contribuições que representam pelo menos o dobro da contribuição de base. Neste caso o valor de base é 1, o seu dobro é 2.







Passando à Classificação Automática, podemos referir que foi realizada uma divisão da amostra em 6 classes. Estas classes representam a seguinte distribuição: a classe 1 com 23.3 % da amostra, a classe 2 com 20.9 %, a 3, com 10.7 %, a classe 4 representa 12.6 %, a 5 15.5 % e finalmente a 6 com 16.7 %.(ver anexo VII.1. na secção relativa à classificação automática).

Começemos por descrever as classes, partindo das mulheres mais novas para as mulheres mais velhas.

A classe 1 é a classe com mais efectivos pois representa 23.3 % da amostra, constituída por 5404 mulheres. Representa as mulheres com 15-19 anos, solteiras, "filhas", estudantes, instruídas, nascidas em meio urbano (Maputo), que não trabalham. As características de habitação são modestas e vivem na zona suburbana muito densa. A sua característica é não terem filhos.

Nesta classe estão concentradas em relação ao total da amostra, mais de metade das mulheres solteiras (55%), com 15-19 anos (63.3 %), "filhas" (59.2%) e estudantes (70.6 %) do total da amostra.

No interior da classe, 97 % falam português, 95 % não trabalha e 76 % não têm filhos.

A classe 2 representa as mulheres dos 20 aos 29 anos, que não trabalham, sendo maioritariamente domésticas. Os valores no interior da classe são respectivamente 90% (não trabalham) e 81 % (domésticas). São casadas monogâmicas (82 %) e poligâmicas (12 %), "cônjuges" (77 %), alfabetizadas (93 %). Caracterizam-se, igualmente, por uma precária habitação e vivem na zona suburbana pouco densa (46 %). O número de filhos varia entre 2 (16 %), 3 (13 %) e 4 filhos (12.6 %). Estas percentagens referem-se ao total da amostra.

O terceiro grupo pertence à classe 5. É uma classe de mulheres com 30-34 anos (21 %). É constituída essencialmente por mulheres que trabalham (99.5%), nas profissões: administrativas (45 %), no comércio-vendas (13 %), agricultura (10 %) e nas categorias "conta-própria" (33 %), privado (27 %) e estatal (13 %). Comparando com o total da amostra, esta classe detém 50 % das mulheres que trabalham, 82 % das mulheres com profissões

administrativas, 80 % das mulheres que trabalham por conta própria e 72 % das mulheres com profissões no comércio e vendas.

São mulheres divorciadas (8 % da classe) ou viúvas (6 % da classe). A educação é considerada boa (78 % das mulheres desta classe sabem ler e escrever, 87 % falam português e 75 % têm a instrução primária).

As características de habitação são semelhantes às das classes anteriores.

O 4º grupo inclui a classe 3 e a classe 4 e representam as mulheres com mais de 35 anos. Estas duas classes são bastante próximas. A classe 3 representa apenas as mulheres com 40-49 anos, enquanto a 4 representa as mulheres dos 35 aos 49 anos.

Repartem entre si as seguintes características: são cônjuges, casadas ou viúvas e são protestantes. São analfabetas, não trabalham fora do lar, são domésticas.

Nasceram fora da cidade, vivem nas zonas suburbanas muito e pouco densa e possuem deficientes condições de habitação.

O seu número de filhos varia entre 7 e 8 filhos.

Por fim, o 5º grupo representa a classe 6. É constituído por 16.7 % das mulheres e não informa acerca das idades nem do número de filhos tidos. Representa as boas condições de habitação, boa localização de residência (zona de cimento), boas condições de educação e de actividade económica. É uma classe caracterizada também pela religião católica (42 % da classe) e muçulmana (8 %). São mulheres que nasceram na cidade e algumas são ainda estudantes (17 %).

É curioso notar como nesta classe estão concentradas 90 % das mulheres que possuem casas com chão de madeira, 71 % das que possuem sanitário, 84 % que possuem casas com cobertura em betão, 72 % com água canalizada dentro de casa e 75 % das mulheres que vivem na zona de cimento.

Esta classe representa as condições socioeconómicas e culturais mais elevadas, no entanto não lhe conhecemos a idade nem o número de filhos.

Mas torna-se possível situar esta classe no plano factorial dos eixos 1 e 2, que se encontra no anexo VII.1., na secção dedicada à classificação automática e à sua ilustração no plano factorial dos eixos 1 e 2.

Como podemos observar, a partir da projecção das diversas classes no plano factorial, encontramos uma dispersão em torno dos eixos constituídos (eixos 1 e 2).

Assim, em função do eixo 1, encontramos do lado direito e em cima do gráfico, a classe 6, concentrando todas as modalidades das boas condições de habitação, enquanto, do lado oposto, encontramos as classes com as más condições de habitação (classes 2, 3, 4).

Em função do eixo 2, encontramos no extremo inferior do plano a classe 1, com as mulheres mais jovens e sem filhos. Como afirmámos anteriormente, o cruzamento destes dois eixos forma quatro quadrantes a partir dos quais se devem tirar as ilações correspondentes face ao referido posicionamento das classes.

## 5.2.2. Análise das variáveis de caracterização individual

Uma segunda análise incidu no cruzamento das seguintes variáveis :

- a idade das mulheres
- o estado civil
- a religião
- o nível de instrução
- a participação das mulheres na actividade económica (se trabalha ou não)
- a zona de residência,
- o número de filhos.

Esta última, é a única que orienta a análise para a fecundidade.

Este tema é relativo às variáveis de caracterização das mulheres e a sua incidência sobre a fecundidade.

A análise fornece quatro eixos principais em que as inércias sucessivas são de 8.6 %, 5.6 %, 4.8 % e 4.4 % (uma percentagem acumulada de 23.5 %).

O máximo de valores próprios que permitem explicar o cruzamento é de 25 % (o que significa que estes quatro eixos explicam 94 % da análise). Ao atribuímos 100% ao valor 25 %, temos que o eixo 1 representa 34 %, o eixo 2 22.4 %, o eixo 3 19.5 % e o eixo 4 17.6 %. (ver anexo VII. 2. com a programação do SPADN para este cruzamento).

Comentemos, num primeiro momento, o gráfico X, com os dois primeiros eixos. O eixo 1 é caracterizado pelas idades e pelo estado civil. Assim, encontramos num extremo do eixo as mulheres jovens e solteiras. No extremo oposto do eixo encontramos as mulheres menos jovens (com 30-44 anos) e casadas. As primeiras não têm filhos, as segundas, têm 3 e mais filhos.

Devemos referir que as maiores contribuições para a construção deste eixo correspondem às modalidades da idade 15-19 anos (1519), estado civil solteira (solt) e casada monogâmica (casM), nenhum nível de instrução (Nesa), e sem filhos (25\_) (ver quadro LXXVIII e anexo VII.2.)

QUADRO LXXVIII. - CONTRIBUIÇÕES RELATIVAS AO EIXO 1 <sup>104</sup>			
Variável	Modalidades significativas	Descritor	Contribuição
Estado civil	solteira	Solt	16.9
Idade	15 a 19 anos	1519	16.4
Filhos	sem filhos	25	13.5
Estado civil	casada-monogâmica	CasM	6.6
Nível de instrução	nenhum	Nesa	6.5

O eixo 2 é caracterizado pelas idades, nível de instrução, actividade e zona de residência. Assim, estabelece uma oposição entre as modalidades referentes às mulheres com 20-29 anos, com dois e três filhos, com o nível secundário, muçulmanas, vivendo na zona de cimento e trabalhadoras e entre as mulheres que não trabalham, com 40-49 anos, com 7 e 8 filhos, sem nível de instrução e viúvas.

As maiores contribuições para a construção deste eixo correspondem às modalidades da idade 25-29 anos (2529), nível de instrução (nenhum (NESA) e secundário (SEGA)) e zona de residência que é a zona de cimento (CIME) (ver quadro LXXIX e anexo VII.2.)

QUADRO LXXIX. - CONTRIBUIÇÕES RELATIVAS AO EIXO 2 <sup>105</sup>			
Variável	Modalidades significativas	Descritor	Contribuição
Zona de residência	cimento	CIME	14.6
Nível de instrução	secundário	Sega	11.5
Idade	25 a 29 anos	2529	8.1
Nível de instrução	nenhum	Nesa	6.6

Uma linha mais ou menos vertical reflecte o nível de instrução: as mulheres mais instruídas estão situadas em baixo e à direita do gráfico. O sentido desta recta, em direcção às idades mais elevadas mostra que as mais jovens são mais instruídas do que as mais velhas e com menos filhos. O número de filhos por mulher cresce naturalmente com a idades.

<sup>104</sup> Só apresentamos as contribuições que representam pelo menos o dobro da contribuição de base. Neste caso o valor de base é 2.85, o seu dobro é 5.7.

<sup>105</sup> Só apresentamos as contribuições que representam pelo menos o dobro da contribuição de base. Neste caso o valor de base é 2.85, o seu dobro é 5.7.

O terceiro eixo (gráfico XI) opõe mulheres com 20-29 anos (em cima do gráfico), com a instrução primária, protestantes, vivendo na zona pouco densa, às mulheres com 40-44 anos, católicas e muçulmanas que trabalham, têm a instrução secundária e vivem na zona de cimento.

As modalidades que contribuem duplamente para este eixo (o valor é 5.7), são o nível de instrução secundário (Sega) e a zona de residência de cimento (CIME), como vemos no quadro LXXX e anexo VII.2.

QUADRO LXXX. - CONTRIBUIÇÕES RELATIVAS AO EIXO 3 <sup>106</sup>			
Variável	Modalidades significativas	Descritor	Contribuição
Nível de instrução	secundário	Sega	12.2
Zona de residência	cimento	CIME	12.1

Finalmente, o quarto eixo, opõe no gráfico XII, as mulheres com 45-49 anos, com 1, 2 e 8 filhos e viúvas, às mulheres com 30-39 anos com 5 e 6 filhos.

As modalidades que contribuem com o dobro são as idades (2024), (3034), e (4549), o estado civil viúva (viuM) e a modalidade um filho e seis filhos, da variável número de filhos (FI01) e (FI06), como podemos verificar no quadro LXXXI e anexo VII.2.

QUADRO LXXXI. - CONTRIBUIÇÕES RELATIVAS AO EIXO 4 <sup>107</sup>			
Variável	Modalidades significativas	Descritor	Contribuição
Idade	45-49 anos	4549	15.2
Idade	20-24 anos	2024	11.5
Idade	30-34 anos	3034	11.1
Filhos	1 filho	FI01	10.5
Estado civil	viúva	viuM	10.2
Filhos	6 filhos	FI06	9.4

Examinamos agora, onde se colocam no gráfico XIII (com os eixos 1 e 2), as variáveis que deixámos de lado para a determinação dos eixos, e que agora são as variáveis ilustrativas.

<sup>106</sup> Só apresentamos as contribuições que representam pelo menos o dobro da contribuição de base. Neste caso o valor de base é 2.85, o seu dobro é 5.7

<sup>107</sup> Só apresentamos as contribuições que representam pelo menos o dobro da contribuição de base. Neste caso o valor de base é 2.85, o seu dobro é 5.7.

Se dividirmos o gráfico em quatro, temos que, no quadrante superior direito com as mulheres que não têm filhos e com as modalidades activas do eixo 1 (idades 15-19 anos, solteiras) estão as modalidades ilustrativas de parentesco (filhas e netas), a modalidade "estudante", para a variável "porque não trabalha", e a modalidade curso de alfabetização (dentro da educação).

No quadrante inferior direito com as mulheres que têm um filho e com as modalidades activas do 2º eixo (referentes às idades 20-24, nível de instrução secundário, muçulmanas e vivendo na zona de cimento), estão as modalidades ilustrativas de habitação (boas condições), a modalidade "cidade", para a naturalidade, e as modalidades sabe ler e escrever e fala português (dentro da educação).

No quadrante inferior esquerdo estão as mulheres com 2, 3 e 4 filhos e com as modalidades activas do 1º eixo (idades 30-34, casadas), e activas do 2º eixo (trabalham, 25-29 anos, 2,3 filhos), associadas às modalidades ilustrativas de parentesco (cônjuges) e de actividade económica (para a profissão: directoras, comércio-vendas, agricultura, administrativo, e para a categoria ocupacional : privado, estatal e conta própria), a modalidade "divorciada", para o estado civil.

No quadrante superior esquerdo, estão as mulheres com cinco e mais filhos a quem estão associadas as modalidades activas do 1º eixo (35-44 anos, nenhum nível de instrução) e do 2º eixo (45-49 anos, viúvas, 7 e 8 filhos), têm como modalidades ilustrativas associadas, as de habitação (más condições), a modalidade "chefe do agregado familiar", para o parentesco, a modalidade doméstica (dentro da variável "porque não trabalha"), e as modalidade trabalho familiar não remunerado, cooperativo, serviços, dentro da profissão, e para as variáveis de educação (alfabetização e fala português) as modalidades analfabetas e não falam português.

GRÁFICO X- EIXOS 1 E 2

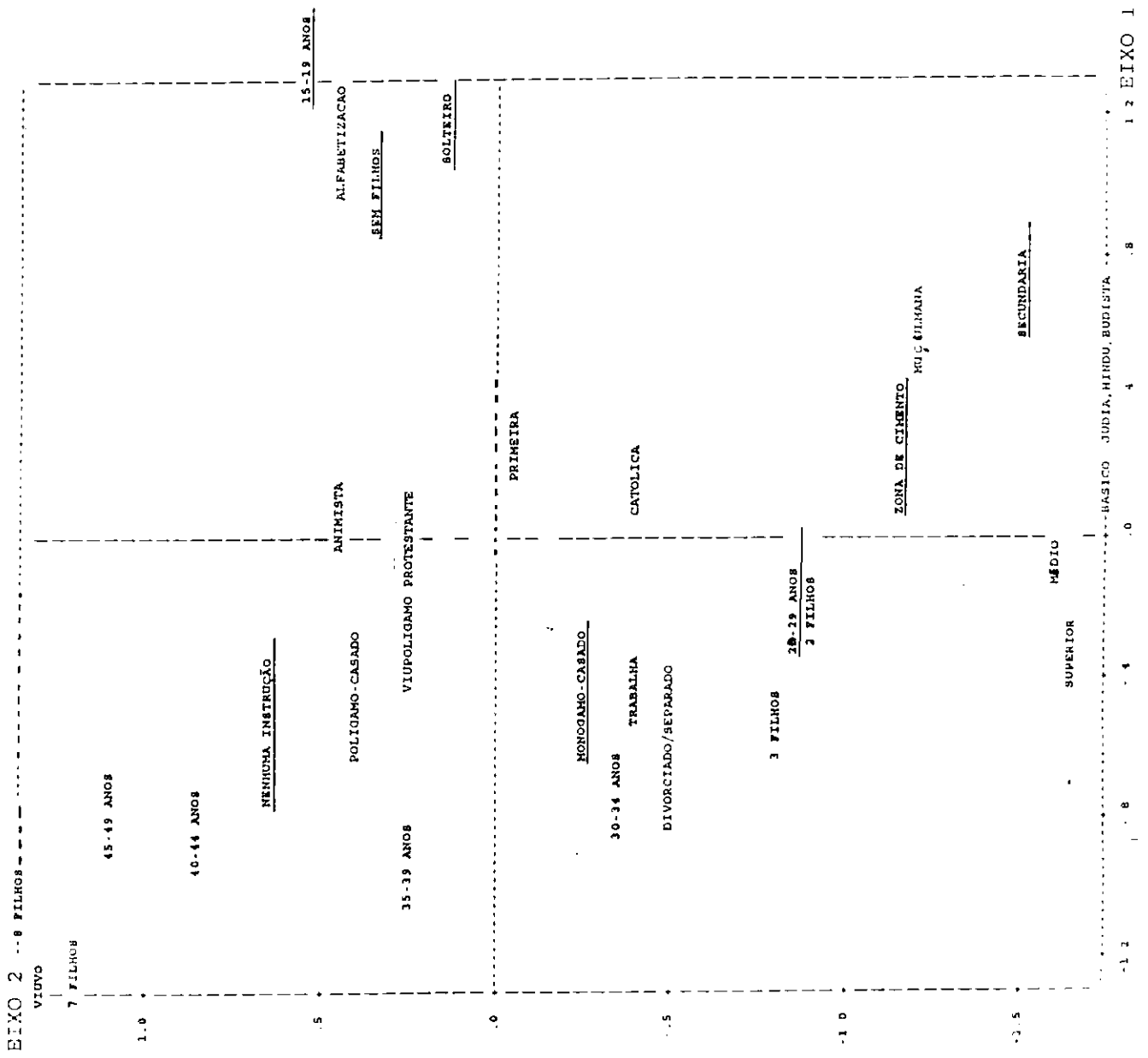


GRÁFICO XI- EIXOS 1 E 3

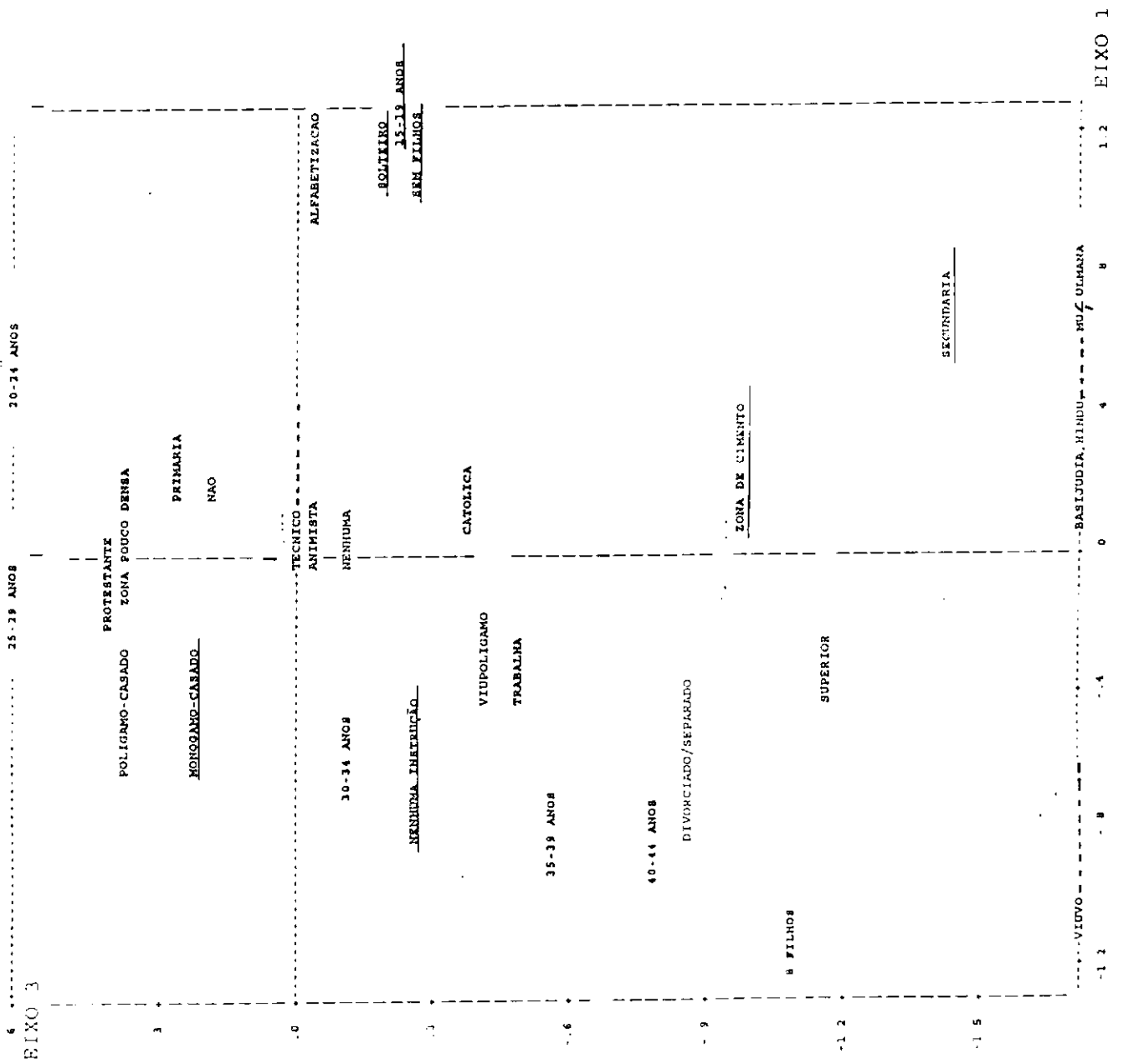


GRÁFICO XII- EIXOS 1 E 4

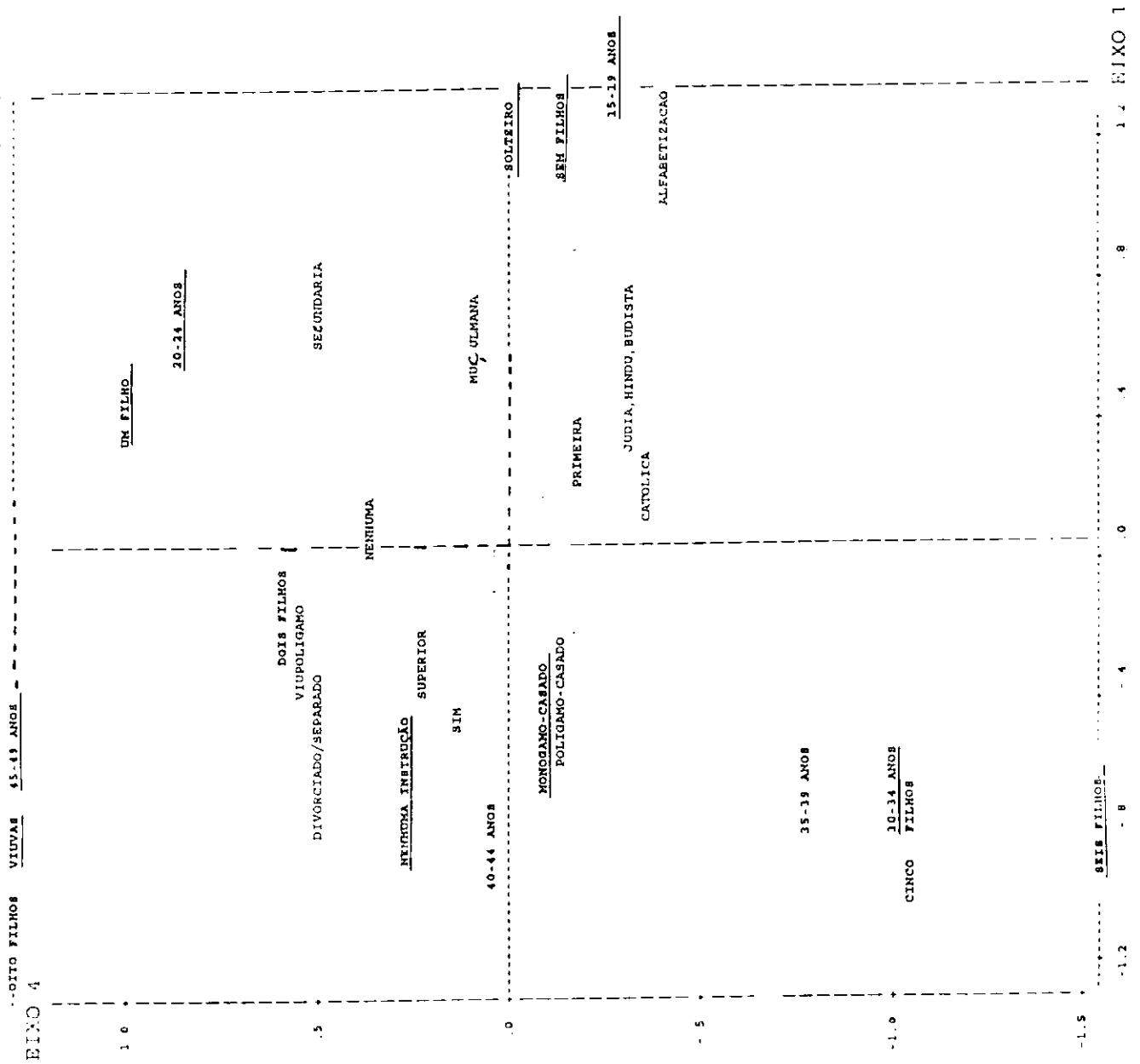
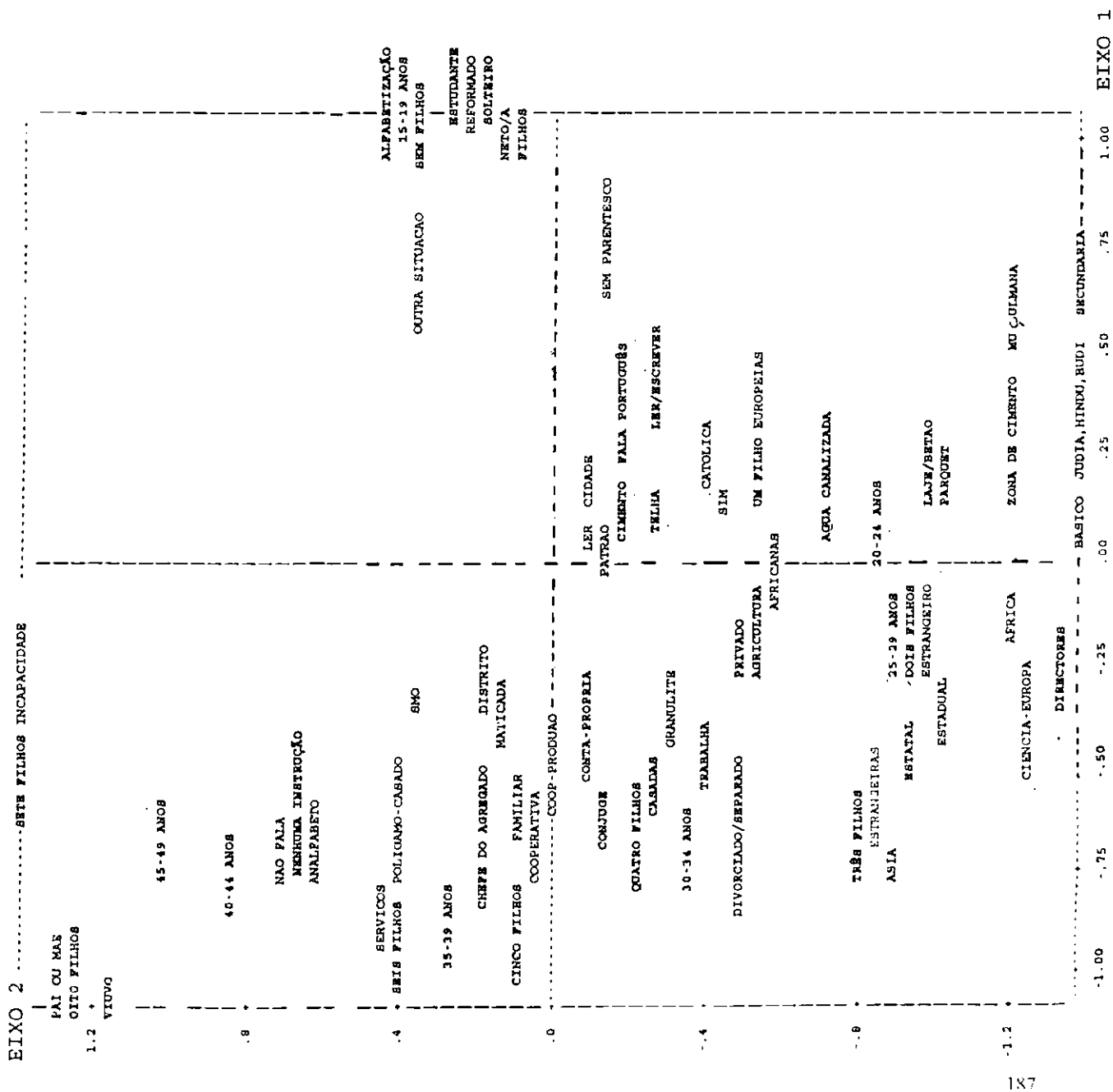


GRÁFICO XIII- EIXOS 1 E 2 COM AS VARIÁVEIS ILUSTRATIVAS



No que diz respeito à Classificação Automática, foi realizada uma partição em 3 classes (ver anexo VII.2.):

A classe 1, constituída por 30.6% representa as mulheres sem filhos, com 73 % da amostra e 94 % das mulheres da classe. São solteiras (77 % da amostra e 90 % da classe), com 15-19 anos (91 % da amostra e 72 % da classe), "filhas" (63 % da classe), estudantes (87 % da amostra e 34 % da classe), nascidas em Maputo (44 % da amostra, 64 % da classe) e com boas condições de habitação.

O 2º grupo, representa 42.3 % da amostra, compreendendo as mulheres com 1 filho (22 % da classe), 2 (23 %), 3 (20 %) e 4 filhos (12 %), com idades entre os 20 e os 34 anos, casadas (57 % da classe), alfabetizadas (80 % da classe), com boas condições de habitação e vivendo na zona de cimento (21 % da classe e 54 % da amostra). Umas são domésticas (53 %), outras trabalham (34 %) como *directoras* (4%) no sector estatal (6%).

No 3º grupo, com 27.2 % da amostra, estão as mulheres que têm entre 5 a 8 filhos (com 5 15 %, com 6 14 %, com 7 13 % e com 8 10 %), com idades compreendidas entre 30-34 anos (25 % da classe), 35-39 anos (27% da classe) e os 45-49 anos (16 % da classe), analfabetas (63 % da classe e 61 % da amostra), não falam português (62 % da amostra e 47 % da classe), sem nenhum grau de instrução (63 % da amostra e 59 % da classe), nasceram no resto do país (57 % da classe), são casadas (65 %), viúvas (8 %) e são cônjuges (69 % da classe) ou chefes do agregado familiar (15 %), domésticas (58 % da classe) ou trabalhadoras (41 % da classe e 35 % da amostra), no sector familiar (10 % da classe) e por conta própria (10 % da classe), beneficiando de más condições de habitação. Estas mulheres vivem na zona suburbana pouco densa (representando 43 % da classe e 31 % da amostra).

Se observarmos o gráfico (anexo VII.2.), com a localização das 3 classes vemos que a classe 1 situa-se no lado direito do gráfico, em cima do eixo 1, concentrando as jovens sem filhos, solteiras e estudantes. A classe 2 está situada no quadrante inferior esquerdo à mesma distância do eixo 1 e do eixo 2, opondo-se à classe 1 com mulheres mais velhas (25-29 anos), casadas trabalhadoras e com filhos. A classe 3 situa-se em frente à classe 1 (no extremo esquerdo no quadrante superior). É a classe com as mulheres mais velhas e com muitos filhos, menos instruídas e que não trabalham.

### 5.2.3. Análise das variáveis de educação e actividade económica

Uma terceira análise incidiu no cruzamento das variáveis de educação e de ocupação:

- alfabetização
- conhecimento do português
- língua materna
- nível de instrução
- trabalha
- razão de não trabalhar
- profissão principal
- categoria ocupacional

As variáveis ilustrativas são a idade e o número de filhos.

Considerámos nesta análise não ser necessário ir para além do eixo 2, visto serem poucas variáveis e verificarmos que os eixos 3 e 4 são apenas variantes dos dois primeiros eixos.

Os eixos 1 e 2 representam um valor próprio de 17.7 % e 15.2 % respectivamente, acumulando um total de 32.9 para um máximo de 44.4 % (valor que como já explicamos explica a totalidade do plano). Com base neste último valor o eixo 1 consegue explicar 39.8 % e o 2º eixo 34.3 % do plano factorial.

No gráfico XIV podemos verificar que o eixo 1 é caracterizado pelas variáveis de actividade económica e o eixo 2 pelas variáveis ligadas à educação.

Assim temos no eixo 1 uma oposição entre trabalhadoras (trb1 e não trabalhadoras (trb2). As trabalhadoras concentram as modalidades da profissão de directoras (drct), administrativas (adms), e as categorias ocupacionais do estado (estd), privado (priv), conta-própria (ctpr). As não trabalhadoras são domésticas (dmca) e naturalmente não respondem às perguntas sobre profissão e categoria ocupacional (13\_) e (14\_). No entanto as modalidade com um peso duplo (7.6) para o eixo são as seguintes: trabalha (trb1), não resposta para a pergunta "razão de não trabalhar" (12\_) e profissão administrativa (adms) (quadro LXXXII e anexo VII.3).

QUADRO LXXXII. - CONTRIBUIÇÕES RELATIVAS AO EIXO 1 <sup>108</sup>			
Variável	Modalidades significativas	Descritor	Contribuição
trabalha	sim	trb1	15.6
porque não	não resposta	12	11.4
profissão	administrativa	adms	7.9

O eixo 2 opõe mulheres sem instrução a mulheres instruídas. As mulheres sem instrução têm como modalidades associadas a modalidade analfabeta (anlf), não fala português (fal2), nenhum nível de instrução (Nesa). No outro extremo as modalidades ligadas a um certo nível de instrução são: ler e escrever (lesc), fala português (fal1) e nível de instrução primário (pria), e ainda a modalidade "estudante" da variável "razão de não trabalhar". As modalidades com peso duplo são: ler e escrever (lesc), analfabeta (anlf), não fala português (fal2) e nenhum grau de instrução (Nesa) como podemos verificar no quadro LXXXIII e anexo VII.3.

QUADRO LXXXIII. - CONTRIBUIÇÕES RELATIVAS AO EIXO 2 <sup>109</sup>			
Variável	Modalidades significativas	Descritor	Contribuição
nível de instrução	nenhum	Nesa	19.2
alfabetização	analfabeta	anlf	19.1
fala português	não fala	fal2	17.1
alfabetização	ler e escrever	lesc	7.6

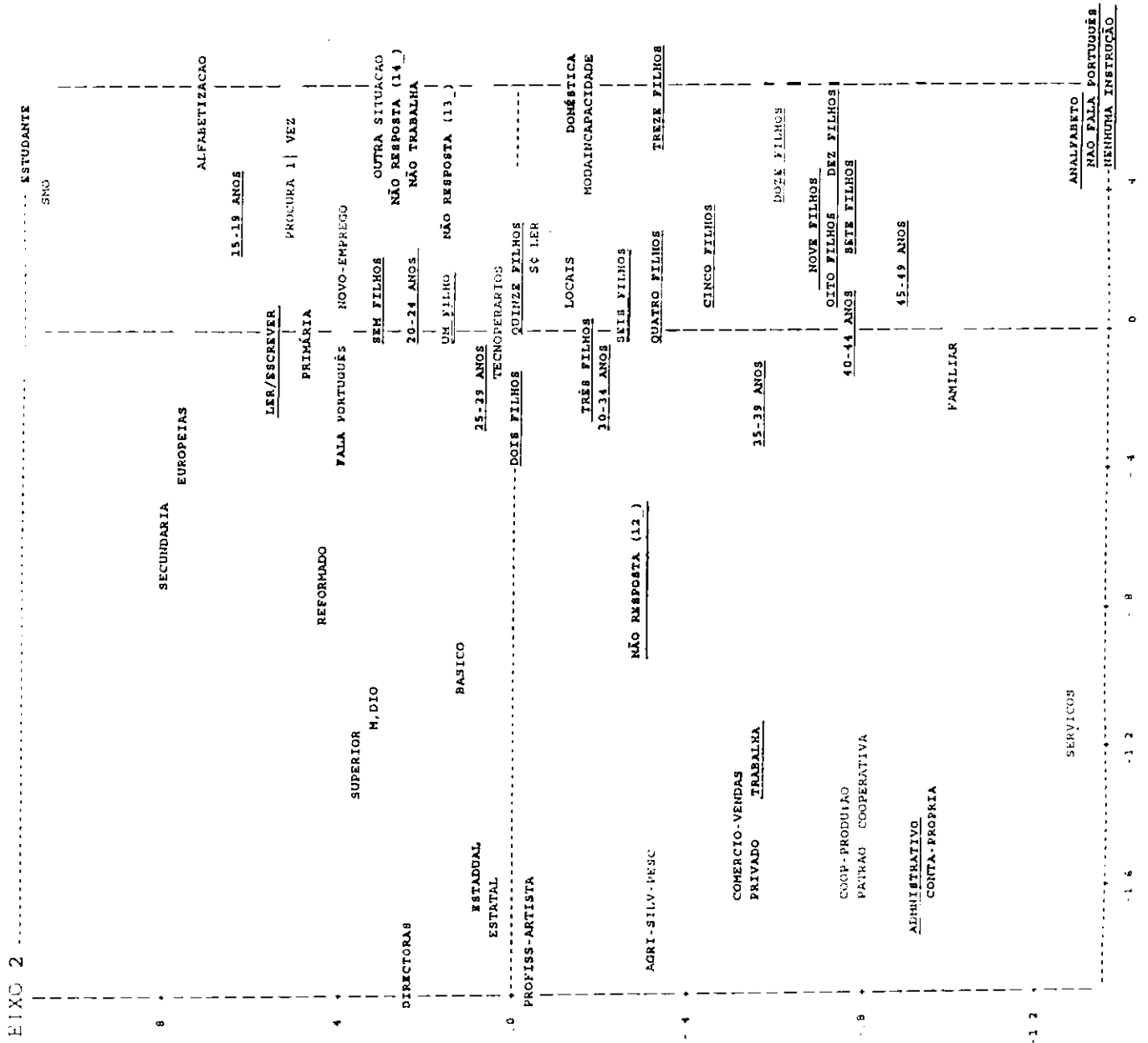
As duas variáveis ilustrativas (idade e número de filhos) comportam-se da seguinte forma: as idades 15-19, 20-24 e 25-29, situam-se exactamente no ponto que cruza mulheres alfabetizadas e não trabalhadoras. Entre os 30 e os 39 anos, trabalham mas o nível de instrução é inferior ao das mais jovens. Com 40 e mais anos, aproximam-se muito das modalidades de instrução características das mulheres analfabetas.

A linha das idades vai descendo no sentido das mulheres mais velhas e com mais filhos, partindo esta linha do nível de instrução alto até ao nível de instrução nulo. Neste gráfico as mulheres estão mais próximas da modalidade "não trabalha" do que da modalidade oposta.

<sup>108</sup> Só apresentamos as contribuições que representam pelo menos o dobro da contribuição de base. Neste caso o valor de base é 3.8, o seu dobro é 7.6.

<sup>109</sup> Só apresentamos as contribuições que representam pelo menos o dobro da contribuição de base. Neste caso o valor de base é 3.8, o seu dobro é 7.6.

GRÁFICO XIV - EIXOS 1 E 2



A classificação automática desta análise pareceu ser mais indicada em 5 classes<sup>110</sup> (esta análise pode ser vista com mais cuidado no anexo VII.3.).

Assim, temos uma primeira classe com 51.3 % da população em estudo, na qual estão representadas as mulheres mais novas com idades que vão dos 15 aos 24 anos. São mulheres que não trabalham (73 % da amostra e 99 % da classe), mas que são instruídas (dentro da classe 96 % sabem ler e escrever, 90 % têm o nível de instrução primário, 98 % fala português). São estudantes (somente 21 % da classe mas representam 93 % da amostra) e domésticas (49 % da classe mas 56 % da amostra).

As mulheres desta classe não têm filhos (43 % da classe e 65 % da amostra) ou têm 1 filho (representando 13 % da classe e 57 % do total da amostra).

A classe 2 agrupa 21.7 % da amostra e difere do primeiro, apesar das mulheres também não trabalharem (representando 26 % do total da amostra e 84 % da classe). São mulheres com idades compreendidas entre os 30 e os 49 anos (30-34 com 20 %, 35-39 com 15 %, 40-44 com 15 % e por fim o grupo etário 45-49 anos com uma percentagem de 11 %, sempre para a classe em estudo). São analfabetas (99 % da classe), domésticas (36 % da amostra e 75 % da classe). Nesta classe a percentagem de não trabalhadoras é inferior à da classe anterior, mas a percentagem de mulheres domésticas no interior da classe é maior. Na primeira classe eram para além de domésticas, estudantes por serem mulheres mais novas.

O número de filhos é de 4 (11.6), 5 (10 %), 7 (8 %) e 8 filhos (5 %) no interior da classe. Se virmos a percentagem do que representam em relação à totalidade da amostra, estes valores passam para 4 (30 %), 5 (37 %), 7 (50 %) e 8 filhos (41 %).

---

<sup>110</sup> através da árvore do RECIP, no programa SPADN

O 3º grupo de mulheres inclui duas classes, a classe 3 e a classe 5 fazendo um total de 15.2 %.

A classe 3 representa somente 6.9 % da amostra e possui poucas modalidades : mulheres que trabalham (100 % da classe e 22 % da amostra), nas profissões administrativas (82 % da classe e 67 % da amostra), na categoria “por conta-própria” (92 % da amostra e 86 % da classe). As mulheres têm 35-39 anos (15 % da classe e 11 % da amostra) e 5 filhos (12 % da amostra e 10 % da classe).

A classe 5, com 8 % das mulheres da amostra parece ser muito semelhante a esta última com a diferença da profissão e categoria ocupacional.

Nesta classe aparecem três profissões : comércio-vendas (100 % da amostra e 34 % da classe), administrativo (28 % da amostra e 28 % da classe) e agricultura (12 % da amostra e 14 % da classe).

A categoria ocupacional que aparece nesta classe é a privada (89 % da amostra e 70 % da classe).

Para além destas diferenças a outra é o facto de nesta classe não ser mencionado o número de filhos.

Por fim a classe 4, com 11.5 % da amostra, representa as melhores condições económicas e educacionais. Trabalham (100 % da classe) e são instruídas (91 % da classe sabe ler e escrever, 97 % falam português e 21 % têm o nível de instrução secundário). São mulheres activas, com idades entre os 25-29 anos (24 % da classe) e os 30-34 anos (24 % da classe). Trabalham nas profissões de direcção (98 % da amostra e 25 % da classe) ou na agricultura (54 % da amostra e 11 % da classe), nas categorias do estado (59 % da classe) ou familiar (50 % da amostra e 26 % da classe). O número de filhos que está presente nesta classe é o de 3 filhos representando 19 % da amostra e 16 % das mulheres da classe.

A localização destas classes no plano factorial dos eixos 1 e 2 (anexo VII.3.) é simples : se dividirmos o plano em quatro quadrantes, o quadrante superior esquerdo apresenta a classe 4, o quadrante superior direito a classe 1, o quadrante inferior esquerdo as classes 3 e 5 e o quadrante inferior direito a classe 2.

### 5.3. - CONCLUSÃO

Sintetizando este ponto sobre a análise factorial, começamos por verificar as duas hipóteses que estabelecemos no ponto da análise bi variada:

A primeira hipótese era a de uma relação entre o estado civil poligâmico e a religião animista e muçulmana, e a fecundidade baixa (número de filhos baixo).

A segunda era a relação das características de habitação com a zona de residência e o seu efeito conjunto na fecundidade.

Para a primeira hipótese podemos observar duas das três análises que efectuámos onde as variáveis, estado civil e religião, aparecem (5.2.1 e 5.2.2) e constatamos que esta correlação não existe, nunca estando associadas as religiões muçulmana e animista com a poligamia e com o número menos elevado de filhos, nem o oposto.

Quanto à segunda hipótese, está bem evidenciada no gráficos VII e na classificação automática para a primeira análise (5.2.1.), e por isso é considerada válida.

Testar a metodologia que consiste em utilizar um método factorial e uma classificação automática revelou-se ser uma contribuição muito rica e complementar.

A análise das correspondências múltiplas pode constituir um utensílio para o aprofundamento da análise dos resultados de um inquérito evitando a produção de numerosos quadros.

No nosso caso a análise tradicional precedeu a análise factorial dos dados. Por isso, interessou-nos ver se esta confirmava "à posteriori" a pesquisa empírica das principais características socio-económicas e culturais associadas à fecundidade. No seu conjunto os resultados convergem.

Os principais eixos que destacámos foram: o eixo das características individuais das mulheres (idade, estado civil, parentesco) e das características de educação, retratadas no eixo 2 da análise 5.2.1., o eixo das características de actividade económica (no eixo 3, análise 5.2.1.), e o eixo das características e condições de habitação e zona de residência (eixo 1, análise 5.2.1.).

A idade é, bem entendido, um factor decisivo, porque a fecundidade supõe a exposição ao "risco" e a entrada em união (por isso o estado civil é também muito importante).

A incidência da situação matrimonial é muito marcada: as casadas distinguem-se no seu comportamento das solteiras.

O parentesco também condiciona os eixos e associa-se fortemente ao estado civil e às idades determinando por sua vez a fecundidade.

A zona de residência e a religião não se mostraram determinantes para a variável número de filhos. No entanto a zona de residência cruzada com as características de habitação traçaram um eixo bem definido com fortes oposições e com consequências diferentes no número de filhos.

O nível de instrução também se revelou muitíssimo importante correlacionado com as idades pois uma educação mais elevada traduz-se por uma prática reprodutiva fraca, e este grau de educação acompanha as idades de forma inversamente proporcional.

A actividade económica (com as profissões e categoria ocupacional) com um eixo "trabalha" "não trabalha" influencia a variação da fecundidade, em correlação forte com a idade, no sentido das mulheres que não trabalham (domésticas e mais velhas) terem mais filhos do que as que trabalham, à excepção das mulheres mais novas que não trabalham por serem estudantes e têm um número de filhos pouco elevado.

Consideramos que as variáveis dominantes para a variação do número de filhos por mulher são: a idade, o parentesco, o estado civil, as "razões de não trabalhar", a alfabetização, o nível de instrução e a variável dicotómica sobre o exercício de uma actividade económica ("se trabalha").

## CAPITULO V - CONCLUSÃO GERAL

A fecundidade é uma questão tão complexa que se torna difícil, senão mesmo impossível, estudá-la no seu todo. As variáveis económicas, culturais e sociais representam a verdadeira “chave” para a explicação das tendências demográficas, nomeadamente em matéria de fecundidade.

No entanto, os mecanismos que determinam a relação entre estes factores e a fecundidade não são, muitas vezes, claramente identificados.

A influência de cada um deles tornou-se difícil de isolar porque estes factores exercem uma influência simultânea, alguns favorecendo uma fecundidade mais elevada, outros uma fecundidade mais baixa.

Moçambique possui dados que apresentam muitas limitações em termos de qualidade, facto que dificulta a determinação exacta dos níveis da fecundidade.

Uma das limitações do nosso estudo foi, para além da deficiente qualidade dos dados, a ausência de dados essenciais no estudo da fecundidade diferencial, como é a prática contraceptiva, a prática do aborto, a abstinência ou amamentação, a idade na ocasião do casamento, a sua duração, a frequência do casamento, a ordem dos nascimentos, a idade de início das relações sexuais, entre outros.

Para além destas variáveis cruciais para um estudo clássico acerca da fecundidade diferencial, a falta de informação também se sentiu em relação a certas características socioeconómicas como, por exemplo, a etnia, o rendimento, a atitude face à limitação dos nascimentos, o número de filhos desejado e o valor da criança para a mulher, o que veio tornar ainda mais difícil a realização de um estudo completo sobre este tema, ficando neste sentido aquém das expectativas desejadas a quando da concepção do projecto inicial.

O estudo da fecundidade diferencial em Maputo-Moçambique constituiu uma árdua tarefa, não só pela falta de qualidade dos dados e ausência de indicadores úteis para o presente estudo, mas também, como já referimos, pela inexistência de um factor que só por si explique a fecundidade ou uma única teoria com total capacidade explicativa face ao fenómeno da fecundidade diferencial.

Os vários obstáculos encontrados durante a nossa investigação, levaram-nos a limitar o estudo apenas ao material já existente mas ainda não totalmente explorado. Este estudo, circunscrito à cidade de Maputo, pode ser alargado, posteriormente a outras áreas do país e/ou ser utilizado num estudo comparativo entre o meio rural e o urbano.

Pretendíamos inicialmente com este estudo, tentar compreender qual o significado dos filhos para as mulheres na cidade de Maputo, tentando identificar também qual era o número de filhos desejado e considerado o ideal para estas mulheres, comparando-o com o número de filhos efectivo, através da aplicação de um questionário por nós elaborado colmatando assim as falhas que sentimos no questionário com que trabalhámos. Os meios de que dispunhamos não permitiram essa abordagem.

Uma primeira observação que merece ser destacada e justifica uma certa urgência, é a de, num futuro breve se tornar possível a realização de estudos contemplando os indicadores acima referidos. Isto pressupõe também medidas que melhorem o nível de aplicação dos inquéritos, a recolha da informação pretendida, bem como a sua codificação e introdução numa base de dados que seja fiável para futuras investigações.

Quando se dispuser de dados mais fiáveis, estudos comparativos e nacionais poderão ser úteis para o direccionamento e delineamento de estratégias de intervenção nas componentes demográficas no país.

Outro estudo que só a partir de agora se torna possível realizar, mas que deve ser posto em prática o mais urgentemente possível será o da análise comparativa dos dados do primeiro recenseamento geral da população de 1980 e dos dados do segundo recenseamento geral da população que está a ser presentemente elaborado e aplicado e que brevemente terá os seus resultados publicados.

Assim, face ao material existente, efectuamos o nosso estudo a três níveis distintos: caracterização da amostra, pesquisa das relações bivariadas entre a fecundidade e as variáveis socioeconómicas e análise multivariada da fecundidade em conjunto com as variáveis que foram consideradas enquanto factores determinantes durante a segunda fase da análise dos dados.

Investigámos os efeitos das variáveis do questionário sobre a fecundidade, os factores determinantes da variação da fecundidade e os diversos modelos de comportamento reprodutivo das mulheres de Maputo.

O capítulo IV apresenta a análise da fecundidade diferencial da amostra através das variáveis de caracterização (idade, parentesco, estado civil, religião, naturalidade, zona de residência), de educação (conhecimento do português, língua materna, nível de instrução, alfabetização), ocupação e condições de habitação. Este capítulo, dedicado à análise dos dados, apresenta também as características do casal e a sua fecundidade consoante estas mesmas características.

Apresenta ainda a análise multivariada das correspondências múltiplas e a classificação automática dos dados. Esta análise de carácter multivariado foi efectuada unicamente para a amostra total porque concluímos que não tinha utilidade ser feita para o casal (homens e mulheres) dada a contribuição irrelevante das variáveis do mesmo, para a variação da fecundidade.

De acordo com os valores obtidos, as conclusões mais importantes que pudémos retirar em relação às características da amostra em estudo e do casal foram as seguintes: no caso da amostra geral, a população é muito jovem, a maioria é casada em regime monogâmico ou solteira; a religião mais praticada é a protestante, independentemente das idades; mais de metade da amostra tem a instrução primária, mas a percentagem vai diminuindo com as idades; a maioria até aos 39 anos sabe ler e escrever e a partir dessa idade começam a ser predominantemente analfabetas; na ocupação, quase dois terços das mulheres não trabalham: são estudantes e domésticas e as que trabalham, exercem profissões ligadas à ciência-técnica e comércio-vendas, na categoria ocupacional "por conta de outrem"; as características e condições de habitação são muito precárias.

Em relação à população da sub-amostra "casal", podemos dizer que predominantemente as mulheres têm uma idade média de 30-34 anos, e os homens de 35-40 anos; a distribuição da religião segue a mesma tendência da encontrada para a totalidade da amostra; a maioria das mulheres do casal têm uma origem urbana enquanto os maridos provêm sobretudo do meio rural; na educação, os homens têm uma maior instrução que as mulheres; no contexto

das actividades económicas, nota-se uma enorme diferença entre os homens e as mulheres, já que quase todos os homens trabalham; as características e condições de habitação seguem aqui exactamente a mesma tendência da amostra principal.

Na análise e determinação da fecundidade diferencial, identificámos as variações da fecundidade segundo as variáveis socioeconómicas e medimos a sua significância, bem como a sua influência na fecundidade das mulheres.

Começámos por uma análise do total da amostra e numa segunda parte, demos lugar à análise do "casal" e da sua fecundidade.

Face à natureza dos dados disponíveis, estabelecemos as relações entre a fecundidade (realizada e fecundidade geral) e os factores que provocam esses mesmos valores. Ou seja, utilizámos como variáveis dependentes *o número de filhos tidos e os nascimentos ocorridos nos últimos doze meses* e como variáveis independentes, como já foi referido, *as variáveis de caracterização, de educação, ocupação e condições de habitação*.

Medimos a fecundidade realizada da amostra e do casal bem como a taxa de fecundidade e a descendência média e determinámos as variáveis responsáveis pelas diferenças observadas.

Para tal, foi necessário realizar uma análise estatística bivariada, cruzando as variáveis dependentes com as independentes, observar as diferenças de fecundidade entre os diversos indicadores das variáveis independentes, aplicar os testes de associação das variáveis que cruzámos, e finalmente, quando esta associação se observava, medir a intensidade da mesma.

Foi esta última etapa que permitiu concluir que são fundamentalmente a idade e o estado civil que influenciam de forma intensa a fecundidade realizada. São variáveis com um enorme impacto na fecundidade e podemos mesmo afirmar que são determinantes directos da fecundidade. A fecundidade desta população assemelha-se muito, para estas duas variáveis, ao modelo de fecundidade natural.

O mesmo não se pode afirmar em relação à taxa de fecundidade quando analisada por idades, sobretudo nos últimos grupos etários nos quais a correlação com a fecundidade se torna mais fraca.

A posição que a mulher ocupa no seio do seu agregado familiar, face ao chefe do agregado familiar (parentesco), revelou-se ser também, uma variável de maior importância no sentido da sua estreita e forte correlação com a fecundidade, tão significativa quanto a encontrada com a idade ou o estado civil, sobretudo quando o parentesco é ser conjuge do chefe do agregado familiar.

Existe uma correlação forte, positiva e significativa entre a fecundidade realizada geral e as razões apontadas pelas mulheres para não trabalharem. As principais razões apontadas foram ser estudante ou doméstica.

A correlação entre nível de instrução e a fecundidade realizada geral é forte, negativa e significativa.

A correlação é média entre o conhecimento do português e a fecundidade realizada geral, e entre a alfabetização e a fecundidade realizada geral.

A relação é mais fraca entre as variáveis relativas à língua materna, profissão e categoria ocupacional, e a fecundidade.

As características de habitação não revelaram ser muito importantes na correlação com a fecundidade. No entanto estas características estão intimamente relacionadas com a zona de residência, produzindo em conjunto, um efeito sobre a fecundidade.

Para o casal, a principal conclusão a retirar é a de que as variáveis que dizem respeito ao marido não são tão determinantes com as das mulheres, para a variação da fecundidade.

Os testes estatísticos são mais fortes para o total da amostra do que na análise por idades. É de notar ainda que quanto mais se sobe na idade, mais baixo é o valor do teste estatístico e do qui-quadrado, o que significa que a correlação não é tão intensa nas idades avançadas como para o total da amostra e para as idades mais jovens.

A fecundidade realizada revelou-se ser muito importante quando confrontada com as variáveis socioeconómicas, no que se refere à significância

estatística destes cruzamentos, enquanto a taxa de fecundidade se revelou ser importante apenas para a determinação das descendências médias.

A análise sociodemográfica da fecundidade diferencial permitiu-nos também concluir que, para o total da amostra, 62.1 % das mulheres tiveram até três filhos, 9.2 % três filhos e 28.7 % tiveram quatro e mais filhos. Se passarmos do primeiro grupo etário (15-19 anos) para o segundo (20-24) a percentagem de mulheres sem filhos passa de 84.5 % para 42.4 %.

Obtivemos uma descendência média geral de 3.9 filhos por mulher. Mas, na óptica da fecundidade realizada, as mulheres que no momento do inquérito estavam no fim da sua vida reprodutiva, têm uma média de 4.9 filhos.

Enquanto a fecundidade realizada e a descendência média aumentam com a idade, a taxa de fecundidade aumenta mas volta a decair.

A fecundidade realizada por estado civil pode ir de 0.6 por mulher solteira até 4.4 por mulher viúva. A fecundidade realizada revela-se mais elevada para as mulheres casadas, sobretudo a partir dos 25 anos.

A tendência é para que a fecundidade aumente em qualquer um dos estados civis à medida que se sobe nos escalões etários; a descendência média é de 5.5 para as mulheres casadas e 1.9 para as mulheres solteiras.

No capítulo IV., na quinta parte, procedemos a uma análise multivariada das correspondências múltiplas e à classificação automática dos dados seleccionados nesta fase, permitindo-nos observar graficamente a posição da fecundidade e a sua interrelação com as variáveis que a rodeiam. Assim concluímos que o número de filhos varia de uma forma geral da seguinte maneira:

- as mulheres sem filhos são predominantemente solteiras, com 15-19 anos e pertencem às categorias seguintes: "filhas", "estudantes", "sabem ler e escrever", possuem a instrução primária, "não trabalham" e já nasceram na cidade de Maputo;
- as mulheres com 1 e 2 filhos têm 20-24 anos, têm de uma forma geral as seguintes condições: instrução secundária, são muçulmanas, vivem na zona de cimento com boas condições de habitação, sabem ler e escrever e falam português (dentro da educação);
- as mulheres com 2 e 3 filhos têm 25-29 anos, são casadas e cônjuges do chefe do agregado familiar;

- as mulheres com 3, 4, 5 e 6 filhos, são casadas (cônjuges), nasceram fora da cidade, têm condições de habitação deficientes, trabalham, têm um fraco nível de instrução e têm entre 30 e 39 anos;
- as mulheres com 7, 8, 9, 10 e mais filhos, com 35-49 anos, são analfabetas, não falam português e não têm nenhum grau de instrução;
- por fim, as mulheres que têm entre 7 e 14 filhos nasceram no distrito, têm entre 40 e 49 anos, são analfabetas e muitas já são viúvas.

Nas classificações automáticas que analisámos tirámos as conclusões para uma tipologia de comportamentos reprodutivos em seis grupos de mulheres:

- primeiro grupo: mulheres mais novas com idades que vão dos 15 aos 24 anos. São mulheres que não trabalham, mas que são relativamente instruídas (sabem ler e escrever ou têm o nível de instrução primário e falam português). São estudantes e domésticas. Nasceram em meio urbano (Maputo), e as suas casas têm condições precárias situadas na zona suburbana muito densa. As mulheres desta classe não têm filhos ou têm 1 filho.
- segundo grupo: mulheres dos 20 aos 29 anos que não trabalham, são domésticas, casadas monogâmicas e poligâmicas, cônjuges do chefe do agregado familiar, e algumas são analfabetas. Caracterizam-se, igualmente, por uma precária habitação e vivem na zona suburbana pouco densa. O número de filhos varia entre 2 e 4 filhos.
- terceiro grupo: mulheres com 30-34 anos. É constituído essencialmente por mulheres que trabalham nas profissões administrativas, comércio-vendas, agricultura e nas categorias por "conta-própria", "privado" e "estatal". São mulheres divorciadas ou viúvas. A educação é considerada boa (sabem ler e escrever, falam português e têm a instrução primária). As características de habitação são semelhantes às das classes anteriores. Não se conhece o número de filhos.
- quarto grupo: inclui as mulheres com mais de 35 anos. São cônjuges, casadas ou viúvas e são protestantes. São analfabetas, não trabalham fora do lar (são domésticas). Nasceram fora da cidade, vivem nas zonas suburbanas muito e pouco densa e possuem medíocres condições de habitação. O seu número de filhos varia entre 7 e 8.

- quinto grupo: inclui as mulheres que trabalham nas profissões administrativas, comércio-vendas e agricultura, e nas categorias ocupacionais "por conta-própria" e "privado". Têm entre 35 e 39 anos e 5 filhos.
- Por fim, o sexto grupo representa as melhores condições económicas e educacionais. Trabalham e são instruídas. São mulheres activas, com idades entre os 25-29 anos e os 30-34 anos. Trabalham nas profissões de direcção ou na agricultura, nas categorias do estado ou familiar. O número de filhos que está presente nesta classe é o de 3 filhos.

A análise das correspondências múltiplas aprofundou a análise de cariz mais tradicional e que precedeu a análise factorial dos dados. Por isso interessou-nos ver se esta confirmava à posteriori a pesquisa empírica das principais características socio-económicas e culturais associadas à fecundidade. No seu conjunto os resultados convergem. Graças à análise multivariada pudemos confirmar as afirmações que fizemos durante a análise bivariada.

Confirmámos que a idade e o estado civil são indissociáveis da fecundidade. O parentesco ocupado pela mulher no seio do seu agregado, face ao chefe do agregado familiar, também condiciona fortemente a fecundidade e associa-se intimamente ao estado civil e às idades, determinando por sua vez a fecundidade. O nível de instrução também se revelou muitíssimo importante. A zona de residência e a religião não se mostraram determinantes para a variável fecundidade. No entanto a zona de residência cruzada com as características de habitação traçaram um eixo bem definido com fortes oposições e com consequências diferentes no número de filhos. A actividade económica (com as profissões e categoria ocupacional) em correlação forte com a idade, condicionam a fecundidade. Consideramos que as variáveis dominantes para a variação do número de filhos por mulher são: a idade, o parentesco das mulheres face ao chefe do agregado familiar, o estado civil, as razões apontadas para o facto de não estarem a trabalhar na altura em que foi realizado o inquérito (como por exemplo, estudantes e domésticas), a alfabetização, o nível de instrução e o exercício de uma actividade económica fora do lar.

Apesar de a maioria destes resultados serem já esperados, o interesse desta análise factorial foi a possibilidade de destacar alguns factores

dominantes numa análise das interações entre elementos demográficos, sociais e económicos na cidade de Maputo: trata-se das características individuais das mulheres, das características de actividade económica, das características e condições de habitação e zona de residência e das características de educação. Estes “eixos principais” podiam ser previstos antecipadamente com a análise bi-variada, mas é diferente prever empiricamente e ser capaz de hierarquizar as relações entre factores dominantes e as relações entre cada um destes factores e as variáveis demográficas.

Depois de resumirmos brevemente alguns pontos discutidos ao longo do texto, vamos recapitular as hipóteses que estabelecemos no capítulo I e fazer a sua análise e selecção. Tínhamos estabelecido as hipóteses para as seguintes relações:

- entre uma estrutura familiar não nuclear, seja ela alargada ou polígama e uma fecundidade elevada.
- entre a *pertença religiosa* e a fecundidade.
- entre religião (animista e muçulmana) e estado civil (poligâmico), de forma a actuarem ambas sobre a fecundidade.
- entre o *lugar de residência e a fecundidade* (as mulheres que residem nas zonas urbanas costumam ter menor fecundidade que as das zonas periféricas, semi-urbanas e rurais).
- entre as características e condições de habitação e a zona de residência intervindo em conjunto para a variação da fecundidade
- entre o *nível de instrução/nível cultural* e a fecundidade (correlação negativa).
- entre uma baixa de fecundidade e aumento da *actividade feminina*.
- entre o exercício de uma actividade com o nível de educação e com o meio de residência.
- entre o meio urbano e os empregos do sector não agrícola e a fecundidade a um nível moderado, e o sector rural e o sector agrícola e um comportamento mais natalista das mulheres.
- entre as características ligadas às mulheres e as características relacionadas com o marido, e a fecundidade (sendo a hipótese de que as

características das mulheres são mais importantes do que as dos homens, para a variação da fecundidade).

- entre as famílias restritas e a classe média em meio urbano.

O nosso estudo não revela diferenças significativas entre a fecundidade das mulheres monogâmicas e poligâmicas, revelando uma fecundidade ligeiramente superior nas mulheres monogâmicas.

A fecundidade varia consoante a religião mas não de forma determinante. Durante a análise bi-variada foi possível confirmar a fraca correlação entre a religião e a fecundidade.

A hipótese de uma relação entre o estado civil poligâmico e a religião animista e muçulmana, e a fecundidade baixa (número de filhos baixo) não se confirma. Constatámos que esta correlação não existe, nunca estando associadas as religiões muçulmana e animista com a poligamia e com o número menos elevado de filhos, nem o oposto.

A hipótese do lugar de residência confirma-se apesar de não ser dos mais determinantes para a variação da fecundidade. As mulheres da zona de cimento têm em geral menos filhos do que as mulheres das outras zonas.

A hipótese de uma relação entre as características de habitação com a zona de residência e o seu efeito conjunto na fecundidade é considerada válida e por isso confirmada. O eixo das características e condições de habitação foi construído conjuntamente com a variável zona de residência. Boas condições de habitação e zona de cimento estão relacionados com uma fecundidade mais baixa bem com o oposto.

Já pudemos verificar que a hipótese da relação entre nível de instrução e fecundidade se confirma. A relação é muito significativa e negativa, o que significa que o nível de instrução varia de forma inversamente proporcional ao número de filhos tidos por mulher.

A análise da fecundidade diferencial, consoante as actividades económicas da mulher indica que a fecundidade varia consoante o tipo de actividade. Não verificámos a existência de uma associação entre lugar de residência e actividade económica na análise factorial, mas em contrapartida a actividade económica mostrou-se associada ao nível de educação e obviamente com consequências sobre o nível de fecundidade. Confirmamos através dos resultados obtidos que as mulheres que exercem profissões

agrícolas têm uma média de filhos mais elevada do que as que exercem outras actividades económicas.

Como dissemos atrás acerca da hipótese sobre o peso das variáveis do marido, “as variáveis que dizem respeito ao marido não são tão determinantes com as das mulheres, para a variação da fecundidade”.

Em relação à hipótese sobre as famílias restritas vemos que o número pouco elevado de filhos está relacionado principalmente com a idade mais baixa das mulheres e não com o seu grupo social apesar de estarem associadas às idades baixas as características sociais mais elevadas (maior escolaridade, melhores condições de habitação). Quando observadas as melhores condições socioeconómicas verificam-se fecundidades realizadas mais baixas associadas às idades das mulheres (mulheres em idades activas dos 25 aos 34 anos). Nestes casos o seu nível de instrução e a sua actividade económica associam-se a uma fecundidade reduzida. O acesso da mulher ao rendimento (salários) e o nível de instrução contribuem para a variação da fecundidade.

Finalmente, numa visão geral, podemos afirmar que qualquer explicação monocausal será sempre insuficiente, pela complexidade do fenómeno em estudo.

Uma sociedade caracterizada por uma elevada nupcialidade, uma elevada mortalidade infantil, estruturas sociais que favorecem os nascimentos, a participação precoce dos filhos nas actividades ... só vai estimular ainda mais o aumento da fecundidade. Todas as questões relacionadas com uma evolução a longo prazo no sentido da diminuição da fecundidade devem ser integradas numa problemática mais global da transformação das sociedades.

Podemos afirmar que os padrões encontrados para a cidade de Maputo, se conjugam com as linhas principais de fecundidade africana referidas nos trabalhos focados no início do presente estudo. As variáveis intermediárias que foram igualmente referidas no início do nosso trabalho e que puderam ser observadas na análise dos dados, seguem a mesma linha de tendências.

O que não podemos afirmar é se houve uma descida ou subida da fecundidade e se esta é maior ou menor que noutras zonas do país ou do continente africano, porque faltam dados susceptíveis de serem comparados entre si. Mesmo assim, torna-se possível concluir, através da comparação entre

grupos etários, que a fecundidade e a possível descendência final das mulheres mais jovens, tendem a ser mais baixas, que as das mulheres mais velhas. Ao mesmo tempo a fecundidade destas mulheres mais jovens (entre os 15 e os 29 anos) está intimamente associada, não só à idade, mas também e sobretudo a uma instrução mais elevada, ao exercício de uma actividade económica fora do lar, ao “despreendimento” face à religião, ao lugar de residência urbano e urbano periférico, a melhores características e condições de habitação e ao meio de origem também ele urbano. Para além disso, o casamento recua cada vez mais nas idades no sentido de as mulheres casarem ligeiramente mais tarde. Tanto a educação como a actividade económica parecem fazer já parte das trajectórias de vida de muitas mulheres pertencentes aos grupos etários mais jovens.

As diferenças de fecundidade encontradas ao longo do presente trabalho revelam que progressivamente e à medida que se desce nos grupos etários, se vai reduzindo a importância dos factores “tradicionais” em benefício de famílias menos numerosas e de uma maior regulação dos nascimentos.

A falta de uma maior procura de uma limitação dos nascimentos passa, como foi referido no início do trabalho, pelo gosto pelas famílias numerosas, bem estar, segurança, “status” e dignidade social, valorizando ao mesmo tempo o papel da mulher na sociedade. A estrutura social africana bem como o seu sistema socio-religioso estão na base de uma possível explicação.

Ainda que circunscrevendo a presente análise ao meio urbano, valores tradicionais que fazem perpetuar uma fecundidade elevada permanecem na cidade, mesmo no caso das “novas elites”, pelo menos a médio prazo.

Tal como já foi tida sido referido por Maria Filomena Mendes<sup>111</sup>, o nosso estudo também *permite concluir que existem variações no nível de fecundidade observado em função da pertença das mulheres a determinados grupos de população caracterizados por diferentes níveis em determinadas variáveis que se passam a considerar responsáveis por uma situação de fecundidade particular. Algumas destas variáveis têm, evidentemente, um efeito directo sobre a fecundidade enquanto outras terão igualmente um efeito, só que indirecto, actuando sobre outras variáveis que, por sua vez, influenciarão a fecundidade.*

---

<sup>111</sup>Mendes, Maria Filomena Ferreira, “Análise Sociodemográfica do declínio da fecundidade da população portuguesa na década de 80”, Dissertação de Doutoramento, Volume I, Évora, 1992.

## BIBLIOGRAFIA

Adepoju, Aderanti, "Migrations africaines", FNUAP, 1974.

Assogba, Laurent, "Statut de la femme et migration urbaine dans le Golfe du Bénin: de la décision à l'insertion". in Cahiers Québécois de démographie, vol. 21, n°1, Printemps 1992.

Audroing, MM, "Recherches des corrélations entre des variables démographiques, sociologiques et économiques dans des pays arabes", Bureau économique des Nations Unies, 1987.

Bandeira, Mário Manuel Leston, "Familia, transição demográfica e modernidade, o caso português". Dissertação de doutoramento em sociologia, I.S.C.T.E, Lisboa, 1994.

Barata, Oscar Soares, "Introdução à demografia", Lisboa, 1968.

Bartiaux, Loriaux e Gérard, "Sociologie de la population", demo 3120, Institut de Démographie, Paris, Abril 1991.

Benzécri, J., "L'analyse des données", 2 vols., ed. Dunod, Paris, 1976.

Blanchet, Didier e Blum, Alain, "Naissance, coût de l'enfant et activité de la mère: un modèle", in Population, n°2, 1984.

Blayo, Chantal, "Collecte des données et mesure des nouveaux comportements familiaux dans les pays industrialisés et ceux du tiers-monde", Les familles d'aujourd'hui, Colloque de Genève (17/20 septembre 1984), n°2, Association Internationale Des Démographes de Langue française, 1986.

Bodmer, Walter, e Jacquard, Albert, "La variance de la dimension de la famille selon divers facteurs de la fécondité", in Population, présenté par Hervé le Bras, Pluriel, Paris, 1985.

Bongaarts, John e Potter, Robert, "Fertility, biology, and behavior. An analysis of the proximate determinants", Studies in population, Academic Press, USA, 1983.

Bourgeois-Pichat, Jean, "La baisse actuelle de la fécondité en Europe s'inscrit-elle dans le modèle de transition démographique ?", in Population, 1979.

Brass, William, "The Demography of Tropical Africa", Princeton University Press, USA, 1968.

- Brouard, Nicolas, "Analyses factorielle et typologique de l'enquête sur la fécondité et la contraception en Martinique", 1986.
- Caldwell, John C., "The family and sexual networking in sub-saharan africa : Historical Regional differences and present-day implications", in *Population studies*, 46, pp 385-410, Great Britain, 1992.
- Caldwell, John, "La natalité élevée de l'Afrique Subsaharienne", in *Pour la science*, n° 153, Julho 1990.
- Cantrelle, Pierre, "Population in african development", IUSSP, Liège, 2 volumes, 1975.
- Casterline, John, "The socio-economic determinants of fertility", in *Reproductive change in developing countries*, W.F.S, Oxford University Press, 1985.
- Chesnais, Jean Claude, "La population du monde, de l'antiquité à nos jours", ed. Bordas, Paris, 1991.
- Chesnais, Jean Claude, "La transition démographique", travaux et documents, cahier n°113, INED, PUF, Paris, 1986.
- Cibois, philippe, "L'analyse factorielle ", ed. PUF, Paris, 1987.
- Cibois, philippe, "L'analyse des données en sociologie ", ed. PUF, Paris, 1984.
- Clay, Daniel C., "Patterns of intergenerational Support and childbearing in third world", in *Population studies*, n° 47, pp 67-83, Great Britain, 1993.
- Clignet, Rémi, "Discontinuités de la vie familiale ? ", in *Cahiers internationaux de sociologie*, n°58, 1988.
- Clignet, Rémi, "Rôles matrimoniaux et fécondité en Afrique noire", in *Revue française de sociologie*, n°18, 1977, pp.439-464.
- Comissão Nacional do Plano, "A população de Moçambique", série população e desenvolvimento, doc. n°3, Direcção Nacional de Estatística, Unidade de população e Planificação, Maputo, Janeiro 1991.
- Comissão Nacional do plano, "Aspectos operativos e metodológicos do 1º Inquérito Demográfico Nacional", Inquérito Demográfico Nacional, Comissão Nacional do Plano, Maputo, 1991.

Comissão Nacional do Plano, "Dinâmica demográfica e processos económicos, sociais e culturais", série população e desenvolvimento, doc.nº2, Direcção Nacional de Estatística, Unidade de população e Planificação, Maputo, Dezembro 1990.

Comissão Nacional do Plano, "Fecundidade, mortalidade e planeamento familiar em Moçambique", série população e desenvolvimento, doc. nº9, Direcção Nacional de Estatística, Unidade de população e Planificação, Maputo, Maio 1993.

Comissão Nacional do Plano, "Indicadores para o acompanhamento da situação social, económica e demográfica dos agregados familiares", série documentos e trabalhos, documento nº2, Direcção Nacional de estatística, Maputo, Dezembro 1991.

Comissão Nacional do Plano, "Ilha de Moçambique: uma população em luta pela sobrevivência e desenvolvimento", série população e desenvolvimento, doc.nº5, Direcção nacional de estatística, Unidade de população e Planificação, Maputo, Julho 1992.

Comissão Nacional do Plano, "Informação básica", Inquérito Demográfico Nacional, Maputo, 1991.

Comissão Nacional do Plano, "Inquérito Demográfico Nacional: Composição por sexo e idade da população abrangida", série Inquérito Demográfico nacional, documento nº1, Direcção nacional de estatística, departamento de demografia, Maputo, Maio 1994.

Comissão Nacional do Plano, "Moçambique em Gráficos ,1985-1990", série ilustrada, Direcção Nacional de Estatística, documento nº1, Maputo, 1991.

Comissão Nacional do Plano, "Pobreza, emprego e a questão demográfica na cidade de Maputo", série população e desenvolvimento, doc. nº7, Direcção nacional de estatística, Unidade de população e Planificação, Maputo, Janeiro 1993.

Comissão Nacional do Plano, "População, posse da terra e agricultura em Boane", série população e desenvolvimento, documento nº8, Direcção nacional de estatística, Unidade de população e Planificação, Maputo, Dezembro 1992.

Comissão Nacional do Plano, "Projecções anuais da população total: 1980-2030", série Inquérito demográfico nacional, documento nº2, Direcção Nacional de Estatística, departamento de demografia, Maputo, Fevereiro 1994.

Comissão Nacional do Plano, "Projeções anuais da população total:1990-2000", série Inquérito demográfico nacional, documento nº3, Direcção nacional de estatística, departamento de demografia, Maputo, Junho 1994.

Comissão Nacional do Plano, "Relatório Nacional de Moçambique sobre população e desenvolvimento", série população e desenvolvimento, documento nº10, Documento preparado para a conferência internacional sobre população e desenvolvimento no Cairo de 5-13 Setembro 1994 ,Direcção nacional de estatística, Unidade de população e Planificação, Maputo, Setembro 1993.

Comissão Nacional do Plano, "Relatório do seminário nacional de população e planificação do desenvolvimento", série população e desenvolvimento, documento nº1, Direcção nacional de estatística, Unidade de população e Planificação, Maputo, Agosto 1990.

Comissão Nacional do Plano, "Relatório sobre os resultados do 2º módulo do inquérito às famílias na cidade de Maputo", série inquérito às famílias, Direcção nacional de estatística, ano II, nº 1, Julho 1992.

Comissão Nacional do Plano, "Relatório sobre os resultados finais do inquérito às famílias na cidade de Maputo", volume I, série inquérito às famílias, Direcção nacional de estatística, ano II, nº 3, Setembro 1993.

Comissão Nacional do Plano, "Relatório sobre os resultados finais do inquérito às famílias na cidade de Maputo", volume II, série inquérito às famílias, Direcção nacional de estatística, ano II, nº 3, Setembro 1993.

Comissão Nacional do Plano, "Resultados do inquérito sócio-demográfico e de saúde-Ilha de Moçambique ,1 a 10 de maio de 1991", série estimativas demográficas ,documento nº2, Direcção nacional de estatística, Maputo, Janeiro 1992.

Comissão Nacional do Plano , "Workshop sobre bases metodológicas para a investigação das tendências do crescimento da população urbana em moçambique", série população e desenvolvimento, documento nº6, Direcção nacional de estatística, Unidade de população e planificação, Maputo, Dezembro 1992.

Conselho Coordenador do Recenseamento, "A mulher na sociedade Moçambicana"; vol. 7, Análise dos resultados do 1º recenseamento geral da população, 1981.

Conselho Coordenador do Recenseamento, "Projeções demográficas", vol. 10, 1981.

Conselho Coordenador do Recenseamento, "Recenseamento geral da população em Moçambique", Informação básica, Maputo, 1983.

Conselho Coordenador do Recenseamento, "Composição dos grupos sociais", vol. 9., Análise dos resultados do 1º recenseamento geral da população, 1981.

Conselho Coordenador do Recenseamento, "Panorama demográfico", Maputo, 1986.

Costa Carvalho, Carlos, "Essai de détermination des niveaux de fécondité et de mortalité de la population noire du Mozambique", in Revista do Centro de Estudos Demográficos, nº25, 1979/80.

Day, Lincoln, "Illustrating behavioral principles with examples from demography: the causal analysis of differences in fertility", in Journal for the theory of social behaviour, 15-2, julho 1985.

"Démographie et Différences". Colloque International de Montréal (7-10 Junho 1988), Nº 4, Association Internationale des Demographes de Langue Française, P.U.F., Paris, 1992.

Dictionnaire démographique multilingue, "Fecondité", Nations Unies, Études Démographiques, nº29, N.Y., 1959.

Direcção Nacional de Estatística, "Enumeração da população e agregados familiares das cidades e alguns districtos e postos administrativos de Moçambique", série estimativas demográficas, doc. nº1, Maputo, Junho de 1991.

Dossier "Démographie et développement", in revista Le Courrier, nº 144, Mars-Avril 1994, Bruxelles, pp 50-94, nº144, Março-Abril 1994.

Dupâquier, Jacques. "Pour la démographie historique". Collection Histoires, P.U.F., Paris, 1984.

Durham, Eunice, "Familia e reprodução humana", Friburgo, Outubro 1981.

Escofier, B., Pagès, J., "Analyses factorielles simples et multiples", ed. Dunod, Paris.

Fargues, Philippe, "Déficit vivrier et structures familiales en afrique au sud du sahara", in population, nº3, pp. 631-648, 1989.

"Fécondité, mesure et modèles", (vários autores), in Population, nº especial, 1977.

"Fecundidad", artículos seleccionados, Centro Latinoamericano de demografía, série D, nº 1033, San José, Costa Rica, 1977.

Fosto, Etienne, "Les consequences de l'urbanisation et des activités économiques des femmes sur le niveau de fecondité au Cameroun", in Les familles d'aujourd'hui, Colloque de Genève (17/20 septembre 1984), nº2, Association Internationale des Démographes de Langue Française, 1986.

Gaspar, Manuel da Costa, "Contribuições para o estudo da dinâmica demográfica de Moçambique", dissertação de mestrado em demografia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Setembro 1989.

Gaspar, Manuel da Costa, "Moçambique: Componentes da dinâmica demográfica, I.D.N 1991", C.N.P, D.N.E., departamento de demografia, Maputo, Agosto, 1994.

Gazeta demográfica, Universidade Eduardo Mondlane, nº 1, Maputo, Dezembro 1987.

Gazeta demográfica, Universidade Eduardo Mondlane, nº 2, Maputo, Junho 1988.

Gazeta demográfica, Universidade Eduardo Mondlane, nº 3, Maputo, Dezembro 1988.

Gazeta demográfica, Universidade Eduardo Mondlane, nº 4, Maputo, Junho 1989.

Gazeta demográfica, Universidade Eduardo Mondlane, nº 5/6, Maputo, Junho 1990.

Gazeta demográfica, Universidade Eduardo Mondlane, nº 7, Maputo, Maio 1992.

Geffray, Christian, "Ni père ni mère, critique de la parenté: le cas Makhuwa", ed. Seuil, 1990.

Gendreau, Francis, "La population de L'Afrique", ed. Karthala-Ceped, Paris, 1993.

Girard, Alain e Roussel, Louis, "Fecondité et conjuncture", in Population, nº3, pp. 567-588, 1979.

Gjerstad, Ole, "Mulheres Moçambicanas", Organização da mulher Moçambicana, Moçambique, 1981.

Goode, William, "World revolution and family patterns", Free press, 1963.

Gribaldi, Maurizio, "Stratégies migratoires et mobilité relative entre village et ville", in Population, présenté par Hervé le Bras. Pluriel, Paris, 1985.

Gugler, Joseph, "Urbanisation and social change in West Africa, urbanization in developing countries", Cambridge University press, 1978.

Hilsum, Lindsey, "Mozambique", Unicef, Moçambique, Setembro, 1986.

Houyoux, J., "Urbanisation et rôle de la famille au Zaïre, Réflexions sur neuf années de recherches", in Population et Famille, n° 32, pp 145-155, 1974 - 2.

Instituto Nacional de Estatística, "Inquérito português à fecundidade", Relatório principal vol. I, e sumário dos resultados, INE, Centro de estudos demográficos, Lisboa, Julho 1980.

Institut National d'Études Démographiques, "Sources et analyses des données démographiques", 2ª parte, I.N.E.D., Paris, 1973.

Isaacman, Bárbara e Stephen, June, "Moçambique: A mulher, a lei e a reforma agrária", Nações Unidas, 1981.

Itoua, François, "La famille africaine et sa contribution au développement". Paris, 1987.

Labarthe, Ghislaine, "Développement de l'enfant dans un monde en mutation: l'exemple d'Afrique", Paris, 1987.

Lacombe, Bernard, "Les rapports de couple en milieu urbain africain", in Les familles d'aujourd'hui, Colloque de Genève (17/20 septembre 1984), n°2, Association internationale des démographes de langue française, 1986.

Lagarde, J., "Initiation à l'analyse de données", ed. Dunod, Paris, 1983.

Lauras-Iocoh, Thérèse, "Évolution de la famille et transition démographique en Afrique", in Revue internationale des sciences sociales, n°126, Novembro, 1990.

Lebart, Ludovic, "Spad.n" versão 1.2, Manuel de referência, CISIA, Paris, 1988.

Lebart, L., Morineau, A., e Fénelon, JP., "Traitement des données statistiques- Méthodes et programmes", Ed. Dunod, Paris, 1979.

"Le développement et l'environnement", in Rapport sur le développement dans le monde 1992, Banque Mondiale, 1992.

Leridon, Henri e Menken, Jane, (editores), "Fecondité Naturelle", IUSSP, Liège, 1979.

Leridon, Henri, "Fécondité et structures démographiques: une hypothèse sur l'évolution de la fécondité depuis 1940", in Population, présenté par Hervé le Bras, Pluriel, Paris, 1985.

Livi-Bacci, Massimo, "Introducción a la demografía", col. ariel história, Barcelona, 1993.

Machado, J.T. Montalvão, "Como nascem e morrem os portugueses", Estudo Demográfico, Gomes e Rodrigues, Lisboa.

Mathieu, Nicole, "Femmes, matière à penser ...et à reproduire", Paris, 1985.

Medeiros, Eduardo, "Moçambique: evolução de algumas instituições sócio-familiares", Universidade técnica de Lisboa, Instituto superior de economia, Centro de estudos sobre África, col. documentos de trabalho, nº4, 1985.

Mellado, Manuel, "Fecundidad y Familia", conferencia sobre demografía, México, 1983.

Mendes, Maria Filomena Ferreira, "Análise Sociodemográfica do declínio da fecundidade da população portuguesa na década de 80", dissertação de doutoramento, volume I, Évora, 1992.

Mendes, Maria Filomena Ferreira, "Questões teóricas e metodológicas sobre o custo económico da criança", in Análise social, vol. XXIII, 2ª, 1987.

Mendonça, Gertrudes, "Análise do crescimento populacional da cidade de Maputo", in revista médica de Moçambique, vol. 3 nº1/1987, pp. 31-32.

Mendonça, Gertrudes, "Fertilidade e infertilidade em moçambique, estudo em duas áreas: Maputo e Vilanculos", in revista médica de Moçambique, vol. 2, nº2, pp. 69-73, 1984.

Michel Andrée, La sociologie de la famille, Mouton, Paris, La Haye, 1970.

Monreal, Tegualda, "Comportamento reproductivo da mulher Moçambicana", Ministério da Saúde, Universidade Eduardo Mondlane, FNUAP, Moçambique, 1987.

Monreal, Tegualda, "Comportamento reproductivo da mulher moçambicana-Cidade de Maputo", Ministério da Saúde, Universidade Eduardo Mondlane, FNUAP, Moçambique, 1987.

Mouvement international ATD-quart monde, "Le développement de l'enfant dans les familles les plus pauvres en Afrique", Paris, 1987.

Nazareth, J. Manuel, "Análise regional do declínio da fecundidade da população portuguesa (1930-1970)", in *Análise social*, vol. XXIII (52), 1977- 4º, pp 901-986, Lisboa, 1977.

Nazareth, J. Manuel, "Principios e métodos da demografia portuguesa", editorial presença, Lisboa, 1988.

Nazareth, J. Manuel, "Explosão demográfica e planeamento familiar", editorial presença, gabinete de investigações sociais, Lisboa, 1982.

Ohlin, Goran, "Régulation démographique et développement économique". Centre de Développement de l'organisation de coopération et de développement économique, Paris, 1967.

Organização das Nações Unidas, "Adolescent reproductive behaviour", vol.2, 1989.

Organização das Nações Unidas, "Mulheres em Africa", estatísticas, 1986.

Organização das Nações Unidas, "A situação da população mundial -1992", FNUAP, Nova Iorque, 1992.

Organização das Nações Unidas, "A situação da população mundial -1993". FNUAP, Nova Iorque, 1993.

Organização das Nações Unidas, "Demographic yearbook", U.N., 1990.

Organização das Nações Unidas, "Fertility and Family", International Conference on population, United Nations, 1984.

Organização das Nações Unidas, "World population monitoring", U.N., 1989.

Page, Hilary, "Child-spacing in tropical africa, traditions and change", studies in population, Academic press, 1988.

Piche, Victor, "Les enquêtes de fécondité en Afrique Tropicale ou le principe du double-standard", in *Population et Famille*, vol.37, pp 143-164, 1976 - 1.

Pressat , Roland,"Démographie Sociale", PUF, Paris, sem data.

Pressat, Roland, "Demographie statistique", P.U.F, Paris, 1972.

Pressat , Roland, "Diccionnaire de démographie ", ed. P.U.F., Paris, 1979.

Sauvy, Alfred,"General theory of population", Paris, 1963.

Silva, António Burity,"Problemas demográficos em África, especificamente em Angola", in Boletim da sociedade de geografia de Lisboa,1985.

SPAD.N - Système Portable pour l'Analyse des Données.

Tabutin, Dominique e Bartiaux, Françoise,"Structures familiales et structures sociales dans le tiers-monde", in Les familles d'aujourd'hui,Colloque de Genève (17/20 septembre 1984), n°2,Association internationale des démographes de langue française,1986.

Tabutin, Dominique e Bartiaux , Françoise,"Structures familiales et fecondité dans les pays en voie de developpement, problemes de mesure et elements d'explication", in Les familles d'aujourd'hui, Colloque de Genève (17/20 Septembre 1984), n°2, Association internationale des démographes de langue française,1986.

Tabutin,Dominique ,"La fecondité et la mortalité dans les recensements africains des 25 dernières années", in Population,n°2,1984, pp. 281-294.

Tabutin, Dominique ,"Relations entre croissance démographique et environnement, du doctrinal à l'empirique", in revue Tiers monde, t.XXXIII, n°130, Avril-Juin 1992.

Tabutin, Dominique ,"La croissance démographique de l'afrique, bilan et perspectives", in revue Tiers monde, t.XXXII, n°125. Janvier-Mars 1991.

Taeuber, Karl, "Social demography", studies on population, Academic press,1978.

Tapinos, Georges,"Éléments de démographie", ed. Armand colin, Paris 1985.

Tay, Amewusika,"Socialisation de l'enfant dans le milieu familial et hors de la famille", Paris,1987.

Tettekpoé, Dosseh,"Développement de l'enfant dans son milieu selon les contextes sociaux, économiques et culturels", Paris,1987.

(2000)

Torrado, Susana, "Family types and fertility in less developed countries", IUSSP, n°25, 1983.

Tshiswaka, Lumembo, "L'influence de la vie urbaine sur le changement des attitudes envers la fécondité-le cas des familles urbaines de Kinshasa de 1967 à 1975", in Les familles d'aujourd'hui, Colloque de Genève (17/20 septembre 1984), n°2, Association internationale des démographes de langue française, 1986.

Tugault, Yves, "Fécondité et Urbanisation", Institut National d'études démographiques, travaux et documents, cahier n°74.

Vagliani, Winifred, "Les femmes dans le développement-quatre études de cas", Études du centre de développement, centre de développement de l'organisation de coopération et de développement économiques, Paris, 1980.

Vallin, Jacques, "Influence de divers facteurs économiques et sociaux sur la fécondité de l'Algérie", INED.

Vallin, Jacques, "La population mondiale"; Éditions La découverte, Paris, 1995.

Warren, Charles, "The determinants of fertility in Swaziland", in population studies, n°46, Great Britain, 1992, pp. 5-17.

"Women and development in Mozambique", in Review of african political economy, sem data.

Wunsch, Guillaume, "Techniques d'analyse des données démographiques déficientes", ed. Ordina, Louvain, 1984.

